

MARIA CRISTINA MINEIRO SCATAMACCHIA

**A TRADIÇÃO POLICRÔMICA NO LESTE DA  
AMÉRICA DO SUL EVIDENCIADA PELA  
OCUPAÇÃO GUARANI E TUPINAMBÁ: FONTES  
ARQUEOLÓGICAS E ETNO - HISTÓRICAS**

Tese de Doutorado em  
Antropologia Social (Arqueologia)  
apresentada ao Departamento de  
Antropologia da Faculdade de  
Filosofia Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo.

Orientador - PROF. DR. KABENGELE MUNANGA

São Paulo  
1990

# A TRADIÇÃO POLICRÔMICA NO LESTE DA AMÉRICA DO SUL EVIDENCIADA PELA OCUPAÇÃO GUARANI E TUPINAMBÁ: FONTES ETNO-HISTÓRICAS E ARQUEOLÓGICAS.

## INDICE

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I - Arqueologia e Etno-história.....</b>	<b>8</b>
- A interpretação em Arqueologia.....	8
- Arqueologia e Analogia etnográfica .....	11
- A documentação textual como fonte auxiliar.....	19
<b>Capítulo II- A bibliografia consultada:</b>	
<b>algumas considerações.....</b>	<b>26</b>
- Fontes etno-históricas.....	29
- Fontes Arqueológicas .....	41
<b>Capítulo III - Complexo cultural Tupi-Guarani:</b>	
<b>caracterização e área de distribuição.....</b>	<b>52</b>
- Caracterização cultural e rotas de expansão .....	52
- Cultura material e tradição .....	68
- A cerâmica como documento e elemento diagnóstico da tradição.....	75

<b>Capítulo IV: A tradição ceramista policrômica do leste da América do Sul</b> .....	84
- Características gerais da cerâmica .....	84
- A tradição Tupiguarani: uma revisão .....	91
- A proposta de Brochado sobre a expansão cerâmica e o modelo de Lathrap sobre a distribuição Tupi.....	97
- A subtradição Guarani e a subtradição Tupinambá e a existência de uma área de fronteira.....	100
<b>Capítulo V - A subtradição Guarani</b> .....	103
- Área de distribuição.....	103
- Padrão de estabelecimento.....	109
- Os sítios arqueológicos.....	117
- A cerâmica Guarani.....	147
<b>Capítulo VI - A subtradição Tupinambá</b> .....	191
- Área de distribuição.....	191
- Padrão de estabelecimento.....	194
- Os sítios arqueológicos.....	203
- A cerâmica Tupinambá.....	223
<b>Capítulo VII - Análise de Padrão de estabelecimento: avaliação e perspectiva</b> .....	243
- A forma das cabanas: análise das fontes disponíveis.....	250
- Uma proposta para o estudo da distribuição dos padrões decorativos.....	261
<b>Considerações Finais</b> .....	266
<b>Bibliografia</b> .....	268

## ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Fontes primárias que foram utilizadas .....	40
Quadro 2 - Distribuição das publicações por época e país.....	51
Fig. 1 - Mapa de Lowie (1948) onde aparecem as áreas de distribuição das tribos de floresta tropical.....	82
Fig. 2 - Mapa da distribuição das evidências arqueológicas.....	83
Fig. 3 - Mapa da distribuição dos níveis de complexidade cerâmica segundo Meggers e Evans (1958).....	90
Quadro 3 - Datações absolutas da subtradição Guarani.....	145
Fig. 4 - Mapa da distribuição das evidências arqueológicas da subtradição Guarani.....	146
Fig. 5 - Bacia do Prata - Formas da Área do Delta/Litoral.....	151
Fig. 6 - Bacia do Prata - Formas da Área do Delta/Litoral.....	152
Fig. 7 - Bacia do Prata - Padrões decorativos da área do Delta/Litoral.....	153
Fig. 8 - Bacia do Paraná - Formas do Rio Paraguai - Área de Assunção e Ipané.....	154
Fig. 9 - Bacia do Paraná- Padrões decorativos do rio Paraguai - Área de Assunção e Ipané.....	155
Fig. 10 - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná/Misiones.....	156
Fig. 11 - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná/Misiones.....	157
Fig. 12 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Alto Paraná/Misiones.....	158
Fig. 13 - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná - Iguazu/Guairá.....	159

Fig. 14 - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná - Iguaçu/Guairá .....	160
Fig. 15 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Alto Paraná/Guairá.....	161
Fig. 16 - Bacia do Paraná - Formas do Rio Ivaf.....	162
Fig. 17 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Rio Ivaf.....	163
Fig. 18 - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná - Foz do Paranapanema/Sambaíba.....	164
Fig. 19 - Formas e Padrões decorativos do Alto Paraná - Foz do Paranapanema/Sambaíba.....	165
Fig. 20 - Bacia do Paraná - Formas do Baixo Paranapanema.....	166
Fig. 21 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Baixo Paranapanema.....	167
Fig. 22 - Bacia do Paraná - Formas do Médio Paranapanema.....	168
Fig. 23 - Bacia do Paraná - Formas do Médio Paranapanema.....	169
Fig. 24 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Médio Paranapanema.....	170
Fig. 25 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Médio Paranapanema.....	171
Fig. 26 - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paranapanema.....	172
Fig. 27 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Alto Paranapanema.....	173
Fig. 28 - Bacia do Uruguai - Formas do Médio Uruguai.....	174
Fig. 29 - Bacia do Uruguai - Formas do Alto Uruguai.....	175
Fig. 30 - Bacia do Uruguai - Formas do Alto Uruguai.....	176
Fig. 31 - Bacia do Uruguai - Padrões decorativos do Alto Uruguai.....	177

Fig. 32 - Litoral - Formas do Litoral do Rio Grande do Sul/Uruguai.....	178
Fig. 33 - Litoral - Padrões decorativos do Litoral do Rio Grande do Sul/Uruguai.....	179
Fig. 34 - Litoral - Formas do Rio Camaquã, R.S.....	180
Fig. 35 - Litoral - Formas e padrões decorativos do Rio Camaquã, R.S.....	181
Fig. 36 - Rio Jacuí - Formas do Vale do Rio Pardo.....	182
Fig. 37 - Rio Jacuí - Formas do Vale do Rio Pardo.....	183
Fig. 38 - Rio Jacuí - do Vale do Rio Pardo.....	184
Fig. 39 - Litoral - Formas do Litoral de Santa Catarina.....	185
Fig. 40 - Litoral - Formas do Litoral de Santa Catarina.....	186
Fig. 41 - Litoral - Padrões decorativos do Litoral de Santa Catarina.....	187
Fig. 42 - Litoral - Padrões decorativos do Litoral de Santa Catarina.....	188
Fig. 43 - Litoral - Padrões decorativos do Litoral de Santa Catarina.....	189
Fig. 44 - Litoral - Padrões decorativos do Litoral de Santa Catarina.....	190
Quadro 4 - Datações absolutas da subtradição tupinambá.....	221
Fig. 45 - Mapa de distribuição das evidências arqueológicas da subtradição tupinambá.....	222
Fig. 46 - Litoral - Formas do Litoral de São Paulo.....	226
Fig. 47 - Litoral - Padrões decorativos do Litoral de São Paulo.....	227
Fig. 48 - Baía do Paraíba - Formas e padrões decorativos do Alto Vale do Paraíba.....	228
Fig. 49 - Litoral - Formas do Litoral do Rio de Janeiro.....	229
Fig. 50 - Litoral - Formas e padrões decorativos do Litoral do Rio de Janeiro.....	230

Fig. 51 - Litoral - Formas e padrões decorativos do Litoral do Espírito Santo.....	231
Fig. 52 - Litoral - Formas e padrões decorativos do Litoral de Pernambuco.....	232
Fig. 53 - Litoral - Formas e padrões decorativos do Litoral do Rio Grande do Norte.....	233
Fig. 54 - Bacia do Paraná - Formas e padrões decorativos do vale do Alto Tietê/Rio Capivari.....	234
Fig. 55 - Bacia do Paraná - Formas do vale do médio Rio Grande/rio Mogi-Guaçu.....	235
Fig. 56 - Bacia do Paraná - Formas do vale do médio Rio Grande/rio Mogi-Guaçu.....	236
Fig. 57 - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do vale do médio Rio Grande/no Mogi-Guaçu.....	237
Fig. 58 - Bacia do Paraná - Formas e padrões decorativos do Rio Grande/rio Pardo.....	238
Fig. 59 - Região Central da Bahia - Formas da Chapada Diamantina.....	239
Fig. 60 - Região do Semi-Árido - Formas e padrões decorativos do sertão de Pernambuco.....	240
Fig. 61 - Bacia do São Francisco - Formas do médio Rio São Francisco.....	241
Fig. 62 - Bacia do Tocantins - Formas do alto Rio Araguaia.....	242
Fig. 63 - Planta de aldeia guarani no alto Paraná, em território paraguaio.....	254
Fig. 64 - Plantas de aldeia guarani no médio Paranapenama.....	255
Fig. 65 - Plantas de aldeia guarani no alto Paranapenama.....	256
Fig. 66 - Planta de aldeia guarani no alto Paranapenama.....	257
Fig. 67 - Plantas de aldeias da região situada entre o rio Paranapenama e o Tietê.....	258
Fig. 68 - Planta de aldeia tupinambá do litoral do Rio de Janeiro.....	259

<b>Fig. 69 - Planta de aldeia tupinambá do interior do Piauí.....</b>	<b>260</b>
<b>Quadro 5 - Grupo I - Referência para classificação dos padrões com composição de linhas retas.....</b>	<b>263</b>
<b>Quadro 6 - Grupo II - Referência para classificação dos padrões com composição de linhas curvas.....</b>	<b>264</b>
<b>Quadro 7 - Grupo III - Referência para classificação dos padrões com composição de linhas retas e curvas.....</b>	<b>265</b>



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos sistematizar os dados sobre os grupos que ocuparam o leste da América do Sul do século V ao século XVI, que foram identificados como de filiação lingüística Tupi-Guarani. Seus vestígios arqueológicos tinham sido agrupados, até agora, dentro de uma tradição ceramista denominada tupiguarani, escrita em uma só palavra. Como, na ocasião em que foi estabelecida esta terminologia (PRONAPA, 1969), não havia a intenção de fazer uma ligação étnica, o termo tem causado muitas polêmicas até hoje. Entretanto, passados vinte anos, temos condições de fazer uma revisão e tentar precisar o seu significado com base em novos conhecimentos. Tentaremos também refletir um pouco sobre a organização e desenvolvimento deste complexo cultural, procurando diminuir as resistências quanto à necessidade de ligar o documento arqueológico a uma etnia e a um complexo cultural mais amplo.

Se não forem estabelecidas estas relações, a arqueologia se concretizará como uma abstração, sem nenhum vínculo com a história dos grupos humanos. A arqueologia na realidade interessa a todos nós porque diz respeito ao desenvolvimento dos processos culturais do homem. O produto do conhecimento obtido através das pesquisas arqueológicas deve ser transparente não apenas para os arqueólogos, mas para todos, pois ao escavar um sítio estamos de uma certa forma destruindo um patrimônio cultural que é da humanidade.

Concordamos com a idéia de que a arqueologia, como ciência social, não deve preocupar-se apenas com os elementos materiais, seu objeto básico de estudo, mas com os processos que estão atrás das ações que os produziram, pois é justamente esta reconstituição que constitui o seu objetivo final. Existe aqui, portanto, a preocupação de ultrapassar o caráter classificatório das evidências para tentar atingir um plano que tenha um significado dentro do quadro cultural americano. Se não o conseguimos em conseqüência de vários fatores, mostramos

algumas vias possíveis para pesquisas futuras e procuramos refletir sobre o potencial de certas abordagens.

Não vemos o papel da arqueologia como o de elaborar descrições sobre o modo de vida do passado, mas como geradora de explicações para estes fenômenos observados. Explicar significa especificar as condições em que ocorrem os fatos. Mais precisamente, explicar significa sugerir modelos em que certas condições favorecem a regularidade da ocorrência do fenômeno observado.

Aí o maior problema e, talvez, a grande contribuição deste trabalho, que, ao sistematizar os dados para tentar uma síntese, pode apontar a imprecisão de certos dados e a falta de propostas ou hipóteses de trabalho na maioria das pesquisas arqueológicas, que resultam em relatos de achados, em relatórios de sítios, não possuindo critérios conceituais que permitam uma manipulação por parte de outros pesquisadores, evidenciando a ausência total de uma teoria de observação em arqueologia. Pois parece impossível atingir o nível da interpretação proposto se não forem claras e precisas as categorias operacionais.

Em um trabalho anterior (Scatamacchia, 1981) pudemos construir a base para esta análise, quando sistematizamos os dados referentes à ocorrência da "tradição Tupiguarani" em território brasileiro, provenientes de um levantamento bibliográfico sistemático. Naquela ocasião achamos necessária a pesquisa visto que os dados se encontravam dispersos em numerosas publicações etno-históricas e arqueológicas, com diferentes tipos de abordagem, impedindo a correlação dos dados através de uma leitura direta. Como resultado final apresentamos, naquela ocasião, uma bibliografia comentada sobre o assunto e um quadro referencial das informações sobre a cultura material, com uma correlação temporal e espacial dos sítios e um inventário dos principais artefatos.

Pretendemos neste trabalho fornecer uma visão global da ocupação desta ampla área por estes grupos, que possa servir de referência e contribuir para as pesquisas realizadas em maior profundidade e detalhamento em contextos particulares. Na verdade, um dos objetivos desta pesquisa foi também o de servir de apoio ao projeto que estamos desenvolvendo no baixo curso do rio Ribeira, região

contida dentro da faixa espacial apontada pela documentação textual do século XVI como divisória entre o que seria Guarani e Tupi.

Concretamente, tentaremos apontar as possibilidades de entender o modo de vida destes grupos a partir das fontes arqueológicas e etno-históricas. Trata-se de resgatar todas as informações sobre a cultura material e descrições etnográficas que, provenientes dos resultados das pesquisas arqueológicas e dos relatos contidos na documentação textual do século XVI, possam explicar a estrutura tribal destes grupos, e sua distribuição espacial e temporal. Vale a pena ressaltar que quando falamos de cultura material a estamos considerando no seu contexto mais amplo; estamos nos referindo ao conjunto de artefatos utilizados por um determinado grupo e o seu contexto de utilização, incluindo também os ecofatos.

Estamos cientes dos riscos de uma síntese, principalmente se apoiada apenas em alguns aspectos, como nos casos em que a documentação disponível é inconsistente. Fazer uma síntese tem sido sempre um desafio e, devo confessar, foi preciso muita coragem para tentá-la na situação em que estão as pesquisas, com dados descontínuos e desiguais. Entretanto, uma síntese pode mostrar as falhas e a necessidade de buscar respostas para atender a certas questões, incentivando pesquisas em determinadas áreas ou certos temas e, ainda, incentivando a elaboração de novas sínteses.

Além disso, achamos que a arqueologia brasileira necessita neste momento de trabalhos de referência, que sirvam de base para reflexões que proporcionem o seu crescimento como disciplina.

Após a análise bibliográfica procuramos circunscrever as reflexões sobre alguns elementos, com o objetivo de diminuir a quantidade de dados manipulados. Embora exista uma grande quantidade de informações sobre temas de grande interesse, como a guerra, o canibalismo, a busca da terra sem mal e, mesmo, sobre o padrão de enterramento, e que poderão servir para outros ensaios, procuramos aspectos que pudessem estar presentes nos dois contextos e que nos permitissem obter alguns resultados concretos. Com relação ao padrão de enterramento, cujas informações aparecem nos dois contextos, não foram desenvolvidas novas pesquisas

que permitissem ir além da sistematização que fizemos anteriormente (Scatamacchia, 1981)

A nossa escolha recaiu sobre o padrão de estabelecimento, que parece ser um ponto básico para a abordagem, levando em conta, de modo particular, a distribuição da cerâmica, principalmente dos padrões decorativos.

Nesta tentativa de caracterização, a nossa preocupação foi de buscar elementos que pudessem mostrar as diferenças entre a ocupação do norte e do sul, isto é, entre os Tupinambá e Guarani. Estas diferenças, que os arqueólogos têm verificado principalmente através da diversidade das formas cerâmicas e permitem indicar a base de subsistência em produtos agrícolas diferentes, foram também apontadas pelos europeus que entraram em contacto com estas populações indígenas. Embora as diferenças não tenham sido bem descritas, percebiam alguma mudança ou alteração na ocupação territorial.

Este trabalho foi dividido em sete capítulos nos quais procuramos distribuir os pontos principais, a nível de informação e de reflexão, dentro das condições disponíveis no momento.

No primeiro capítulo, resumimos o nosso ponto de vista sobre a interpretação arqueológica e o uso da analogia etnográfica. Chamamos a atenção para o caráter parcial da documentação residual com que o arqueólogo trabalha. Mesmo contando com a possibilidade de reconstituir a partir do vestígio material o sistema sócio cultural que o construiu, torna-se necessário recorrer a um aparato conceitual complementar, proveniente de outras fontes documentais. Entre estas fontes chamamos a atenção para as fontes etno-históricas e sua possibilidade de utilização para o leste da América do Sul. Estas fontes, que englobam cartas, relatos, crônicas oficiais e religiosas, referem-se ao litoral atlântico, bacia do Prata e região do Guairá. Apesar das várias críticas e advertências sobre a utilização deste tipo de fontes e da analogia etnográfica, procuramos comentar as suas possibilidades e limitações. O modelo interpretativo do registro arqueológico não deve ser baseado simplesmente na analogia etnográfica de uma forma direta e indutiva, mas construído dedutivamente em conjunção com outras proposições e formulações teóricas. A combinação das informações arqueológicas com as etno-

históricas pode permitir a montagem de um quadro explicativo testável nos dois contextos, permitindo assim a aplicação de uma proposta metodológica que leve a arqueologia destes grupos a ultrapassar o estágio em que se encontra.

No segundo capítulo, fizemos algumas considerações sobre as fontes consultadas, procurando caracterizar as principais linhas das publicações. Dividimos este capítulo em duas partes, uma referente às fontes etno-históricas e outra às arqueológicas. Parte das fontes arqueológicas já haviam sido examinadas em trabalho anterior, já citado, devendo constar da bibliografia final apenas as obras que foram citadas nominalmente no texto. O material etno-histórico básico que foi utilizado pertence ao século XVI, tendo sido utilizadas apenas três publicações do século XVII, e o arqueológico refere-se às ocorrências do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

No terceiro capítulo, apresentamos algumas das caracterizações que foram feitas sobre o chamado complexo cultural Tupi-Guarani, mostrando o que existe de comum e caracterizando os traços que podem ser tomados como essenciais para o seu reconhecimento. Como a categoria de cultura de floresta tropical, sob a qual está classificado este conjunto, é abrangente demais, devemos buscar algumas diferenciações dentro desta caracterização tribal generalizante. Tentamos explicar as possibilidades dos grandes deslocamentos, que à primeira vista causam espanto, pelo conhecimento geográfico dos indígenas sobre as principais bacias hidrográficas e de longos caminhos, os quais transmitiram aos portugueses, possibilitando a sua penetração para o interior. Com base nos estudos lingüísticos procuramos mostrar as possíveis rotas de expansão e as diferenças existentes entre os Tupi e os Guarani. Estas diferenças estão apontadas tanto no contexto etno-histórico como arqueológico, assim como a existência de limites ou fronteiras. Este último item sendo objeto do estudo que estamos realizando no vale do Ribeira, região apontada nas principais crônicas como limite entre os Tupinambá, que se situavam de Angra dos Reis para o norte, e os Carijós, de Cananéia para o sul. Tentamos conceituar o que entendemos por cultura material e o reconhecimento de uma tradição ceramista comum a estes grupos. No contexto arqueológico é a cerâmica que tem exercido o papel de elemento diagnóstico.

No quarto capítulo, apresentamos as características principais desta cerâmica, fazendo em seguida uma revisão da sua mais recente classificação dentro do que se intitulou tradição tupiguarani. A proposta de Brochado é examinada e representa uma explicação para alguns quadros formulados há 20 anos atrás e que agora têm condições de serem revistos à luz de outros elementos. O que na verdade tinha sido classificado como uma única tradição ceramista, com um movimento ascendente de sul para norte ao longo da costa brasileira e que teria sofrido algumas modificações neste percurso que podem ser observadas de São Paulo para cima, pode ser melhor entendida como duas subtradições. A subtradição Guarani e a subtradição Tupinambá, partindo da Amazônia em direções contrárias, teriam efetuado movimentos opostos ao longo do litoral atlântico, com um possível encontro no litoral sul de São Paulo.

No quinto capítulo, procuramos caracterizar a subtradição Guarani, examinando a sua área de ocorrência com base nas informações etno-históricas e arqueológicas. A análise do padrão de estabelecimento nos pareceu adequada para examinar os vestígios desta ocupação, pois a maneira como as populações se distribuem na paisagem tem um potencial informativo muito grande. O estabelecimento, sendo o local físico da atividade humana, reflete indiretamente vários aspectos do sistema social: a dinâmica do homem atuando em um meio ambiente particular. Daí podemos inferir as atividades necessárias para exploração dos recursos e as linhas gerais da organização social. Aspectos desta ocupação puderam ser resgatados através do registro arqueológico: constituem o inventário dos sítios. A apresentação dos sítios levantados teve como objetivo dar uma visão de conjunto e permitir uma avaliação dos dados disponíveis a partir das pesquisas realizadas até agora. Este quadro nos leva a sentir a necessidade de buscar uma conceituação mais precisa para as categorias conceituais que estão sendo utilizadas, que permita comparações mais amplas e alcançar problemas determinados. Por último, tentamos resgatar a forma das vasilhas cerâmicas e sua distribuição espacial, que foi feita buscando o perfil geral e uma visão aproximada da proporção entre elas, visto que são poucas as ilustrações que permitem uma leitura adequada.

No capítulo sexto, procuramos apresentar o mesmo tipo de análise aplicada à subtradição Tupinambá.

No capítulo sétimo, a idéia foi apresentar o que existe como resultado concreto das pesquisas realizadas e o que se pode propor em termos de futuras pesquisas. Analisamos neste capítulo a planta das aldeias disponíveis. Reconhecemos que, dependendo da sua complexidade, as culturas possuem estabelecimentos diferenciados para atender a várias necessidades ou zonas diversificadas relacionadas a diferentes atividades e procuramos visualizar o que podemos inferir dos dados existentes no momento.

A apresentação das plantas resgatadas e o exame das suas configurações tiveram como objetivo levantar algumas questões para serem testadas no contexto das duas fontes utilizadas. Ainda neste capítulo, apresentamos como hipótese, um quadro de classificação que está sendo testada em coleções museológicas. Pensamos que a distribuição espacial da cerâmica, em especial dos padrões decorativos, pode ser uma fonte auxiliar para a diferenciação espacial dos grupos.

Trata-se, portanto, de resgatar as informações resultantes das pesquisas arqueológicas e dos relatos contidos na documentação textual do século XVI. Abrangem um período de mais de 1.000 anos, considerando-se que os vestígios mais antigos pertencentes a esta tradição estão situados em torno do século V.

Dentro de uma visão mais ampla, pretendemos contribuir para a história destes grupos, que na realidade não começou no momento de contacto com o europeu, mas antes, nas primeiras manifestações que podem ser reconhecidas, no contexto arqueológico, como pertencentes a esta tradição. Este quadro, que no futuro será completado com o resultado de outros trabalhos que estamos desenvolvendo, deverá auxiliar no melhor conhecimento da estrutura tribal destas tribos que ocuparam o leste da América do Sul.

## CAPÍTULO I - ARQUEOLOGIA E ETNO-HISTÓRIA

### A INTERPRETAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

A escavação e o resgate da cultura material, assim como sua classificação, são uma etapa, um meio para evidenciar um tipo de documentação que representa o testemunho do modo de vida<sup>1</sup> de um determinado grupo. A importância do artefato, ou de qualquer outro vestígio material da ocupação humana, está na possibilidade de, a partir da sua análise, reconstruir o sistema sócio-cultural que o construiu.

A articulação, a localização e os instrumentos com que as tarefas específicas são realizadas pelos segmentos sociais resultam em um conjunto estruturado de relações espaciais e formais no registro arqueológico. Com a evidência material muitas vezes não podemos estabelecer a atividade específica das diferentes distribuições, mas pode-se reconhecer as áreas onde as atividades foram diferenciadas e determinar o tipo de variabilidade (Binford, 1964). Podemos, portanto, a partir da análise do artefato e seu contexto atingir as outras esferas da sociedade.

Considerando a arqueologia como uma ciência social, cujo caráter é mais amplo do que o de uma técnica para o resgate da cultura material, como foi conceituada durante um certo tempo, encaramos que o seu objetivo está além do mecanismo de descrição e classificação<sup>2</sup>. Na realidade, o objetivo da arqueologia

---

1 Estamos usando modo de vida segundo a definição de Sanoja (1983:13): "el completo de actividades habituales que caracterizan a un grupo humano y proporciona las bases para su existencia".

2 Existe um extenso debate teórico sobre o problema da interpretação em Arqueologia. Mencionamos especificamente aqui THEORY AND EXPLANATION IN ARCHAEOLOGY. The Southampton conference, editado por Renfrew/Rowlands/Seagraves, que apresenta um amplo debate sobre o estado da questão. Entretanto, achamos inadequado neste momento a apresentação de uma ampla discussão teórica, que na verdade poderia representar por si só uma tese.



é atingir o homem produtor dos materiais resgatados e o processo em que ele estava envolvido, numa tentativa de reconstituir a sua história.

Os arqueólogos querem entender as atividades e as mudanças que ocorreram, tendo como ponto de partida os artefatos e as marcas deixadas no contexto de ocupação. Estes artefatos e traços de atividades são indicativos de processos de trabalho e representam o resultado de uma conduta econômica e social que ultrapassa o material.

Com referência a este aspecto, podemos citar Moberg (1981) que aborda o assunto da seguinte maneira:

*"Substancialmente falando, a matéria específica da ciência arqueológica é verdadeiramente invisível. As questões que o arqueólogo aborda concernem com os homens desaparecidos. A tentativa de resposta a essas questões leva à formulação de hipóteses que são 'respostas experimentais' cuja solidez se procurará provar. Para trabalhar essas hipóteses acerca de homens há muito desaparecidos, o arqueólogo dirige-se ao visível, às fontes. Nas semelhanças e diferenças do material, procura o elo que permite encontrar respostas para as questões. Mas, por sua vez, as fontes, objetos e traços têm particularidades visíveis e invisíveis, e o seu primeiro dever consiste em tentar controlar as condições da sua visibilidade" (op. cit.:47).*

Quando realizamos um estudo arqueológico estamos trabalhando com dois contextos, um visível e outro invisível. A partir do contexto visível arqueológico se quer atingir o sociológico, invisível.

Metodologicamente, também, o trabalho é feito em dois níveis, um da teoria geral e outro das culturas particulares e sociedades concretas. Esta mediação é fundamental para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, e neste trabalho pretendemos apresentar as considerações gerais que são feitas sobre a interação arqueologia e etno-história, e como isso se aplica no nosso caso cultural específico.

Portanto, a última etapa do trabalho arqueológico se refere à tentativa de explicar, de interpretar as evidências registradas no material resgatado através das escavações. É importante ter em mente que o material que é recuperado pelo arqueólogo constitui uma parcela da cultura material de um grupo, sendo que nas regiões tropicais o material orgânico não é preservado, deixando em alguns casos apenas uma coloração diferencial no solo. Alguns trabalhos feitos com grupos atuais têm mostrado como na realidade são poucos os resíduos físicos deixados para a observação do arqueólogo.

O estudo da arqueologia não se restringe ao produto do trabalho humano, aos restos "fossilizados" da ação humana, como definiu Gordon Childe. Além dos artefatos, os chamados ecofatos e biofatos fazem parte da reflexão arqueológica enquanto apropriação humana da natureza, fato que de grande importância para a reconstrução das culturas tropicais, desprovidas de estruturas perenes. Portanto, os fenômenos naturais, enquanto conjunto de recursos apropriáveis, apresentam padrões de utilização e usufruto diversos, conforme o sistema social que os apropria. Dada esta situação, torna-se necessário, para a interpretação e proposta de reconstrução do modo de vida dos grupos envolvidos, recorrer a um aparato conceitual e a outras fontes de documentação para a complementação das informações obtidas no registro arqueológico, assim como para testar as hipóteses formuladas.

A passagem do contexto arqueológico para o contexto sócio-cultural não é imediata e direta, como se a cada elemento material correspondesse uma realidade sociológica. O material arqueológico corresponde ao documento que deve ser "lido" pelo arqueólogo, podendo comportar diversas leituras. As respostas, os resultados obtidos, vão depender das questões que colocamos.

A cultura material não fala por si só, e um dos principais auxílios nesta leitura interpretativa são os modelos etnográficos, utilizados tanto como informações sobre situações específicas quanto como parâmetros para princípios gerais de associação e correlação entre diversas variáveis culturais e sociais.

Um dos principais debates teóricos dentro da arqueologia americana e, que também diz respeito à interpretação, pode ser resumido, *grossa modo*, entre à

utilização do método indutivo e dedutivo. Se estas posições muitas vezes têm sido colocadas de maneira exclusiva, alguns trabalhos têm procurado analisar as implicações destas abordagens, principalmente no que se refere à confirmação de hipóteses, mostrando que na realidade elas se justapõem (Salmon, 1974, 1982; Smith, 1977).

Na verdade, a interpretação arqueológica procede tanto por indução como por dedução. Concordamos com Lumbresas (1981) quando afirma que:

*"La articulación sistemática de la inducción y la deducción en el proceso de la investigación científica es la forma adecuada de aproximarse al objeto de estudio. Esto quiere decir que un arqueólogo no debe abordar el estudio de sus materiales sin un marco de referencia teórico lo suficientemente definido y reducido a hipótesis alternativas concretas, como para poder obtener respuestas adecuadas a las preguntas y preocupaciones teóricas de la ciencia social, pelo también quiere decir que debe estar en condiciones de reformular en su marco de referencia elaborado, a la luz de lo que los 'hallazgos' obliquen a proponer" (op. cit.: 41).*

## ARQUEOLOGIA E ANALOGIA ETNOGRÁFICA

A analogia etnográfica tem sido utilizada há muito tempo como auxiliar na interpretação arqueológica, sendo que esta utilização tem sido feita de forma diferenciada. Várias críticas e considerações teóricas têm sido feitas sobre o seu uso, existindo uma literatura abundante sobre o assunto<sup>3</sup>.

Um exame desta bibliografia mostra a preocupação de uma revisão na utilização da analogia, existindo várias obras que traçam um histórico do seu desenvolvimento (Charlton, 1981; Orme, 1974, 1981; Ascher, 1970; Whyllie, 1985).

---

<sup>3</sup> Essa atitude crítica tem relação à analogia etnográfica aparece principalmente nos trabalhos feitos depois da década de 60, na sua maioria ligados à postura teórica defendida pela "New Archaeology".

Na verdade os arqueólogos têm utilizado as informações etnográficas desde os primeiros movimentos da disciplina, sendo que hoje poucos não reconhecem o potencial destas contribuições.

Podemos iniciar nossos comentários com a citação de Chang (1967: 109), que sintetiza bem a relação da analogia com a interpretação arqueológica:

*"As to analogy, archaeology as a whole is analogy, for to claim any knowledge other than the objects themselves is to assume knowledge of patterns in culture and history and to apply these patterns to the facts".*

Assim, a relação analógica se faz entre objetos e configurações observadas arqueologicamente com outras descritas etnograficamente. Esta relação envolve uma abordagem que procura a identificação entre a cultura material e o comportamento sócio-cultural.

Com base neste raciocínio, no passado muitos arqueólogos aplicaram este princípio despreocupadamente, acreditando nos resultados satisfatórios. Entretanto, a tendência dos trabalhos mais recentes é de reconhecer não apenas os limites e o potencial da analogia como também reduzir o seu uso para comparações entre grupos que, além de possuir uma cultura material semelhante, viveram em ambientes semelhantes. Esta parece ser a constante apontada por vários arqueólogos, segundo as citações encontradas na obra de Ascher (1970: 350). Para Clark:

*"restrict the field of analogy to societies at a common level of subsistence and should (...) attach greater significance to analogies drawn from societies existing under ecological conditions which approximate those reconstructed for the prehistoric culture under investigation than those adapted to markedly different environments:*

Willey sugere a seleção de culturas:

*"The same general level of technological development, perhaps existing under similar environmental situations".*

Observamos a mesma preocupação em Gordon Childe quando argumenta que uma analogia

*"drawn from same region or ecological province is likely to give the most reliable hints".*

Estas citações foram mencionadas para exemplificar a preocupação no controle do uso da analogia, que deve ser pensada sempre em um contexto mais amplo, evitando comparações de traços culturais isolados, que levam em conta apenas semelhanças e diferenças formais.

Charlton (1981), fazendo um histórico sobre a utilização do método analógico, aponta as limitações da analogia usada para fazer inferências sobre o comportamento não observado e o uso destas inferências indutivas para interpretar o registro arqueológico.

Na sua análise, aponta três áreas gerais de estudos que surgiram no fim do século e que contribuíram para a revisão de antigas posturas frente a analogia. Estas áreas são: arqueologia experimental, arte primitiva e etno-arqueologia. Estes estudos são importantes porque refletem um interesse em detalhes da analogia, tentando o controle de situações conhecidas para trabalhar as desconhecidas. As informações obtidas podem ser utilizadas no auxílio do registro arqueológico através de dois tipos de analogia, dentro de uma abordagem histórica direta ou de uma geral, levando-se em conta as semelhanças constantes referentes aos diferentes estágios de desenvolvimento humano. A primeira ocorre onde pode ser demonstrada uma continuidade cultural.

O emprego mecânico das informações etnográficas, com base em uma abordagem evolucionista linear, foi duramente combatida neste repensar da arqueologia. Dentro deste conceito, a analogia foi usada de uma maneira simplista, partido da crença que certos grupos vivos representam antigos estágios

pelos quais passou a humanidade e que vestígios materiais semelhantes a estas etapas indicariam uma filiação automática.

A interpretação do registro arqueológico com base na analogia entre uma situação observada arqueologicamente e a mesma situação em um contexto cultural conhecido simplesmente permite estabelecer o postulado de que o contexto cultural pode ter sido o mesmo nos dois casos. Mas para assegurar a precisão do postulado, as hipóteses devem ser formuladas e testadas. É importante salientar que a analogia pode fornecer hipóteses plausíveis, não provas. Os modelos ou hipóteses formulados com base na analogia necessitam, para serem testados, de uma confirmação independente.

Parece oportuno citar aqui a observação de Binford (1968:269)

*"If archaeologists and ethnologists are to overcome the limitations of their observational fields and contribute to the general field of anthropology, they must develop methods which will allow explanatory propositions regarding the operation of cultural systems to be tested by both archaeological, and ethnographic data".*

Mesmo levando em conta o fato, apontado por alguns, de que os arqueólogos podem estabelecer modelos em termos teóricos sem o uso da analogia etnográfica, não podemos deixar de reconhecer que devem aos etnólogos as fontes de inspiração. Entretanto, metodologicamente, parece importante a preocupação com que os arqueólogos não dependam predominantemente dos etnólogos:

*"archaeologists are dependent for building models upon the knowledge currently available on the range of variability in form, structure, and functioning of cultural systems" (ibidem).*

Este autor apresenta a sua visão da utilização do documento etnográfico da seguinte maneira:

*"From the preceding discussion, we see that ethnographic data can play two basic roles in archaeological investigation: first, they serve as resources for the testing hypotheses which seek to relate material and behavioral cultural phenomena; second, they may often (but need not always) serve as the basis for models of particular social relations which are postulated to have been the context for an observed archaeological structure" (op. cit.: 270).*

Esta colocação está ligada especialmente ao movimento da "New Archaeology" e à preocupação com a construção de uma teoria arqueológica tendo como base a teoria dos sistemas, com a proposta de modelos hipotético-dedutivos.

A idéia da analogia etnográfica como não sendo suficiente por ela mesma, e de que um paralelo, mesmo que plausível, não é uma explicação mas sim uma ilustração, está presente nas obras de vários arqueólogos, de Childe a Binford e Ucko.

A grande crítica é feita ao uso de informações de grupos atuais para interpretar os vestígios do passado levando em conta apenas a sua classificação como "povos primitivos". Vários autores como Freeman (1968), Laming e Leroi-Gourham<sup>4</sup> (Orme, 1974:204) apontam inclusive, como objeção para o uso da analogia, as diferenças biológicas, por exemplo, do homem do paleolítico para o homem moderno.

Freeman critica o uso, por parte dos arqueólogos de quadros referenciais elaborados por antropólogos, que trabalham com grupos recentes, tentando forçar a integração de seus dados nestes quadros. Para este autor:

---

<sup>4</sup> Laming e Binford, que sempre foram mencionados pelas suas objeções ao uso da analogia etnográfica, apresentam nos trabalhos mais recentes algumas reconsiderações, provavelmente decorrentes das experiências realizadas através do contato direto com sociedades primitivas.

*"It is unnecessary because it is possible to develop models for the interpretation of archaeological evidence which minimize analogy" (op. cit.: 262).*

Mesmo levando em conta a importância da analogia na interpretação arqueológica com vistas à reconstrução do nível de organização econômica ou complexidade social, e tendo como base a hipótese de que ambientes semelhantes estimulam a produção de respostas culturais semelhantes, este autor alerta para o perigo do uso da analogia.

*"Each society exercises some degree of control over the influence of its environment by exploiting some aspects of environment at expense of other. No society utilizes all it could of the offerings of its surroundings. In addition, the differences in the manipulation of the same resource by two distinct cultures are often great" (op. cit.: 263).*

A morfologia dos artefatos e a sua distribuição espacial são realidades que refletem uma situação cultural e o seu nível social. O trabalho daqueles que estudam cultura material, tanto no contexto etnográfico como no arqueológico, é tentar estabelecer como as realidades sociais e culturais são refletidas na evidência material. A utilização dos dois tipos de fontes pode estabelecer parâmetros para auxiliar nesta tarefa.

O arqueólogo analisa o produto como resultado de um comportamento que pode ser observado pelo etnógrafo. Digo pode, porque parece importante ter em mente, também, o limite do universo de observação do etnógrafo quando vamos utilizar este material no contexto arqueológico. Neste último contexto pode-se observar, simultaneamente, o registro do produto do comportamento em uma ampla faixa espacial e temporal.

Wobst (1978: 307) faz algumas observações sobre os limites das informações obtidas, alertando que



*"If observation were our source of data on human behavior, we would know little about its variability. Fortunately, we have means of data acquisition that do not require our presence where behavior is transacted. We can observe the material precedents and products of behavior (archaeological and ethnoarchaeological mode) and we can acquire verbal information about behavior (ethnographic mode) These modes de data acquisition allows us to overcome the constraints on our field of vision and to deal with human behavior in all of its temporal and spatial expressions. Yet neither the material precedents and products of behavior nor verbalized information about behavior are behavior. Rather, they can be linked with behavior through hypotheses in a framework of strong inference. In the absence of strong inference, behavior inferred from these sources is nothing but an untested hypotheses or, if the construct cannot be evaluated, metaphysics".*

O que parece importante no trabalho de Wobst é o reconhecimento dos limites da informação etnográfica e o alerta para o seu uso, cujo conteúdo, ao contrário de ser aceito mecanicamente como verdade, deve ser testado:

*"Unable to observe simultaneous spacial variability in behavior ethnographers are forced to reconstruct it with the help of informants. But informants are not much better off than ethnographers. Their knowledge of human behavior is also acquired by observation and hearsay. Both mode structure their knowledge in ways that distort reality, even with the best of intentions" (op. cit.: 305)*

Desta forma, nenhuma discussão sobre raciocínio analógico em arqueologia pode ignorar o trabalho que está sendo feito pela etno-arqueologia (Gould, 1978, 1980). Examinando o comportamento contemporâneo com interesse nos resíduos que podem ser produzidos por ele, os seus métodos

incluem a observação das sociedades contemporâneas com uma atenção especial para os processos naturais que podem afetar os vestígios através do tempo.

Como os etno-arqueólogos também executam experimentos com o objetivo de produzir vestígios semelhantes àqueles encontrados nos sítios arqueológicos, a analogia é usada para inferir similaridade entre resíduos produzidos no passado e no presente. Esta abordagem pode estabelecer a necessária confiança na interpretação entre a cultura material e o comportamento sócio-cultural.

Portanto, a informação etnográfica não deve impor-se ao documento arqueológico, mas servir como ponto de partida para a elaboração de hipóteses que devem ser testadas nos dois contextos. Deve ser encarada como um instrumento para ampliar os limites do documento arqueológico. No caso presente, onde as pesquisas arqueológicas ainda são escassas, principalmente pelo tamanho da área de ocorrência, as outras fontes de informação devem ser incorporadas. Portanto a existência de informações escritas do século XVI sobre os indígenas que ocupavam na época toda a costa do Brasil e a área do Prata, que apresentavam certos aspectos comuns que levaram estes cronistas, testemunhas oculares, a descrevê-los de uma maneira homogênea, não pode ser deixada de lado para o entendimento de um complexo arqueológico evidenciado nesta mesma área e cujos traços coincidem com aqueles descritos.

O importante é ter em mente o limite desta documentação, cujo registro corresponde a um momento temporal que não engloba a totalidade da ocupação etno-cultural atestado no contexto arqueológico. Permite, entretanto a reconstituição por meios indutivos dos aspectos mencionados para os grupos contemporâneos ao momento do contato e fornece base para a construção de modelos dedutivos para períodos anteriores e para áreas específicas de pesquisa, método que utilizamos no projeto de pesquisa para o baixo vale do Ribeira.

## A DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL COMO FONTE AUXILIAR

Sempre que possível, a utilização da documentação histórica tem sido realizada pelos arqueólogos no auxílio da interpretação dos seus registros. O uso da documentação textual tem sido de fundamental importância para aquelas regiões onde o contato com o europeu foi realizado de forma direta e para as quais existe a disponibilidade de fontes etno-históricas<sup>5</sup>. Alguns estudos recentes têm examinado a natureza da etno-história e sua relação com a arqueologia (Baerreis, 1961; Fenton, 1962, 1966; Trigger, 1975, 1978, 1980, 1982; Charlton, 1981). A etno-história, considerada como um método de abordagem, pode ser sucintamente definida como a história dos povos sem escrita, dos chamados povos "sem história"<sup>6</sup>. Para entender como esta fonte de dados pode ser utilizada de maneira adequada, no contexto arqueológico, algumas considerações devem ser levadas em conta.

Trigger tem examinado, em vários trabalhos, aspectos filosóficos da antropologia e da história como disciplinas e algumas justificativas epistemológicas para o uso da etno-história na interpretação arqueológica. Parece importante citar aqui as considerações feitas por este autor, em termos metodológicos sobre a documentação etno-histórica e histórica.

*"Studying the history of non-literate peoples relying mainly upon written materials produced by an alien creature is different from writing the history of literate people who have abundantly documented their own activities" (1982: 9).*

---

5 Aqui estamos nos referindo apenas à documentação textual por ser o nosso objeto de estudo as crônicas do século XVI; não excluímos entretanto do campo da etno-história as outras categorias, como tradição oral, costumes, coleções de objetos, nomes de lugares, etc.

6 A conceitualização de etno-história foi debatida principalmente no "Symposium in the concept of ethnohistory", publicado em *Ethnohistory*, v. 6/7, 1961.

Dá a necessidade de não esquecer o papel da chamada crítica do documento.

A integração da documentação textual no processo de interpretação arqueológica foi feita em um primeiro momento basicamente através da analogia histórica direta, buscando a identificação étnica e a reconstrução sócio-cultural. Isto tem sido feito quando os locais mencionados podem ser precisamente localizados e comprovada a continuidade cultural. Outra forma de utilizar as fontes etno-históricas é dentro de uma abordagem analógica geral, quando não existe a conexão direta pontual mas sim entre cultura e área de distribuição.

A tendência atual tem sido desenvolver estas duas abordagens em conjunto para gerar hipóteses, leis, e modelos.

A busca da identidade tribal de sociedade que habitaram certos sítios foi durante algum tempo uma preocupação primordial na arqueologia americana, que procurou correlacionar grupos étnicos historicamente conhecidos com determinadas manifestações arqueológicas.

A partir da insistência de Steward, na década de 40, para intensificar as escavações de sítios históricos bem documentados no sudoeste norte-americano este método se estendeu, chegando a incluir o estudo do processo de mudança cultural através de utilização conjunta da documentação arqueológica e histórica (Charlton, 1981). Deste modo, a documentação textual pode ser empregada como um controle para a reconstrução do comportamento passado, feito a partir da cultura material presente em um sítio histórico.

*"The information derived from the historic site then acts as relevant data against which to test basic archaeological generalizations" (op. cit.: 153).*

Na reconstituição daquelas sociedades que tiveram contato com o europeu, as fontes etno-históricas são de grande importância para a complementação dos dados arqueológicos, tanto através de uma abordagem direta como da analógica geral.

Entretanto, na utilização destas fontes, o objetivo final não deve ser somente de complementação informativa como um dado empírico adicional, mas sim o de integrar o processo de interpretação, de forma indutiva, com o acréscimo de conhecimento em casos específicos e, de forma dedutiva, na formulação de hipóteses e modelos que deverão ser projetados na orientação de pesquisas futuras e testados nos dois contextos. Deve haver uma real correlação e integração dos dados etno-históricos, que não devem ser utilizados apenas como referência, com a apresentação de um capítulo à parte onde aparecem como ilustração, fato que pode ser observado em vários trabalhos.

Muitas críticas têm sido feitas no Brasil sobre a utilização da analogia etnográfica para a interpretação do material arqueológico, principalmente quando esta analogia está baseada nas informações dos cronistas dos séculos XVI e XVII. Acreditamos que algumas delas podem ter fundamento, pois a utilização dos dados etno-históricos não pode ser feita de uma maneira mecânica. Estas informações não podem ser utilizadas diretamente sem uma elaboração crítica interna e externa ao documento. Se considerarmos o cronista como um informante, o que ele diz tem que ser analisado segundo sua postura ideológica, época de atuação, objetivo do relato. Trata-se, portanto, de um dado que deve ser trabalhado antes de ser utilizado, pois não basta simplesmente tomar uma citação de um cronista quando ele se refere a uma situação que pode ser observada no contexto arqueológico.

Muito também se tem comentado sobre a inadequação das fontes etno-históricas brasileiras para a interpretação arqueológica, com a alusão a que estas contêm descrições idealizadas, superficiais, outras detalhadas, mas sem relação com o contexto, números exagerados e outras observações do gênero. Mesmo admitindo estas considerações, o importante é que existem descrições de situações, das quais, na maioria dos casos, estes cronistas foram testemunhos oculares. Existe uma riqueza de dados nestes relatos que, devem ser trabalhados para a sua adequação às necessidades dos arqueólogos.

Por sua natureza, os depoimentos dos cronistas constituem ou verdadeiros instantâneos de situações que foram observadas diretamente ou considerações mais amplas, produto de informações recebidas indiretamente.

Como já mencionamos não se trata de uma ligação mecânica dos dados, pois as bases empíricas nos dois contextos são relativas a situações passadas, limitadas claramente em tempos diferentes e, na maioria dos casos, também espacialmente. Contudo, estes limites não devem ser considerados como barreiras intransponíveis, mas podem ser superadas por uma orientação metodológica que defina quando as relações entre os dados e as condições de tempo e espaço sejam claras e reconhecíveis, apresentem consistência e veracidade. Os relatos produzidos pelos cronistas do século XVI constituem uma documentação valiosa para a reconstituição arqueológica, como já pudemos apontar em trabalhos anteriores (Scatamacchia 1981, 1985, 1989 e Scatamacchia e Moscoso, no prelo). As informações etnográficas obtidas nestas fontes fornecem particularidades sobre ações que não podem ser diretamente observáveis no registro arqueológico. Os dados arqueológicos fornecem detalhes sobre a cultura material através do tempo, permitindo uma visão diacrônica dos processos culturais que não é possível conseguir pela observação direta e sincrônica de um observador.

A contribuição da etno-história não deve ser encarada apenas para esclarecer um conjunto particular de dados, mas como servindo também para estabelecer a base da interpretação, com hipóteses e modelos que, testados no contexto arqueológico, possam ser aplicáveis a uma nova documentação.

Achamos importante a complementação dos dados com a integração de diferentes fontes, chamando aqui a atenção para as coleções museológicas, que têm sido pouco utilizadas como fonte de informação<sup>7</sup>.

O emprego de recursos provenientes de diferentes fontes e a possibilidade de uma permanente verificação e ajuste das informações das diversas áreas permitem uma reconstrução cultural mais precisa, pois cada uma pode, ao mesmo

---

7 Estamos desenvolvendo um projeto sobre as coleções de vasilhas cerâmicas classificadas como da irradiação tupiguarani, depositadas em museus da Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (Scatamacchia, Caggiano e Jacobus, no prelo).

tempo, servir de "controle" das outras e completar as lacunas próprias de cada tipo de documentação.

Somente a combinação das informações arqueológicas com as etno-históricas vai permitir a montagem de um quadro explicativo, testável nos dois contextos, sobre a composição e desenvolvimento deste complexo cultural que se estendeu por todo o leste da América do Sul. Para o litoral, onde estas informações estão disponíveis, estas correlações podem auxiliar não só na reconstituição do modo de vida destes grupos, como indicar o potencial de algumas regiões para a pesquisa arqueológica.

No caso tupi-guarani, uma situação particular permite utilizar com segurança a arqueologia e a etno-história como fontes para o seu estudo. Na área geográfica descrita pelos europeus como ocupada pelos falantes da família lingüística tupi-guarani encontramos apenas uma tradição arqueológica ocorrendo na mesma extensão. O material evidenciado nos sítios arqueológicos corresponde às descrições fornecidas pelos cronistas, sendo que vestígios europeus, ou mostrando aculturação daqueles em sítios de contato, asseguram esta correspondência.

Os textos produzidos durante os séculos XVI e XVII, tanto crônicas como relatos e cartas, são constantemente mencionados e comentados como fontes fundamentais para o estudo dos índios da época do contacto (Balduz, 1948; Honório Rodrigues, 1979; Wernewck Sodré, 1960), mas com exceção dos trabalhos pioneiros de Métraux e Florestan Fernandes, estes documentos não têm sido utilizados de maneira sistemática, na reconstituição arqueológica destes grupos. A riqueza de dados contida nestas obras pode ser observada concretamente nas publicações destes autores: LA CIVILISATION MATÉRIELLE DES TRIBUS TUPI-GUARANI e A RELIGIÃO DOS TUPINAMBÁS, de Alfred Métraux; A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TUPINAMBÁS, A FUNÇÃO SOCIAL DA GUERRA NA SOCIEDADE TUPINAMBÁ e A ECONOMIA TUPINAMBÁ, de Florestan Fernandes.

Florestan Fernandes numa avaliação do potencial contido nestas fontes dá o seguinte diagnóstico:

*"Após o exame crítico das fontes primárias e do fichamento sistemático dos dados positivos por elas fornecidos, suscetíveis de aproveitamento científico, cheguei à conclusão de que é possível analisar noventa e três problemas - exceção feita aos aspectos ergológicos - como parte do ou em conexão com o sistema guerreiro da sociedade Tupinambá. Com relação a seis problemas (antropofagia, canoas, relações com o prisioneiro, religião, rituais de renomação e sacrifício ritual) é possível isolar ainda trinta e nove tópicos distintos" (1975: 208).*

Isto apenas para exemplificar a intensidade de alguns aspectos que podem ser estudados a partir destas fontes.

A preocupação principal com a utilização destes trabalhos foi caracterizar as populações indígenas na época do contacto e as suas mudanças a partir das influências da cultura européia, sem nenhum interesse em relação a situações passadas, como se elas tivessem permanecido estáticas até esse momento. Entretanto as pesquisas arqueológicas têm demonstrado que estas culturas sofreram uma série de mudanças independentes de um contacto direto ou indireto com o europeu, mas em conseqüências de características intrínsecas ao sistema tribal.

Alguns trabalhos (Scatamacchia, 1981; Brochado, 1978, 1984) têm sido realizados com o objetivo de integrar estas informações contidas na documentação textual do século XVI com os dados arqueológicos, visando ampliar a escala temporal desta história indígena, que na realidade não começou com a chegada do homem branco no continente americano. Entre estes trabalhos merece ser mencionado o trabalho de Brochado "What did the Tupinambá cook in their vessels?", onde tenta resgatar das crônicas os dados sobre a forma e função da cerâmica. Trata-se de um trabalho de grande importância como referência para a interpretação dos achados cerâmicos e do seu contexto de utilização. Estamos desenvolvendo um trabalho de reconstrução tribal a partir



das crônicas, tanto portuguesas como espanholas, da costa atlântica e do Pacífico, onde teremos elaborado entre outras, uma relação dos itens culturais que aparecem descritos nestes textos e que sistematicamente organizados, poderão ter um papel auxiliar em caracterizações menos generalizantes das tribos de áreas florestais<sup>8</sup>.

Concluindo, mesmo reconhecendo o valor dos dados contidos nestas fontes, não se trata de utilizar de forma direta correlações com base em semelhanças e diferenças restritas a alguns traços culturais, mas de utilizar os dados etnográficos em conjunto com os arqueológicos, na construção de proposições que deverão orientar a pesquisa, possibilitando a interpretação e sua integração no quadro mais amplo do processo histórico americano.

---

<sup>8</sup> "As sociedades tribais das selvas sul americanas: uma reconstrução cultural a partir das fontes documentais do século XVI." O projeto está sendo desenvolvido em conjunto com Osvaldo Silva Galdames (Universidad de Chile) dentro do programa de cooperação internacional CNPq/CONICYT.

## CAPÍTULO II - A BIBLIOGRAFIA CONSULTADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para a interpretação do material arqueológico atribuído aos grupos lingüísticos Tupi-guarani, reunidos inicialmente sob uma única tradição ceramista, utilizamos outras fontes disponíveis, especialmente a documentação textual do século XVI e começo do XVII. Desta forma poderemos, além de apresentar um balanço sistemático da quantidade e qualidade das informações disponíveis, que estão servindo como base para a proposição da presente síntese, examinar o estado da questão a partir de um quadro global.

Antes da apresentação das conclusões que foram deduzidas a partir das concordâncias e divergências encontradas na bibliografia, achamos necessários alguns comentários sobre a proveniência dos principais dados manipulados.

A necessidade do conhecimento etnográfico destes grupos nos levou ao exame das fontes primárias disponíveis para o período de contacto e ao levantamento de dados compatíveis com a documentação arqueológica. Mesmo tendo recorrido aos trabalhos clássicos de Florestan Fernandes e Métraux, que exploraram exaustivamente estas fontes, preferimos recorrer novamente aos documentos originais, analisando-os com a preocupação de resgatar os dados referentes, direta ou indiretamente, à cultura material e a relação com o meio ambiente.

As descrições contidas nestas crônicas são abundantes e detalhadas para alguns aspectos que mais impressionaram nesse primeiro contacto, embora a consistência e a profundidade varie de autor para autor. Mas, em geral, os aspectos

mais importantes sobre a vida destes indígenas aparecem descritos, às vezes de maneira um pouco diferenciada para lugares distintos, sendo que em uma mesma obra aparecem dados provenientes de experiências diferentes, mas dizem respeito ao mesmo aspecto da vida tribal, o que atesta uma significativa coerência das informações. Poucos são os casos em que não existe concordância, o que pode ser explicado pelo fato de que diferentes aspectos da vida tribal atraíram de modo desigual a atenção dos cronistas. Mas as maiores disparidades podem ser verificadas em relação à quantificação, tanto de objetos como de pessoas ou distâncias, ou ainda a contagem do tempo, onde os números que aparecem raramente concordam.

O quadro resultante dos dados etnográficos fornecidos pelos cronistas apresenta informações desiguais, pois são produtos de dois tipos de observação. Os principais aspectos são quase sempre ilustrados com descrições de casos reais, onde eles foram observadores participantes, mas pode-se perceber, às vezes na mesma obra, informações indiretas que foram conseguidas com o auxílio de outros, com o intuito de ampliar as ilustrações concretas.

Foi nossa intenção, com estas considerações, apenas apontar algumas dificuldades em relação à desigualdade dos dados e à possibilidade de correlação com aqueles evidenciados no contexto arqueológico, principalmente pelo tipo de escavação que produziu a maior parte dos dados disponíveis. Não são coincidentes as áreas para as quais se possui o maior número de informações etnográficas com aquelas melhor conhecidas arqueologicamente. Situação que pode parecer boa, por um lado, e ruim, por outro. Por um lado, pode-se completar lacunas, por outro, perde-se a oportunidade de testar hipóteses em contextos diferentes. Acho que escavações bem documentadas, realizadas em sítios de contacto, poderiam fornecer parâmetros de grande utilidade para o desenvolvimento das principais teorias sobre a organização destes grupos.

A desigualdade apontada em relação aos dados etnográficos, também acontece em relação à tentativa de tabulação dos dados arqueológicos provenientes da pesquisa bibliográfica, como é o caso da maioria das informações que estamos manipulando. Esta dificuldade de uma correlação direta é produto das diferentes abordagens teóricas e metodológicas que orientam as pesquisas arqueológicas no Brasil. Somando-se a esta situação pode-se verificar na literatura a falta de uma terminologia mínima que seja uniforme para as principais categorias operacionais, mesmo a **TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERÂMICA** (1976) não é seguida por todos arqueólogos.<sup>1</sup>

Resumidamente, podemos apresentar como principais orientações: a da escola francesa e a de influência americana. A escola francesa tem atuado há mais tempo no Brasil, pesquisando de forma sistemática já a partir da década de 50. Do ponto de vista metodológico, tem efetuado escavações em amplas áreas, trabalhando, na maioria dos casos, com decapagens em camadas naturais. Como resultado, temos as principais plantas de aldeias e o conhecimento das áreas distribucionais dos artefatos e associação com outros traços. Em decorrência do tipo de trabalho, as informações são mais pontuais onde o sítio aparece como a unidade de referência primordial.

Com a elaboração do PRONAPA em 1965 começou oficialmente a introdução da orientação americana. A proposta inicial foi levantar os dados arqueológicos de amplas regiões, a partir de cortes-testes de 1m x 1m ou 2m x 2m, trabalhados em camadas artificiais de 10cm cada. A partir desta amostragem era realizada a identificação cultural do material, que, seriado, pode fornecer elementos de mudança através do tempo. Dentro deste programa foram reconhecidas, identificadas e classificadas as categorias de cerâmica que então se denominou

<sup>1</sup> Esta falta de uniformização terminológica foi sentida por vários arqueólogos, sendo que a proposta para o estabelecimento de uma linguagem mínima uniformizada foi aprovada na V Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, realizada em 1989, em Santa Cruz do Sul, RS.

tradição Tupiguarani. Estas resumidas colocações não têm por objetivo a crítica das teorias e métodos utilizados pelas diferentes abordagens, o que poderia até parecer absurdo, pela maneira simplista como foram aqui apresentadas as questões. O objetivo é tão-somente chamar a atenção de que estamos trabalhando com dados provenientes de situações das quais não temos o controle para realizar uma crítica em relação aos seus reais significados, independente das abordagens ideológicas, pois nos falta aquilo para que Gandara (1987) tem chamado a atenção: uma teoria da observação<sup>2</sup>. O desenvolvimento deste último ponto é muito importante pois nos permitiria o equivalente ao que os historiadores conhecem como crítica das fontes, da qual a arqueologia necessitaria com urgência. A idéia é, portanto, somente de alertar para a heterogeneidade de dados que estamos manipulando ao tentar construir um quadro uniforme, cujo modelo possibilite a identificação dos principais problemas que deverão ser debatidos.

## FONTES ETNO-HISTÓRICAS

A grande quantidade de trabalhos que tratam dos grupos lingüísticos tupiguarani que ocupavam a costa brasileira e o estuário do Prata, quando da chegada

---

2 Com relação a uma teoria da observação para a arqueologia, que na realidade podem ser várias, uma para cada um dos nossos procedimentos mais importantes de coleta de dados, Gandara (1987: 10) menciona que deveria reunir no mínimo os seguintes requisitos:

\*1) Permitimos definir las unidades mínimas de observación para cada caso: ¿es decir permitimos partir el universo en forma tal que podamos construir la noición de 'dato' en cada caso. Por ejemplo: ¿es el objeto aislado la unidad mínima universal de significado en arqueología, o debemos considerar el contexto, o el área de actividad? 2) Ofrecemos un conjunto de principios generales tipo ley, que permitan entender los procesos de formación del régimen arqueológico y recuperar, a partir de él, información sobre las variables de interés. Aquí discusiones como la de Harris sobre las diferencias entre la estratigrafía arqueológica y la geológica son particularmente pertinentes. 3) Permitimos evaluar la representatividad, certeza y confiabilidad de los datos obtenidos bajo diferentes técnicas; un resultado lateral de esto sería el poder ofrecer normamientos mínimos para la observación en arqueología, que permitan la crítica de datos sobre criterios más allá de la argumentación *ad hominem*".

dos portugueses e espanhóis, não permite que esta fonte seja ignorada na reconstituição histórica e na interpretação dos vestígios arqueológicos evidenciados.

As principais obras foram citadas e comentadas por diversos autores (Baldus, 1948; Fernandes, 1975), tiveram diversas edições, sendo, portanto, um material de fácil acesso.

Os trabalhos utilizados foram limitados àqueles pertencentes ao século XVI e começo do XVII, buscando as informações que retrataram com maior fidelidade a estrutura primitiva, num momento em que o contacto ainda não tinha alterado totalmente o padrão original ou as alterações podem ser reconhecidas por não estarem incorporadas.

De um modo geral, as crônicas apresentam aspectos gerais que correspondem a vastas regiões, sendo que parte delas se detêm na descrição de algumas localidades. As regiões onde o contacto com o europeu se deu de forma mais intensa estão melhor descritas, sendo os Tupinambá, os Tupiniquim, os Cário ou Carijó os grupos sobre os quais se tem mais notícias. Os Tupinambá são aqueles que, com maior constância, foram objeto de análise. Detalhes sobre vários aspectos de seu modo de vida, intensamente conhecidos, têm servido como parâmetro explicativo para outros grupos.

Os trabalhos que enfocam a costa brasileira podem ser classificados em: cartas, relatos de viagens, crônicas gerais, crônicas de invasões e crônicas jesuíticas.

As cartas e as relações primitivas estão dentro da Historiografia da Conquista, segundo a classificação de Honório Rodrigues (1979). As principais fontes para o estudo dos grupos em questão e que foram utilizadas neste trabalho são: A Carta de Pero Vaz de Caminha, A relação do Piloto Anônimo, O diário de navegação de Pero Lopes de Sousa, Aventuras de Hans Staden.

Os trabalhos como As Cartas de Américo Vespúcio e os Relatos de Pigafetta, sobre a primeira viagem de circunavegação, fornecem detalhes

passageiros sobre os costumes dos primitivos brasileiros, mas que, todavia, servem de elementos confirmatórios para as diferentes informações provenientes de outras obras. A narrativa de Knivet, de caráter um pouco confuso e difícil de acompanhar, oferece, entretanto, algumas informações sobre fatos pouco mencionados nas outras fontes.

A Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, é a primeira informação sobre os indígenas da terra recém-descoberta e inaugura a crônica brasileira. Como primeiro documento oficial do nascimento do Brasil, é fundamental. Trata-se do primeiro depoimento, oriundo da observação direta. Muitos elementos descritos nessa carta irão servir como parâmetros para dimensionar o grau de alteração produzido a partir do contacto com o europeu. As descrições retratam, portanto, a situação em que viviam esses grupos naquele momento, antes de qualquer colapso do sistema tribal, produzido pelo desequilíbrio econômico indígena e pela obra da catequese. Sem levar em conta outros alcances e ligações da carta, do ponto de vista das informações etnográficas, ela menciona quase todos os itens que depois veremos aparecer, com maior ou menor intensidade, nas obras posteriores.

Na carta do Piloto Anônimo, que aparece com o subtítulo "Navegação do Capitão Pedro Álvares escrita por um piloto português traduzida para o italiano", apresenta anotações mais rápidas e com menor detalhamento que a de Caminha<sup>3</sup>.

Honório Rodrigues (1979: 8) apresenta algumas considerações sobre as hipóteses dos possíveis autores, concluindo, entretanto, que o problema da autoria é um assunto ainda não resolvido<sup>4</sup>. O que nos interessa é a colocação sobre a

3 Examinamos a parte da relação do "Piloto Anônimo" que traz referências ao Brasil, e que aparece como Apêndice I na obra de Castro (1985).

4 Castro (1985: 20) faz algumas considerações sobre o assunto:

"Pero Escobar antes participava da gloriosa expedição de Vasco da Gama, como piloto da caravela "berrio" de Nicolau Coelho. Agora ocupa o mesmo encargo na nau capitania, e acompanha todos os movimentos da viagem histórica. Está sempre vizinho a Pero Vaz de Caminha, ao lado do Capitão-mor. Possivelmente terá sido ele quem

veracidade do documento, que, mesmo não apresentando maiores informações do ponto de vista etnográfico, reforçam aquelas dadas por Caminha.

No diário de Pero Lopes de Souza estão contidas descrições geográficas e informações etnográficas sobre a expedição em que acompanhou seu irmão, percorrendo toda a costa brasileira até o rio da Prata. Do ponto de vista etnográfico, o diário realmente traz poucas informações relevantes, com exceção de menções sobre a região sul do Brasil, que sempre foi relegada a um segundo plano por outros cronistas.

De grande relevância são as informações contidas no livro de Hans Staden, sobre os costumes dos Tupinambá, que habitavam a região próxima a Angra dos Reis. São dados referentes a este grupo, entre os quais ele ficou prisioneiro por nove meses, durante o ano de 1554. Ele trata em detalhes aspectos que não encontramos em nenhuma outra fonte anterior, pois nenhum europeu, pelo menos que tenha deixado algum registro, conviveu por tanto tempo com os indígenas, participando do seu modo de vida. Trata-se de uma fonte constantemente usada por qualquer pesquisador interessado nos grupos de filiação lingüística tupi-guarani.

Dentro do espírito das chamadas crônicas gerais, existe a preocupação de registrar a nova terra com precisão, e os acontecimentos vistos de um ângulo geral, conforme a documentação oficial da época. Pertencendo a esta categoria, foram utilizadas as obras de Gandavo, *TRATADO DA TERRA DO BRASIL* e *HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ*, realizada em 1576, assim como o magistral *TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587*, de Gabriel Soares de Sousa. Nestas obras, juntamente com a preocupação de descrever as condições materiais, os recursos e as possibilidades da colônia, estão também registrados os

---

restigiu a famosa relação do "Piloto Anônimo", publicada pela primeira vez em italiano, em Veneza, no ano de 1507 por Montalboddo, Paesi nuovamente ritrovati, da qual o original português se perdeu".



índigenas, sua distribuição geográfica, as diferenças lingüísticas, sua organização social e a tecnologia disponível para a apropriação dos recursos.

Outra contribuição importante para o conhecimento dos primitivos habitantes é a da crônica estrangeira ligada principalmente às invasões, merecendo atenção especial, no nosso caso, aquelas relacionadas às invasões francesas. Primeiro, pela época em que aconteceram, no caso da primeira invasão, como também pelo local, densamente povoado pelos Tupinambá. Pertencem a este primeiro momento as obras de André Thévet e Jean de Léry, referentes à história do estabelecimento dos franceses no Brasil. Entretanto, podemos observar que o interesse destes dois autores acabou sendo dirigido aos costumes e particularidades dos índios e às "singularidades" da flora e da fauna brasileira, ficando em segundo plano a instituição da colônia francesa. A obra de Jean de Léry, editada vinte anos após a de Thévet, aponta as falhas da obra deste último, iniciando assim uma campanha contra a credibilidade de seu testemunho histórico, o que promoveu a discussão de vários historiadores sobre a veracidade destas duas fontes de informação. Possuindo posições ideológicas diferentes, os dois lados são, de uma certa forma, naturalmente parciais e procuram provar seus pontos de vista<sup>5</sup>.

A ocupação dos franceses no norte do Brasil, no início do século XVII, possui dois registros de grande importância do ponto de vista etnográfico, que são as obras de Claude d'Abbeville, HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO e de Yves d'Evreux, VIAGEM AO NORTE DO BRASIL, feitas nos anos de 1613 a 1614. Mesmo se tratando de obras tardias e se ocupando de uma área já descaracterizada do ponto de vista da

<sup>5</sup> Hóndrio Rodrigues (1979: 41-2) comenta que a "melhor crítica de textos, bem informada e erudita, invalidando o acordo de tantos, restaurando senão a total credibilidade, pelo menos, a primazia e a completa originalidade de Thévet, é a de Rodrigues Leite. Para ele, quase tudo que Léry conta, outros viajantes já contaram". Mais adiante este mesmo autor também menciona a opinião de Lévi-Strauss sobre Léry, que para ele é o primeiro exemplo de uma etnografia participatória. "Léry aprendeu a língua, foi de localidade em localidade e descreveu tudo: a prisão, os animais e as plantas. Ele não somente viu os índios como eles nunca foram mais vistos, mas elaborou seu livro na ordem em que seria subsequente a das monografias" (ibidem).

ocupação tupinambá, por ser nesse momento uma área de refúgio, as informações contidas são de valor incalculável para a lingüística e etnografia destes grupos, pois apontam e analisam aspectos que, correlacionados a outros dados, podem servir de ponto de partida para um modelo dedutivo do desenvolvimento social e das diferenças existentes na constituição das tribos sul-americanas, como poderemos ver mais adiante de maneira concreta.

A crônica religiosa de importância para os grupos tupi-guarani, que habitavam a costa brasileira, está restrita aos trabalhos deixados pelos jesuítas, mais precisamente por Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Fernão Cardim. Os depoimentos e as reflexões dos dois primeiros sobre a terra e a forma de viver dos índios ficaram registrados em cartas, que foram publicadas em conjunto. Além das cartas específicas destes dois jesuítas, merecem também ser mencionadas "As Cartas Avulsas", escritas por vários religiosos de diversas partes do Brasil. Entretanto, o **TRATADO DO CLIMA E TERRA DO BRASIL**, assim como **DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL**, publicados em 1625, colocam Fernão Cardim como um autor essencial, na crônica religiosa, para o estudo dos indígenas brasileiros. Os seus escritos foram publicados conjuntamente sob o título de **TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL**, cujo caráter é de uma crônica geral.

O objetivo de apresentar as crônicas segundo um critério de distribuição geográfica, *grossa modo*, costa brasileira e estuário do Prata, como os núcleos de maior concentração tupi e guarani que foram contactados pelos europeus, obedeceu a um critério puramente operacional. Não foi levado em conta os grupos envolvidos, pois, em muitos casos, os relatos ultrapassam as divisões políticas que consideramos hoje, como, por exemplo, os relatos de Pero Lopes de Sousa, Cabeza de Vaca e Schmidel.

Entretanto, algumas especificidades, ligadas à forma exploratória e ao tipo de registro, produziram informações culturais sobre aspectos diferentes, o que de certa forma dificulta a correlação direta dos dados e alerta para a necessidade de uma análise mais cuidadosa. Muitas diferenças constatadas nos registros podem ser diversidades apenas de apresentação, tendo que ser considerado um contexto mais amplo para a aceitação de alguns pareceres.

Os principais documentos auxiliares utilizados na reconstituição do povoamento Guarani na área do Prata foram: A CARTA DE DIEGO GARCIA E LUIZ RAMIREZ, com informações sobre a expedição de Gaboto, os RELATOS DE PEDRO SCHMIDEL, cronista de Pero de Mendonça e os COMENTÁRIOS DE CABEZA DE VACA.

A Carta de Diego Garcia, companheiro de Sólis, narra a sua segunda experiência, quando penetra no rio da Prata na mesma época da expedição de Gaboto, em 1526 e 1527. Menciona passagens sobre a costa brasileira, importantes pela data em que foram feitas e pela confirmação posterior por outras fontes, como, por exemplo, o episódio sobre o bacharel de Cananéia. Enumera as várias tribos localizadas na entrada do rio da Prata, comentando a sua estada ali quinze anos atrás, confirmando assim a época da expedição de Sólis, às vezes, ainda polemizada.

A Carta de Ramirez, de 1528, refere-se aos mesmos fatos, inclusive do encontro dos antigos participantes da expedição de Sólis, que teriam ficado entre os indígenas. Interessante são os comentários sobre os habitantes do rio Paraná, que ele subiu partindo do rio Paraguai.

Porém, o mais completo documento é RELATOS DE LA CONQUISTA DEL RIO DE LA PLATA Y PARAGUAY 1534-1554, de Ulrico Schmidel, que relata a fundação de Buenos Aires, por Mendonça, a penetração para o interior através do rio Paraguai, por Ayolas e a fundação de Assunção. É neste episódio sobre a fundação de Assunção que descreve, em maiores detalhes, a aldeia de

Lambaré, povoada pelos Cário, onde foi implantada a casa forte que daria origem à futura cidade européia. Descreve todo o percurso das expedições e o contacto com as diferentes tribos, com uma preocupação em registrar as distâncias entre elas, os lugares despovoados e a riqueza de recursos alimentares. Do ponto de vista etnográfico, as suas descrições são mais superficiais e não podem ser comparadas com aquelas existentes para a costa brasileira. Entretanto, apresenta algumas ilustrações que, de certa forma, procuram cobrir a ausência de informações sobre a cultura material, dado fundamental para os arqueólogos.

Schmidel foi muito criticado na historiografia da área do Prata, acusado de imprecisão em datas e números. Atualmente foi reabilitado pela crítica, sendo que a não concordância de suas datas pode ser justificada pela utilização de outro calendário.

Dando seqüência aos propósitos da expedição de Mendonça, com a fundação de Assunção e a penetração para o interior, temos os registros dos fatos ligados a Irala e Cabeza de Vaca, na consolidação da presença espanhola nesta região. Os comentários de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, escritos por Pero Hernandez, relatam a sua chegada a Assunção, o caminho percorrido sob a indicação dos Guarani e os grupos que contactou durante as expedições levadas a efeito. O fato de ter saído da costa brasileira, em direção a Assunção, fornece elementos importantes sobre a área do interior, pouco contactada pelos europeus.

Dentro da crônica religiosa do século XVI, a obra mais importante para esta área é *A CONQUISTA ESPIRITUAL*, de Montoya, que viveu em uma das regiões mais densamente povoadas pelos Guarani, o Guairá, tendo deixado, além da obra citada acima, um documento mais precioso que é *ARTE DE LA LENGUA GUARANI Ó MAS BIEN TUPI*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Honório Rodrigues (1979: XII) inclui a obra de Montoya na historiografia do bandeirismo seiscentista.

Merecem ainda serem mencionadas mais duas obras, a de Frei Vicente de Salvador e a de Ruy Dias de Gusman, já dentro da categoria que Honório Rodrigues (1987) chamou de historiografia geral. Diferentes das outras crônicas, estas duas obras têm preocupações mais amplas do que aquelas primeiras relações mais limitadas no tempo e abrangendo apenas certas fases da atividade colonial.

Em relação ao Brasil, na evolução do escrito histórico do século XVI, Frei Vicente de Salvador pode ser considerado o primeiro cronista a se preocupar com a história geral. Sua obra HISTÓRIA DO BRASIL, de 1627, conta a história da conquista e posse da terra e das lutas contra os índios, franceses e ingleses, que disputavam com os portugueses o domínio da faixa litorânea. A sua narração é, em grande parte, considerada fonte direta, fidedigna, porque as informações em que se baseou são praticamente contemporâneas e não deturpadas pelo tempo, dada a proximidade dos acontecimentos. Pôde ouvir, quando não foi testemunha direta, os homens da segunda e terceira geração do Brasil.

Dentro desta mesma linha podemos mencionar, para a área do Prata, a obra LA ARGENTINA, de Ruy Diaz de Gusman, concluída em 1612, que aparece como a primeira história, perfeitamente orgânica e estruturada, que procura narrar de forma cronológica os acontecimentos que haviam definido a exploração e posse desta região. Pôde consultar os documentos elaborados pelos cronistas do seu tempo e, em particular, os sobreviventes das expedições de Gaboto e Pedro Mendonza, cujas informações sobre a situação das diversas tribos indígenas são de grande importância para nós.

Utilizamos a documentação textual referente aos indígenas contactados durante o século XVI que foi publicada, o que não invalida uma posterior extensão para a pesquisa de arquivo. A utilização destas obras de fácil acesso, que, na verdade, constituem a base documental para este período histórico, pareceu-nos suficiente para este primeiro esboço. A pesquisa de novas informações em

documentos inéditos justifica-se em um segundo passo, quando poderá ser executada dentro de um campo mais restrito, atendendo a verificações necessárias para questões mais específicas, como, por exemplo, referentes a detalhes sobre a primitiva situação colonial no litoral sul de São Paulo, que possam contribuir para o trabalho sobre a ocupação do vale do rio Ribeira pelos Tupi-Guarani que estamos desenvolvendo.

Com o exame deste material apresentado, teremos condições de avaliar o potencial de utilização da documentação textual do século XVI e início do XVII, selecionando os elementos da estrutura tribal que puderam ser percebidos pelos primeiros cronistas e que, concretamente, podem auxiliar na interpretação arqueológica.

A manipulação de alguns elementos pode fornecer a base que necessitamos para o estabelecimento de um quadro com as correlações materiais nos dois contextos, arqueológico e etno-histórico, que permitam inferências seguras em outros níveis.

Apresentadas as fontes analisadas, seria útil um breve comentário sobre as informações que pudemos obter e que servirão como auxílio para a nossa síntese, assim como os elementos passíveis de serem correlacionados com os dados arqueológicos. Na análise destas fontes, constatamos que existem, em menor ou maior quantidade, dados que podemos utilizar sobre os seguintes itens:

I - Território - Dados em termos de extensão, demarcação de fronteiras, formas de ocupação dentro de uma região, descrição do meio natural em termos de fauna, de flora e de disponibilidade de recursos.

II - Padrão de Estabelecimento - Tipo de agrupamento, localização, número de habitações por aldeia, distância e relação entre as aldeias dentro de um território, alianças e guerra. Quanto aos números, existe uma certa concordância em

relação ao tempo de duração das aldeias, mas uma grande discrepância em relação à densidade populacional.

III - Padrão de Subsistência - Dieta básica, técnica de obtenção, em termos de produção e de coleta. Em algumas regiões pode-se inferir o ciclo anual de subsistência. Existem maiores informações sobre os produtos consumidos do que em relação aos artefatos ligados à sua obtenção. Somente em relação à cerâmica existem descrições detalhadas sobre a confecção e uso, referentes à preparação e armazenamento de alimentos e sua utilização no contexto ritual, antropofágico e funerário.

IV - Organização Social - Informações diretas e indiretas sobre as relações de parentesco, relação dentro das casas comunais, com poucos dados sobre a diferenciação funcional das habitações. A existência de uma diferenciação de *status* pode ser inferida através do comentário sobre o uso de determinados adornos, certas práticas e sobre o papel ou importância de certos personagens especificamente mencionados. A organização do poder aparece mencionada apenas em algumas situações. A menção de festas e autodenominação tribal aparecem em vários textos.

Alguns aspectos da organização destes grupos merecem ser comentados como item à parte, dada a quantidade de informações disponíveis e o papel que devem ter desempenhado na sua estrutura tribal. Podemos mencionar a guerra e o ritual antropofágico como dois aspectos que, com menor ou maior detalhamento, aparecem constantemente nas crônicas, e pela sua constância e importância, devem ter chamado a atenção.

Podemos resumir os dados obtidos da seguinte forma:

V - Guerra - Sobre este item os dados são concordantes, principalmente em relação ao tipo de ataque e ao tratamento dado aos vencidos. O motivo e a

	Cartas e Relações Primitivas	Relatos de Viagem	Crônica Geral	Crônica das Invasões	Crônica Religiosa
S F. C.	Carta de Pero Vaz de Caminha (1500)	O diário de expedição de Fernão de Magalhães A.Piagafesta (1519/1522)	Tratado da terra do Brasil e história da Província de Santa Cruz - Pero M. Gândavo (1576)	Singularidades da França Antártica. Andre Thévet (1555/1556)	Cartas de Anchieta (1540/1560)
	Relação do Piloto António (1500)	Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530)	Tratado descritivo do Brasil em 1587. Gabriel Soares de Sousa	Viagem a Terra do Brasil Jean de Léry (1557/1558)	Cartas dos primeiros Jesuítas no Brasil. Serafim Leite
X V I	Cartas de Américo Vesputio (1502/1504)	Dois viagens ao Brasil Hans Staden (1554)			Tratados da Terra e gente do Brasil Fernão Cardim (? 1584)
	Carta de Diego Garcia (1526/1527)	Relatos de la Conquista del Rio de La Plata y Paraguay 1534-1554 V.Schmidel.			
	Carta de Luiz Ramirez (1528)	Comentários de Álvaro Nunes Rabeza de Vaca por P. Hernandez (1544/1545)			
S E. C.			La Argentina - Ruy Diaz de Guzman (1612)	História da Missão dos padres capuchinos do Maranhão - Claude d'Abbeville (1612)	A Conquista Espiritual Antonio Ruiz de Montoya (1609/1639)
	X V I I		História do Brasil- Frei Vicente do Salvador (1627)	Viagem ao Norte do Brasil entre os anos de 1613 e 1614 - Yves d'Evreux	

Quadro 1 - Fontes primárias que foram utilizadas



freqüência aparecem em várias fontes e dados que, à primeira vista, podem parecer sem importância, em virtude da impossibilidade de identificação no contexto arqueológico, mas que indiretamente poderão contribuir, ao lado de outros elementos, para a análise do tipo de estabelecimento atribuído a estes grupos e que tem sido resgatada pelos arqueólogos.

VI - Ritual Antropofágico - A informação que aparece constante nas crônicas é de que "eles comiam uns aos outros", isto é, que comiam carne humana. Os detalhes da prática e as descrições sobre o ritual aparecem sempre concordantes, variando o nível de profundidade com que o assunto é tratado. Arqueologicamente, pelo menos como têm sido realizadas as escavações, estes fatos só podem ser inferidos através dos artefatos que aparecem nas descrições sobre os preparativos para a sua realização.

De um modo geral, estes são os principais aspectos que estamos considerando, sendo que outros, mais específicos e associados a certas áreas, deverão ser questionados dentro da nossa proposta.

## FONTES ARQUEOLÓGICAS

Parte da bibliografia arqueológica referente aos grupos tupi-guaraniq já foi objeto de estudo anterior (Scatamacchia, 1981), quando fizemos um levantamento sistemático do material brasileiro. Este trabalho resultou na elaboração de uma bibliografia comentada e na apreciação detalhada dos títulos correspondentes a cada estado do Brasil (quadro I, op. cit.: 35).

Naquela ocasião, como o objetivo foi tentar caracterizar o que se denominava tradição tupiguarani, nos propusemos a fazer um levantamento

exaustivo de toda bibliografia que mencionasse qualquer referência à cultura material destes grupos. Dentro deste critério tão amplo de seleção, o levantamento resultou em uma bibliografia heterogênea. Este levantamento, feito até 1980, foi agora atualizado até 1988, sendo que apresentaremos na bibliografia final apenas os títulos anteriores a esta data, mencionados especificamente. As obras, cujos dados já foram processados, poderão ser consultadas, se necessário, no trabalho anterior.

Além deste material, foram levantados os trabalhos provenientes das regiões situadas além do território nacional, onde material arqueológico com características semelhantes tem sido encontrado. Esta área de ocorrência corresponde aos atuais limites do Paraguai, noroeste da Argentina e Uruguai, obedecendo mais ou menos os limites que puderam ser observados pelos primeiros cronistas.

De um modo geral, as publicações podem ser caracterizadas segundo três preocupações fundamentais: trabalhos que relatam a ocorrência de artefatos isolados, apresentam relatos de escavações sistemáticas e obras de cunho teórico e interpretativo.

Como o caráter e o tipo de abordagem estão ligados ao desenvolvimento da pesquisa arqueológica, teremos que apresentar os comentários sobre a bibliografia tupi-guarani por países, pois o desenvolvimento da disciplina se deu em períodos e etapas diferentes.

Retomando as colocações feitas na análise anterior, podemos resumir, para o Brasil, o quadro de desenvolvimento da pesquisa arqueológica em relação ao tipo de publicações acima mencionadas.

Em uma análise da arqueologia brasileira, Altenfelder Silva (1967, 1963), deixando de lado as pesquisas feitas em caráter individual, aponta três etapas básicas. A primeira teria sido a criação da cadeira de pré-história na Universidade de São Paulo, a partir da proposta feita em 1954, durante o XXXI Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo. A segunda, a criação na

Universidade do Paraná, do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, que constituiu um marco importante na sistematização das pesquisas e do ensino. A terceira etapa foi atingida em 1963, durante a VI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo, com uma secção de pré-história, onde foi feito um balanço dos conhecimentos conseguidos e teve início o diálogo e a cooperação entre os arqueólogos brasileiros.

Continuando a análise de Altenfelder Silva, gostaríamos de mencionar mais três momentos marcantes dentro da arqueologia brasileira. Poderíamos acrescentar como uma quarta etapa, a criação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que, introduzindo uma nova metodologia de trabalho, sistematizou e acelerou as pesquisas em diversos estados. Criado em 1965, na cidade de Curitiba, reuniu arqueólogos de vários estados que, partindo de uma mesma metodologia e nomenclatura, procuraram elaborar um quadro geral das principais ocupações ao longo do litoral e das principais bacias fluviais<sup>7</sup>.

A criação de uma área de concentração em arqueologia dentro do curso de pós-graduação em antropologia social na Universidade de São Paulo, a nível de mestrado e doutorado, pode ser considerado outro marco. Este fato veio possibilitar a formação de profissionais, que até então vinha sendo feita com dificuldades e poucas alternativas. As possibilidades eram a formação no exterior, a aprendizagem autodidata ou a organização de cursos e seminários convidando profissionais de outros países. Outro fato, que deverá estabelecer mais um marco na história da arqueologia brasileira, é o que nós estamos vivendo recentemente com a criação de pós-graduação em arqueologia, a nível de mestrado e doutoramento, a partir de 1989, no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. A

---

7 O PRONAPA representou um esforço coordenado entre pesquisadoras e professores de 11 universidades e museus brasileiros, sob a orientação de Betty Meggers e Clifford Evans, e o patrocínio da Smithsonian Institution. Posteriormente a este programa foi criado o PRONAPADA, com o objetivo de realizar o mesmo tipo de trabalho na bacia Amazônica.

existência de um curso, e não mais de uma área de concentração, vai possibilitar que a pesquisa arqueológica no Brasil efetue o salto necessário para se igualar e participar do debate teórico e metodológico que está acontecendo nos outros países americanos. Porque, considerando as etapas do desenvolvimento da arqueologia americana, estabelecidas por Willey e Sabloff (1980), a arqueologia brasileira, tendo já ultrapassado os estágios especulativo e descritivo, estaria ainda em um estágio classificatório (*The Classificatory Historical Period*), não tendo atingido o nível interpretativo. Com um atraso de duas décadas, ainda não chegamos a debater as posições interpretativas que foram sistematizadas a partir da década de 60, principalmente pela "New Archeology", cujo enfoque principal diz respeito à elucidações dos processos culturais, e sobre a qual já foi elaborada uma numerosa literatura posterior, que procura avaliar e discutir aquelas primeiras colocações do movimento.

Apresentado este quadro, podemos verificar que cronologicamente as publicações acompanham estas tendências. Podemos acrescentar que, dentro das principais preocupações enfocadas nas primeiras publicações sobre a arqueologia no Brasil, não se encontravam os grupos ceramistas, que na verdade passaram a ser melhor conhecidos depois do trabalho desenvolvido pelo PRONAPA. Na verdade, os interesses primeiros estiveram voltados para o estudo dos sambaquis e da antiguidade do homem americano, ligado às descobertas de Lagoa Santa.

Os trabalhos que enfocam achados isolados pertencem a uma fase empírica em que as pesquisas arqueológicas ainda não estavam bem definidas no Brasil. Estas publicações, realizadas principalmente no final do século XIX e começo do século XX, apresentam como tônica o caráter pitoresco dos achados, mencionados sobretudo nos relatos de viagem, ou sobre os objetos depositados em museus e enviados das mais diversas regiões. Mesmo não oferecendo dados sobre o contexto em que foram encontrados, estas obras são uma fonte complementar de informação

para a pesquisa sistemática e constituem ainda para algumas regiões, as únicas indicações.

A preocupação em correlacionar as informações sobre a cultura material tupi-guarani, descobertas em vários pontos do país, com as peças depositadas em museus estrangeiros, buscando sistematizar o conhecimento sobre estes grupos, aparece pela primeira vez na obra de Alfred Métraux (1928, 1948, 1979).

Mas é somente a partir da década de 60 que começam a aparecer trabalhos sistemáticos com a preocupação de identificar os sítios de ocupação e o papel do objeto dentro do grupo social. São coincidentes com o período de desenvolvimento contínuo das pesquisas arqueológicas, que aparecem já ligadas a projetos amplos filiados às instituições oficiais, que passam a editar as principais publicações. Datam dessa década os principais trabalhos que buscam sistematizar o conhecimento sobre as culturas arqueológicas brasileiras e conceituar as principais categorias envolvidas no estudo da arqueologia. Nesta época foram publicadas obras como a **TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERÂMICA** (Chymyz, 1966)<sup>8</sup> e **ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM 1968**, quando o PRONAPA publica a síntese dos trabalhos realizados desde 1965, que mostra o panorama geral dos conhecimentos sobre a arqueologia brasileira. Como o término do programa foi publicado o **ÍNDICE DAS FASES ARQUEOLÓGICAS BRASILEIRAS** (Simões, 1972), obra de referência para todas as fases identificadas durante esse período.

Na década de 70, com o avanço das pesquisas arqueológicas e o aumento no quadro de conhecimentos, aparecem alguns trabalhos sobre os Tupi-Guarani com uma problemática mais ampla, buscando uma interpretação para os informes conhecidos. Dentro desta linha mencionamos principalmente os trabalhos de Brochado (1973) **MIGRACIONES QUE DIFUNDIERON LA TRADICIÓN**

<sup>8</sup> Estamos utilizando e citando na bibliografia a versão revisada, publicada em 1976.

ALFARERA TUPIGUARANI e DESARROLLO DE LA TRADICIÓN CERÁMICA TUPIGUARANI. Na verdade, é a partir das pesquisas desenvolvidas nos diversos estados, examinadas adiante, que foi possível estabelecer as principais características e as delimitações geográficas das tradições ceramistas identificadas no Brasil, possibilitando a troca de informações e o debate entre pesquisadores de diferentes regiões, resultando em publicações do tipo TEMAS DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - 5: OS CULTIVADORES DO PLANALTO E DO LITORAL (Schmitz, Barbosa e Ribeiro, 1978/79/80).

Ainda dentro desta preocupação de estabelecer um quadro geral, sistematizando os dados conhecidos, podemos citar o nosso trabalho TENTATIVA DE CARACTERIZAÇÃO DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI (Scatamacchia, 1981) e o de Brochado (1984) AN ECOLOGICAL MODEL OF THE SPREAD OF POTTERY AND AGRICULTURE INTO EASTERN SOUTH AMERICA, que vai além, com propostas interpretativas mais amplas para o desenvolvimento desta tradição, vista por ele, agora, dentro da abrangência da cerâmica policrômica.

A interferência de grandes obras de engenharia, principalmente hidrelétricas, no ambiente tem forçado o desenvolvimento da arqueologia de salvamento. Como resultado, temos a publicação de relatórios correspondentes a extensas áreas, sendo de grande interesse para o nosso estudo os produzidos em decorrência do projeto elaborado em função da construção de Itaipu, que abrigava em tempos históricos grande concentração populacional guarani, assim como os provenientes de outras obras ao longo do Paraná e Paranapanema (Chmyz, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1984).

A quantidade do material coletado em outros países, é menor, em consequência não apenas da dimensão territorial correspondente, mas também do pequeno número de evidências e de representatividade cultural destes grupos, como

é o caso do Uruguai e da Argentina, e ainda como decorrência da falta de pesquisas arqueológicas, situação do Paraguai.

No Uruguai a pouca representatividade da subtradição guarani, não propiciou um interesse no desenvolvimento de trabalhos específicos sobre o tema. Os trabalhos levantados com informação sobre a cerâmica guarani são recentes, como é recente o desenvolvimento da arqueologia sistemática nesse país<sup>9</sup>. Gostaríamos de ressaltar a dificuldade de consulta do material, pela existência de trabalhos publicados sob a forma de manuscritos e de circulação regional. As pesquisas mais recentes acham-se, na sua maioria, publicadas sob a forma de comunicação em congressos e encontros, cujos anais tiveram uma distribuição limitada.

O grande projeto de salvamento de Salto Grande, no rio Uruguai, com a participação de uma equipe internacional, parece ter dado um impulso na arqueologia uruguaia e gerou vários trabalhos em que aparece a presença de cerâmica guarani (Diaz e Rouco, 1977; Diaz, 1977, 1985). Incluímos alguns trabalhos que buscam a sistematização da cerâmica (Diaz, s.d.; Diaz e Fornaro, 1977), embora o enfoque não seja específico para a guarani.

Algumas áreas mereceram melhor atenção, como a do rio Uruguai/rio Negro e as áreas alagadiças do litoral, onde se buscou dar continuidade às pesquisas que se desenvolveram no Brasil em áreas contíguas (Schmitz, 1973) ou com a participação de arqueólogos brasileiros (Boreto e outros, 1973; 1974). Estes trabalhos procuraram através da metodologia estabelecida pelo PRONAPA, fornecer dados comparativos.

Na Argentina, embora a arqueologia feita de forma científica tenha começado no início do século, a proliferação das pesquisas e publicações se intensificou a partir da segunda metade do século. A existência desta tradição

---

<sup>9</sup> As publicações levantadas datam, na sua maioria, da década de 70.

arqueológica pode ser bem entendida com o exame dos dois primeiros parágrafos do discurso pronunciado por Rex Ganzales (1975), na abertura do primeiro congresso de Arqueologia Argentina.

*"En la historia de las ciencias de nuestro país, la prehistoria, la arqueología y, en general, las diferentes ramas de las "Ciencias del Hombre", tienen un lugar de privilegio en lo que se refiere al momento en que comienzan a cultivarse. En efecto, ellas figuran entre las primeras disciplinas que hacia fines del ochocientos atraen el interés de nuestros estudiosos y en ellas se formaron los primeros hombres de ciencia que produjo nuestra tierra. Mientras en los otros países de América Latina, estas disciplinas son introducidas en épocas posteriores a su formación por investigadores europeos o norteamericanos, entre nosotros estas ciencias no sólo comienzan de manera casi paralela a su desarrollo en el Viejo Mundo, sino que quienes echan aquí las primeras simientes fueron investigadores nativos formados en nuestro propio medio.*

*Basta mencionar los nombres de Florentino Ameghino, Juan B. Ambrosetti y Félix Outes para comprender la exactitud de este aserto y junto con sus nombres, recordar sus obras. La monumental publicación del primero de los nombrados La Antigüedad del Hombre en el Plata, por la madurez del método y la técnica, como por el uso de fuentes etnohistóricas, de la ciencias auxiliares y el trabajo de campo realizado, puede ser comparada con cualquiera de las obras europeas de ese momento" (op. cit.: 23).*

Apesar desta situação de vanguarda, o mesmo não se deu em relação à arqueologia guarani, pois foi o noroeste argentino que recebeu, desde o início, a



atenção dos pesquisadores. Nesta região estavam concentradas as culturas mais desenvolvidas, em decorrência das influências irradiadas da área nuclear andina, fazendo parte do que, com o sul da Bolívia e o norte do Chile, culturalmente se define como Andes Meridionais. O interesse pode também ser explicado pela maior concentração populacional e pelo tipo de vestígios deixados, constituídos por estruturas permanentes, diferentes daqueles do resto do país, onde os grupos viviam em habitações feitas de material perecível.

Entretanto, a presença de cerâmica guarani tem sido mencionada desde a publicação dos primeiros trabalhos, ainda de caráter empírico (Ambrosetti, 1984, 1985).

Apesar das tentativas de Torres (1911) e de Outes (1889, 1918) de incluir o nordeste no foco das atenções, e dos trabalhos posteriores de Aparicio (1936, 1932, 1926) e de Vignati (1936), e da pesquisa de Lothrop (1932) em Arroyo Malo, é somente a partir da década de 60 que os trabalhos sistemáticos puderam fornecer um quadro da seqüência cultural dessa região (Cigliano, 1968, 1971; Cerutti, 1973; Serrano, 1972; Lafón, 1971; Schmitz e outros, 1980; Caggiano, 1983/84).

A área do médio Uruguai, correspondente ao projeto Salto Grande, também gerou em território argentino algumas publicações, produto das pesquisas realizadas sob a orientação de Cigliano (Cigliano e outros, 1971; Cigliano, 1968).

Com relação à área do Chaco, as publicações referem-se ao encontro de cerâmica em camadas superficiais, indicando a presença guarani nesta parte do território argentino, mas sem precisar o tipo de ocupação.

Mas é na área de maior concentração populacional guarani, Misiones, que começaram a se desenvolver pesquisas que visavam ao conhecimento e à caracterização desta cultura, que começou com a obra de Menghin (1956, 1957) e continuou com seus seguidores (Rizzo, 1969, 1980; Rizzo e Giesso, 1985; Giesso, 1985).

Pudemos examinar alguns trabalhos que tiveram a preocupação em correlacionar estes dados com os de áreas vizinhas (Menghin, 1957; Schmitz, 1980).

Apesar do trabalho monumental de M. Bertoni (1914, 1922) sobre os Guarani, a arqueologia paraguaia encontra-se ainda em um estado incipiente, com poucos profissionais atuando. A maioria das informações sobre estes grupos na região paraguaia estão contidas nos trabalhos de Susnik (1975, 1982, 1983), com base na documentação textual e etnográfica.

A presença da cerâmica guarani tem sido mencionada sob a forma de achados isolados ou sob a forma de descrição de coleção (Pride, 1926, Schmitz, 1934). Sobre coleções, merece uma menção à parte o Guia de Museu do Museu Andres Barbero, desenvolvido por Susnik (1986) e a publicação ARTESANIA INDIGENA (1986), onde existe a preocupação de tratar o objeto dentro do seu contexto mais amplo.

Sobre a área do Chaco, temos o mesmo quadro que o do lado argentino, pois as publicações de Miranda e outros (1967, 1968) informam apenas sobre a presença de cerâmica guarani nesta região.

O projeto desenvolvido por Diaz Roig, na região de Itaipu, cujos resultados deveriam constituir a documentação mais completa sobre a ocupação guarani, não foi publicado de forma sistemática. Os dados que possuímos são provenientes de informação pessoal da arqueóloga e de um resumo publicado em um suplemento jornalístico local.

Dentro desta bibliografia arqueológica, para a área que foi uma das principais concentrações guaranis, merece ser salientado o trabalho de Moraes e Perasso (1984) que, através de escavações sistemáticas no sítio Marcelina Kue, puderam elaborar a única planta de aldeia para esta região.

Ante o esboço do quadro das fontes arqueológicas disponíveis devemos ter em mente que muitas das dificuldades e imprecisões na elaboração de uma síntese

são produto do tipo de dados que temos em mãos, da heterogeneidade das informações, da falta de elementos pela ausência de pesquisas em determinadas regiões, do que reflexo da situação real, o conhecimento global ainda está distante de nós, mas que poderá ser alcançado, desde que sejam detectadas as falhas e apontados os caminhos.

	sec XIX	1ª metade do sec XX	2ª metade do sec XX	TOTAL
TRABALHOS GERAIS		6	45	51
ARGENTINA	2	7	21	30
BRASIL	4	21	228	253
PARAGUAI		5	12	19
URUGUAI			15	15
TOTAL CONSULTADO				368

QUADRO 2 - Distribuição do número de publicações por época e país.

## CAPÍTULO III - COMPLEXO CULTURAL TUPI-GUARANI: CARACTERIZAÇÃO E ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO

### CARACTERIZAÇÃO CULTURAL E ROTAS DE EXPANSÃO

As culturas de floresta foram definidas por H. Lowie (1949) no **HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS**, com os seguintes traços diagnósticos: cultivo de raízes tropicais, especialmente a mandioca amarga, navegação bem desenvolvida, uso da rede como cama e a manufatura da cerâmica. A explicação para a ampla distribuição destes traços é dada em função da navegação.

*"Thanks to their mobility, the canoeing tribes were able to maintain themselves in the midst of boatless populations, to travel with ease over periodically inundated tracks and to diffuse their arts and customs over enormous distances. The combination of this technological facts with natural conditions has produced the extraordinary leveling of culture (acculturation in german parlance) in this area" (op. cit: 1)*

O mapa onde aparece a delimitação das regiões que estariam sob esta conceituação mostra quase toda a região a leste da cordilheira dos Andes, que inclui a área de ocupação dos grupos de filiação linguística tupi-guarani, da Amazônia e da costa Atlântica. ( Fig. 1)

A classificação dos grupos tribais sul americanos<sup>1</sup> tem sido feita segundo esta conceituação geral. Com relação à Amazônia esta caracterização homogeneizante já tem sido contestada, graças aos resultados de estudos etno-históricos e arqueológicos posteriores, que apontam para a existência, em tempos passados, de uma situação diferente daquela identificada na época. Pensamos que, também em relação aos grupos de fala tupi-guarani, algumas diversidades devem ser apontadas como forma de precisar esta conceituação generalizante.

A área ocupada por indígenas da família lingüística tupi-guarani, segundo as informações etno-históricas, era imensa, correspondendo a todo o leste da América do Sul, desde o norte do Amazonas até o rio da Prata, da costa Atlântica até a região do Chaco. Entretanto, com os dados arqueológicos que possuímos até agora, somente parte desta área coincide com o da distribuição da tradição ceramista associada a esta etnia. (Fig. 2)

Quando se trata de uma dispersão de um conjunto de traços culturais por uma área tão grande, só se pode pensar em movimento de população, a idéia de migração sendo reforçada pelo fato de terem sido constatados alguns destes movimentos em épocas históricas. Deslocando-se por imensos espaços e ao longo de grandes lapsos de tempo, estes grupos tiveram a oportunidade de entrar em contacto com portadores de outras tradições regionais, assim como tiveram que se adaptar a diferentes ambientes. Estas interferências ocasionaram algumas mudanças, que, no momento, nos permitem identificar duas sub-tradições, mas certas características permaneceram reconhecíveis como tal pelo menos por mil anos.

De um modo geral, os portadores desta tradição se deslocaram acompanhando a distribuição da floresta tropical. Mas, mesmo considerando que **este seja o seu habitat, encontramos vestígios desta ocupação desde as áreas alagadiças circunvizinhas da Lagou dos Putos, no Rio Grande do Sul e Uruguai, até o Nordeste semi-árido.**

<sup>1</sup> Estamos utilizando aqui o termo tribo conforme a seguinte conceituação: *"Entenda o termo 'tribo' como nação no seu sentido mais antigo, um corpo de pessoas de origem e costumes comuns, que possui e controla toda a extensão do seu território"* (Sahlins 1970: 7).

Estes grandes deslocamentos, que atravessaram meio continente, devem ser pensados levando-se em conta a facilidade de movimentação destes grupos e não a nossa referência de caminhos e distâncias. Para o Índio, possuidor de uma técnica naval desenvolvida, quase toda a zona tropical e parte da temperada da América do Sul estão ligadas por grandes vias fluviais fáceis de percorrer. Não existem obstáculos que demarquem as duas grandes bacias hidrográficas, a Amazônica e a do Prata. A inundação anual das planícies de Mojos e do grande chaco submerge as bacias dos rios Madeira e Paraguai, transformando-as num vasto mar de água doce que possibilita a criação de uma rede de caminhos fluviais que se estende até o estuário do Plata.

O conhecimento da comunicação entre as duas bacias é apontado em mapas desde 1559, onde o território aparece circundado pelas redes platina e amazônica, sendo que os esboços destas cartas geográficas foram feitos a partir da informação dos indígenas (Cortésão, 1952)

O conhecimento destas coordenadas geográficas é também mencionado pelo Padre Simão de Vasconcelos na sua Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil.

*"Contam os Índios versados no sertão, que bem no meio dele são vistos darem-se as mãos estes dois rios (Amazonas e Prata), em uma alagoa fumosa ou lago profundo de águas que se ajuntam nas vertentes das grandes serras do Chile e do Peru, e demora sobre as cabeceiras do rio que chamam de São Francisco, que vem desembocar ao mar em altura de dez graus e um quarto; e que desta grande alagoa se formam os braços daqueles grossos corpos; o direito ao das Amazonas, para a banda do norte; o esquerdo ao da Prata, para a banda do sul; e que estes abarcam e torneam todo o sertão do Brasil; e que com o mais grosso do peito, pescoço e boca, presidem ao mar. Verdade é, que com mais larga volta se avistam mais ao interior da terra; encontrando-se não águas com águas, mas avistando-se tanto ao perto, que distam somente duas pequenas léguas; donde com facilidade os que navegam corrente acima*

*dum destes rios, levando as canoas às costas aquela distância entreposta, tomam a navegar corrente abaixo do outro; e esta é a volta com que abarcam estes dois grandes rios duas mil léguas de circuito” (Cortesão 1952: 458).*

A observação deste fenômeno, da possibilidade e facilidade de comunicação entre as redes fluviais, é de grande importância para o entendimento da distribuição dos povos primitivos nesta parte do território americano.

*“E a priori, poderíamos supor que a esta vastíssima unidade geográfica, tão fortemente enlaçada e vivificada por um sistema arterial, rico de anastomoses, supondo igualmente uma unidade humana e cultural” (op. cit.: 460)*

Pode-se, observando esta difusão ripária, perceber o seu caráter circular e entender a denominação de língua geral, dada ao idioma comum falado por estes grupos, o que leva a uma melhor compreensão da expansão e unificação do território, fato que foi posteriormente aproveitado pelos portugueses. Cabe, portanto, a pergunta se a língua geral não explicaria a transmissão ampla dos traços culturais? A resposta é dada por Nordenskjöld:

*“Os portugueses, que usavam a língua guarani como uma espécie de língua franca, língua geral, contribuíram possivelmente para a vasta distribuição de palavras guaranis designando elementos culturais post-colombianos. Mas a mesma disseminação de certas palavras post-colombianas não pode ser invariavelmente explicada pela língua geral, mas apenas pelas extensas peregrinações dos guaranis durante a primeira parte do século XVI” (op. cit.: 462).*

O conhecimento geográfico por parte dos indígenas parece evidente quando se reflete sobre estas informações, às quais devem ser somados o conjunto de

traçados, o Peabiru<sup>2</sup>, que foi descrito pelos jesuítas com o nome de caminho de São Tomé. Foram eles que comunicaram aos primeiros portugueses os elementos essenciais para a formação de uma visão geográfica do Brasil, principalmente da facilidade de comunicação entre o Paraguai e o Madeira.

*"Esses dois rios, na região dos seus altos cursos ou dos seus afluentes, perdem-se periodicamente em vastos lagos, pantanais ou banhados. É o que sucede com o Paraguai no Pantanal do Xaraies, e com o Paititi e o Guaporé, afluentes do Madeira, como pode ver-se na carta do coronel Jaguaribe de Matos" (op. cit: 466).*

Esta última colocação de Cortesão chama atenção para o fato de que desde cedo estes conhecimentos foram documentados, o que só seria possível aos portugueses recém chegados com as informações dos antigos habitantes.

O domínio geográfico assume portanto uma importância fundamental para se compreender a distribuição e a circulação dos grupos de filiação tupi-guarani.

Segundo Viveiros de Castro (1986: 106):

*"A primeira coisa a chamar a atenção de quem quer que examine a bibliografia referente aos povos de língua tupi-guarani é a associação entre uma diferenciação mínima ao nível lingüístico, uma dispersão máxima em termos geográficos e uma não menos heterogeneidade no que tange à morfologia social"*

Se a ligação entre os dois primeiros fatores pode ser atribuída ao complexo migratório tupi-guarani, o último item deve-se provavelmente à adaptação a diferentes ambientes e a influências culturais diversas.

---

<sup>2</sup> Peabiru era o caminho dos índios, que de São Paulo baixando até as nascentes do Tibagi, seguindo depois pela margem esquerda do Paranapanema e descendo o Paraná, seguia o Ivinhema até quase as suas nascentes, atravessando por terra até as cabeceiras do Corrientes ou Apa e, subindo o Paraguai até as alturas do porto de São Fernando, entrava no atual território da Bolívia, na região onde nasce o Madeira.



O ambiente ideal para estes grupos horticultores era a selva úmida. Deste modo, a eleição de um habitat com zonas climáticas com altos índices de pluviosidade, estação seca reduzida e temperaturas médias elevadas deve estar relacionada desde o princípio com a busca de climas e solos apropriados à agricultura de coivara que eles praticavam. Este tipo de agricultura, que é melhor definido com o termo horticultura, é de escala limitada, sendo a sua principal desvantagem a grande extensão de terra arável requerida. A densidade de população é, portanto, freqüentemente menor que a mantida pela agricultura intensiva de arado. A necessidade de novas terras deve ser apontada como a principal propulsora da grande movimentação destas tribos.

Na relação com o meio ambiente, a procura da delimitação das áreas de ocupação está ligada ao nível sócio-econômico desses grupos, que possuem um grau elevado de dependência das condições ambientais, dada a configuração social pouco diferenciada e a conseqüente limitação tecnológica, que não permite grande flexibilidade de atuação.

E foi justamente ocupando estes ambientes que os europeus encontraram estes grupos, assim como os vestígios arqueológicos da sua atividade passada foram posteriormente detectados.

A língua permanece como elemento de persistência entre estes grupos, a homogeneidade lingüística carregando também uma memória cultural, que pode explicar, de alguma forma, a preservação de certos traços através do tempo e do espaço.

As várias formulações sobre a origem e dispersão tupi-guarani, foram sistematizadas anteriormente (Scatamacchia, 1981), sendo aceita a origem amazônica, apesar das diferentes considerações, pelas propostas mais relevantes. Tentaremos, adiante, apresentar os pontos que serviram de suporte para o nosso trabalho e que vêm sendo mencionados nas propostas mais recentes sobre o assunto, como a de Brochado (1984), por exemplo.

Quase todas as famílias lingüísticas do tronco tupi, até agora reconhecidas, concentram-se na região do Guaporé, alto Madeira, particularmente entre os rios Guaporé e Jiparaná. Com base em critérios glotocronológicos, que consideram

como o lugar de origem de um tronco o lugar em que existe o maior número de famílias lingüísticas aparentadas, Dall'igna Rodrigues (1965) situa o centro de dispersão do tronco tupi nesta região há 5.000 anos, ou seja, mais ou menos 3.000 AC. A família lingüística tupi-guarani teria se desprendido do tronco original desde uns 2.500 anos, ou 500 AC, tendo chegado próximo à costa atlântica cerca de 500 AC.

Usando o mesmo critério, Migliazza (1982) também situa o local de origem entre os rios Jiparaná e Aripuanã, tributários da margem direita do rio Madeira, com estimativa para a sua origem ao redor de 5.000 anos, sendo essa área considerada como refúgio florestal.

A Amazônia experimentou períodos alternados úmidos e secos, com datação que localiza o episódio mais recente entre 3.000 e 2.000 anos passados, tornando-o, desta forma, contemporâneo à data estimada para a dispersão tupi-guarani. Mudanças climáticas, com intensidade suficiente para causar drásticas alterações na vegetação, afetaram seriamente a subsistência das áreas atingidas, o que aumenta a probabilidade de tal correlação.

Segundo as reconstituições feitas pelos ecólogos, algumas áreas de refúgio estão próximas à terra natal dos tupi-guarani. As famílias que experimentaram amplas dispersões teriam habitado as regiões ligeiramente mais secas e foram as primeiras a serem afetadas (Meggers, 1972).

Pesquisas arqueológicas futuras poderão aclarar estas formulações, sendo que os resultados conhecidos até agora, para esta área, confirmam basicamente esta proposta. Miller (1983), tendo trabalhado na área do alto-médio Guaporé, comenta sobre a situação:

*"As condições antropófilas destes refúgios concorrem positivamente com a idéia de terra natal pela contenção populacional enquanto refúgio, e como centro dispersor por condições de coalescência florestal e consequente ampliação da área antropófila. A condição antropófila do refúgio Rondônia-Aripuanã viabiliza a hipótese de sua condição de terra natal do Tronco Tupi, segundo as proposições lingüísticas" (op. cit.:282).*

Na área do Itaitim pode ser identificada uma cerâmica<sup>3</sup> que se enquadra, segundo este mesmo autor, dentro da subtradição corrugada da tradição tupiguarani estabelecida para a faixa costeira. Mais ao norte, no alto-médio Guaporé<sup>4</sup>, os dados arqueológicos e etno-históricos mostram que a cerâmica da fase Corumbiara como obra do grupo Meketi, que manteve uma continuidade de ocupação na área. Da mesma forma, pode-se associar as evidências cerâmicas da fase Pimenteira ao grupo Pauserna. Estes grupos estão filiados ao tronco tupi, pertencendo a duas famílias lingüísticas distantes, tupari e tupi-guarani, respectivamente. Os traços diagnósticos dessas fases ceramistas do alto-médio Guaporé e do chamado "complexo arqueológico de los gomales", na Bolívia, permitem considerar estes complexos cerâmicos como pertencentes a uma única tradição, com características distintas da tradição tupiguarani da faixa costeira.

Entretanto, as lâminas de machado polido, com ou sem gargalo, e os torneadores (polidores ou alisadores de canaleta) do alto-médio Guaporé e os do sul da faixa costeira (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) apresentam uma semelhança morfológica que levou à seguinte interpretação por Miller (1983: 269):

*"Pode-se inferir, pois, que em tempos pretéritos poderia ter havido um certo vínculo cultural entre os grupos da família tupi-guarani, agora há mais de 2.000 isolados entre si. Equacionando a situação, antes dos tupiguarani se subdividirem, seriam de domínio e uso comum a lâmina de machado polido com e sem gargalo e os torneadores. Quando estes grupos tupi-guarani se separaram, ou ainda seriam pré-ceramistas ou portadores de uma cerâmica primitiva, morfológicamente muito simples e sem decoração. Quando os tupi-guarani e Tupari do alto Médio Guaporé atingiram as margens do rio Guaporé e baixo curso de seus*

3 Fases Jatobá e Verde, sendo a primeira indígena e a segunda provavelmente missionária (op. cit: 284)

4 Trecho do Guaporé entre o rio Plinho e o rio Mequens.

*afuentes, eles já possuíam uma cerâmica formada que teria evoluído paralelamente noutra área desconhecida".*

Entretanto, somente a intensificação das pesquisas arqueológicas nesta região e a evidência de ocupações ceramistas com datas mais antigas, contemporâneas ou pouco posteriores ao momento da dispersão, poderão, de fato, estabelecer alguns parâmetros para a reconstituição do processo. Pois, para as evidências cerâmicas das populações instaladas no alto médio Guaporé, a datação de 950 AD (Miller, 1983: 283) não pode ser correlacionada com a antiga movimentação em direção à costa, cuja datação mais antiga, até agora evidenciada, é de 475 AD. Neste sítio, identificado como de subtradição corrugada, a cerâmica aparece já com traços que a caracterizam como tradição, apresentando-se, nesta data, portanto no interior do Rio Grande do Sul, vale do Jacuí, com um quadro padrão básico já formado. Com estes fatos pode-se inferir, como aponta Miller, que neste período as respectivas línguas já estavam desvinculadas em subfamílias distintas e podemos seguir concluindo que sem vínculo cultural, produto de um núcleo formativo comum anterior.

Como as cerâmicas arqueológicas, identificadas na costa e vinculadas à mesma família lingüística, apresentam-se já desenvolvidas desde os estratos mais antigos, podemos presumir, com os dados até agora conhecidos, que houve uma dispersão inicial, devida a circunstâncias já mencionadas, de grupos que partilhavam de uma cultura comum, cujos traços persistiram ao longo dos deslocamentos e se modificaram em função das diferentes orientações, mas não possuíam a mesma identidade com os grupos que se fixaram posteriormente nesta suposta área de dispersão.

Outra questão a ser colocado é o da indicação de um outro ponto ao meio do curso do rio Amazonas, como foco de formação e de dispersão, como por exemplo o médio curso, segundo as propostas de Lathrap (1970, 1972), Brochado e Lathrap (1980) e Brochado (1984).

Os grupos que atingiram a costa do Atlântico e o estuário do Prata, e que no momento são nosso objeto de estudo, teriam partido desta região com uma

bagagem cultural já perfeitamente delineada, tendo já realizado as suas principais etapas de desenvolvimento, pois não pode ser identificada, nos sítios escavados até agora, nenhuma etapa pré-formativa que indique seqüências de um desenvolvimento local. As manifestações ceramistas apresentam-se já concretizadas a partir dos níveis mais antigos. Esta formação anterior ao período de dispersão também serviria para explicar a persistência de certos traços em toda a ampla área de expansão.

A antiga proposta de uma única via de dispersão, capaz de empreender uma rota que, saindo da Amazonia, teria descido até o alto Paraná e daí até o Atlântico, de onde teria subido pela costa até o norte do Brasil, parece no momento muito simplista. A formulação da hipótese de um movimento descendente do Amazonas e ascendente pela costa do Brasil, elaborada há vinte anos, quando das primeiras pesquisas sistemáticas, necessita ser revista (Pronapa, 1969; Brochado, 1973). Aliás é o próprio Brochado (1984) quem inicia a reformulação desta proposta, com base no modelo estabelecido por Lathrap para a distribuição dos Tupi. Levando em conta o modelo adaptativo e a produção ceramista, principalmente, considera a cerâmica atribuída aos grupos de fala tupi-guarani, Tupinambá e Guarani, como pertencentes ao que ele denomina "Amazonian Polichrome Tradition".

*"As a reflection of our gradually increasing understanding of these relationship, I will designate the pottery of Guarani and of Tupinambá as two subtraditions of the Amazonian Polichrome Tradition" (op. cit:3 03).*

As duas subtradições tiveram, segundo a posição de Brochado e Lathrap, o seu ponto de expansão no médio Amazonas, tendo se movimentado em sentidos opostos.

*"The Guarani territory comprised most of the Paraná-Paraguay and Uruguai water sheds, as well as the coast of Southern Brazil, Uruguay and northeastern Argentina. The Tupinambá territories comprised most*

*of the coast of northeastern and eastern Brasil, sections of some rivers of the interior such as the São Francisco, the Paraíba and the Tiete, and reached even to the head waters of Araguaia" (op. cit: 310).*

Parece que as comunidades ancestrais de falantes do Guarani e do Tupi se separaram quando da dispersão a partir da Amazônia, tendo permanecido separada por longo tempo, até o provável encontro na costa Atlântica, em um momento um pouco anterior ao da chegada dos europeus. O longo tempo de afastamento explicaria a ligeira diferenciação lingüística, e a aparente homogeneidade da cultura material estaria ligada à formação já consolidada da cultura matriz e à consequente estabilidade de certos traços culturais, característica da estrutura tribal.

Se anteriormente predominou a idéia de uma cultura tupi-guarani, homogênea, atualmente impõe-se cada vez mais a consciência de algumas diferenças que devem ser levadas em conta para o melhor entendimento da estruturação destas tribos.

Esta diferenciação já tinha sido percebida por Métraux (1928) em termos de distribuição de traços culturais. Resumindo a sua reconstituição:

*"Au point de vue scientifique, un seul point rest acquis: les tupi-guarani sont une race dont la culture se compose d'elements ayant en Amérique du Sud une distribution orientale et septentrionale. Comme aucune tribu tupi-guarani d'importance n'était établie à l'époque pré-historique sur la rive gauche de l'Amazonas et que l'occupation de la côte s'est faite à une date tardive, force nous est donc de placer le centre de dispersion des tribus de cette race dans l'aire limitée au nord par l'Amazonie, au sud par le Paraguay, à l'est par le Tocantins et à l'ouest par le Madeira" (op. cit: 312).*

O Tupi era falado do sul da foz do Amazonas ao longo de quase toda a costa Atlântica, do rio Pará e do baixo Tocantins até Cananéia, no sul do Estado de São Paulo, como também, em bolsões no interior, no alto e médio São Francisco, assim

como no alto Tietê. O Guaraní era falado em um trecho bem menor ao longo do litoral, do sul de Cananéia até o estuário do Prata, ocupando no interior as bacias do Paraná, Paraguai e Uruguai.

O conhecimento da existência de um limite entre Tupi e Guaraní está presente na obra de vários autores, e algumas regiões são apontadas como área limítrofe.

Para Métraux (1949), em seu artigo sobre os Guaraní que aparece no HANDBOOK:

*"The Guaraní were especially numerous in the Paraná Basin and in the Province of Guairá. There were also countless settlements along the tributaries of the Paraná river, the boundary between the Tupinakin and Guaraní being approximately the Tiete river. The Guaraní extend south to the province of Tape" (op. cit: 70).*

Este mesmo aspecto aparece na obra de Plínio Ayrosa (1967), quando cita a hipótese de Recalde:

*"Traçando uma linha reta, diz este ilustre autor, entre Iquitos, do rio Maranhão, no Peru e a cidade de São Paulo, teremos ao sul a "raça" Guaraní, que preferiu a zona temperada e, ao norte, a "raça" Tupi, que preferiu a zona tórrida"*

Além destes estudos, muitos outros apontam para esta diferenciação, através da citação de um limite geográfico, como os acima mencionados, ou simplesmente com a denominação de Tupi e Guaraní, para indicar os povoadores do sul e os do norte. Encontramos a consciência desta divisão também nos relatos da época, que testemunharam esta diversidade.

O padre Anchieta, que por tanto tempo esteve junto com os Tupi de São Paulo, comenta em várias cartas, esta distinção:

*"Além destes, há outra casta de índios grandemente disseminada por toda parte (a qual chamam carijós) em nada diferente destes no alimento, no modo de viver e na língua, todavia muito mais mansos e mais propensos às cousas divinas, o que claramente conhecemos pela conversação de alguns que conhecemos aqui entre nós, bastante firmes e constantes. Estes estão sob a jurisdição dos castelhanos, cujas casas fazem de boa mente" (1954 [1554]: 48).*

Outras observações encontradas em relatos da época do contacto atestam esta situação. Hans Staden, falando sobre a região de São Vicente, descreve sua ocupação da seguinte maneira:

*"Os portugueses que aí moram são amigos de uma tribo de selvagens brasileiros, os tupiniquins, cuja região se estende em oitenta milhas para o interior da terra e quarenta ao longo da costa. Os inimigos do sul são os carijós, os do norte chamam-se tupinambás" (1974 [1554]: 72).*

Na descrição da costa feita por Gabriel Soares de Souza em 1587, esta diferenciação é estabelecida nas mesmas regiões, quando apresenta a demarcação territorial, denominando as várias tribos:

*"Já fica dito como os Tamoios são fronteiros de outro gentio, que se chamam os guaianases, os quais têm sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e daí até o rio de Cananéia, onde ficam vizinhando com outra casta de gentios, que se chama os carijós. Estes guaianases têm continuamente guerra com os Tamoios, de uma banda, e com os carijós da outra, e matam-se uns aos outros cruelmente" (1971: 117).*

Em no capítulo seguinte, intitulado "Em que se declara a costa da Cananéia até o rio São Francisco", mostra o conhecimento desta diferenciação na distribuição



e ocupação territorial. No final das descrições e condições ambientais deste último rio mencionado, termina dizendo:

*"A terra deste rio é alta e fragosa e povoada de gentio carijó" (ibidem).*

Outra menção interessante sobre este assunto pode ser encontrada no "Diálogo do colóquio de entrada...", documento anexo da obra de Jean de Léry. Este colóquio, que reproduz a conversa entre o autor e um índio tupinambá, é apresentado em duas colunas, uma em tupi e a outra com o equivalente em francês. Deste texto retiramos o seguinte trecho:

*"'Karió' - Carijó (é outra gente que vive além dos 'Touaiaire', para os lados do rio da Prata; sua língua é idêntica à dos Tupinambás e Tupiniquins. A diferença das línguas ou linguagens da terra existe entre as nações acima nomeadas. Tupinambás, Tupiniquins, 'Touaiaire', 'Teureminon' e Carijós falam a mesma língua ou pelo menos pouca diferença existe entre elas tanto na expressão como no mais. Os Carajás têm maneira diversa de falar e obrar. Os Uetacás diferem em obras e língua tanto de uns como de outros. Os Ucañas igualmente têm outra maneira de falar e agir" (1980 [1578]: 77).*

Na nota 91, referente aos comentários sobre este diálogo, Plínio Ayrosa, responsável pela tradução do texto, faz um comentário que achamos pertinente reproduzir aqui:

*"Referindo-se aos 'Touaiaire', sem dúvida Tobajara, Léry estabelece certa confusão, pois já havia falado desta gente situando-a ao norte. Trata-se, a nosso aviso, de mau emprego da expressão Tobajara, que teria ouvido entre os Tupinambás do Rio de Janeiro. Esta palavra, significando apenas fronteira, adverso, etc., poderia ter sido empregada pelos Tamoios com referência a qualquer grupo desafeto, do norte ou do*

*sul, do litoral ou do interior. Como os Tupis de São Vicente não andassem às boas com os moradores do Rio, e como os Carijós se situassem, de fato, para além dos Tupis (de Cananéia para o sul), é perfeitamente compreensível que os Tamoios díssemos que os Carijós estavam para além dos Touaiaire, isto é, para além dos seus adversos (Tobajaras) em direção ao Prata" (op. cit.: 299)<sup>5</sup>.*

Mencionada a existência de diversidades, percebidas e justificadas através de diferentes rotas, da existência de fronteiras, podemos examinar alguns outros aspectos que permitiram a visão homogeneizante e a classificação primordial destes grupos dentro de um único complexo cultural.

Além da língua, cuja uniformidade foi mencionada pelos antigos cronistas e modernamente reconhecida pelos lingüistas, outros aspectos referentes à organização social parecem ter fornecido elementos para uma simplista conceituação homogeneizante, como veremos mais adiante.

As fontes antigas são unânimes na afirmação sobre a uniformidade lingüística, conforme podemos constatar em alguns exemplos abaixo mencionados.

*"A língua de que usam, toda pela costa, he huma: ainda que em certos vocabúlos n'algumas partes; mas nam de maneira que se deixem huns aos outros de entender" (Gandavo, 1976 (1576): 54).*

*"Ainda que os tupinambás se dividiram em bandos, e se inimizaram uns com outros, todos falam uma língua que é quase geral pela costa do Brasil..." (Soares de Sousa, 1971 (1587): 302).*

*"Em toda esta província, ha muitas e várias noções de diferentes línguas, porém uma a principal que compreende algumas dez nações de índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só língua ainda que em algumas palavras*

<sup>5</sup> A costa paulista deverá fornecer elementos importantes sobre esta questão, pois é dentro desta proposta que estamos desenvolvendo as pesquisas no baixo vale do Ribeira.

*descrepão e esta é a que entendem os portugueses" (Fernão Cardim, 1978(1625): 121).*

Mesmo nos relatos da área do Prata aparecem observações quanto à identidade lingüística. Schmidel, descrevendo os Guarani, quando se refere aos Tupi diz :

*"Su lengua es, con pequeñas diferencias la misma que la de los carios" (1986 (1534-1554): 104)*

Estas citações mostram que o fato aparece relatado em várias ocasiões porque esta peculiaridade, de uma mesma língua ser utilizada em uma faixa espacial tão ampla, foi de grande importância para os europeus em termos de comunicação e exploração.

O reconhecimento desta estreita relação entre as línguas é confirmada dentro dos estudos lingüísticos modernos.

Dall'Ignia Rodrigues (1964) considera o Tupinambá e o Guarani como dialetos dentro da família tupi-guarani, do tronco Tupi.

Foi, portanto, esta uniformidade lingüística que primeiramente serviu para dar uma noção de conjunto destes grupos. Considerando, entretanto, que língua, raça e cultura são variáveis independentes, a associação entre família lingüística e tradição cultural deve, primeiramente, ser demonstrada e não feita de maneira mecânica.

Contudo, como pôde muito bem perceber Meggers (1972), condições culturais ao longo do litoral brasileiro tornaram possível correlacionar a tradição ceramista aí identificada com os falantes tupi-guarani, mencionados na época do contacto. O fato das informações antigas relacionarem esta língua como a única que era falada nesta área, coincidindo com a presença de uma única tradição ceramista com distribuição geográfica semelhante, permite uma segura correlação.

Sem dúvida, a língua e os inúmeros significados que ela expressa são veículos de transmissão e manutenção da cosmovisão e dos suportes ideológicos da

organização social do grupo, que diretamente fogem ao nosso alcance, mas indiretamente são refletidos na cultura material, podendo ser resgatados através do registro arqueológico.

## CULTURA MATERIAL E TRADIÇÃO

Quando falamos em cultura material estamos nos referindo aos elementos concretos dos processos executados pelo homem, nas mais variadas tarefas, que tornam possível a sua adaptação aos mais diversos ambientes, isto é, ao conjunto de artefatos e outros traços deixados no contexto de ocupação. A cultura material não é uma parte da cultura, mas sim o resultado ou produto de determinadas ações.

Apesar de todo o alcance do seu estudo, não devemos perder de vista o âmbito restrito do comportamento humano a que ele corresponde, mesmo refletindo seu impacto com o ambiente e em relação a outras esferas.

A cultura material é um dos veículos que participa ativamente na comunicação, informação e manutenção de outras esferas de uma sociedade. A análise pormenorizada dos atributos estilísticos, tanto a nível de sítio como de área, abre perspectivas importantes para a melhor compreensão dos diversos fatores envolvidos no processo da evolução e interação cultural.

Portanto, desde o início, estimulada por vários enfoques, a sua análise supera a pura materialidade tecnológica

*El objeto material es un ser socio-cultural que es definido no solamente por sus características físicas seno también por el todo de sus relaciones con el sistema." Maget, Ethnologie Generale: 1319 (citado por Curandini, 1984: 71).*

Estes registros materiais são testemunhos de atividades humanas e, cabe ao arqueólogo buscar os fatos sociais na identificação das manifestações espaciais. Essa distinção é possível se tivermos acesso a informações espaciais precisas. Portanto, o

nível de alcance obtido com o estudo da cultura material vai estar ligado à técnica de identificação e de resgate. Moberg (1981) apresenta uma caracterização dos diferentes tipos de achados e do seu significado como acontecimento passado. Analisa a variação da natureza destes acontecimentos finais que determinaram o tipo de deposição e que estariam ligados ao contexto de atuação dos traços envolvidos nestes achados.

No caso do Brasil, onde poucas escavações em amplas extensões são realizadas e a maior parte do material é produto de coleta de superfície ou de cortes estratigráficos reduzidos, a possibilidade de reconhecimento dos elementos de organização do espaço de ocupação fica reduzida.

O objeto tal como aparece fora do contexto de atuação, necessita que seja imaginado juntamente com o conjunto de gestos que serviram para produzi-lo e fazê-lo funcionar. Fazem parte da análise da cultura material não somente os elementos como também os gestos humanos necessários para a fabricação dos instrumentos e sua utilização para a concretização das atividades, que obedecem a critérios como idade, sexo, periodicidade. Estes fatores são de grande importância para a determinação de certas distribuições de trabalho e transmissão de certas técnicas, que irão identificar a tradição.

Cabe ao arqueólogo evidenciar e analisar a configuração destes registros.

*"En los yacimientos mismos, los datos consisten en artefactos observables (instrumentos de hueso y piedra, cerámica, etc.), lo mismo que arquitectura y restos no manufacturado por el hombre (huesos de animales, vestigios botánicos carbonizados, huellas de plantas, química de suelos, polen y otros), además los atributos visibles en los artefactos (pautas en el vestido, carbonizaciones) y las relaciones espaciales de todos ellos. Las relaciones espaciales se refieren a la distribución tridimensional de los materiales en el terreno (donde aparecen y como están depositados), esto es, la distribución de artefactos y no artefactos con respecto a la arquitectura y demás rasgos, incluyendo el propio terreno" (Watson, Leblanc, Redman, 1971: 130).*

A delimitação de áreas de atividade através da análise das relações espaciais, com a determinação de conjuntos de artefatos específicos e aspectos particulares da arquitetura, possibilita a formulação de questões de organização e estratificação social. Por exemplo, Deetz (1967) menciona como pode evidenciar a distribuição diferencial de itens, tanto quanto à fabricação como ao uso, por homens e mulheres entre os índios Chumash. No Brasil, Meggers e Maranca (1980) puderam, analisando o material evidenciado no sítio da Aldeia da Queimada Nova, inferir dados sobre a organização dentro da aldeia. Este sítio, escavado em ampla extensão, permitiu o levantamento e o traçado do plano da aldeia, com as áreas habitacionais e a distribuição diferenciada de material. A partir da frequência dos tipos cerâmicos dentro das manchas habitacionais, pode-se inferir alguns dados sobre a fabricação cerâmica e a linha de transmissão de residência entre o grupo.

Para a elaboração de um artefato são aplicadas determinadas normas que foram previamente testadas e transmitidas entre os membros de um grupo. Estas regras produzem formas constantes, que correspondem a um verdadeiro estereótipo, atestado segundo a ocorrência não casual de certos atributos.

O homem, ao nascer, herda uma tradição social e, desde então, acha-se moldado por um corpo de regras, que é conservado e transmitido pela linguagem ou, no caso da fabricação de artefatos, pela observação de hábitos motores. Esses hábitos motores organizam-se em cadeias de gestos estereotipados, cuja repetição assegura a continuidade e a eficácia na produção dos diferentes artefatos. Deste modo, os artefatos devem ser vistos como a manifestação material do comportamento humano socialmente padronizado. A padronização é evidente nos atributos que caracterizam qualquer série de artefatos semelhantes, porque o comportamento que os produziu é padronizado.

Falamos em artefatos, entendidos no seu amplo sentido, incluindo também os chamados ecofatos, pois também a maneira de apropriação, exploração e interação com a natureza segue as normas determinadas pela sociedade segundo o aparato tecnológico disponível e elaborado a partir dos padrões aceitos e aprovados pelo grupo.

Para o arqueólogo o mais importante é o reconhecimento de que a relação comportamento e produção é sistematizada e padronizada para o atendimento de certas tarefas ou como resposta a determinados problemas, podendo desta forma ser reconhecida e reconstituída, o que seria impossível no caso de atos únicos.

Todo o aparato da cultura material possui significado simbólico e transmite sinais acima e além da função utilitária, daí a importância da observação de mudanças na cultura material e na tecnologia através do tempo. Da análise dos objetos e traços deixados no contexto de ocupação, pode-se fazer amplas deduções a respeito das tecnologias com que foram produzidos, inferindo assim o nível de desenvolvimento do grupo em questão. Estamos entendendo tecnologia como a totalidade das ações ligadas à obtenção de matérias-primas do meio ambiente circundante e ao tratamento delas para a fabricação de instrumentos, recipientes, vestimentas, abrigos, meios de transportes e outras exigências. Isto é, a soma total das técnicas que possuem os membros de uma sociedade para a manutenção do seu modo de vida.

Considerando de uma forma ampla, segundo Mauss (1974), técnica como todos os ritos e atos tradicionais de execução, incluindo o corpo como instrumento. E é este mesmo autor que chama a atenção para a necessidade de lidar também com as técnicas corporais, transmitidas através de hábitos motores:

*"Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. É nisso que o homem se distingue sobretudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral" (op. cit.: 217).*

A presença de certas normas, decorrentes de hábitos constantes, pode ser observada na análise da cultura material tanto do ponto de vista espacial como temporal. A fixação e transmissão destes traços culturais através do tempo constitui o que denominamos **tradição**, sendo que a sua manutenção é feita através de

esquemas de retenção de dados, para os quais se inscrevem determinados hábitos e comportamentos.

Os hábitos motores aceitos para a realização de diversas atividades e produção de artefatos são altamente especializados, o que, de certa forma, explica o seu caráter tradicional e de resistência a mudanças, pois qualquer alteração exige todo um esforço de desaprendizagem e reaprendizagem. Segundo a colocação de Boas (1955: 146):

*The adaptation of the hand to the handle does not permit the use of forms that require unusual muscular movements which would lessen the accuracy and ease of use. Therefore the variations of form are confined within the limits established by the fixed motor habits of the people. Even if a variation of form appeal to the eyes, it will not be adapted if it should require a new adjustment of the hands. The more fundamental the motor habits that determine the form of the implement, the less likely will be a deviation from the customary type."*

A análise de determinados hábitos permite a identificação com certas parcialidades, tanto sociais como em relação a grupos étnicos e sexuais, cujo aprendizado é realizado pela observação.

Como em geral estes hábitos não são percebidos conscientemente, são também menos sujeitos a manipulações intencionais e a influências externas.

Esta fidelidade aos padrões tradicionalmente estabelecidos não deve ser entendida como uma absoluta estabilidade, que na realidade não existe.

Darcy Ribeiro (1983), comentando a arte indígena, menciona como na realidade as variações são muito lentas, observando que mesmo com a acumulação verificada de geração para geração, existe a preservação do modo tribal característico. É este modo peculiar de executar as diversas tarefas que constitui o elemento diagnóstico da tradição.



São estes modos constantes e a identificação de traços diagnósticos que permitem ao arqueólogo a correlação das tradições com determinados grupos, e a sua mudança temporal e espacial dentro de um quadro cultural mais amplo.

Apesar da riqueza de informações e do potencial existente na análise da cultura material, conforme mencionamos até agora, no caso das áreas tropicais o quadro de referência se mostra muito reduzido. No caso dos grupos tupi-guarani, que ocuparam a floresta úmida, o que resta são elementos que puderam resistir à deterioração ambiental, que é intensa nestas áreas.

A cultura material dos grupos que ocuparam estas áreas antes da chegada do europeu pode ser inventariada a partir dos achados arqueológicos e das informações etnográficas contidas nos primeiros documentos do contacto.

Do ponto de vista arqueológico, o que tem sido normalmente recuperado nos sítios são os artefatos de cerâmica, de pedra, em alguns casos de resina, e os traços de ocupação do meio apresentam-se restritos a fogueiras, acumulação de material conchífero e algumas marcas diferenciais no solo, que indicam atividades mais intensas ou buracos de suportes e de estacas.

Para o estudo da cultura material destes grupos, a obra básica de referência tem sido o estudo clássico de Métraux, "LA CIVILISATION MATÉRIELLE DES TRIBUS TUPI-GUARANI", onde faz um inventário a partir das fontes quincentistas e das informações etnológicas de grupos que estavam sendo contactados e estudados na época do seu estudo. Ele mesmo define o conteúdo do trabalho da seguinte forma:

*"Je me suis efforcé avant toute chose de présenter au lecteur une analyse aussi complète et aussi exacte que possible de toutes les formes de l'activité industrielle des Indiens parlant la lingua geral. Pour parvenir à ce résultat j'ai généralisé tous les renseignements que j'ai pu trouver dans la vaste littérature se rapportant aux Tupi-Guarani, m'aidant du matériel de musée que était à ma disposition à Goteborg, à Copenhague et à Berlin"*  
(1928: 2)

Da maior importância para os estudos atuais no exame dos quadros apresentados por Métraux, fato inclusive apontado por ele, é que os elementos possuem uma repartição oirenta e setentrional bem marcada. Entretanto, nos quadros de Métraux não aparecem os dados arqueológicos, cujos trabalhos sistemáticos foram muito posteriores à sua época.

Em um trabalho anterior (Scatamacchia, 1981), fizemos uma tentativa de sistematizar os elementos que caracterizavam a denominada tradição tupiguarani. Nessa ocasião fizemos um inventário dos sítios e dos principais artefatos, para todo o Brasil, pois sentimos a necessidade de observar concretamente os dados que existiam publicados sobre o assunto. Com esta primeira tentativa de uma visão global do problema, pudemos não apenas estabelecer algumas proposições para trabalhos futuros, como perceber como eram frágeis as bases em que se apoiavam certas questões aceitas como verdades. Neste trabalho podem ser encontradas as referências pontuais para determinados elementos, sendo que aqui pretendemos, a partir destes quadros já elaborados e dos que foram posteriormente levantados para a área do Prata, manipular apenas os resultados, isto é, os elementos comprovadamente constantes e que podem caracterizar cada grupo.

Dentro da cultura material dos grupos alguns aspectos deverão ser analisados com referência ao que ocorre entre os Tupi e os Guaraní, pensados como grupos originários de uma cultura matriz comum, ocupando territórios diferentes bem demarcados, mas provenientes de rotas migratórias diferentes e com contactos culturais também diversos.

Levando em conta todos os aspectos mencionados de permanência e transmissão de traços, dentro deste quadro material, alguns padrões ligados a estabelecimento, subsistência e enterramento puderam ser observados, mas a cerâmica é que tem sido o elemento diagnóstico para o estabelecimento da tradição e a ponte para a correlação com a documentação textual.

## A CERÂMICA COMO DOCUMENTO E ELEMENTO DIAGNÓSTICO DA TRADIÇÃO

A cerâmica tem sido um dos mais acessíveis produtos da cultura material e um documento de grande utilidade para o arqueólogo, principalmente nas áreas tropicais, entre grupos em que os estabelecimentos são construídos por estruturas de material perecível. Como é o caso dos grupos de filiação tupi-guarani que ocuparam a costa brasileira e o estuário do Prata, onde a cerâmica tem servido como elemento diagnóstico e identificador. Portanto, achamos necessárias algumas considerações preliminares sobre a análise, problemas e paradigmas que têm sido considerados em relação ao estudo da cerâmica.

Estas reflexões têm como objetivo apresentar alguns elementos que permitam uma avaliação concreta do material que temos até agora à nossa disposição, das análises efetuadas e dos resultados obtidos.

Um dos principais paradigmas é que a cerâmica, como outros produtos artefatuais, reflete a cultura do grupo que a produziu. Isto é, as mudanças que ocorrem nestas sociedades são refletidas e podem ser identificadas através da análise da sua produção no decorrer do tempo e do espaço. Assim, a cerâmica, como parte inter-relacionada da cultura, pode fornecer informações sobre outros aspectos não cerâmicos desta cultura, mas que se refletem na sua produção, como, por exemplo, nível de desenvolvimento tecnológico, especialização do trabalho e consequente organização social.

Meggers et Evans (1958: 10) propõe a

*"a possibilidade de usar as características da cerâmica para discernir aspectos sócio-políticos e religiosos de uma cultura arqueológica, para avaliar a sua complexidade e, conseqüentemente, para permitir a sua identificação nas classificações por áreas culturais e tipos de cultura"*

Procedimento semelhante ao que fez Willey (1949 1976) em relação aos níveis de desenvolvimento da cerâmica americana, partindo de pressupostos evolutivos, e que estes autores retomam, revisando alguns critérios classificatórios.

Algumas experiências demonstraram novos potenciais para a formulação de interferências sociais (Meggers e Maranca, 1980), e a possibilidade de um método através do qual as diferenças nas frequências dos tipos cerâmicos, em uma seriação, possam ser utilizadas para identificar a relação de comunidades do ponto de vista espacial e temporal. A aplicação deste método pode ser analisada em casos concretos reunidos na publicação A UTILIZAÇÃO DE SEQUÊNCIAS SERIADAS PARA INFERIR COMPORTAMENTO SOCIAL (Meggers et Evans, 1985).

O desenvolvimento de várias técnicas de classificação objetivando evidenciar ao máximo os recursos informativos, contidos na cerâmica, sobre o seu processo de produção e utilização, tem recebido uma atenção especial entre os arqueólogos, tanto a nível de processo cultural (Arnold, 1985), como a nível do reflexo do indivíduo dentro de um conjunto cerâmico (Hill, 1984), assim como classificações e seriações experimentais em materiais cuja referência pode ser recuperada através de outras fontes (Deetz, 1967). Em conjunto, estas preocupações podem ser analisadas na publicação sobre o simpósio CERAMICS AND MAN, editado por Matson (1965), cujo objetivo foi avaliar a contribuição da cerâmica para a pesquisa arqueológica e etnológica.

O método quantitativo para a análise cerâmica, desenvolvido por Ford (1954, 1957) para estabelecer cronologias a partir da seriação tipológica, tem sido amplamente divulgado e aplicado no Brasil por Meggers e Evans (1970). Grande parte dos dados sobre a cerâmica tupi-guarani é produto deste tipo de análise. A classificação analítica (Rouse, 1960, 1965, 1968; Clark, 1968), que propõe a classificação modal para os fragmentos, fornece o material para o debate teórico tipo versus modo.

A discussão e o debate entre as várias abordagens possuem uma literatura abundante, cujos conteúdos não temos intenção de explicitar aqui, mas que deverão ser considerados nos exemplos concretos, produtos das análises que foram

realizadas na cerâmica produzida pelos grupos tupi-guarani. Nestes casos, poderemos examinar de uma maneira objetiva o quadro de conhecimentos disponíveis em correlação com os tipos de análise desta cerâmica, e as dificuldades de leitura.

Entre estas dificuldades podemos apontar, além do problema de uniformização terminológica, o conceito de utilização de tipo e os critérios para o estabelecimento de tipologias e outros itens operacionais, como o conceito fase, de ampla utilização, mas cuja correlação nem sempre pode ser feita<sup>6</sup>.

As evidências cerâmicas encontradas, em virtude tanto do tipo de sítio, como também das escavações que têm sido realizadas, provenientes da área ocupada por estes grupos, na sua maioria correspondem, a fragmentos. Vários critérios básicos têm sido apontados para garantir o controle sobre a amostra a ser classificada. A preocupação tem sido, entretanto, com relação a aspectos práticos, como a coleta de cacos, tamanho e número, mas não com relação ao significado do fragmento como unidade básica da análise.

Os principais quadros de referência, as fases estabelecidas e a terminologia, os tipos cerâmicos diagnósticos da tradição, tiveram como base, na sua maioria, fragmentos. Mesmo contando com alguns exemplares completos e formas reconstituídas a partir de seções representativas das vasilhas, numericamente o que tem sido mais significativamente manipulado são os fragmentos.

Dada esta situação, acho interessante apresentar algumas considerações em relação ao real significado desta unidade básica de análise. Esta observação torna-se necessária porque em muitas ocasiões, os resultados inferidos são provenientes de análises que não apresentam a consciência de que o material manipulado não corresponde ao produto completo da ação realizada. Neste sentido, parece esclarecedora a seguinte citação:

*"First, potsherds are not cultural units of behavior. They are only arbitrary divisions of such units. When a vessel is broken, the behaviorally*

<sup>6</sup> A crítica feita à utilização do conceito de fase, é contra a maneira como muitas vezes está formulada, não contra o conceito em si.

*significant unit in the culture (the vessel shape) is fragmented. Not only is the shape of the vessel often lost, but much of the information communicated in the design is lost as well. Like all cultural behavior, the behavior used in the production and decoration of pottery is structured; behaviorally meaningful units are structured into higher level patterns and sequences. Like language, it is not the units themselves that carry information, but rather the way these units are structured relative to one another. Basic sounds in language, for example, are patterned into sequences and it is the sound sequences that carry information, not the sounds themselves. Similarly, in pottery studies, it is not the attributes (whether technological or decorative) that carry information, but the way these attributes are patterned on a particular vessel shape" (Arnold, 1985: 5).*

Como podemos constatar, uma das tendências é a de utilizar na análise cerâmica as técnicas utilizadas na lingüística, buscando uma identidade entre artefato e palavra.

Para Deetz (1967), os artefatos, como as palavras, são produtos da atividade motora humana, com a produção executada através da ação de músculos, guiados mentalmente, sobre a matéria prima envolvida. Usando a correlação lingüística, onde para a descrição da estrutura da língua é necessária a definição das regras que regem a combinação das unidades menores para as construções maiores, como as palavras e sentenças. Desta forma, os arqueólogos podem encontrar as regras de associação no seu material. A comparação de vocabulários, por si só, não implica afinidade lingüística, uma vez que as palavras podem ser facilmente transmitidas de uma língua para outra, mas se duas línguas compartilham regras gramaticais, é quase certo que sejam aparentadas. Segundo este autor, dois conjuntos de artefatos podem apresentar alto grau de semelhança quanto a atributos individuais, mas somente quando partilham regras semelhantes para combiná-los, podemos inferir com segurança a existência de uma correlação.

Torna-se necessário estar atento para o fato de que estamos quase o tempo todo manipulando e analisando estas parciaisidades do comportamento padronizado.

O modo<sup>7</sup> peculiar de confeccionar as diversas classes de artefatos é que tem sido o elemento mais adequado para servir de diagnóstico na análise de uma tradição, onde o principal material disponível é constituído por fragmentos, pois ele não necessita da peça completa para a sua identificação. Apesar das possíveis variações tipológicas que ocorrem através do tempo e espaço, o modo é preservado e transmitido pelo grupo, permitindo que uma tradição possa ser identificada como tal através da persistência. Esta colocação poderá ajudar na análise dos critérios considerados e do tipo de classificação utilizado para o estabelecimento da tradição tupi-guarani e das subtradições.

Uma tradição cerâmica é determinada por um conjunto de traços, como pasta, forma e decoração, cuja interpretação se mantém constante através do tempo. Possui uma linha de desenvolvimento que pode ser seguida, permanecendo dentro dos limites de determinada técnica ou grupo de técnicas. Nestes limites, em períodos ou horizontes sucessivos, a tradição é expressa em estilos particulares, tendo significado dentro de uma ampla estrutura de referência geográfica, cobrindo um campo de subárea, área ou extra-área (Willey, 1986).

Portanto, a escolha de certas técnicas de manufatura e decoração, com determinado tratamento de superfície que resultam em conjuntos padronizados, que podem ser identificados estilisticamente, indica a existência de normas que definem as preferências.

O estilo de um utensílio é o estilo de uma coletividade, desde o momento que o utensílio é fruto do trabalho necessário a todos e cujo processo de produção pode ser inferido a partir da análise do objeto.

Dentro do nível tribal, as características da cerâmica devem ser procuradas na relação com o armazenamento e a preparação de alimentos. No caso da cerâmica ligada aos grupos de filiação tupi-guarani, os casos de utilização ritual

---

<sup>7</sup> "By the term 'mode' is meant any standard, concept, or custom which governs the behavior or the artisans of a community, which they hand down from generation to generation, and which may spread from community to community over considerable distances." (Rouse, 1960: 313)

registrados etnograficamente parecem não obedecer a padrões diferentes daquela fabricada usualmente.

A cerâmica produzida por estes grupos é que tem servido para a identificação cultural em termos espaciais e como elemento unificador desta ampla ocupação territorial. O que até agora serviu como elemento constante pode ser restrito ao modo tribal de fabricação e decoração, sendo que as diferenças podem ser procuradas a nível de alteração formal, ligada a padrões de alimentação diferentes.

As características formais dos principais recipientes utilizados fornecem os primeiros elementos diversificadores dentro do que antes, tinha sido classificado genericamente como uma única e homogênea tradição ceramista. Brochado (1977) foi quem inicialmente chamou a atenção para o fato da estreita relação existente entre alimentação e tecnologia de processamento e a forma das vasilhas utilizadas.

Como a cerâmica produzida por estes grupos tinha função principal de recipiente utilitário, empregado na preparação, consumo e armazenagem de comidas e bebidas, a proposta de Brochado, corresponde a uma adequada referência para a diferenciação.

Além desta função cotidiana, esta mesma cerâmica atendia a fins cerimoniais, através da reutilização, servindo como urna funerária ou mesmo como oferenda nos enterramentos.

Poucas são as peças cerâmicas que não foram utilizadas como recipientes ou para a preparação de alimentos, como as rodas de fiar e os cachimbos. Mas, mesmo dentro deste nível utilitário, podemos encontrar formas carenadas, altamente elaboradas, com padrões decorativos pintados com alto grau de detalhamento. A decoração seria um outro aspecto que poderia indicar uma diferença grupal, pois os arranjos que resultaram nos padrões conhecidos foram obtidos através das normas preferenciais de associação. Entretanto, como estes padrões ainda não foram sistematicamente estudados, não podemos afirmar que esta colocação corresponde à realidade.

Fizemos um quadro inicial (Scatamacchia, Cuggiano e Jacobus, no prelo), buscando organizar estas decorações dentro de critérios de associação de



elementos, que examinaremos mais adiante, e que serviria como proposta para a classificação e comparação das evidências que aparecem na área tupi e guarani.



FIG.1 -MAPA DE LOWIE(1948) ONDE APARECEM AS AREAS DE DISTRIBUIÇÃO DAS TRIBOS FLORESTA TROPICAL



FIG.2 -MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DA TRADIÇÃO POLICRÔMICA NO LESTE SUL AMERICANO

## CAPÍTULO IV - A TRADIÇÃO CERAMISTA POLICRÔMICA DO LESTE DA AMÉRICA DO SUL

### CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CERÂMICA

Pretendemos aqui resumir as características básicas que foram atribuídas à cerâmica relacionada aos grupos de língua Tupi-guarani, e que, de certa forma, vão fornecer as categorias analíticas para a identificação das semelhanças e diferenças existentes na sua área de ocupação.

A técnica de fabricação é acordelada<sup>1</sup>, apontada como o método mais difundido na América do Sul, com exceção da área andina (Willey, 1949). O procedimento está na superposição de rolos de argila em movimento espiral ou em anéis separados, que são unidos pela pressão dos dedos, na parte interior e exterior<sup>2</sup>. Arqueologicamente, esta técnica pode ser identificada pela observação das fraturas que, na maioria das vezes, acontece na área de junção dos roletes, que pode também ser percebida na análise do perfil do fragmento.

A queima foi feita em fogueiras, a céu aberto, com a colocação das peças diretamente sobre o braseiro. Nesta atmosfera, sem controle da oxidação, a queima é geralmente incompleta e, como a argila não chega a atingir temperatura elevada, origina peças de quebra fácil e pouca resistência, mostrando no seu interior, quando fragmentada, a parte interna da pasta de cor escura.

A nível tribal o procedimento mais comum é a manufatura da cerâmica pelas mulheres, fato que foi apontado por aqueles que foram testemunhas oculares desta

1 Acordelada (coiled) - Técnica de confecção de cerâmica que consiste na superposição helicóide de roletes de pasta, partindo da base ou de uma porção de barro modelada para tal fim (Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica).

2 Em alguns casos os roletes são deixados aparentes na parte externa, como uma decoração, sendo unidos apenas na face interna da vasilha.

ação. Hans Staden descreveu a maneira em que era confeccionada a cerâmica Tupinambá, em 1554.

*"As mulheres fabricavam as vasilhas de que carecem do seguinte modo: tomam barro, amassam-no e fazem então as vasilhas que querem ter. Depois as deixam secar durante algum tempo. Sabem também pintá-las com gosto. Quando querem queimar as vasilhas, debruçam-nas sobre pedras, põem al bastante cortiça seca, que ateiam. Assim se queimam as vasilhas, de modo que incandecem como ferro em brasa"* (op. cit.: 163).

Fato confirmado por outras fontes contemporâneas, onde podemos constatar observações semelhantes no relato de LÉry sobre os mesmos Tupinambá do Rio de Janeiro.

*"As mulheres, a quem cabe todo o serviço doméstico, fabricam muitos potes e vasilhas de barro para guardar o cauim"* (op. cit.: 232)

Gabriel Soares de Souza comentando sobre as atividades das mulheres diz que:

*"e as que são muito velhas têm cuidado de fazerem vasilhas de barro à mão como são os potes em que fazem os vinhos (...) a qual louça cozem numa cova que fazem no chão; e põem-lhe a lenha por cima"* (op.cit.: 312)

Fernão Cardim menciona o fato, quando da preparação do ritual antropogárfico.

*"Determinado o tempo em que ha de morrer, começam as mulheres, a fazer a louça, a saber"* (op. cit.: 114)

Existe uma grande variedade de formas, identificadas arqueologicamente e descritas na documentação textual. São peças globulares, tigelas, pratos, grandes vasos piriformes e careenados, cuja distribuição poderemos analisar ao estudar as informações procedentes da área de ocupação guarani e tupi.

A informação constante nas crônicas é sobre o tamanho dos vasos confeccionados para a fabricação de bebidas. Assim, encontramos em Staden:

*"Tem para tal vasilhas adequadas, que enterram a meio no chão, e que se empregam como aqui os tonéis para vinho e cerveja"* (op. cit.: 165).

Continuando a citação anteriormente mencionada por Soares de Souza:

*"E fazem alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa, em os quais e em outros, menores, fervem os vinhos que bebem; fazem mais estas velhas, panelas, púcaros e alguidares a seu uso, em que cozem a farinha e em que comem, lavrados de tintas de cores"* (ibidem).

Ainda entre os tupinambá, os dados de Thevet:

*"Depois de ferver o milho em enormes vasos de argila engenhosamente fabricados e que têm a capacidade de um moio"* (op. cit.: 89).

Mas a informação mais completa encontramos em LÉry, que menciona inclusive o tipo de acabamento.

*...fazem ainda panelas redondas, ovais, frigideiras e pratos de diversos tamanhos e ainda certa espécie de vaso de barro que não é muito liso por fora mas tão completamente polido por dentro e tão bem vidrado que não fazem melhor os nossos oleiros. Para esse serviço usam um certo licor branco que logo endurece. Preparam também tintas pardacentas com as quais pintam a pincel pequenos enfeites, como ramagens, labores*

*erósticos, etc., principalmente nas vasilhas de barro em que se guarda a farinha" (op. cit.: 234).*

Não foram constatadas formas especializadas cuja função não estivesse dentro do uso cotidiano.

O tratamento da superfície pode ser o de acabamento por alisamento ou polimento ou através de dois tipos básicos de decoração, o plástico e a pintura. O primeiro inclui as técnicas que alteram a superfície cerâmica ainda plástica, deixando marcas em alto ou baixo relevo desta ação.<sup>3</sup> O segundo diz respeito à aplicação de pigmentos à superfície cerâmica, antes ou depois da queima, através de banho ou desenhos.

A decoração plástica se apresenta basicamente como corrugada, unglada ou escovada, embora trabalhos com incisão possam ser observados em menor percentagem. A pintura policrômica está sempre presente, em diferentes proporções, com linhas vermelhas e/ou negras sobre branco, mais raramente linhas negras ou brancas sobre vermelho. Ocorrem ainda faixas vermelhas sobre engobo branco ou diretamente sobre a superfície da cerâmica, assim como a pintura vermelha ou branca cobrindo amplas áreas, através de banho em solução de argila líquida pigmentada.

Os padrões decorativos são constituídos por desenhos complexos, com elementos geométricos e composições distribuídas em zonas bem delineadas ou em toda a superfície, mas sempre de caráter abstrato. A pintura pode ser aplicada tanto na superfície externa como na interna, ocorrendo também a combinação de distintas técnicas na mesma vasilha, assim como a alternância de áreas decoradas com outras sem decoração.

Estes padrões decorativos não foram ainda sistematicamente estudados, mas já fizemos uma tentativa de classificação que está sendo usada como base para a identificação e distribuição dos motivos analisados em coleções museológicas (op. cit.)

<sup>3</sup> Foi feita uma tentativa de conceituação destas técnicas, com equivalência nos quatro idiomas americanos (Marois e Scaramacchia, 1987).

Quanto ao acabamento com argila líquida, que pôde ser observado, dá à superfície um aspecto homogêneo, principalmente àquelas que servirão de base para a execução de desenhos.

O uso de cores na pintura, embora tenha sido documentado pelos cronistas e descrito nos trabalhos arqueológicos, pouco se menciona sobre o tipo de pigmento empregado. Encontramos na literatura informações de caráter geral que mencionam os pigmentos vegetais como sendo mais comuns nas áreas tropicais. Entretanto, o resultado do exame feito na pintura cerâmica encontrada na bacia do rio Mogi-Guaçu, em São Paulo, desmente esta afirmação.

*"O paingú da Cachoeira das Emas, nas suas pinturas na cerâmica usou o vermelho, o preto, o azul e o branco de origem mineral; as três primeiras cores são constituídas por três variedades de óxido férrico e a última é uma argila pura ou caolim"* (Godoy, 1946: 6).

Como não existem outras análises sobre os pigmentos utilizados, a questão permanece em aberto, mas o fato nos impede de continuar a repetir uma afirmação cuja procedência não pode ser confirmada no contexto arqueológico.

Wiley (1949) classificou a cerâmica da América do Sul em cinco níveis ou estágios progressivos. Partindo de pressupostos evolucionistas é de se esperar que os níveis de cerâmica tenham uma correspondência a nível cultural. Dentro desta classificação de cinco níveis, a cerâmica dos Tupi-Guarani estaria situada no nível quatro, com denominação de Cerâmica Plástica e/ou Pintada Controlada. Este nível engloba uma área ampla com variedade em padrões de qualidade, sem critérios precisos de referência, onde a menos desenvolvida é a cerâmica da costa e sul do Brasil e da bacia do Paraná, atribuída aos Tupi-Guarani.

Meggors e Evans (1958) fazem uma reavaliação desta classificação com base em testemunhos arqueológicos conseguidos posteriormente à análise de Wiley. Estabelecem uma lista de aspectos que devem servir de guia para a identificação do nível geral de desenvolvimento cultural, com o reconhecimento de três categorias



evolutivas de cerâmica (Simples, Regulada e Adiantada), em contraposição aos cinco níveis considerados por Willey.

Os critérios de diferenciação são de fácil identificação, pois dizem respeito à competência tecnológica dos oleiros e as exigências especiais das respectivas clientelas.

Estes autores colocam a cerâmica dos Tupi-Guarani dentro da categoria de cerâmica simples, onde incluem de modo geral toda a cerâmica de Cultura da Floresta Tropical, com uma concepção diferente da de Willey, que a colocou dentro do nível Regulado. São apresentadas as seguintes características para a justificativa da classificação:

*"1 - Formas de vasos limitadas a um pequeno número de modelos para uso doméstico; falta de simetria característica. Muito poucas formas sem destino de recipiente.*

*2 - A borda é de contorno extremamente variável para um mesmo vaso ou de um vaso para o outro. Intenção de fazer um bocal circular.*

*3 - Superfícies de vaso geralmente alisadas, mas não propriamente lisas, regulares ou polidas, nenhuma camada de revestimento típica.*

*4 - Decoração aplicada a menos de 5% dos cacos.*

*5 - Ornamentação feita mais frequentemente por incisão, lixamento, raspagem, punctura, marcação a unha ou ponta de dedo, ou por pintura numa só cor ou, mais raramente, em duas cores. A aplicação modelada é grosseira, simples, estilizada e sem grande amplitude de emprego. Motivos simples e execução íncaxata, com paralelismo irregular, espaçamento desigual e outras indicações de falta geral de pericia profissional. A decoração cobre apenas, tipicamente, uma parte da superfície, usualmente a borda, o gargalo ou a parte superior doelho.*

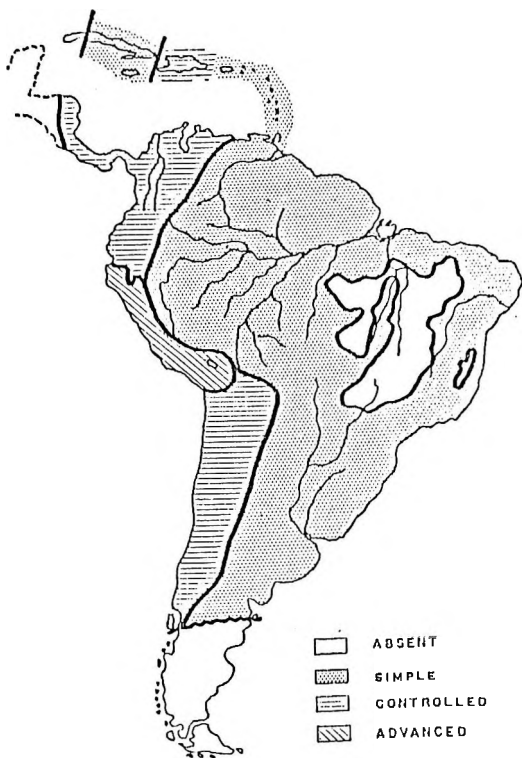


FIG. 3 -MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE CERÂMICA SEGUINDO MEGGER E EVANS (1958)

*6 - Além ou em lugar de estilos reconhecíveis de decoração, há muitas vezes uma parcela considerável de decoração fortuita, grosseira e não padrozinada, que deve ser fruto da improvisação" (op. cit.: 14).*

Os quatro primeiros critérios podem ser aplicados no caso, mas os itens 5 e 6 não podem ser considerados como característicos, mesmo não existindo estudos sistemáticos que nos permitam uma contraposição documentada. O que ocorre é que muitas vezes um aperfeiçoamento ou desenvolvimento técnico, que pode parecer indicado por certos traços, ainda não corresponde a uma mudança de nível, existindo uma situação de transição.

Mesmo não existindo nas sociedades portadoras desta tradição ceramista uma divisão de trabalho reconhecível, pode-se observar a nível regional a existência de uma cerâmica bem executada, proveniente ou de uma habilidade natural do oleiro ou da diferenciação na forma de confeccionar, conseqüente de um avanço tecnológico e da variação ou do tempo dedicado à elaboração de determinados espécimens.

Entretanto, o que ocorre é que, examinando o mapa (Fig. 3) onde está a distribuição dos níveis de complexidade cerâmica, pode-se verificar que a área de cerâmica simples, ligada ao nível de Floresta Tropical, aparece em um espaço que ocupa a maior parte da América do Sul, sendo uma definição tão ampla que perde o seu poder interpretativo.

De qualquer forma a representatividade da cerâmica policrômica no leste do Brasil é suficientemente alta para que se busque, através de um estudo sistemático de forma e padrões decorativos, a sua relação com outras manifestações semelhantes na América do Sul.

## A TRADIÇÃO TUPIGUARANI: UMA REVISÃO.

Pudemos mencionar, anteriormente, algumas diversidades entre os grupos de língua tupi-guarani, que ocuparam uma ampla extensão no leste da América do Sul,

que mesmo não definidas sistematicamente puderam ser percebidas desde os primeiros contactos, como atestam os relatos da época. Com relação a estes grupos, outros aspectos foram descritos de um modo geral, com conceituações que englobavam os habitantes da costa brasileira e do estuário do Prata. Foi, portanto, uma aparente homogeneidade que levou à denominação generalizante da cultura tupi-guarani e do estabelecimento pelos arqueólogos da tradição ceramista tupiguarani.

Com a elaboração do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e a sistematização das pesquisas arqueológicas no país, foi considerável o aumento de informações de materiais resgatados, começando a ser delimitadas as principais áreas e culturas. Naquela ocasião, sentiu-se a necessidade de rotular as ocorrências cerâmicas que estavam sendo evidenciadas ao longo de toda a costa, assim como em alguns vales no interior, e que apresentavam um certo grau de semelhança. Este material aparecia na literatura mais antiga, mencionado como cerâmica tupi, guarani ou tupi-guarani, de maneira indistinta.

Como os traços constantes estavam dentro do que se define por tradição, este conjunto foi denominado de tradição "tupiguarani", com a seguinte conceituação:

*"Após as considerações de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas, foi decidido rotular como tupiguarani (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o termo consagrado pela bibliografia e também a informação etno-histórica estabelecer correlações entre as evidências arqueológicas e os falantes de língua Tupi e Guarani, ao longo de quase todo território brasileiro" (PRONAPA, 1969: 10).*

Para o estabelecimento desta tradição cultural, foram considerados outros traços culturais, embora a cerâmica tenha servido como elemento diagnóstico, realidade que permanece até agora para a identificação cultural em sítios onde, em decorrência do tipo de escavação efetuada, outros elementos muitas vezes não

aparecem. Foram consideradas as fases cerâmicas<sup>4</sup>, reconhecidas a partir das características comuns de grupos horticultores que, resumidamente, apresentam as seguintes características gerais:

*"Os sítios são superficiais, implicando em curta permanência da aldeia, e sepultamento secundário em urnas foi praticado no próprio sítio-habitado ou em sua proximidade. Artefatos líticos, de ocorrência quase universal, compreendem lascas, talhadores, abrasadores e grandes bifaces polidos. O tembetá é o ornamento característico e são comuns os cachimbos. As técnicas diagnósticas de decoração cerâmica compreendem a pintura sobre engobo branco, o corrugado, o escovado e o unglulado"* (op. cit.: 17/8).

A análise do material coletado forneceu dados para o conhecimento das principais técnicas decorativas empregadas, pintada, corrugada e escovado, e sua variação percentual, o que levou a uma subdivisão da tradição em três subtradições. A idéia é a de que estas subtradições deveriam ter conotação cronológica e significado espacial.

Quando foram estabelecidas estas relações o quadro apresentado foi o seguinte:

Subtradição Pintada - Estabelecida para as fases onde a pintura vermelha e/ou preta sobre engobo branco foi reconhecida como técnica dominante e considerada naquela ocasião as ocorrências mais antigas da tradição. As datações

4 "Fases cerâmicas - O termo fase foi adotado para designar complexos culturais arqueológicos, visto não ter implicações de natureza etnológica. É caracterizado por tipos específicos de artesanatos típicos, padrões de povoamento e de sepultamento, bem como complexo cerâmico distinto. Embora uma fase arqueológica signifique, sem dúvida, um grupo social interagente, por outro lado não esclarece tratar-se de um bando, de uma tribo ou de qualquer outra espécie de unidade social política" (PRONAPA, 1969: 4). Acharmos que muitas das fases estabelecidas deverão ser revistas em decorrência do desenvolvimento das pesquisas e da compreensão do seu real significado, o que pode ser atestado pela declaração de Meggers (1985: 5):

*"No se iniciar o Pronapa, uma fase arqueológica configurava-se como uma abstração, sem correspondência empírica. Atualmente acreditamos que fases definidas em termos de significação séria podem ser correlacionadas a comunidades autônomas ou semi-autônomas e que tradições definidas em termos de fases, que compartilham um conjunto de elementos cerâmicos, provavelmente representam entidades tribais ou lingüísticas".*

indicavam A.D. 570  $\pm$  150 para a fase Umuarana, no Paraná, A.D. 980  $\pm$  100 para a fase Guaratiba, no Rio de Janeiro, e A.D. 1270  $\pm$  130 para a fase Itapicuru, na Bahia, sugerindo uma difusão do sul para o norte.

**Subtradição Corrugada** - Estabelecida para a predominância do corrugado, que possui variações provavelmente de caráter regional. Apesar de estar presente do Rio Grande do Sul até a Bahia, a maior concentração conhecida localiza-se em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. As datações também indicam um movimento do sul em direção ao norte, com A.D. 880  $\pm$  110 para a fase Maquiné, mais ao sul, e A.D. 1380  $\pm$  100 para a fase Sernambitiba no Rio de Janeiro.

**Subtradição Escovada** - Estabelecida onde o escovado pode ser reconhecido como a técnica predominante, sendo um tratamento de superfície localizado nas seqüências mais recentes das séries cronológicas. Significa o final da cerâmica aborígene, sem influência européia. A distribuição desta subtradição é mais restrita, tendo sido reconhecida nos estudos do sul do Brasil.

Este primeiro balanço dos dados sobre a cerâmica atribuída aos grupos tupi-guarani, permitiu a formulação por Brochado (1973) de um ensaio de como teriam sido estas migrações.

*"En el concepto de tradición la variable más importante es el tiempo, pero si se introduce también el elemento espacio, representando el ámbito hasta donde llegaron las migraciones que la difundieron, la tradición alfarera tupiguarani pasa a conformar un horizonte que puede ser dividido en tres sucesivos, cada uno representando el ámbito de difusión de una de las subtradiciones. Pero las migraciones sufrieron un grande desfase en el tiempo durante sus desplazamientos por los inmensos espacios recorridos en el proceso y esto hace que los horizontes determinados por ellos resulten muy inclinados con relación a las coordenadas de tiempo y espacio".*

Naquela ocasião este autor, correlacionando a profundidade temporal com a extensão espacial, procurou explicar estes deslocamentos através de ondas

migratórias sucessivas. A explicação foi apresentada dentro de um movimento, mais ou menos simplista, que indicava uma origem amazônica com uma rota descendente em direção à bacia do Prata e ascendente pela costa brasileira.

Em um primeiro momento este quadro parecia atender às necessidades, e as datações até então conhecidas confirmavam uma rota ascendente destes grupos ao longo do litoral, mesmo levando em conta as grandes áreas sem informação.

Mencionamos anteriormente (Scatamacchia, 1981) que o aparecimento de uma nova datação parecia colocar em dúvida a antiguidade da subtradição pintada em relação à corrugada. A data de A.D. 475 (Schmitz, 1980), para um sítio localizado no Alto Jacuí, aparece no clímax do desenvolvimento da subtradição corrugada, e com uma data anterior àquela até então considerada como a mais antiga para a subtradição pintada. A datação de A.D. 260 para o sítio Aldeia da Queimada Nova (Maranca, 1976), mais recuada que aquelas conhecidas para as ocupações do sul, parece indicar a possibilidade de mais de uma via de penetração.

Algumas diversidades formais que começaram a ser percebidas e apontadas pelos arqueólogos estariam ligadas à alimentação (Brochado, 1977). Esta posição pode também ser encontrada na obra de Schmitz (1977), que precisa a posição meridional do Guarani em oposição ao Tupi, apontando não apenas as pequenas diferenças lingüísticas mas também tecnológicas.

Reconhecidas estas posições, fica difícil aceitar a antiga proposta de uma rota ascendente, na qual até certo ponto geográfico os grupos teriam se comportado de uma maneira e, aí, teriam mudado seu padrão de subsistência e elaborado novas formas cerâmicas. Fica mais fácil entender este limite geográfico como um ponto de encontro, uma fronteira cultural, do que como uma mudança sofrida pelo grupo guarani em seu movimento para o norte.

Do ponto de vista da língua esta situação também parece inviável, fato já apontado há tempos por Edelweiss (1969), para quem a vinda dos Tupi da região guarani é lingüisticamente insustentável. Na mais recente classificação de Rodrigues (1984/1985), a família tupi-guarani foi subdividida em 8 subconjuntos, segundo compartilhem ou não de certas propriedades com referência ao Proto-Tupi-Guarani, origem da família. Nesta divisão, o Guarani, o Tupinambá, língua geral

paulista (tupi austral), ficam situados em subconjuntos diferentes, o que dificultaria a tese deste fluxo migratório único, que estaria também ligado ao fluxo linguístico dos grupos portadores da tradição ceramista. Segundo este autor:

*"Embora uma melhor caracterização desses conjuntos requeira o recurso a maior número de propriedades lingüísticas, gramaticais e lexicais, acredito que, enquanto não se faz um acúmulo maior de dados e não se elaboram mais detalhes, o quadro aqui delineado permite entrever algumas afinidades maiores que podem ou não correlacionar-se com afinidades estabelecidas por critérios não lingüísticos, quanto pôr em questão algumas hipóteses gerais ou particulares presentes na literatura sobre a história e a pré-história dos povos Tupi-Guarani" (op. cit: 48).*

A necessidade de rever o quadro estabelecido pela tradição tupiguarani obedece a uma nova situação, conseqüência do desenvolvimento das pesquisas em vários níveis, que foram apontadas em recente trabalho, por Brochado (1989), como base para a reconstrução destas migrações e da expansão da tradição policrômica amazônica, que retomamos parcialmente aqui.

Estas novas informações estão ligadas à reclassificação e aos estudos relacionados à distribuição geográfica das línguas do tronco tupi e ao conhecimento das novas datações radiocarbônicas.

Mesmo tendo sido o termo tupiguarani estabelecido, dentro do PRONAPA, por arqueólogos brasileiros, foi posteriormente adotado pela maioria dos arqueólogos dos outros países onde a ocorrência de material semelhante pode ser identificada, isto é, Uruguai, Argentina e Paraguai.



## A PROPOSTA DE BROCHADO SOBRE A EXPANSÃO CERÂMICA E O MODELO DE LATHIRAP SOBRE A DISTRIBUIÇÃO TUPI.

Dentro de uma proposta mais ampla sobre a difusão da cerâmica e da agricultura do leste da América do Sul, Brochado (1984) inclui a distribuição da cerâmica atribuída aos Tupi-Guarani, que aparece sob a denominação de Tradição Policrômica.

Um dos objetivos da tese é demonstrar que o que foi impropriamente denominado Tradição Tupiguarani constitui, na realidade, duas extensões distintas da Tradição Policrômica Amazônica no leste da América do Sul, que pode ser dividida em duas subtradições culturais distintas, a Guarani e a Tupinambá. Estas duas subtradições, partindo de um núcleo comum, teriam se desenvolvido paralelamente a partir da sua separação há pelo menos 2.000 anos. As linhas gerais das possíveis movimentações podem ser resumidas no seguinte parágrafo:

*"Ainda no início da Era cristã, dois ramos de uma cultura tipicamente amazônica invadiram o leste da América do Sul, seguindo o mesmo sistema de progressão em forma de pinça observado acima. Pelo ano 100, a cultura ou subcultura Guarani já se encontrava bem estabelecida no sul do Brasil e ao redor do ano 500, a cultura ou subcultura Tupinambá, uma versão atenuada da cultura Marajoura, chegou ao nordeste do Brasil. A expansão para leste da cultura Guarani no sul do Brasil foi lenta e se desenvolveu em vagas sucessivas, cada vez cobrindo áreas maiores de território. A expansão da cultura Tupinambá para o sul foi, pelo contrário, rápida e linear, movendo-se ao longo da estreita faixa costeira. Cerca de quinhentos anos antes da chegada dos europeus, as duas mandíbulas das frentes de expansão Guarani e Tupinambá se chocaram finalmente numa fronteira situada ao sul do curso do Tietê"* (op. cit: 564).

Este autor toma como ponto de partida as conexões históricas entre as diferentes tradições e subtradições cerâmicas arqueológicas e a distribuição das línguas faladas pelos grupos indígenas que, na época dos primeiros contatos, produziam cerâmica. Com base na distribuição das cerâmicas arqueológicas, demonstra que todas as cerâmicas encontradas no leste da América do Sul se relacionam a apenas quatro tradições ceramistas, a saber: Tradição Pedra do Caboclo, Tradição Palo Branco, Tradição Policrômica Amazônica (representando os falantes do Tupi, com a cerâmica dos Guarani e dos Tupinambá como subtradições) e a Tradição Uru.

As novas colocações de Brochado estão baseadas no modelo de Lathrap (1970), que pressupõe um imenso movimento centrífugo de populações que teriam deixado a Amazônia Central em vagas sucessivas. O modelo de Lathrap é contrário àquele proposto por Meggers, no qual a Amazônia seria uma área receptora de traços culturais, apontando a região central dessa bacia como foco cultural gerador. Coloca a expansão das línguas tupi a partir da primeira diferenciação do Proto-Tupi na Amazônia Central em torno de 2000 A.C.

O modelo proposto só é possível partindo da premissa de uma ocupação do baixo e médio Amazonas mais antiga do que indica a documentação atual e tendo como elemento constante a pressão demográfica.

*"Given that, Lathrap (1972, 1977) proposes a very early occupation of Central and Lower Amazonia by groups of sedentary fishermen and gathers in whose house gardens cultivation slowly evolved as a response to specifiable ecological and cultural pressures. The differentiation of cultural space, along with the differentiation of cultural plants and wild plants, was the major push in this development. In time, a very simple ceramic industry emerged. Its invention must be dated well before 3500 B.C. which is the earliest date we have for ceramics of the Mina Tradition, as well as for pottery on the Middle Orinoco" (Brochado, 1984: 306).*

E mais adiante podemos ver a complementação deste pensamento:

*"Technological development and population growth took place most rapidly within Central Amazonia, and most of the innovations found around Amazonia were the result of evolution occurring in its central varzea. In contrast to this, we see - on the Upper Amazon - the superposition of discrete waves of different ceramics subtraditions"* (op. cit.: 308).

Assim, a região da Amazônia central é apontada como uma espécie de área nuclear onde foram geradas a maior parte das inovações encontradas na própria Amazônia e nas áreas próximas. O panorama descrito é o de uma situação onde podem ser observadas as mudanças graduais de culturas cerâmicas<sup>5</sup>, ao contrário das áreas periféricas, onde o que se percebe são sobreposições de culturas cerâmicas diferentes. Neste último caso estariam as áreas do litoral Atlântico e do sistema fluvial do Prata e planalto central.

A subtradição Guarani é colocada como sendo derivada da subtradição Guarita, que é a mais simples e mais antiga variante da Tradição Policrômica Amazônica. A caracterização da cerâmica guarani é dada através do tempo e da mudança de contacto com os outros grupos ao longo do deslocamento espacial efetuado por estes grupos. Da mesma forma, a subtradição tupi é explicada como uma derivação da cerâmica marajoara, com uma simplificação das peças, que, dentro de um processo de mudança, foram perdendo algumas características e adquirindo outras.

Estas propostas foram sintetizadas e apresentadas por Brochado (1989) em um trabalho específico sobre a expansão dos Tupi e da cerâmica policrômica, vista através da reconstrução das possíveis rotas migratórias.

Como se trata de um modelo, alguns pressupostos teorizados são difíceis de acompanhar, como, por exemplo, as alterações de mudanças contínuas ocorridas em

<sup>5</sup> Este autor faz uma única ressalva quando considera intrusiva a cerâmica da fase Paradó.

tradições cerâmicas que partem de culturas tidas como pertencentes a grupos lingüísticos diferentes do tupí e com características formais muito específicas, que não permitem que esta alteração possa ser explicada de maneira simplista. Na verdade, qualquer contestação a este modelo deveria ser apoiada em dados novos e com os resultados sistemáticos de algumas análises que ainda não foram realizadas. Pois, como o próprio Brochado afirma que os dados de Hilbert (1984: 308) foram reorganizados por Latirap vistos de um outro ângulo, as informações atuais permitem mais de uma leitura.

Achamos, entretanto, que os modelos e as sínteses devem ser tentados, pois é através deste exercício que se pode perceber a consistência da documentação disponível e criar estímulo para novas pesquisas que possam rebater ou confirmar as hipóteses levantadas.

Concordamos com Brochado (1984: 565) quando chama a atenção para a necessidade de entender que a

*"arqueologia do Leste da América do Sul deve ser vista como a pré-história das populações indígenas históricas e atuais. Se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que as produziram, o mais importante terá se perdido. Assim, as conotações etnográficas das tradições e estilos cerâmicos não devem ser evitados mas, pelo contrário, deliberadamente perseguidos".*

## A SUBTRADIÇÃO GUARANI E A SUBTRADIÇÃO TUPINAMBÁ E A EXISTÊNCIA DE UMA ÁREA DE FRONTEIRA

A nossa proposta não envolve a discussão das etapas pelas quais teriam passado estas cerâmicas, a partir de sua origem amazônica. Concordamos com a idéia de duas subtradições originárias de uma tradição comum, da qual se dividiram já desenvolvidas, o que explicaria as semelhanças culturais e lingüísticas. Mas que a idéia de uma se desenvolvendo da outra não pode encontrar suporte nas novas

evidências arqueológicas e estudos lingüísticos. Não colocamos em dúvida a origem amazônica destes grupos e da tradição ceramista de que são portadores, pois, como já mencionamos, não existem até agora evidências que atestem um desenvolvimento local desta cerâmica.

Entretanto, o objetivo aqui visado é o de examinar esta cerâmica como ela foi encontrada no leste sul-americano, analisando a sua distribuição e sistematizando os traços característicos de cada região, tentando estabelecer precisamente os elementos diagnósticos que possam servir de referência para a diferenciação entre guarani e tupinambá, conforme estão sendo designadas as duas subtradições.

A designação Tupi-Guarani, como referente à família lingüística, é muito ampla, visto que esta família abrange grupos que não estão relacionados com a cerâmica de que estamos tratando. Estamos utilizando o termo genérico Guarani para os grupos portadores desta tradição ceramista situados na área meridional de distribuição. Guarani se refere ao nome mais mencionado ligado aos grupos de maior concentração populacional em áreas de contacto mais intenso com o europeu, mas sob este nome estão incluídas outras designações locais como carijós, tapes, aranchás e outros. O mesmo ocorre em relação ao termo Tupinambá, que abrange as designações dos Tupi da costa.

A sistematização dos conhecimentos sobre esta tradição ceramista e as especificações das subtradições Guarani e Tupinambá, e conseqüente visualização global dos processos que ocorreram, identificados no contexto arqueológico e etno-histórico, permitiu a elaboração de um projeto de pesquisa questionando a existência, ao longo da costa brasileira, de uma fronteira cultural entre os dois grupos. A pesquisa está sendo efetuada no vale do Ribeira, região apontada nas informações etno-históricas como limite entre os dois grupos. Neste projeto, o objetivo é testar algumas hipóteses a partir do modelo de reconstrução tribal que pode ser construído com base na análise das informações disponíveis até o momento. A própria idéia de zona limite está sendo questionada quanto ao seu significado. Trata-se de uma zona onde os traços culturais sofrem uma mudança brusca ou onde eles aparecem mesclados? Ou, ainda, de uma área que poderia ter

se comportado como uma zona neutra entre os Tupinambás e os Tupiniquins, localizados em Angra dos Reis e Bertioga, e os Carijós, de Paranaguá para o sul.

Somente a precisa definição do que é Guarani e do que é Tupi, irá permitir a verificação da posição desta área de fronteira a partir de parâmetros referenciais das ocorrências da área ao sul e ao norte.

## CAPÍTULO V - A SUBTRADIÇÃO GUARANI

### ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO

Partindo do princípio que existe uma subtradição ceramista ligada aos grupos denominados genericamente de Guarani, é nossa intenção apresentar em primeiro lugar a sua área de distribuição. Como as suas reais fronteiras não estão ainda precisamente estabelecidas, levaremos em conta as ocorrências que foram até agora reconhecidas como tal. Estes limites estão estabelecidos com base nas informações dos primeiros europeus que penetraram na área e pelos achados arqueológicos de material que foi identificado como pertencente a esta subtradição.

A área que foi ocupada pelos Guarani pode ser resumidamente considerada como a bacia fluvial dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, o litoral brasileiro e uruguaio, a região de Misiones, e de forma periférica, o Chaco oriental, as ilhas do delta do Prata, com um limite máximo ao sul, evidenciado na Província de Buenos Aires<sup>1</sup>.

Métraux (1949: 69) procurou especificar esta situação, para a ocupação do século XVI, segundo este autor:

*"At this time, the Guarani were the masters of the Atlantic Coast from Barra de Cananea to Rio Grande do Sul and from their groups extended to the Parana, Uruguay and Paraguay Rivers."*

E mais adiante continua a delimitação do perímetro de ocupação:

---

<sup>1</sup> Separado deste bloco pelo Chaco, viviam os Chiriguano, dos quais não trataremos, dada as suas condições específicas, que fogem à sistematização que estamos pretendendo aqui.

*"On the eastern side of the Uruguay River, the borderline between the Charua and the bulk of the Guarani nation ran near Yapeyú. On the western side, the Gaurani occupied all the land from Yapeyú to the Paraná River. From the junction of the Paraná and Paraguay Rivers, Guarani villages were distributed continuously up the eastern side of Paraguay River and up both sides of Paraná River. They reached north to the Mbotetey (Miranda) River (Lat. 20° S), and east probably to the serras de Amambay and Maracayú. The Guarani were especially numerous in the Paraná Basin and in the Province of Guairá. There were also countless settlements along the tributaries of Paraná River, the boundary between the Tupinakin and Guarani being approximately the Tiete River"<sup>2</sup>.*

Ao longo do litoral, talvez seja mais fácil estabelecer os limites que, mesmo ainda não identificados arqueologicamente, foram apontados por vários cronistas como Soares de Sousa, Fernão Cardin e Hans Staden, que com unanimidade mencionam a presença dos carijós de Cananéia até a lagoa dos Patos. As outras informações textuais do século XVI, mesmo não mencionando a idéia de limites, denominam os grupos desta região como cários ou carijós, diferentemente dos denominados tupiniquins e tupinambás localizados mais ao norte.

Como para o interior o quadro ainda não está devidamente estabelecido em termos de limites, partiremos do princípio que o Paranapanema possa corresponder a esta possibilidade<sup>3</sup>. Incluiremos, dentro do que estamos considerando área guarani, este rio e os seus afluentes da margem paulista, onde os testemunhos arqueológicos parecem indicar uma continuidade, fato atestado por Chmyz (1977), quando correlaciona a fase Cambará, identificada por ele no alto e médio

---

<sup>2</sup> Estamos utilizando como hipótese de trabalho outro limite ao norte, marcado pela bacia do Paranapanema, portanto um pouco mais ao sul do que aquele estabelecido por Métraux.

<sup>3</sup> O Paranapanema com certeza pode ser considerado como povoado por grupos guaranis, pelo menos na sua margem paranaense, o que pode ser atestado na documentação sobre a fundação de comunidades espanholas e reduções ao longo deste rio.



Paranapanema, com aqueles sítios escavados por Pallestrini (1968/69) e Maranca (1968) no lado paulista, além de outras evidências isoladas, como a mencionada por Baldus (1951) na fazenda Iberá e as do sítio Conceição no médio Tibagi (Nigro, 1970).

Os grupos que aqui estamos denominando de Guaraní de forma generalizada, puderam ser identificados pelos espanhóis do século XVI e XVII pelos seus nomes específicos. Assim temos as seguintes denominações: Aranchãs, cerca da lagoa dos Patos; Itatin, do rio Apa até o rio Miranda; Tape, perto da serra geral no Rio Grande do Sul; Tobatin, cerca de San Estanislao e San Joaquín; Guarambaré, n rio Ypané, e Taioba, no rio Ivaty. Os habitantes da costa eram conhecidos como carios ou carijós, sendo que a denominação cario também era utilizada para os antigos habitantes do rio Paraguai, perto de Assunção, quase como sinonimo de guarani, sendo que somente esta denominação era usada para designar os moradores da área do Guairá.

Ainda resta mencionar os guaranis das ilhas, que eram chamados de Chandris ou Chandules pelos cronistas e segundo Métraux (1949: 69)

*"lived in the 16th century on the islands of the rio de la Plata, and on the southern side of Paraná Delta from San Isidro to the vicinity of Carcaraña River (lat. 34º, long. 58ºW)."*

Os grupos portadores da subtradição Guaraní conviveram com outras etnias, o que pode ser evidenciado arqueologicamente através da associação de diferentes tradições ceramistas ou da aculturação, identificada através da adoção de certos atributos. Esta situação está mais ou menos de acordo com o panorama que Susnik (1986:132) estabelece para o período próximo ao contato.

*"Al iniciarse la conquista hispana los Guaranies ocupaban las áreas entre los rios Miranda y Paraná, entre los rios Paranapanema hasta el sur del rio Uruguay. Asentándose también en las islas grandes de los rio s Paraná y Uruguay; en esta amplia zona existían muchos enclaves, las*

*tierras de los proto pobladores kainganges-Gés. El rio Paraguay siempre fue la 'frontera' entre los guaraníes y los chaqueños."*

Do ponto de vista arqueológico, algumas diferenças, que levaram ao estabelecimento de fases culturais, puderam ser reconhecidas na análise do material proveniente das diversas regiões que ocuparam em épocas contemporâneas ou não. O que vem confirmar à situação descrita em tempos históricos, onde os Guarani, Tape, Arachã e Carijó, formavam tribos nominalmente diferenciadas.

Dentro da área de distribuição deste grupo, a zona litorânea meridional que possui um povoamento contínuo é aquela localizada nas proximidades da lagoa dos Patos e nos vales dos rios que vêm do interior para aí desaguar. Ocuparam os terrenos altos do Jacuí, sendo que em quase todos os seus afluentes foram identificados sítios desta tradição, assim como vestígios de outras culturas, contemporâneas ou anteriores a ela.

Analisando esta situação Schmitz (1977) apresenta, para esta região, a possibilidade de se inferir pelos menos dois grupos.

*"O tupiguarani é conhecido no Rio Grande do Sul desde 475 D.C., quando aparecem suas primeiras aldeias no Alto Jacuí. Daí ele se espalha por toda a bacia do Jacuí e pela costa, até colonizar todas as áreas da mata tropical. Um outro grupo tupiguarani colonizou todas as matas do alto Uruguai e seus afluentes principais. Quando os missionários chamam os primeiros de Tape e os segundos de Guarani, provavelmente estão registrando uma diferença cultural, e que vem desde muitos séculos."*

Para o sul, ao longo do litoral, a expansão se deu até onde puderam encontrar ambiente propício ao seu sistema de cultivo. Na área das lagoas, que engloba o extremo sul do Brasil e o litoral norte do Uruguai, foram detectados sítios com material desta tradição sobre dunas e nas camadas superiores dos cerritos.

A presença de cerâmica guarani nas camadas superiores dos cerritos não deve ser entendida como sendo típico destes grupos este tipo de estabelecimento.

*"Os construtores dos cerritos estiveram em contato com estes tupiguarani seus contemporâneos e vizinhos, recebendo elementos de sua cultura, o que explicaria a associação dos mesmos materiais na superfície e camadas superficiais dos cerritos; a outra hipótese, que nos parece menos plausível, é que os tupiguarani tenham ocupado os cerritos abandonados" (Naue, 1971: 110).*

Ao longo do litoral, em direção ao sul, a ocupação se torna menos intensa, com algumas ocorrências no litoral do Uruguai, no departamento de Colonia, e com uma ocupação mais significativa em algumas ilhas do delta do Prata.

Na faixa costeira, a área de maior concentração parece ter sido a do litoral de Santa Catarina.

A ilha de Santa Catarina e o litoral adjacente abrigou uma grande concentração populacional, fato atestado tanto do ponto de vista arqueológico como etno-histórico. Também aí foram identificados contactos com outras tradições locais, tendo, no litoral mais ao norte, ocupado as camadas superiores dos sambaquis.

No litoral do Paraná temos poucas informações sobre a presença da cerâmica guarani em sítios bem caracterizados, mas este material foi identificado na camada superior de sambaquis situados na borda da bacia de Guaratiba. No entanto, foram localizados sítios com cerâmica guarani ao longo de todos os rios que atravessam o estado e vão desaguar no rio Paraná, como o Iguaçu, Ivaí, Tibagi e o Paranapanema, na divisa com São Paulo.

Uma das regiões mais densamente povoadas, mencionadas em quase todas as fontes é a do Guairá, onde as evidências podem ser reconhecidas tanto nos antigos sítios indígenas, como nas comunidades de reduções jesuítas. Com a elaboração do projeto de salvamento em decorrência da construção da hidrelétrica e da formação do lago de Itaipu, muitos registros que até então faziam parte da

documentação textual foram descobertos e pesquisados. Ao longo do rio Uruguai, em todo o seu alto e médio curso, áreas de ocorrência desta cerâmica puderam ser identificadas, principalmente nos afluentes da margem brasileira, como o Ibicuf e Ijuí.

No território uruguaio existe uma continuidade cultural que pode ser seguida ao longo do rio Uruguai, desde Salto Grande até a foz do rio Negro, área identificada como a de maiores vestígios arqueológicos desta tradição neste rio. Estas ocorrências diminuem no baixo curso, onde o ambiente de terras baixas e sem a presença da mata tropical, foi ocupada desde tempos remotos por grupos caçadores e coletores.

Sobre a bacia Paraguai-Paraná, pode-se dizer que dominavam quase todo seus alto e médio cursos, até Santa Fé e o rio Carcaraná, e, que no que se refere ao médio curso, o fato é atestado mais pelas informações etno-históricas do que pelo mapeamento arqueológico.

Entretanto, vestígios isolados puderam ser identificados em quase todo o estuário do Prata, com uma ocupação mais intensa das ilhas do Delta. Apesar da área de maior concentração no atual território argentino estar localizada na região de Misiones, vestígios desta cerâmica têm sido encontrados em várias regiões do Chaco.

O que podemos ver, examinando o mapa de distribuição da subtradição guarani, é que os grupos buscaram uma adaptação ecológica compatível com seu modo de vida, já formado e desenvolvido na região amazônica, buscando os lugares de vegetação de bosque subtropical chuvoso.

Algumas tentativas fora deste ambiente preferencial foram feitas em condições ecológicas apropriadas a grupos com tipos de adaptação a ambientes diferentes, o que pode ser atestado pela presença de cerâmica guarani em áreas onde foi considerada intrusiva pelo povoamento mais intenso e melhor adaptado de outros grupos.

Embora tenham sido os habitantes mais recentes em todas as sequências culturais até então verificadas, compartilharam este vasto território com outras etnias. Impuseram a supremacia pela superioridade da sua cultura, já dotada de um

padrão agrícola estável e de uma vida sedentária. Atitude que explica o constante conflito em que viviam e que pôde ser documentado pelos primeiros europeus que percorreram a região, que apontam também a existência de aldeias fortificadas.

A pressão existente, em função do território compartilhado, ajudou de certa forma a instalação dos invasores europeus, conforme comenta Susnik (1976: 9) que

*"Cuando los españoles establecieron su asiento en Asunción, los Guaraníes buscaban con ellos un pacto de alianza, pues su frontera riberaña (R.Paraguay) estaba amenazada constantemente por los Guaycurúes y los Payagués".*

## PADRÃO DE ESTABELECIMENTO

Clastres(1978: 64), comentando sobre a área de ocupação guarani, faz uma reflexão entre este vasto território e a densidade da população envolvida. Resume a área territorial como situada entre

*"duas linhas paralelas (o curso do Paraguai e o litoral marinho), das quais basta ligar as extremidades para conhecer os limites setentrional e meridional do território guarani (....) Esse quadrilátero de aproximadamente 500.000 km<sup>2</sup> não era integralmente ocupado pelos Guarani, uma vez que outras tribos residiam nesta região, principalmente os caingangue. Pode-se avaliar em 350.000 km<sup>2</sup> a superfície do território guarani".*

Os dados sobre a demografia destes grupos são muito imprecisos, pois são provenientes de situações diferentes tanto cronológica como espacialmente.

Os cálculos feitos por Clastres indicam 1.500.000 índios guaranis antes da chegada dos brancos, o que implica uma densidade de 4 habitantes por quilômetro quadrado. Esta estimativa, se recusada à luz da demografia tradicional, torna-se

razoável quando recolocada na perspectiva demográfica traçada pela escola de Berkeley<sup>4</sup>.

Se os números fornecidos por aqueles que foram testemunhas visuais destas populações são contraditórios, coincidem em um ponto, que eram numerosos, e que tinham impressionado os europeus por este número, pois se a população fosse escassa não haveria necessidade de tentar quantificar.

Serrano (1976: 128) também fornece alguns números para a população guarani.

*"El Alto Paraná es quizás parte del antiguo habitat de este pueblo y el delta constituyó una tierra de ocupación bastante reciente en relación a la conquista española. Algunos cálculos hacen ascender a 40 000 almas la población Guarani del delta en el siglo XVI".*

Podemos tentar examinar como esta população estava distribuída ao longo da paisagem, tentando inferir a existência de um padrão de estabelecimento geral para a área ou diferenciado para algumas regiões particulares, mesmo levando em conta a heterogeneidade das informações.

Do ponto de vista arqueológico, a área correspondente ao território brasileiro possui maior número de informações provenientes de pesquisas sistemáticas. Pois aí foram pesquisadas extensas regiões, ao longo dos principais

---

<sup>4</sup> Sobre estas estimativas existem algumas considerações no trabalho de Clastres (op. cit.: 66) que valem a pena serem citadas. Sobre os seus dudos coloca que

*"Não escapa de forma alguma que nossa cifta permanece hipotética (embora se possa considerar um sucesso a possibilidade de haver estabelecido uma ordem de grandeza que nada mais tem que ver com os cálculos anteriores). Ora, dispomos de um meio para controlar a validade destes cálculos. A utilização do método regressivo, brilhantemente ilustrado pela Escola de Berkeley, servirá de contraprova aos métodos que relacionava as superfícies e as densidades.*

*Podemos com efeito proceder de forma diferente: a partir da taxa de despovoamento. Temos a possibilidade de dispor de duas estimativas efetuadas pelos jesuítas. Elas se referem à população índia reunida nas Missões, isto é, na realidade, à quase totalidade dos guarani. Deve-se a primeira ao Padre Sepp. Ele escreveu que em 1660 havia ao todo 30 reduções, nenhuma das quais de menos de 6.000 índios, algumas ultrapassando 8.000 habitantes. Havia, pois, no final do século XVII, aproximadamente 200.000 guaranis (sem contar as tribos livres). Trata-se, com a segunda estimativa, de um verdadeiro recenseamento aproximado de todos os habitantes das Missões. É o Padre Lozano, historiador da Companhia de Jesus, que anuncia os seus resultados em sua insubstituível HISTORIA DE LA CONQUISTA DEL PARAGUAY a população guarani era de 130.000 pessoas em 1730. Reflitamos sobre esses dados".*

rios, em contraste com informações dos outros países que proporcionalmente ainda se constituem em relatos de sítios isolados ou notícias sobre o encontro de cerâmica lida como guarani, ou ainda sobre a evidência de urnas. Pode-se, entretanto, conseguir uma certa continuidade de dados para algumas regiões do Uruguai e da Argentina contíguas ao território brasileiro, onde as propostas de pesquisa procuram uma certa uniformidade com os programas desenvolvidos no Brasil.

A maioria dos sítios arqueológicos se concentra em áreas do tipo de clima úmido, sem estação seca e com recursos abundantes, sempre margeando as terras altas. Fora deste núcleo florestal de maior concentração, situado nas terras firmes à margem das bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, os vestígios podem ser encontrados de forma marginal nas áreas alagadiças do Rio Grande do Sul e Uruguai e na região do Chaco, assim como sobre dunas e cordões conchíferos ao longo do litoral do Uruguai e da Província de Buenos Aires.

A busca para o estabelecimento cafeeiro em lugares que se reunissem basicamente três condições favoráveis: terra fértil, de fácil defesa e com suficiente água.

Sobre a fertilidade da terra e disponibilidade de recursos, as informações são coincidentes quanto à abundância existente e estão presentes principalmente nos primitivos relatos.

Uma das informações específicas para a área de ocupação guarani é de 1504 e já está contida na relação de viagem de Gonville (1886:348), quando descreve a terra e seus habitantes da região correspondente ao sul do Brasil.

*"Alem d'isso abitam formozo paiz, de bons ares, terra fertil em frutos, aves, e animais, e o mar piscozo, sendo as especies dessimilhanes das da Europa. E fabricam o seu pao e bebidas de certas raizes."*

Ainda falando da costa sul, da região de Santa Catarina, temos também o testemunho de Luiz Ramirez de 1528 (1888: 23):

*"Esta isla era muy alta de arborado, habia en ella cinco ó seis casas de Indios; y despues que á ella legamos hicieron muchas más, porque de la tierra vinieron muchos y hicieron sus casas. Estos Yndios trajabaron mucho asi azer las casas para la gente como en otras cosas necessarias. En esta ysia habia muchas palmas en este puertos nos traian los Yndios en finito bastimiento asi de faizonas, de gallinas, patos, perdizes, venados, dasn) que esto todo y otros muchas maneras de caza habia en abundancia y mucha miel; y otras cosas de mantimientos"*

E se referindo ao rio da Prata mais adiante apresenta um cenário de recursos semelhantes:

*"el pescado de la tierra es mucho y muy bueno: es tal y tan sano que nunca los hombres vieron que con venir todos ó los mas enfermos y achacados de diversas maneras de enfermidades con tener dieta con pescado y agua hasta artar en menos de dos meses que alli llegamos estabamos todos tan buenos y tan frescos como quando salimos de Spaña, y mientras en esta tierra tenemos estados no adolecido ninguno de nosotros. Es la tierra mui sana y mui llana sin arboledos: ay en ellas muchas maneras de cazas, como benados y lobos y raposas, y abstruces, y trigris: estos son cosa muy temerosa: ay muchas ovejas salvajes" (op. cit.: 28).*

Esta exaltação da terra pode ser encontrada também no relato de Pero Lopes de Sousa quando, entre 1530 e 1532, percorre o sul do Brasil e penetra no rio da Prata, falando da terra da seguinte maneira:

*"Havia muchos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel e muito bom: e achamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he muito bom mantimento, e que a gente folgava comer".*



Descrevendo a ilha de Martin Garcia, menciona as condições ideais de ocupação, sem entretanto comentar sobre qualquer vestígio indígena<sup>5</sup>.

*"é a postura do sol fui surgir a hua ilha grande, redonda, toda cheia de arboredo, à qual puz o nome de Santa Anna. Aqui estive toda a noite; onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomavamos peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, os mais saborosos do mundo" (op. cit.: 54).*

Comentários deste mesmo tipo aparecem no relato de Schmidel que também percorreu a região do rio da Prata e Paraguai entre 1534/1554 (1986: 44), quando comenta sobre os cários.

*"Después de abandonar a los agaces llegamos a la nación de los carios, a cincuenta leguas de aquellos, a allí Dios Todopoderoso en su bondad quiso que encontrásemos, como nos habían avisado, maíz, unas raíces blancas, que son las batatas y se parecen a las manzanas y tienen también el mismo sabor, y mandioca que sabe a castañas de la cual los indios sacan su vino. También tienen em abundancia pescado y carnes, venados jabalíes, avestruces, ovejas indianas, grandes como mulos, y conejos, gallinas y cabras, así como miel de la que se hace también vino. Asimismo hay mucho algodón."*

Citações semelhantes poderiam ser retiradas do COMENTÁRIOS de Cabeza de Vaca, de 1554/55, da CONQUISTA ESPIRITUAL de Montoya, do final de século XVI e da crônica de Ruy Diaz de Gusmán, feita em 1625, que confirmam

---

<sup>5</sup> O fato de Pero Lopes de Sousa não mencionar nenhuma ocupação na ilha em 1530/32, pode servir de referência para a datação de 1545 A.D. existente para o material guarani aí identificado.

esta situação de abundância e exuberância com que a terra recém-descoberta era descrita.

A população estava distribuída neste território sob a forma de núcleos constituídos por várias famílias, cujo número parece ter variado por região. Estas aldeias eram constituídas por casas comunais, sendo que pelos dados que possuímos até agora não é possível precisar uma diferenciação entre elas.

Compartilhavam entretanto este ambiente com outras populações, conforme podemos verificar não apenas pela informação etno-histórica como também pelos vestígios arqueológicos indicando aculturação ou presença de material intrusivo, situação esta existente em vários pontos da área ocupada. Algumas destas populações parecem ter convivido em estado quase permanente, gerando grandes conflitos, e para outras este contacto parece ter acontecido de forma esporádica, em algum período do ano. No primeiro caso, a evidência mais nítida, além dos relatos existentes para o período do contacto com o europeu, é a existência de aldeias fortificadas e, no segundo, de traços culturais que identificam o contacto.

O conhecimento sobre a configuração das aldeias é resultante das descrições encontradas nas crônicas, pois as escavações em amplas extensões que produziram plantas que mostram a distribuição dentro do espaço habitacional são em pequeno número e restritas a uma única região. Na verdade além das plantas fornecidas por Pallestrini (1968/69, 1969, 1974, 1975, 1988), para a margem paulista do Paranapanema, temos, para a região do Guairá a menção por Chmyz (1974, 1977, 1978, 1979, 1981, 1983) da presença de vários núcleos que deveriam corresponder às antigas habitações dispostos de diferentes maneiras, em forma de L, em semicírculo ou ainda em linha paralela ao curso do rio. Existe também uma planta para do sítio Marcelina-Kue (Morais e Perasso, 1984), situado nas margens do rio Paraná, em território paraguaio.

Mesmo restringindo nossas referências analógicas ao material etnográfico do século XVI, nos parece de grande interesse a observação feita por Meliá (1981: 9) tendo como base uma situação posterior, quando relaciona o tipo de povoamento descrito pelas fontes jesuítas com os TEKOKHA conhecido através da etnografia moderna.

*"Un TEKOKHA PAI actual se presenta con las siguientes características: su tamaño puede variar en superficie y, en la cantidad de familias (de 8 a 12 en los casos extremos), pero estructura de función se mantienen iguales: tienen liderazgo religioso propio (Tekoarivixa) y político (Mouruvixa) y fuerte cohesión social. Al TEKOKHA corresponden las grandes fiestas religiosas y las decisiones a nivel político y formal en las reuniones generales. El TEKOKHA tiene una área bien definida, delimitada generalmente por cerros, arroyos y ríos y es propiedad comunal y exclusiva."*

Esta posição é a mesma de Susnik (1975: 125) que examina e apresenta a situação de um modo geral para os Tupi-Guarani.

*"Característicos son para los Tupi-guaraníes en general dos núcleos comunales: el 'tevy' como un grupo emparentado constitutivo dentro de la dimensión de una casa comunal - 'oga' Y 'tekoá-técua', como una nucleación sociolocal agrupativa, integrando la población móvil de un 'táva-asiento'; ambos núcleos son interdependientes ya que el 'tevy' constituye una unidad socioeconómica y el 'tekoá' representa una agrupación socialmente autosuficiente; entre ambos núcleos existían fricciones competitivas y muchas veces también conflictivas."*

Schmidel (1986: 45) comentando sobre a conquista da cidade dos cários descreve este tipo de estabelecimento.

*"Su ciudad, que los moradores llaman Lambaré, está rodeada de dos cercas de palos del grueso de un hombre, hincados una braza en la tierra, de doce en doce pasos. Lo que sobresale tienen la altura de un hombre con la espada alzada. A quince pasos delante de la valla tenían hecos unos fosos de una profundidad del tamaño de tres hombres, y en*

*ellos habían clavado unas lanzas de una madera dura con puntas agudas como agujas, que no descuellan. Los fosos estaban cubiertos de pajas, ramitas y un poco de tierra e hierbas, para que nosotros cayésemos en ellos al perseguirles o si quisiésemos asaltar su ciudad."*

Sobre a composição das aldeias, podemos inferir mais ou menos o mesmo padrão que foi bem descrito por vários cronistas em relação à costa brasileira, como quando Montoya (1985: 34) descreve a fundação da primeira redução.

*"Note-se que chamamos 'Reduções' aos 'povos' ou povoados de índios que, vivendo à sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em tres, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, tres ou mais, reduziu-os a diligência dos padres a povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana".*

Embora vários autores mencionem casas ou choças na região do delta, nenhum descreve como eram exatamente estas habitações.

Cabeza de Vaca (1946:557) menciona a sua composição, generalizando esta descrição quando afirma que:

*"todos los indios de los lugares por donde pasaron haciendo el descubrimiento, tienen sus casas de paja y madera".*

Embora as outras fontes, como o relato de Diego Garcia e a Carta de Ramirez, mencionem os vários grupos que estavam instalados ao longo das principais vias pelas quais eles penetraram, não possuímos para esta área descrições das aldeias, que são comuns para o litoral ocupado pelos Tupinambá. Entretanto, as descrições sobre a localização destes grupos e as evidências arqueológicas, indicam que provavelmente deveriam obedecer a um mesmo padrão básico.

Analisando estas informações e comentários podemos resumir alguns dados referentes ao tipo de estabelecimento. Primeiro, compartilharam este território com outros grupos; segundo, estavam agrupados em aldeias, cuja composição variava de acordo com a região; naquelas regiões onde existia maior concentração populacional, parece ter existido uma certa hierarquia de aldeias, com referências para "a maior de todas" ou o "mais importante dos principais"; terceiro, a escolha do lugar deveria atender às necessidades deste tipo de cultura de agricultores tropicais; e quarto, a menção a fronteiras de domínio bem definidas também parece evidente, assim como a existência de áreas desabitadas<sup>6</sup>.

## OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Em toda a área considerada como de ocupação guarani, podemos, de modo geral apresentar, a sua colocação na sequência cronológica, que parece ser a mesma, isto é, a sua presença foi registrada arqueologicamente sempre nos estratos mais recentes.

O extremo sul desta área corresponde ao nordeste da Argentina, área cultural e ecologicamente denominada como Litoral-Mesopotamia. É aquela ao longo dos grandes rios, Paraná e Uruguai e litoral do delta do rio da Prata. Reflete três tipos de ecologia cultural: uma de adaptação aos grandes rios; outra de nômades caçadores-recoletores, ocupantes do interior e por último algumas formas intermediárias entre ambos, conforme definiu Rex Gonzalez (1976).

Lafón (1971) divide esta região em três faixas ou zonas: a do norte, a central e a meridional. A primeira corresponde à província de Misiones, a central, à zona de transição entre o Chaco propriamente dito e o Pampa úmido, e a última, ao

---

6 Com relação a estas áreas desabitadas, mencionadas em quase todas as informações do século XVI, quando relatam quanto tempo andaram sem encontrar um povoado, as informações não nos permitem, inferir, no momento se se tratava de áreas não apropriadas para a ocupação ou se constituíam áreas também, com o objetivo de isolar algumas diferenciações tribais.

grande delta e às áreas alagadiças, sendo estas duas últimas periféricas em relação a ocupação guarani.

Nesta área mais periférica a cerâmica guarani tem sido encontrada nas camadas superficiais de sítios conchíferos localizados ao longo do litoral da Província de Buenos Aires (Gigliano e outros, 1971; Cerutti, 1973). Está localizada sobre evidências de cerâmica Palo Blanco e com provável contacto com o elemento europeu, denunciado por peças de metal e contas de vidro associadas.

O Chaco corresponde à outra zona considerada como fora do típico habitat guarani e ainda não temos uma visão clara de como se deu a ocupação dessa região por estes grupos. O quadro conhecido é que em todos os sítios conhecidos desta região aparece de alguma maneira cerâmica guarani<sup>7</sup>. Em uma revisão dos trabalhos sobre o Chaco, Miranda (1968) mostra que estes se limitam a falar dos achados (Pride, 1926; Schmidt, 1934), sem uma maior identificação cultural do tipo de ocupação, ainda dentro de uma perspectiva empírica da arqueologia.

Serrano (1972), que divide o litoral em quatro regiões, Misiones, Paraná central, Delta e Uruguai central, resume a ocupação guarani em todas elas como ligada a uma facie estilística evidenciada a partir das escavações de Lothrop, denominada estilo Arroyo Malo, e que está presente em todo o litoral, desde Misiones até a costa da Província de Buenos Aires.

Como para a área do Delta, o maior número de evidências é constituído por achados isolados ao longo do rio Paraná, Paycabi e Diamante (Howard, 1947), e até hoje as grandes referências continuam a ser Arroyo Malo e Martin Garcia.

Arroyo Malo, escavado por Lothrop (1932), teve o seu material descrito como pertencente aos guarani históricos, tendo sido o seu estilo correlacionado por Howard (1947) com a cerâmica policrômica da Amazônia, como resultado do reconhecimento de uma nítida distinção em relação às outras tradições ceramistas identificadas na região.

---

7 A informação da presença de cerâmica corrugada por si só não pode servir de elemento diagnóstico da cultura guarani, pois esta técnica decorativa tem uma distribuição mais ampla que a área ocupada por este grupo, portanto algumas destas informações sobre a presença de cerâmica guarani no Chaco podem não corresponder a realidade.

*"Thus the evidence, although slight, would indicate some relationships between the styles of the Polychrome Division in Amazonia and the polychrome Guarani pottery of the Southeast. The Arroyo Malo Painted complex possibly represents a later development within the Arroyo Malo style under Amazonian influence. The same may be true for the practice of urn burial. That the Painted complex is a late development rather than an early one which later died out, is indicated by its certainly late position in the prehistoric period of the Paraná Delta" (op. cit.: 82).*

A uniformidade dos achados nesta região, apontados pelo autor acima mencionado como estilo Arroyo Malo, pode ser facilmente explicada pela rapidez com que pode ser feita a difusão neste ambiente<sup>8</sup>.

Na ilha de Martín García, foi escavado por Cigliano (1968) o sítio denominado El Arbolito, definido por este como um "basural". Embora não tenha sido delimitado o tipo de ocupação espacial, o material resgatado constitui a maior coleção cerâmica, que associada a uma fogueira, pôde ser datada. A data de 1545 AD para o material denominado fase Martín García constitui a única para esta cultura nesta área.

Além destas referências pontuais que pudemos levantar, existem muitas informações que se referem a achados casuais de fragmentos cerâmicos e ao encontro de urnas. Com base nestas informações contidas em trabalhos mais antigos (Outes, 1917, 1918) Lothrop sistematizou estas referências e aponta para o Delta os seguintes lugares: Los Vizcainos island, Las Conchas, rio Paraná Mini, isla Paycarabi, rio Carabelas e Puerto Landa. Estes dados são retomados e apresentados no mapa, feito por Caggiano (1984), sobre a ocupação pré-histórica do nordeste argentino.

---

8 O testemunho de Schmidel que viajou por esta região entre 1534/54 parece comprovar este fato quando comenta:

*"Estos carios vivían con más frecuencia y más lejos que ningún otro pueblo de todo el Rio de la Plata. Son excelentes guerreros en tierra, y sus poblados y ciudades se encuentran en parajes altos, cerca del rio Paraguay"*

Aparicio (1936) comenta sobre a ocupação ao longo do rio Paraná em função do aspecto desigual que suas margens apresentam.

*"La margen izquierda, desde Corrientes hasta Diamante donde empieza la formación del delta, es alta, cae a pique sobre el río formando acantilados abruptos que alcanzan hasta 30 metros de altura, o muere en suave declive. Por estas pendientes suele alcanzar la playa el monte típico de la región. La margen derecha es baja. Una zona anegadiza de 10 a 40 km de ancho bordea el Paraná hasta la ciudad de Santa Fé. Dede allí, hasta la desembocadura del Carcaraña la ribera se eleva, altas barrancas caen sobre el río o corren, tierra adentro, a corta distancia. Este aspecto se continua aún en la Plata, hasta las inmediaciones de Buenos Aires" (op. cit.: 474)<sup>9</sup>.*

Mas a presença guarani, pôde ser evidenciada também na província de Santa Fé, conforme notícia Serrano (1934) com o sítio Arroyo Leyes.

As informações básicas e as mais antigas para o alto Paraná argentino podem ser encontradas nos trabalhos de Ambrosetti (1894, 1895) e Menghin (1962).

Menghin divide o neolítico local em antigo e recente, colocando a cultura guarani neste último, que representa para este autor o ingresso da agricultura amazônica de roça, com um padrão de estabelecimento caracterizado por habitações de grandes dimensões, grandes urnas pintadas e corrugadas, machado de pedra polida e enterramento secundário. A cerâmica guarani ocorre aí juntamente com outra tradição regional sobreposta ao altoparanaense ou cerâmica eldoradense (Rizzo, 1969).

---

<sup>9</sup> Este mesmo autor (Aparicio, 1932), levando em conta a relação entre estes aspectos geográficos e a ocupação humana, faz algumas ressalvas sobre as descrições dos cronistas, questionando se eles navegavam diretamente pelo braço principal do rio ou se seguiram a via do Corona. Ao que parece as informações etnográficas só se referiram aos povoadores da margem esquerda do Paraná, a partir do norte da província de Entre Rios, na rota para o Paraguai. A maior parte da costa entrerriana e a zona alagadiça do sul ficaram fora do alcance dos primeiros navegadores e não existe nenhuma referência histórica acerca de seus povoadores no momento em que se inicia a conquista.



Para a região de Misiones, Rizzo (1980) pôde estabelecer duas fases culturais, uma no alto Paraná, denominada fase Tabay, e outra situada no rio Uruguai, a fase Uruguai.

Nesta mesma região Giesso (1985), na escavação de Puerto Piray, pôde determinar em um sítio com dois componentes, onde a ocupação guarani foi identificada na camada superior, duas manchas de coloração mais escura que deveriam corresponder a unidades habitacionais. Este mesmo autor menciona também a presença de um sítio guarani com apenas um componente em Puerto Vitória, no rio Paraná. Ainda para esta região foram também localizadas, em grutas e abrigos, a presença de cerâmica guarani. Sobre este fato não possuímos maiores detalhes, pois trata-se do resumo de uma comunicação apresentada no VIII Congresso Nacional de Arqueología Argentina (1985).

Ao longo do rio Uruguai, as evidências da presença guarani ocorrem em todo o seu curso, sendo que na margem argentina Cigliano (1968) identificou este material desde as primeiras escavações efetuadas na área de Salto Grande. As escavações, efetuadas nesta região com o objetivo de estabelecer uma seqüência cronológica local e possíveis correlações com as regiões vizinhas, forneceram material para o reconhecimento de uma fase arqueológica denominada fase guarani. Os sítios guarani correspondem à última ocupação sobre outros componentes líticos e cerâmica de tradição local. O material resgatado é tido como semelhante ao de Martín García (Cigliano, 1968, 1971; Caggiano e outros, 1971).

Na margem esquerda estas ocorrências puderam ser estudadas além da área correspondente a Salto Grande, em território uruguaio, mais abaixo no curso do rio, perto da desembocadura do rio Negro, e no alto Uruguai, ao longo de todo curso em território brasileiro.

Rodrigues e Rodrigues (1985) apontam a presença guarani nas margens do rio Uruguai, na altura de Salto Grande, sob a forma de achados isolados, reconhecendo que os sítios com maior quantidade de material parecem estar situados nas ilhas, embora apresentem as mesmas situações básicas, isto é, ocupando níveis mais superficiais em sítios com mais de um componente e com unidades cerâmicas de outras tradições. Uma das hipóteses é que os grupos

estabelecidos nas ilhas só freqüentavam as margens por motivos circunstanciais, como procurar algum recurso ou para realizar um enterramento.

Na margem esquerda do rio Uruguai são mencionados vários sítios com dois componentes, onde a subtradição Guarani corresponde à ocupação mais recente, sobre a cultura altoparanaense. Estas informações aparecem em todo o curso médio, onde os indícios são mencionados sem um estudo sobre a configuração específica do sítio. O quadro encontrado é o mesmo para toda a região, onde os fragmentos cerâmicos aparecem nas camadas superficiais em quase todos os sítios, com a ocorrência, em alguns casos, de associações a pendentes de metal e cachimbos tipo monitor.

Para a margem uruguaia, perto de Salto Grande, Diaz (s.d.) apresenta a cerâmica guarani como intrusiva para a região, mas caracteriza o material encontrado nas ilhas como semelhante àquele encontrado nas margens, sempre sobreposto às outras cerâmicas, identificadas como típicas da região.

As fases Salto Grande e Isla de Ariba, de filiação não guarani, são apontadas como aparentadas, e a cerâmica guarani, localizada nos níveis superiores, teria a antiguidade similar à que Cigliano deu para Martin Garcia, isto é, metade do século XVI (Diaz e Rouco, 1977). Ainda Diaz falando desta ocupação mais recente diz que

*"La modalidad alfarera 'basica del litoral' constituida en el rio Uruguay medio por el conjunto Salto Grande aparece ocupando todo el Momento I de la secuencia estratigráfica. En su parte superior coexiste con los conjuntos riberiños plásticos y tupiguarani. Estos dos conjuntos son de origen intrusivo y deben ser ubicados en la parte final de la secuencia, probablemente en epocas muy cercanas a la de la llegada de los europeos" (1977: 157).*

Esta sequência pode ser melhor compreendida em outro trabalho (Diaz e Fornaro, 1977), sendo que em outro posterior Diaz (1985), tentando sistematizar a cerâmica indígena encontrada em Salto Grande, coloca a presença guarani dentro

da terceira modalidade estabelecida e definida como de composição mixta, com manifestações culturais diferenciáveis por superposições estratigráficas.

Apesar das informações para estas regiões serem abundantes e transmitidas através de várias publicações, não pudemos obter a configuração espacial desta ocupação.

Outra área de concentração pôde ser evidenciada rio abaixo, localizada perto da foz do rio Negro, onde os sítios estão tanto nas margens do próprio rio Negro, como nas ilhas, sendo que no rio Uruguai estes pontos aparecem próximos às corredeiras.

No delta do rio Negro os sítios, embora não numerosos, podem ser localizados nas margens e nas grandes ilhas da desembocadura do rio Uruguai. Nesta região, Boreto e outros (1973) identificaram duas fases. A fase Bopicuá, situada no rio Negro, é considerada mais antiga que a fase Yguareté, cujo material foi correlacionado com o da ilha de Martin Garcia. Entretanto, esta última fase, mesmo tendo sido localizada em período tardio, não apresenta evidência de material europeu associado.

Existe ainda, para esta região, uma referência pontual para o sítio Punta Negra Este, perto da ponte internacional (Boreto e outros, 1974).

Diaz e Fornaro (1977), elaborando um quadro de ocorrências pontuais da cerâmica guarani, apontam a presença desta cerâmica no vale do rio Uruguai e na costa platense como correspondendo à expansão do ramo mais austral do movimento migratório destes ceramistas. Sua descida pelo rio Uruguai aparece documentada nos seguintes sítios: desembocadura del rio Cuareim, rio Arampey, isla Verdum, costas del departamento de Salto, islas de Salto Grande, costa del departamento de Paysandú, zona del delta del rio Negro (fase Bopicuá e Yguareté); isla Martin Garcia, costa del departamento de Colonia, costa del departamento de San José (arroyo Pavón, Arazati), Puerto La Tuna (curso inferior do rio Santa Lucia).

Baeza e Bosch (1977), mencionando as duas correntes consideradas classicamente ligadas à ocupação guarani em território uruguaio, que indicam um deslocamento ao longo do rio Uruguai e outro pela lagoa Mirim, sendo a primeira

proveniente, provavelmente, do norte e a segunda, do nordeste. Estes autores apresentam outras evidências com as seguintes localizações: lago del rio Negro, rio Tacuarembó Grande, rio Negro y barra del Arroyo Los Negros, puerto La Tuna.

Não existem datações absolutas para esta região, mas a datação de Icamaquã<sup>10</sup> no alto rio Uruguai e Martin Garcia, na desembocadura deste no La Plata, podem ordenar os parâmetros cronológicos entre estes dois pontos, o que parece indicar um movimento norte sul.

Continuando a examinar a ocupação guarani ao longo do rio Uruguai, pode-se observar que os vestígios são intensos no seu alto curso, já em território brasileiro, quando percorre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Segundo a seqüência cronológica estabelecida para o Rio Grande do Sul (Schmitz e Brochado, 1981), a posição dos sítios mais antigos é próxima à floresta tropical úmida, longe dos rios principais, com aldeias pequenas e cerâmica não muito abundante. Em um segundo momento, dá-se a grande expansão, descendo pelo Uruguai e pelo Jacuí até o litoral e a lagoa dos Patos. Neste segundo período, os sítios se localizam diretamente nas margens dos grandes rios, são extensos e estão próximos uns dos outros. A quantidade de material é abundante e ocorrem os sepultamentos em urnas. Em um terceiro período, entre os séculos XIV e XVII, teriam deixado os rios maiores e subido seus afluentes para se estabelecerem em aldeias menores. Os vestígios materiais são em menor quantidade e os enterramentos secundários feitos em urnas de menor dimensão, sendo nesta situação que os missionários jesuítas teriam encontrado estes grupos.

São, portanto, estes grandes sítios que estariam localizados ao longo do rio Uruguai e seus principais afluentes na margem brasileira, como o Ibicuí, Icamaquã, Ijuí e Comandá. E os da terceira etapa estariam localizados nos altos cursos destes afluentes e seus formadores.

Acompanhando o rio Uruguai em direção ao seu alto curso, podemos observar a fase Icamaquã, que se estende por 15 km, tendo como centro a cidade de Itaqui. Os sítios localizam-se somente nas barrancas do rio Uruguai, onde existem

---

10 Datação relativa posterior à fase Comandá, no alto Uruguai, A.D. 1400-1500 (Simões, 1972: 36).

pequenas matas de galeria. São sítios-habitação com uma dimensão em torno de 1.000 m<sup>2</sup>, com um refugio de 10 cm (Miller, 1969).

A fase Toropi está localizada no alto curso do Ibicuí, diante do planalto meridional do Brasil, no centro do Rio Grande do Sul. O conjunto de sítios desta fase sugere aldeamentos compostos de habitações de planta oval, tendo sido detectada a presença de cerâmica Taquara (Brochado, 1969).

Seguindo o curso do rio junto ao outro afluente, o rio Ijuí, estão as fases Ijuí e Induá, localizadas no seu curso médio e nas suas cabeceiras, respectivamente (Brochado, 1919).

A fase Ijuí foi primitivamente estabelecida a partir de 23 sítios cerâmicos abertos e superficiais, tendo sido possível em vários deles, delimitar áreas habitacionais em forma aproximadamente circular ou elíptica, medindo entre 2 e 6 m a 10 ou 20 m de diâmetro, onde foram encontradas também urnas funerárias. Alguns sítios pareciam constituir verdadeiros cemitérios, onde as urnas, de tamanho variável, achavam-se, na ocasião, enterradas até o nível da borda, cobertas com outras mais rasas, contendo vasilhas menores em seu interior e dentes humanos (Brochado, 1969). Trabalhos posteriores na região estabeleceram a fase Ijuí-Jussara, que apresenta algumas diferenciações que podem ser identificadas na seriação cerâmica (Ferrari, 1983).

A fase Induá, estabelecida com base em 18 sítios, está localizada no interior das matas que, primitivamente, englobavam os vales dos rios Fiuza e Caxambu, formadores do Ijuí. Nesses vestígios de habitação aparecem fragmentos de argila com impressão de ramos finos, possivelmente restos de paredes e cobertura de taipa (Brochado, 1969)

A fase Comandá, situada mais acima, ao longo do rio, com sítios localizados dentro da mata, possui cemitérios cujas urnas, agrupadas em número de até quatro, acham-se a aproximadamente 10 m das manchas de terra preta. No interior das urnas foram encontrados restos humanos, bem como tembetás em cristal hialino, amuletos e colares em material lítico e ósseo. Ocorrem machados polidos, em sua maioria pequenos, e às vezes encontrados em urnas funerárias. Também aqui, trabalhos posteriores identificaram outros sítios, que determinaram a fase

Comandã-Jussara, e que apresentam de um a cinco núcleos, quase sempre recobertos de moluscos fluviais (grupo Bilidae), que possivelmente serviam de alimento (Ferrari, 1983).

A fase Irapuã, com uma datação absoluta de A.D.  $730 \pm 120$ , corresponde até agora, à ocupação mais antiga dos guarani no rio Uruguai, e foi estabelecida a partir de 5 sítios, onde a cerâmica com decoração plástica é rara, predominando as de superfície lisa e pintada.

Os sítios da fase Irapuã localizam-se próximos à vertente sobre as coxilhas da serra do alto Uruguai, com manchas de terra preta agrupadas de uma a quatro (Miller, 1969).

Na fase Comandã, os sítios localizam-se à beira do rio Uruguai, preferencialmente nas barrancas altas, especialmente junto à corredeiras e lageados confluente com o rio Uruguai, também compostos por manchas de terra preta agrupadas de uma a quatro (Miller, 1969).

As outras fases que foram estabelecidas, a Itá e Ipira, situam-se nas margens do rio Uruguai e no Pelotas, no Rio Grande do Sul, e na margem direita do rio Uruguai, como também no curso inferior do rio do Peixe, em Santa Catarina. A fase Itá possui a datação absoluta de A.D.  $1360 \pm 100$ . Os sítios localizados são habitações, sendo que em todos eles foram encontradas urnas, localizadas a poucos metros das manchas de terra preta. Subsistem ainda as grandes formas de ombro escalonado e suporte de tampa.

A fase Ipira parece corresponder a uma ocupação imediatamente subsequente à Itá e está representada por 5 sítios habitação que acusam a presença de enterramentos, e as urnas encontravam-se próximas às manchas de terra preta, formando pequenos agrupamentos (Miller, 1971).

Essas fases, identificadas na margem riograndense, têm uma continuidade cultural na margem direita, em Santa Catarina, com as mesmas características gerais (Piazza, 1971).

Para a margem direita, município de Itapiranga, no lado catarinense, Rohr (1966, 1968) menciona que, desde a fronteira com a Argentina até o vale do rio do Peixe, numa extensão de 250 km, ocorrem sítios guaranis, evidenciando grande

quantidade de material. Segundo este autor, estes sítios possuem dois componentes, onde a cerâmica guarani aparece no superior, sobre uma ocupação mais recuada no tempo, pertencente à tradição altoparanaense. Fornece uma datação de 1180 anos, o que daria A.D. 770, para esta cerâmica, em um sítio do alto Uruguai<sup>11</sup>.

Para esta mesma região, Schmitz (1957) menciona um sítio com uma configuração onde, de um lado de um pequeno córrego, que estaria dividindo o sítio, aparecem três manchas de terra preta e, do outro, um cemitério.

De Masi e Schmitz (1985) apontam ainda algumas características da implantação no relevo para os sítios localizados em Itapiranga, onde teriam uma ocupação média de 3.300 m<sup>2</sup> em uma declividade de área de 6,5<sup>o</sup>.

A fase Mondaf foi estabelecida a partir de 40 sítios, localizados ao longo do rio Uruguai, tendo como eixo principal da área pesquisada o rio Chapecó, em Santa Catarina. Estão localizados nas margens e nascentes de cursos de água, e foram identificados como sítios-habitação, com evidência de enterramentos em urnas. Possui duas datações absolutas, A.D. 880±100 e A.D. 1460±70 (Piazza, 1969).

Cerâmica de Tradição Taquara encontra-se de maneira intrusiva em sítios das fases situadas ao longo do rio Uruguai e afluentes, tanto na margem esquerda quanto da direita, assim como a cerâmica guarani em sítios desta tradição.

A fase Mondaf, com datação A.D. 880±100 possui uma datação inferior à Comandaf, (A.d. 1735±105) situada mais abaixo do rio. Pelo menos desde a fase Itá (A.D. 1360±100) se observa um movimento subindo o rio Uruguai até o rio Pelotas identificado, na fase Ipira, provavelmente já no século XVII. Descendo pelo rio Uruguai, estariam as fases Ijuí e Induá, no rio Ijuí e Icamaquã, perto do rio Ibicui, e os sítios de Uruguiana, perto do rio Quaraf (Schmitz e Brochado, 1981)<sup>12</sup>.

Em relação ao rio Paraguai, embora as fontes históricas apontem como de intensa ocupação guarani, as informações arqueológicas são escassas e constituídas

---

11 Informação dada durante a Mesa Redonda da SBFC sobre a situação atual da pesquisa arqueológica no Brasil, 1972.

12 Não tivemos acesso ao material proveniente do projeto arqueológico do Uruguai para a região da área da represa de Itá, cujos resultados ainda não foram divulgados.

por referências a encontro de urnas e a coleções museológicas, mas sem descrição dos sítios desta cultura.

Estes achados também são mencionadas como provenientes principalmente das redondezas da cidade de Assunção e de Ipané. No lago de Ipacará, cuja principal ocupação não teria sido guarani, também foi evidenciada a presença desta cerâmica (Schmidt, 1934).

No rio Paraná, área realmente nuclear do povoamento, principalmente no seu alto curso, Mayntzhusen (1985) comenta as marcas destes estabelecimentos na desembocadura de quase todos os rios e arroios.

Este autor indica uma situação um pouco diferente daquela observada nas áreas periféricas de ocupação, onde a cerâmica guarani encontra-se quase sempre sobre outras ocupações ou em associação com outras tradições ceramistas, fato que parece não ocorrer aqui, principalmente no que se refere à associação cerâmica, atestado pela seguinte conclusão:

*"La población había sido muy numerosa en las costas del Paraná. Un ojo avezado encuentra hoy en casi todas las desembocaduras de rios y arroyos las huellas de estos asentamientos: paraderos o sambaquis.*

*El poblamiento tuvo lugar durante varios siglos y esto se deduce por los distintos grados de desintegración de los huesos y pinturas de tiestos en los paraderos.*

*Nunca encontré capas culturales sobrepuestas o con signos claros de culturas diferentes. Los tiestos típicos corrugados o los pintados son los mismos con iguales modelos" (op. cit: 2)*

Susnik (1986), comentando sobre o material arqueológico do Museu Andrés Barbero, informa sobre a sua procedência de Yaguarazapá, Kunapirú e Tacurupucú (Hernaderías), e acrescenta:

*"Es importante mencionar que en los mismos lugares encontraron-se también los fragmentos cerámicos, siempre en cercanías de dichos*



*'talleres de piedra'; estos fragmentos indican el estilo guarani, hecho que habla de la sobre-estratificación de los paleo-guaraníes en la zona alto-paranaense" (op. cit.: índice 5:1)*

Em território paraguaio, os mais significativos dados arqueológicos estão localizados no rio Paraná e se referem aos resultados das escavações do sítio Marcelina Kue e aos da área de Itaipu, acima da foz do rio Iguazu<sup>13</sup>.

Morais e Perasso (1984) indicam para o sítio Marcelina Kue um nível litocerâmico histórico que corresponde ao aldeamento cujas estruturas foram mapeadas. As urnas, contendo esqueletos humanos e outras vasilhas menores, se encontram a uma certa distância do conjunto formado pelas manchas negras ou espaços habitacionais. Entretanto, a publicação não fornece maiores informações sobre esta cerâmica, enfocando no estudo do material lítico.

Díaz Roig (1981) comentando as ocorrências do lado brasileiro de tradições ceramistas como a Itataré e Casa de Pedra, e Taquara, afirma a não existência destes grupos na margem direita do Paraná. Resumindo os trabalhos desenvolvidos durante o projeto de salvamento relacionado à construção de Itaipu, esta arqueóloga apresenta o seguinte quadro:

*"En las investigaciones arqueológicas practicadas en la zona de influencia de Itaipu hemos encontrado numerosos signos de la vida de los Tupi-Guarani. En las pruebas de laboratorio hemos podido establecer una fase cultural a la que subdividimos en tres periodos de acuerdo al mayor o menor porcentaje de uno o otro tipo de decoración. Al primer periodo designamos indígena autocto Guairá, cuyos pobladores existieron entre el siglo 8 y 10 de nuestra era; usaban un corrugado classico, alto muy bien elaborado. Después viene el periodo medio, que va del siglo 11 al 14, donde ya aparece un tipo de corrugado más bajo, menos ntido o cepillado en escaso porcentaje. En tercer lugar*

13 Pelos dados até então publicados, o sítio escavado no município de Caballero, por Pallestrini e Perasso (1986) não pode ser considerado com segurança como de ocupação guarani.

*está el periodo tardío, que se extendió del siglo 14 al 17 y se caracteriza por el elevado porcentaje del cepillado; es ya una época contemporánea a la llegada del blanco europeo.*

*Los sitios más antiguos de la tradición Tupi-Guarani los hemos localizados en el centro del área afectada por Itaipu, aunque también hay un sitio muy antiguo en el cantero mismo de obras<sup>14</sup>.*

Citamos estes trechos, que correspondem a uma das únicas publicações sobre a margem direita paraguaia do lago de Itaipu, com o objetivo não apenas de apresentar os dados, mas também refletir sobre as dificuldades de correlacionar os dados quando são utilizados termos iguais com conceitos diferentes, como é o caso do conceito de fase empregado por esta autora<sup>15</sup>.

O quadro desta região, entre os rios Paraguai e Paraná, hoje território paraguaio, ainda não está bem definido, pois, se tanto Mayntzhusen como Diaz Roig afirmam a não existência de outras tradições ceramistas, esta não é a opinião de Susnik (1975: 24), quando apresenta o seguinte resumo:

*"En el área paraguaya, entre el R. Paraguay e el R. Paraná -límites del siglo XVI - , existían por lo menos cuatro diferentes subtradiciones cerámicas, un indicio claro de los vários movimientos étnicos por ambos ríos y sus afluentes; tampoco los pueblos pre-guarani, si bien todos de cultura generalmente caracterizada como paleolítica, no eran homogéneos étnicamente y su repetitividad cultural variaba".*

A falta de dados para esta região nos impede de apresentar um panorama provável para a ocupação guarani e associação com portadores de outras tradições, a partir apenas das já mencionadas informações etno-históricas.

14 Informações publicadas no suplemento da revista ABC, 29 de novembro de 1981, Asunción.

15 Foi desenhada nesta área a redução de *Naividad de Nuestra Señora del Acaray*, cuja estrutura puderam ser recuperadas e resgatada a sua configuração antes da inundação.

No rio Paraná, na altura de Foz do Iguaçu, os trabalhos desenvolvidos durante o projeto de salvamento para a construção de Itaipu evidenciaram vários sítios que foram agrupados em três fases, Itacorá, Ibirajé e Sarandi (Chmyz, 1981, Projeto Itaipu, I, II, III, IV, V, VI, VII).

A fase Itacorá, localizada ao longo do rio Paraná e pequenos afluentes, está representada por sítios constituídos por manchas de terra preta, circulares, variando de duas a três e com espessura de 12 a 20 cm, compostos tanto por concentrações únicas como por várias agrupadas. Como a variação das áreas ocupadas é grande, de 254 a 6.594m<sup>2</sup>, pôde ser identificada a existência de dois tipos de sítios: habitação e acampamento. Chmyz (1980), fazendo um balanço de 5 anos de pesquisa dentro do projeto Itaipu, estabelece uma tendência de movimentação desta fase no sentido norte-sul.

Os sítios de maior proporção, com áreas que ultrapassam os mil metros quadrados, encontram-se principalmente ao longo do rio Francisco verdadeiro ou proximidades.

As fases Ibirajé e Sarandi ocorrem ao longo do rio Paraná, até as proximidades de Ciudad Real, na foz do Piqueri e no baixo Iguaçu. A fase Ibirajé, estabelecida primeiramente no baixo Iguaçu, ocupava os pontos elevados, sempre próximos de algum riacho. Nestes sítios foram evidenciadas as grandes urnas carenadas e suas respectivas miniaturas. É interessante mencionar o encontro de fragmentos de argila com impressão de fibras, taipa, sugerindo o uso de habitação barreada.

Para a fase Sarandi, os vestígios tinham formato elíptico medindo em geral 120 x 100 m. A periferia destes locais era diferenciada por uma faixa contínua de 10 a 15 m de largura, onde a terra tinha uma coloração mais escura que a normal. Esta configuração pode ser melhor compreendida com a descrição feita por Chmyz (1971: 93):

*"Também nesta faixa foram encontrados, além dos cacos de cerâmica e líticos, restos de cozinha. Estes depósitos jaziam entre 10 e 25 cm de profundidade. Na parte interna da elipse, havia um espaço onde só*

*ocorriam vestígios de enterramentos em urnas. A coloração do terreno era vermelha, normal da decomposição do basalto. As urnas haviam sido enterradas até 1 m de profundidade e geralmente tampadas. Apenas traços de ossos humanos restavam no interior de algumas delas".*

Cronologicamente, a fase Ibirajé seria mais antiga, sendo que a Sarandi deve coincidir com o estabelecimento dos europeus na região do Guairá. Existem duas datações para a fase Ibirajé, A.D. 1190 a A.D. 1695 (Projeto Arqueológico Itaipu, VII, 1983)<sup>16</sup>.

No médio Iguaçu a presença guarani parece ter sido mais escassa, segundo os resultados dos trabalhos ligados ao projeto de salvamento relacionado com a construção da usina hidrelétrica de Salto Santiago. Chmyz (1981) com base na pouca evidência desta cultura dentro da área do projeto, levanta a hipótese da ocupação estar localizada mais para o interior, a salvo do alagamento da represa, da mesma forma que a ocupação dos portadores da tradição Casa de Pedra, cujos indícios só ocorreram de forma intrusiva. Esta área foi considerada como de ocupação predominante da tradição Itararé.

No alto Iguaçu os sítios da fase Imbituva, em número de 15, são pequenos e com refugo que raramente atinge 20 cm. Dois sítios estão localizados em elevações nas margens do Iguaçu, e os outros ao longo de pequenos afluentes, até 10 km para o interior. Na mesma região e ocupando a mesma situação topográfica, cinco sítios foram identificados como pertencentes a uma outra fase, a Guajuvira. Entretanto os sítios ocupam uma área menor e os depósitos não ultrapassam 15 cm de profundidade (Chmyz, 1969). Nesta região também foram detectados vestígios guarani no vale do rio Passaúna (Chmyz e outros, 1986).

No baixo curso do rio Ivaí, foi estabelecida a fase Umuarama, que possui a datação mais antiga da região (A. D. 570 ±150), a partir de dois sítios localizados em terrenos altos, onde não foram evidenciados enterramentos em urnas nas proximidades. A fase Condor, estabelecida a partir de 12 sítios, localizados sempre

<sup>16</sup> A fase Ibirajé é a que possui o maior número de sítios datados pelo C<sub>14</sub>, com 10 datações aceitáveis que se encaixam na faixa de tempo estimada de A.D. 1000 a A.D. 1500. (P.A.1, 1983: 102/3).

em terrenos elevados, no médio Ivaí, sendo a área ocupada representada pela presença de manchas escuras de forma elíptica com aproximadamente 25 x 30 m, com a presença de enterramentos em urnas (Chymz, 1969).

Dois sítios, José Vieira (Laming, 1959) e de Estirão Comprido (Fernandes e Blasi, 1951; Silva e Blasi, 1955; Silva, 1959, 1961; Blasi, 1967), situados nas margens do rio Ivaí, apresentam um complexo lito-cerâmico similar. São sítios abertos, em terrenos elevados em relação do rio e com uma visão estratégica deste. Este padrão foi observado em várias regiões pesquisadas no estado Paraná e parece ser também o que se encontra mais ao norte no Paranapanema.

José Vieira, localizado mais próximo à foz do Ivaí no Paraná, tem uma ocupação mais antiga, confirmando a suposição que os indígenas teriam vindo do noroeste, subindo o rio Ivaí.

A fase Tamboara, localizada na margem direita do rio Ivaí, nas proximidades de Doutor. Camargo, tem seus sete sítios localizados em terrenos altos, provavelmente de forma circular. Essa ocupação deve corresponder à época da ocupação espanhola na região (século. XVI e XVII), cujas influências podem ser notadas pela presença de certos traços como base plana e anular e alças (Chymz, 1968, 1969, 1977). Outras evidências semelhantes foram detectadas no rio Ivaí, como as ruínas de Jesus Maria e o sítio J. Lopes (Blasi e Chymz, 1963) da comunidade de Vila Rica do Espírito Santo (Blasi, 1963), e de Estirão Comprido (Blasi, 1967), e o sítio Salto da Bulha (Chymz, 1968).

A fase Caloré, datada pelo C<sub>14</sub> como recente, deve representar a ocupação de grupos que migraram em períodos históricos, saindo da região do Paraguai, em direção à costa do Atlântico, pelos rios Paranapanema e Ivaí.

No rio Paraná, um pouco abaixo da foz do Paranapanema, o sítio Três Morrinhos (Blasi, 1961) foi relacionado por Chymz (1977) à ocupação ligada às fases Pirapó e Cambará, já na bacia do Paranapanema.

Ao longo do rio Paraná, outros sítios com identificação guarani foram localizados, ainda sem definição de fase. Além da presença de aldeias indígenas,

foram localizados também vestígios das antigas comunidades espanholas estabelecidas af no século XVI (Projeto Itaipu V, VI, VII)<sup>17</sup>.

Na margem direita do rio Paraná foi estabelecida a fase Ivinheima, ao longo do rio Samambaia, seu afluente no Mato Grosso do Sul. As aldeias eram constituídas por uma faixa elíptica de areia com carvão vegetal, restos de cozinha e cacos de cerâmica.

A elipse media 100 x 80 m e era interrompida na extremidade orientada para o rio, formando uma ferradura, sendo que na parte central os sedimentos eram de cor amarela e a profundidade do refugo atingia até 30 cm. Foi evidenciada grande quantidade de urnas funerárias, entretanto os enterramento primários não ocorriam em seu interior, mas encontravam-se na mesma profundidade e alinhamento destas (Chymz, 1974).

Considerando esta porção do Paraná em território brasileiro e seus principais afluentes da margem esquerda, assim como a margem esquerda do Paranapanema, pode-se verificar que, nas diferentes áreas pesquisadas, ocorre material de tradição Itararé e Casa de Pedra, de forma intrusiva, em sítios guaranis<sup>18</sup>.

O rio Paranapanema, que, em princípio constitui, o limite norte para a ocupação guarani, assim como seus principais afluentes possuem informações suficientes para o conhecimento geral do tipo de ocupação, isto tanto para a margem esquerda, no Paraná, como para a direita, em território paulista.

No baixo Paranapanema foi estabelecida a fase Pirapó, cujos sítios estão localizados na margem esquerda deste e ao longo do Pirapó, onde puderam ser evidenciadas manchas mais escuras. Não foram encontrados restos de

---

17 No rio Paraná, perto da foz do rio Piqueri, estão localizadas as ruínas de Ciudad Real, antiga comunidade espanhola estabelecida em 1555 (Chymz, 1963, 1964, 1976; Watson, 1974). Segundo fontes históricas, esta comunidade teria sido estabelecida em cima de uma aldeia guarani preexistente (Cortesão, 1951). Também Chymz (Projeto Itaipu II, 1977) levanta a possibilidade do sítio PR F1-82 estar relacionado com a comunidade de Ontiveros, que teria sido a primeira comunidade no Guairá, estabelecida em 1554.

18 Estes contactos interétnicos foram sistematizados em trabalho anterior (Scatamacchia, 1981: 90/4), com base nas publicações de Chymz sobre o assunto, que podem ser consultadas na bibliografia.

enterramentos, mas fragmentos indicam a presença de grandes vasilhas (Chymz, 1974).

Ainda neste rio foi estabelecida a fase Guaraci, na qual, em alguns sítios, as manchas escuras geralmente com 10 m de diâmetro, dispunham-se em círculo, já aparecendo aqui os vestígios de urnas. Esta fase se relaciona com a fase Ivinheima (Chymz, 1974), no estado de Mato Grosso do Sul, e sugere um movimento migratório para o Paraná via rios Paraná e Paranapanema. (Chymz, 1977). Existe uma datação para esta fase de A.D. 1420  $\pm$  55. (Chymz e Chymz, 1986)

A este quadro deve ser acrescentado os resultados do Projeto Arqueológico Rosana-Taquaruçu, com a localização de dois sítios ligados a esta tradição dentro da área afetada pelas obras. Um deles, pertence à fase Guaraci, constituído de estruturas semelhantes àquelas detectadas na região, dispostas numa área elíptica de 6 252 m<sup>2</sup>, próximo ao rio e em terreno elevado, com refugo médio de 20 cm. Foi localizado na área um possível conjunto funerário, afastado das habitações. O outro sítio está ligado à fase Loreto, que se encontrava perturbado, mas permitiu a coleta superficial de uma área de 6 280 m<sup>2</sup> (Chymz, 1984)<sup>19</sup>.

No médio curso do Paranapanema, entre os rios Itararé e Tibagi, foi estabelecida a fase Cambará, a partir da localização de 55 sítios. Estes são em geral em formato elíptico com a orientação de sua maior extensão paralela ao rio, evidenciando, em raros casos, pequenas manchas circulares. Os sítios mais antigos aparecem na parte leste da área pesquisada, as evidências mais recentes nas partes central e oeste, o que parece indicar uma migração leste oeste (Chymz, 1977). Este mesmo autor correlaciona à tradição Cambará a outras evidências isoladas, como aquelas colhidas por Baldus (1951), na fazenda Iberá, e as do sítio Conceição (Nigro, 1970).

No rio Tibagi, afluente do alto curso do Paranapanema, foi estabelecida a fase Tibagi, com datação moderna, com 6 sítios localizadas no curso médio daquele

---

19 A fase Loreto, situada nas margens do Paranapanema, corresponde ao período do estabelecimento das reduções jesuítas no noroeste paranaense, tendo sido identificado o sítio da redução de Nossa Senhora de Loreto (Chymz, 1974) e Santo Inácio Mini ou do Ipaumbucu (Blasi, 1971).

rio. Está correlacionada à fase Caloré, situada entre os vales do Tibagi e Ivaí, e à fase Sarandi, na foz do Iguaçú (Chymz, 1967, 1969).

O projeto desenvolvido no vale do Paranapanema pelo Museu Paulista da USP, na sua margem esquerda, permitiu delinear características para os sítios cerâmicos, que basicamente podem ser resumidas da seguinte maneira:

*"Aldeias pré-históricas em ápices de colinas de suaves altitudes, correspondentes a comunidades que habitavam a região a 1.000 anos. Estas aldeias do Paranapanema ocupavam áreas de 150 x 150 m em média, com 8 a 10 choupanas de 10 a 12 m de diâmetro aproximadamente, estando os sepultamentos em urnas situadas entre as choupanas" (Pallestrini, 1978: 16).*

As pesquisas nos sítios Jango Luís (Pallestrini, 1968/69), Fonseca (Pallestrini, 1969), Alves (Pallestrini, 1974) evidenciaram uma única ocupação, com uma espessura de refugo em torno de 40 cm. Os sítios Almeida (Pallestrini, 1975) e Camargo (Pallestrini, 1977, 1980) são constituídos por mais de uma ocupação. Para estes sítios pode ser reconstituída a planta da aldeia.

Os sítios Fonseca, Jango Luís e Camargo possuem datação absoluta, por termoluminescência, de A.D. 899, A.D. 758 e A.D. 920, respectivamente, e para o Almeida a data é de A.D. 1400.

Outros sítios prospectados (Pallestrini, 1975; Morais, 1979) confirmam a continuidade da ocupação verificada na margem paranaense.

A escavação do sítio Nunes (Pallestrini, 1988) mostrou que este segue o mesmo esquema das outras aldeias do projeto Paranapanema, fornecendo uma planta parcial com três manchas de 15 x 12 m, aproximadamente, e um contorno ovalado. A datação de A.D. 1100 para este sítio o insere no conjunto de aldeias ceramistas, todas abrangendo uma faixa temporal em torno de 1.000 anos antes do presente.

No sítio Prassévichus, rio Taquari, afluente do rio Paranapanema, Pallestrini e Morais (1983/84) puderam detectar as manchas correspondentes às estruturas de



habitação e 8 urnas, que foram desenterradas pelos trabalhos agrícolas. Puderam notar uma relação na distribuição destas evidências, que merece ser citada, pois, até agora, não foi possível determinar a existência de regras na distribuição das urnas dentro da aldeia. Estes autores apontam o seguinte:

*"b) Notam-se dois grupos de manchas pretas: o primeiro, integrado pelos remanescentes de seis casas formam um quase semi-círculo aberto para leste; o segundo, formado pelos restos de três habitações próximas, dispostas em linha reta, situa-se ao Norte. O grau de contemporaneidade entre os dois grupos poderia ser estabelecido por datações radiométricas.*

*c) As urnas 1, 7 e 8 estão claramente relacionadas com o grupo de habitação do Norte. As urnas 2, 4, 5, 6 têm uma associação evidente com o outro grupo de casas; a urna 3, apesar de estar mais isolada, a sudoeste, pode ser atribuída ao último conjunto" (op. cit.: 157).*

Alguns sítios evidenciados nesta área diferem morfologicamente do tipo de sítio-habitação reconhecido na região, como é o caso de José Fernandes (Maranca, 1968/69) e de outros, denominados "sítios-cemitérios", que ocorrem no vale do rio Itararé (Chmyz, 1968; Maranca, 1974). No caso de José Fernandes, trata-se de um achado isolado, composto por numerosos vasos e objetos líticos.

Um destes sítios cemitérios foi parcialmente escavado, mostrando características diversas daquelas encontradas em outros sítios. Neste, no topo de uma colina, ao redor de um círculo, construído por um muro de terra, estavam distribuídos pequenos aterros, sendo que a escavação de um deles revelou no seu interior uma urna com tampa e o outro não apresentou nenhum material cultural. Chmyz (1968) acha provável que estes sítios-cemitérios tenham sido contemporâneos ou mais recentes que a época do estabelecimento das comunidades e reduções no Paraná.

Em uma avaliação sobre a área do projeto, Morais (1985: 114) aponta algumas estruturas características que foram evidenciadas, das quais retiramos as seguintes:

*"a) Detecção de fundo de cabanas com fogueiras, pressumíveis áreas de circulação, buraco de esteio, áreas preferenciais de utilização de cerâmica.*

*b) Fogueiras externas à habitação, morfologicamente diferenciadas das internas.*

*c) Sepultamento em urnas fora do espaço de habitação, porém no âmbito da aldeia".*

Podemos mencionar ainda as informações sobre sítios com esta cerâmica nas proximidades de Presidente Prudente (Kunzli, 1987). Os vestígios de Santo Anastácio e do sítio Regadas Garcia (Pallestrini, 1975) situados no Rio do Peixe estariam situados em uma área intermediária de ocupação, entre a Bacia do Paranapanema e do Tietê. O sítio Lagoa São Paulo (Pallestrini, 1984) também estaria na mesma situação. Neste sítio pode ser evidenciada a configuração de uma aldeia com 13 manchas, posicionada sobre dois níveis líticos.

O litoral sul, parece não ter correspondido ao habitat ideal destes grupos, pois, com exceção da área da ilha de Santa Catarina, as outras evidenciaram uma ocupação pouco definida, mostrando vestígios que indicam a presença esporádica destes grupos.

No extremo sul, a ocorrência desta tradição está quase sempre associada a alguma outra tradição regional, melhor adaptada a este ambiente.

Em relação à costa atlântica do Uruguai, considerada como marginal para estes grupos, os fragmentos de cerâmica guaraní, em menor proporção, estão associados aos de cerâmica Chaná. Silva (1973) dá o panorama desta região informando que a cerâmica guarani tem sido encontrada nos dias de maré baixa, mas nunca nas escavações realizadas nas dunas, havendo uma diversidade de situações ao longo da costa uruguaia, pois, à medida que se aproxima do delta paranaense os achados são mais frequentes, e a cerâmica oferece motivos decorativos de maior complexidade.

Mais ao norte, dentro da área dos arroios, perto do lago de Palmar (G.A.L.Y., 1982), a presença de cerâmica guarani se dá em camada superior de sítios tipo "cerritos" e em alguns pontos abaixo de um substrato de caráter recente, integrado por louça, vidro e pedaços de ferro.

Os cerritos<sup>20</sup> são encontrados na planície costeira do sul do Brasil e norte do Uruguai. Os guarani e os responsáveis pela construção dos cerritos ocuparam a mesma região, embora explorando nichos ecológicos diferentes, formando duas linhas de ocupação ao longo da lagoa dos Patos (Naue, 1971).

No litoral sul do Brasil, a ocupação se deu em sítios sobre dunas e sobre os cerritos (Schmitz, 1958; Bischoff, 1928; Naue, 1968).

Os sítios sobre dunas acham-se bastante erodidos, com pequena quantidade de material e profundidade reduzida, o que leva à hipótese de possíveis sítios-acampamentos ou de curta permanência.

Mesmo tendo sido identificados cerritos com presença de cerâmica Guarani mais ao sul da região da lagoa dos Patos, o contacto mais intenso teria sido na altura do rio Camaquã (Schmitz e outros, 1970), na sua parte baixa. Este rio teria sido o caminho de ligação entre a serra, onde predominam os sítios guaranis, e a zona alagadiça, onde esta cerâmica se apresenta, de maneira intrusiva, na parte superior dos cerritos, evidenciando o contacto entre os dois grupos.

Os sítios do alto Camaquã encontram-se em patamares, declives ou topos, dos morros, perto das vertentes, com diâmetros que variam de 50 a 100 m, considerando a área onde a cerâmica está espalhada. Em diversos sítios podem ser observadas manchas mais escuras com diâmetro entre 5 e 15 m. A presença de urnas com enterramento pode ser registrada através da menção do fato por moradores locais (Brochado, 1974; Schmitz e outros, 1969).

A fase Camaquã, determinada para esta região, possui uma datação de A.D. 1060±40 para uma manifestação meridional, situada na saída da lagoa dos Patos para o Oceano, na localidade de Rio Grande (Schmitz e Brochado, 1981).

<sup>20</sup> Os cômodos, cerritos ou morrinhos de bugre, como são também conhecidos na região, ocorrem nos terrenos planos, baixos e alagadiços. São montículos que se apresentam como calotas de base elíptica ou circular, medindo entre 15 e 100 metros de diâmetro maior e de 50 a 200 cm de altura (Naue, 1968).

Na desembocadura do Guafba, a noroeste da lagoa dos Patos, existe a notificação da presença guarani, registrada nos sítios do arroio do Conde A e B, sem especificação de configuração da ocupação (Leite, 1975). Ainda no vale do Camaquã, entre este e o rio Irapuã, foi estabelecida a fase Caçapava (Ribeiro e outros, 1986).

Em relação aos terrenos altos do Jacuí, podemos afirmar que estes grupos ocuparam, quase todos, de regiões ao longo dos principais afluentes. Nestes foram detectadas várias fases e algumas datações que permitem nortear o sentido da ocupação.

Para o vale do rio dos Sinos, foram estabelecidas as fases Paranhana e Maquiné (Miller, 1967). A fase Maquiné, que tem uma posição anterior na seqüência seriada, em relação à Paranhana, ocorre também ao norte da lagoa dos Patos e possui uma datação A.D.  $880 \pm 100$  e A.D.  $1080 \pm 100$ . Quanto ao tipo de sítios, as referências indicam uma dimensão em torno de  $5.000 \text{ m}^2$ .

No vale do rio Caí, a fase Maratá tem a data de  $1205 \pm 115$ , que engloba sítios em campo aberto nas encostas próximas e voltadas para o rio (Ribeiro, 1968, 1973, 1974).

Duas das fases estabelecidas no vale do rio Pardo nos interessa registrar, a Botucaraí e Trombudo, com a seguinte periodização relativa, 1550-1633 e 1600-1636, respectivamente (Ribeiro, 1981). Entre os rio Pardo em Taquari mais uma fase pode ser determinada, a fase Itacolomi, correlacionada à Botucaraí e Tromando (Klamt, 1986).

Ainda no vale do rio Pardo, Ribeiro e outros (1982) identificam a fase Canhadão, ligada à ocupação guarani em locais cobertos, fato não muito comum, mas que já tinha sido registrado no vale do Jacuí e no Toropi (Brochado e Schmitz, 1976). Esta cerâmica assemelha-se à da fase Carijinho, situada em área contínua. Os autores comentam que a existência de um período de ocupação de locais cobertos foi efetiva, realizada em um espaço relativamente pequeno ( $100 \text{ m}^2$ ) e em uma área de vales abruptos. A caverna ocupada é indicada como tendo sido utilizada como sítio-habitação e o abrigo, como cemitério, que, pelas dimensões dos vasos

encontrados, os enterramentos eram secundários. Os dois locais foram ocupados sincronicamente, tendo como base para essa afirmação as características cerâmicas.

No alto Jacuí, foram estabelecidas as fases Guarantã, Vacacaf e Toropi, identificadas a partir de ocupações diferenciadas. Na fase Guarantã, o conjunto sugere aldeamentos compostos de planta circular elíptica, maiores e mais afastados que os da fase Vacacaf, sugerindo a existência de grandes aldeias nas margens do Jacuí, sendo estabelecidas, primordialmente, as datas de A.D. 1420 $\pm$ 120 e A.D. 1605 $\pm$ 105 (Brochado, 1971). As outras fases representam a ocupação posterior ao longo dos afluentes menores. Pesquisas posteriores em sítios próximos a Dona Francisca e ligados à fase Guarantã, forneceram a data de A.D. 475 $\pm$ 80, a mais antiga para o sul do Brasil (Schmitz, 1980). Esta data, relacionada a uma fase de subtradição corrugada, tida até então como posterior à subtradição pintada, dentro do esquema estabelecido para a primeira tentativa de periodização, coloca em dúvida esta aplicação mecânica, pois, na verdade, a periodização existente não garante a segurança desta seqüência.

Para esta mesma região Schmitz (1985) apresenta uma primeira tentativa, referente à ocupação tupi-guarani, de entender a relação espacial destes sítios e que constitui o passo real e efetivo para a compreensão do padrão de estabelecimento guarani.

Continuando a examinar o litoral norte do Rio Grande do Sul, os vestígios da presença guarani estão registrados desde o começo do século, por Bischoff(1928), sob a forma de achados e pontos de ocorrência de material. Schmitz (1958) menciona a existência de dois sítios na planície litorânea, situados mais para o interior que a linha de sambaquis, onde estão presentes, além de plaquetas e amuletos de metal, contas de vidro de origem européia. Este mesmo autor identifica esta ocupação como pertencente aos Aranchãs.

Entre esta área costeira baixa, onde predominam os lagos, e o litoral próximo à ilha de Santa Catarina, Rohr (1969) identificou um tipo de sítio, que denominou "paradeiros guaranis", que ocorre principalmente ao longo da faixa costeira no município de Jaguaruna. São sítios rasos que se apresentam em forma de manchas escuras com 100 m<sup>2</sup> ou várias manchas que variavam no total de 400 a

10.000 m<sup>2</sup>, tendo sido encontradas, em alguns destes sítios, urnas funerárias com restos de enterramento.

Pesquisas posteriores identificaram ocupações sobre as restingas e dunas, com área entre 3.000 e 10.000 m<sup>2</sup>, caracterizadas como sítios-habitação e com a ocorrência de urnas funerárias, tendo sido estabelecida, com base neste material, a fase Guaiúba (Piazza, 1977)

O centro maior de ocupação parece ter sido propriamente a ilha de Santa Catarina. Vários locais foram levantados, com a identificação deste material em sítios ou do registro de fragmentos cerâmicos sobre dunas (Rohr, 1961; Chymz, 1976). Em alguns locais, como por exemplo o sítio Tapera, verificou-se a coexistência de três variedades cerâmicas, com predominância da guarani (Rohr, 1966; Chymz, 1976). Resta destacar a ocorrência de muitos enterramentos primários, principalmente em decúbitos ventral e lateral, poucos fletidos (Rohr, 1966). Por outro lado, cacos grossos de grandes recipientes corrugados e pintados sugerem o uso de urnas funerárias.

Como podemos ver, na realidade esta cerâmica está presente nos principais sítios da ilha, como Tavares e Pântano do Sul (Piazza, 1965; Tohr, 1977; Chymz, 1976)

O sítio Tavares, no sul da ilha, na costa orientada para o mar aberto, possui uma área de 6.400 m<sup>2</sup> com grande quantidade de fragmentos de urnas, levando a questionar sobre a possibilidade de ser um sítio de caráter cerimonial ou de enterramento (Piazza, 1965).

Para o sul da ilha, várias referências foram feitas e muitas coletas de material, o que é atestado pela coleção do Homem do Sambaqui, com uma enorme quantidade de peças que foram descritas por Schmitz (1959).

Vale a pena mencionar, ainda, o sítio Canto da Lagoa 16, onde a ocupação guarani situa-se sobre uma camada arqueológica composta basicamente por valvas de berbigão (*Anomalocardia brasiliense*) e de moluscos terrestres ou de água doce (*Strophocheilus* sp) (Rohr, 1961).

A cerâmica guarani foi detectada em outros pontos do continente, próximos à ilha, como o local denominado Canto dos Zimbros, em Porto Belo (Piazza,

1966) Mais ao norte, ocuparam as camadas superficiais dos sambaquis (Bigarella, 1954) e estavam presentes no sítio de Itacoara, em Joinville (Tiburtius e Bigarella, 1950). Fora desta faixa litorânea, aparece material intrusivo em algumas áreas, como o vale do Itajaf (Eble e Scatammachia 1974).

No litoral norte catarinense, foram estabelecidas duas fases: Itapocu e Poço Grande. A primeira foi determinada a partir de um sítio localizado próximo ao rio do mesmo nome, com uma datação relativa entre A.D. 1300 a 1600 (Piazza, 1974). A Poço Grande, estabelecida a partir do material encontrado no município de Joinville (Beck, 1970; Piazza, 1966), não possui especificações sobre o tipo de sítios que a compõem.

No limite norte da área guarani, delimitado no litoral pela baía de Paranaguá, a ocupação está restrita a sítios rasos na borda norte da baía de Guaratuba, como Miringava-66 e Barra do Fincão-65, e na camada superficial dos sambaquis do morro do Ricardo-26, Braço Seco-69 e rio Laranjeiras-71 (Bigarella, 1950/51).

Analisando os dados disponíveis sobre as evidências e os tipos de ocupação detectadas, podemos nomear as principais ocorrências, que deverão constituir elementos de referência numa tentativa de determinar o conjunto de estabelecimentos, permanentes ou não, que estariam ligados ao padrão de ocupação e apropriação ao meio ambiente dos guarani.

Examinando os dados bibliográficos disponíveis, encontramos as seguintes denominações ligadas à forma de ocupação destes grupos:

- concentração de fragmentos cerâmicos,
- sítios abertos,
- sítios-habitacões com forma delimitada por uma coloração diferenciada do solo,
- sítios-habitacões com a presença de manchas escuras indicando o número das antigas cabanas,
- sítios-habitacões com a presença de enterramento,
- presença de urnas,

- sítios-cemitérios,
- sítios-cemitérios com uma estrutura diferenciada,
- sítios-cemitérios contíguos aos de habitações,
- parapeiros guaranis,
- sítios-acampamentos,
- sítios cobertos.

A presença guarani ocorreu em sítios com apenas um componente<sup>21</sup> ou com vários, ocupando sempre a camada superior, com um extrato variando entre 10 e 40 cm.

Dentro do habitat favorável os sítios estavam:

- em áreas colinares,
- sobre terraços ou vertentes,
- nas áreas alagadiças sobre os cerritos,
- sobre cordões de conchas,
- sobre sambaquis,
- sob abrigos e cavernas,
- sobre dunas,
- em terrenos abrigados, perto das praias litorâneas.

A articulação destas ocupações só poderá ser entendida com a melhor compreensão do sistema de organização destes grupos, que pode se observada arqueologicamente através da análise espacial verificada em determinada região, identificada culturalmente como território tribal. Neste território, a identificação do número de aldeias e de seus movimentos dentro do mesmo pode indicar, para cada área, o tempo aproximado de cada ocupação e a articulação com outros tipos de estabelecimento de apoio, que vão variar de acordo com as necessidades de cada grupo, em função do seu índice demográfico e do meio circundante. O que Schmitz

---

21 O componente é definido como um único período de ocupação na história de um determinado sítio (Willey e Phillips, 1958).



	DATA	MÉTODO	LOCALIZAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Isla Martín García (Gigliano, 1971)	A.D. 1345 ± 35	C <sub>14</sub>	Delta do Prata	Única data para a área do Delta
Fase Iguatã (Miller, 1969)	A.D. 730 ± 120	C <sub>14</sub>	Rio Uruguai	
Fase Itá (Miller, 1971)	A.D. 1360 ± 100	C <sub>14</sub>	Rio Uruguai	
Fase Mondai (Piazza, 1969)	A.D. 380 ± 100 A.D. 1440 ± 70	C <sub>14</sub>	Rio Uruguai	Estão apontadas aqui a data mais antiga e a mais recente
Itapiranga (Rohr, 1966)	A.D. 770	C <sub>14</sub>	Rio Uruguai	
Fase Comandai (Miller, 1969)	A.D. 1725 ± 55 A.D. 1735 ± 105	C <sub>14</sub>	Rio Uruguai	
Fase Ibirajé (P.A.I., 1983)	A.D. 1190 A.D. 1695	C <sub>14</sub>	Rio Iguazú/ Rio Paraná	
Fase Umuarama (Chmyz, 1968)	A.D. 570 ± 150	C <sub>14</sub>	Rio Ivaí	
Fase Condor (Chmyz, 1969)	A.D. 885 ± 95 A.D. 1410 ± 60	C <sub>14</sub>	Rio Ivaí	Existem outras idades intermediárias
Fase Tambora (Chmyz, 1968)	A.D. 1390 ± 60	C <sub>14</sub>	Rio Ivaí	
Fase Ivinheima (Chmyz e Chmyz, 1986)	A.D. 1420 ± 55	C <sub>14</sub>	Rio Samambinha/ Rio Paraná	
S.Fonseca (Pallestrini, 1975)	A.D. 889	Termoluminescência	Rio Paranapanema	
S.Jango Luiz (Pallestrini, 1975)	A.D. 758	Termoluminescência	Rio Paranapanema	
S.Almeida (Pallestrini, 1975)	A.D. 1400	Termoluminescência	Rio Paranapanema	
S.Camargo (Pallestrini, 1975)	A.D. 920	Termoluminescência	Rio Paranapanema	
Fase Cambará (Chmyz, 1977)	A.D. 820 ± 150 A.D. 1190 ± 50	C <sub>14</sub>	Rio Paranapanema	
Fase Camaquã (Schmitz e Brochado, 1981)	A.D. 1060 ± 40	C <sub>14</sub>	Lagoa dos Patos/ Oceano Atlântico	
Fase Maquiné (Miller, 1967)	A.D. 880 ± 100 A.D. 1080 ± 100	C <sub>14</sub>	Norte da Lagoa dos Patos	
Fase Maratá (Ribeiro, 1974)	A.D. 1205 ± 115	C <sub>14</sub>	Rio Caf	
Fase Guarani (Brochado, 1971)	A.D. 1420 ± 120 A.D. 1605 ± 105	C <sub>14</sub>	Rio Jacuí	In Brochado (1984) aparecem outros dados ligados a esta fase

QUADRO 3 - Datações absolutas da subtradição Guarani

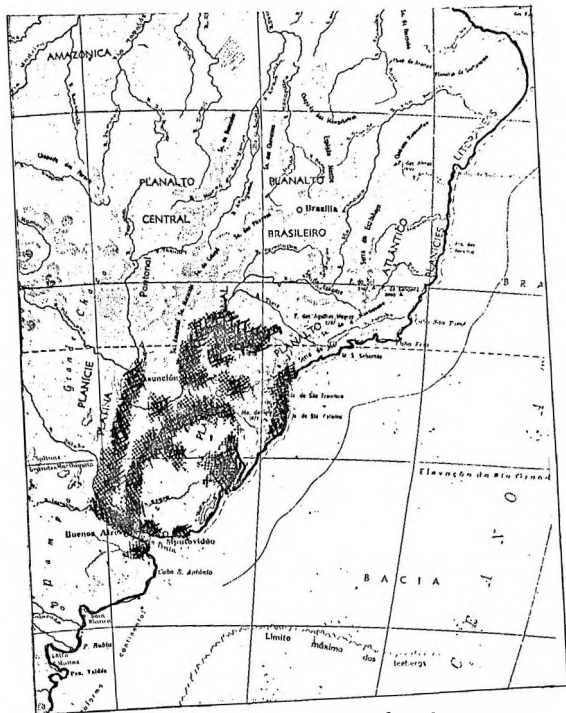


FIG. 4 - MAPA DA DISTRIBUIÇÃO DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DA SUBTRADIÇÃO GUARANI.

(1985) fez para o alto Jacuí, precisaria ser tentado em outras áreas, para que os pontos de ocorrência de vestígios destes grupos ganhem um significado mais pertinente, que indique o tipo de organização dentro de uma região, e a articulação interna, dentro dos limites da própria aldeia<sup>22</sup>.

## A CERÂMICA GUARANI

A cerâmica tem sido o elemento seguro que tem servido de diagnóstico para vincular os vários tipos de estabelecimentos como de ocupação guarani.

Em função da preservação diferencial dos materiais e do tipo de escavações em grande parte até agora efetuadas, é através da cerâmica e seus atributos que no momento, poderemos inferir o máximo sobre a cultura guarani<sup>23</sup>.

A necessidade de estabelecer padrões de referência, que sirvam como elementos para comparações, nos parece fundamental, assim como a de estabelecer a frequência da distribuição de formas e padrões decorativos em cada região. A confecção de um artefato, dentro de um processo tecnológico mais amplo e os arranjos executados em termos decorativos obedecem a padrões preestabelecidos, que podem estar ligados a determinados segmentos tribais e oferecer ajuda para a identificação étnica.

Como a cerâmica é um produto que envolve um processo cíclico, padrão mental, escolha de técnica e produto final, que corresponde ao padrão mental previamente esboçado a partir das determinações ditadas pelas regras do grupo, o seu estudo e análise podem nos indicar inferências sobre o seu contexto de atuação.

Na obra recentemente lançada sobre a Cerâmica Guarani, La Salvia e Brochado (1989) organizam o processo de produção e a nomenclatura básica,

22 "Quando se analisa uma área favorável ao povoamento tupiguarani, como sejam locais florestados ao longo de rios e lagoas, fica-se surpreso com o grande número de sítios parecidos, que podem levar à falsa conclusão de um povoamento denso em vez de uma sucessão de ocupações feitas por uma, duas, talvez três aldeias" (Schmitz 1985: 45).

23 Está sendo elaborado catálogo de referência sobre o material lítico que tem sido encontrado associado em sítios guaranis, pois até agora ele não pôde ser bem caracterizada.

fornecendo um modelo para a descrição desta cerâmica. Referências e modelos sobre a decoração plástica podem ser encontrados neste volume (op. cit., 47-73) e deverão auxiliar na descrição e classificação destas técnicas.

Pretendemos apresentar, aqui, a distribuição espacial dos padrões pintados, que consideramos de primordial importância para algumas especificações sobre esta subtradição, pois o elemento plástico só é considerado característico se associado com outros elementos.

Com relação à Argentina, os principais autores como Vignati (1931), Outes (1918) e Serrano (1954) apontam a cerâmica pintada como o indicador seguro guarani, este último acrescentando que a técnica corrugada é de filiação pré-guarani, de substrato pan-amazônico, e que foi adotada por várias entidades, com o que também concorda Susnik (1975). Esta autora aponta a necessidade de traços específicos como agentes diagnósticos.

*"Formalmente, la cerámica es un índice cultural acumulativo; la cerámica grabada, incisa o por impresión digital era común en las antiguas culturas del sudeste asiático; los inmigrantes americanos de etnias no afines podían conocerla; empero, es el aspecto funcional de la cerámica que con más frecuencia llega a identificarse con una determinada etnia, de donde la importancia de la práctica del entierro en urnas" (op. cit: 30).*

Tanto Aparicio (1936) como Menghin (1957) fazem alusão à semelhança da cerâmica guarani com as pinturas marajoaras. Na verdade, trata-se de uma correlação vaga, que liga pinturas com cores semelhantes e que possuem desenhos exuberantes, e que existem também em outras partes da América do Sul. Sem uma sistematização precisa dos princípios e padrões em que estão baseados estes desenhos, qualquer ligação com outras culturas é arbitrária.

Caracterizada como originária da tradição policrômica Amazônica, a cerâmica guarani tem desenvolvido, principalmente no sul do Brasil, uma complexidade de técnicas plásticas, em especial, variações de corrugado.

Brochado (1984: 327) justifica estes traços afirmando que:

*"The non-Amazonian characteristics of Guarani ceramics resulted from intimate contact between the Guarani and the proto-Panoan peoples along the Guaporé in Eastern Bolivia"*

A proposta deste autor sobre a derivação da cerâmica Guarani da subtradição Guaritá, poderá ser melhor discutida a partir da sistematização das formas e padrões decorativos, permitindo uma análise que acompanhe as possíveis mudanças ocorridas e avalie a possibilidade destas alterações.

Examinando o conjunto de vasilhas que este autor apresenta (op. cit., fig. 14) como pertencente a subtradição Guarani, percebemos uma predominância das vasilhas fundas. Este fato pode levar a inferências sobre o padrão alimentar do grupo, sendo que este mesmo autor, em trabalho anterior (1977), havia estabelecido para os cultivadores da floresta tropical, a relação entre a morfologia da cerâmica e os padrões de utilização da mandioca.

*"Quando o vasilhame compreender panelas, tigelas e jarros, o que ocorre em 82 grupos (15,7%) existiria 77% de probabilidade que a mandioca tivesse sido a base da alimentação, quase sempre acompanhada (92%) ou de milho e bananas (54%) ou somente das bananas (25%) ou do milho (16%). Restariam portanto 21% de probabilidade que o milho e/ou as bananas é que tivessem sido a base da alimentação, em vez da mandioca, e 2% de que tivesse sido a caça, pesca e coleta. A mandioca, em todos os casos, teria sido usada apenas para preparar bebidas alcoólicas a partir das variedades não-tóxicas (77%). Restariam pequenas probabilidades de que a mandioca tivesse sido usada apenas para produzir farinha, a partir das variedades tóxicas e não-tóxicas (10%) ou que tivesse sido consumida como farinha, beiju e bebida, com o beiju raramente usado e o conjunto produzido a partir das variedades tóxicas e não tóxicas, com ênfase nas últimas" (op. cit.: 78).*

Tentaremos, de uma forma experimental, organizar um quadro de referência sobre a distribuição espacial das formas e dos padrões decorativos, de acordo com uma divisão de áreas que obedeça a princípios ecológicos e, de certa forma, também culturais. As informações estarão distribuídas segundo as seguintes regiões:

- Delta do Prata,
- Rio Uruguai e afluentes,
- Rio Paraná e afluentes,
- Litoral e vales litorâneos.

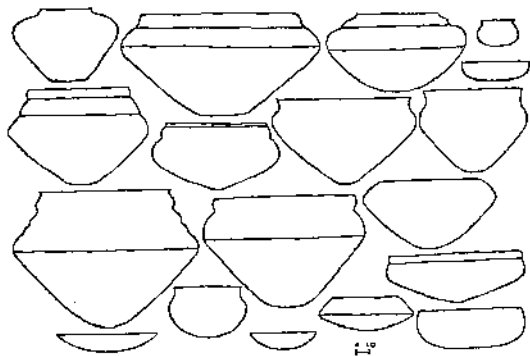


FIG 5: - Bacia do Prata - Formas da área do Delta/Litoral  
(Ref.: Lührig, 1932; Badano, 1940; Serrano, 1972; Palavecino, 1948)



FIG 6: - Bacia do Prata - Formas da área do Delta/Litoral  
(Ref.: Lothrop, 1932; Badano, 1940; Serrano, 1972; Palavecino, 1948)



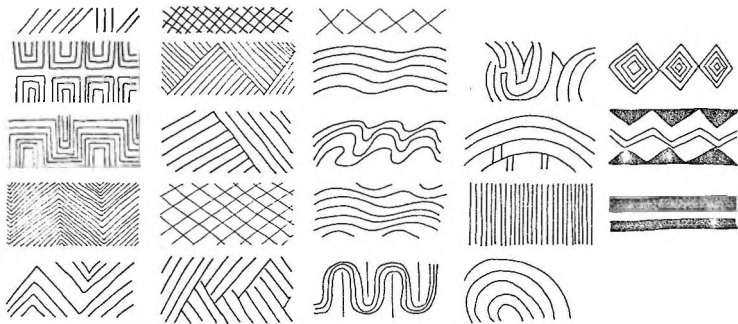


FIG 7: - Bacia do Prata - Padrões decorativos da área do Delta/Litoral  
 (Ref.: Lothrol, 1932; Badano, 1940; Serrano, 1972; Palavecino, 1983)

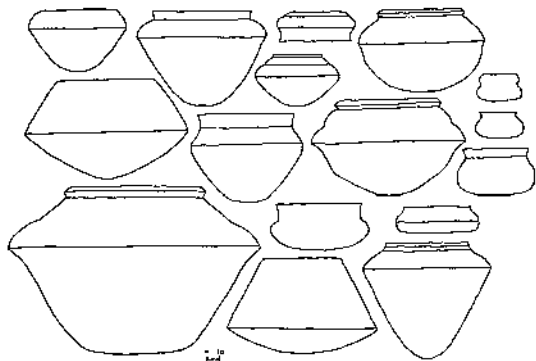


FIG 8: - Bacia do Perand - Formas do Rio Paraguai / Área de Assumpção e Ipané  
(Ref.: Susnik, 1986; Yema, 1929; Schmitz, 1934)

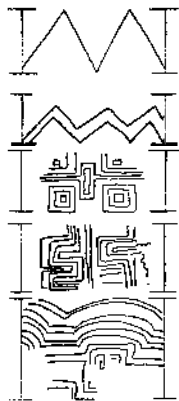


Fig. 3: - Baía do Paraná - Formas do Rio Paraguai - padrões decorativos da área de Assunção e **Itaipu**  
(Ref.: Susnik, 1986; Vera, 1929; Schmidt, 1934)

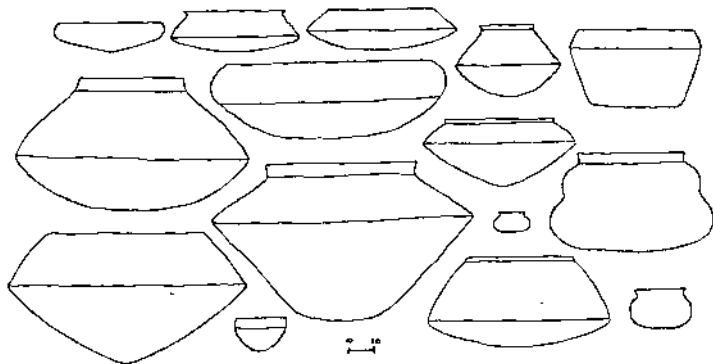


FIG 10: - Bacia do Paranã - Fortes de Alto Paranã / Missões

{Ref.: Menghin, 1956, 1957; Serrano, 1972; Ambrascetti, 1985; Giesso, 1985; Tago e Gervetti, s.d.}

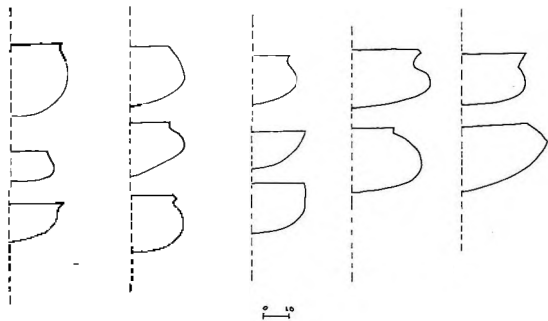


FIG 11: - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná /Misiones

(Ref.: Menghin, 1956,1957; Serrano, 1972; Ambrosetti, 1985; Giesso, 1985; Togo e Cerutti, s.d.)

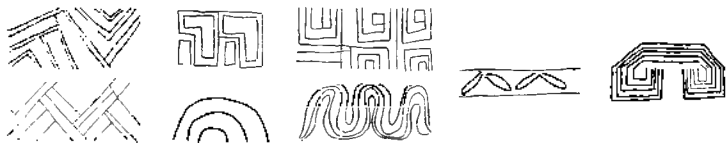


FIG 12: - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Alto Paraná /Misiones  
(Ref.: Menonin, 1957; Serrano, 1972; Amerseetti, 1895)

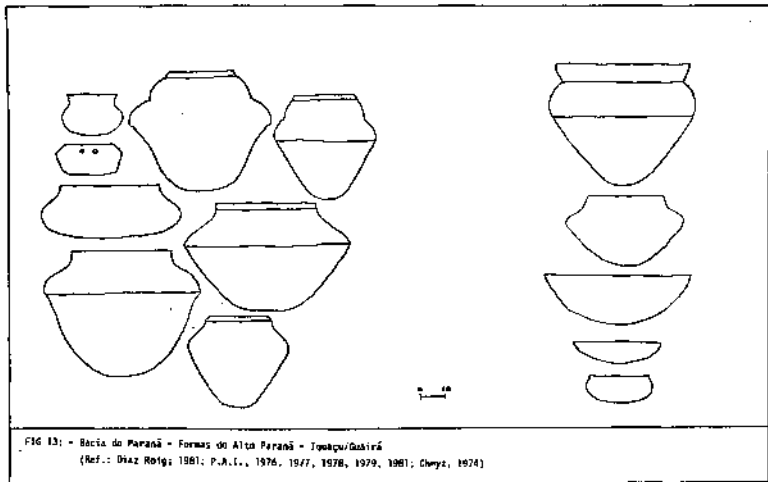


FIG 13; - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná - Juaçu/Gaúrá  
(Ref.: Diaz Rolig; 1981; P.A.I., 1976, 1977, 1978, 1979, 1981; Chvez, 1974)

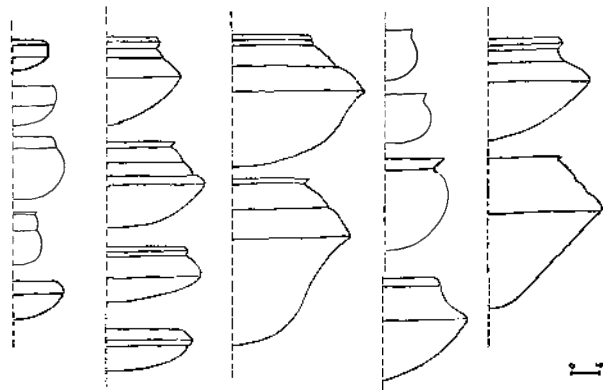


FIG 14: - Bacia do Paraná - Formas do Alto Paraná - Iguaçu/Guaífa  
(Ref.: Diaz Roig, 1981; P.A.I., 1976, 1977, 1978, 1979, 1981; Chmyz, 1974)



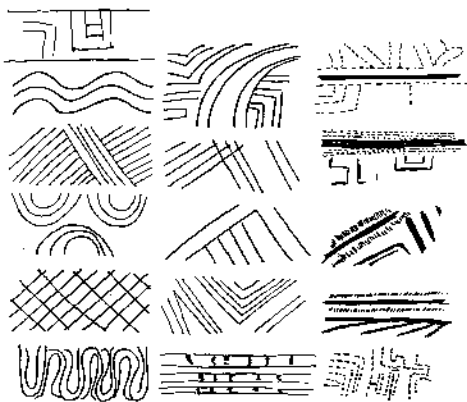
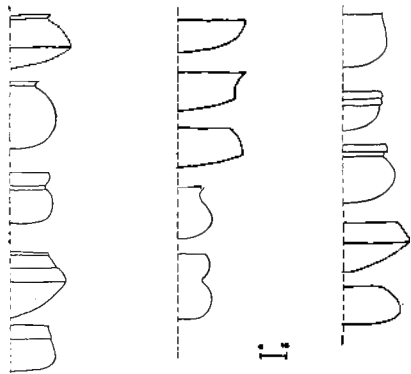


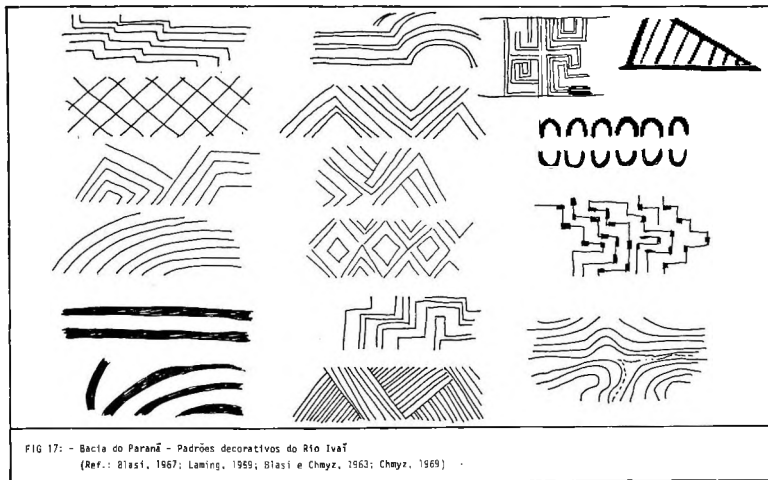
FIG 15: - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Alto Paraná - Iguazu/Guairã  
 (Ref.: Chryz, 1974; P.A.L., 1979, 1981)



1

FIG 16: - Bacia do Paraná - Formas do Rio Ivaí

(Ref.: Laming, 1959; Blas e Chmyz, 1963; Chmyz, 1969)



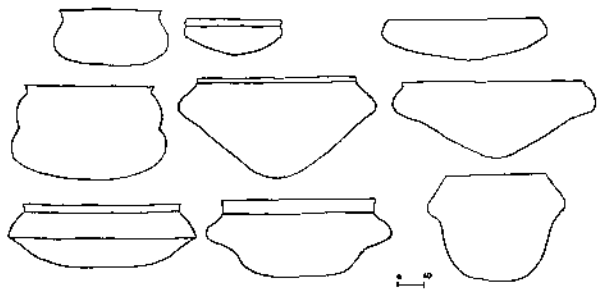


FIG 10: - Baia de Păraș - Forme de Alte Păraș - Pez de Părașeni/Sztrandaia  
 (Ref.: Chryz, 1971; Glas, 1961)

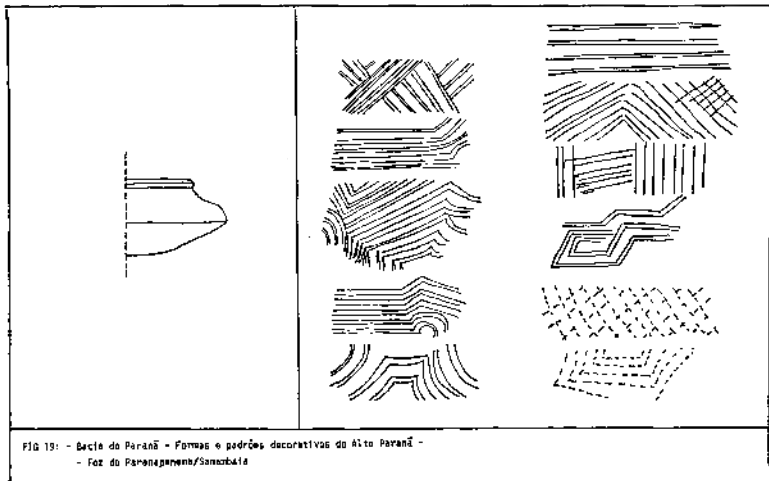


FIG 19: - Baçia do Paraná - Formas e padrões decorativos do Alto Paraná -  
- Foz do Paraná/Paraná/Santa Catarina

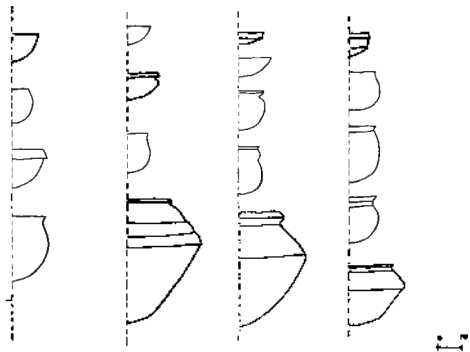


FIG 20: - Baía do Paranã - Formas do Baixo Paranapanema  
 (Ref.: Chmyz, 1984)

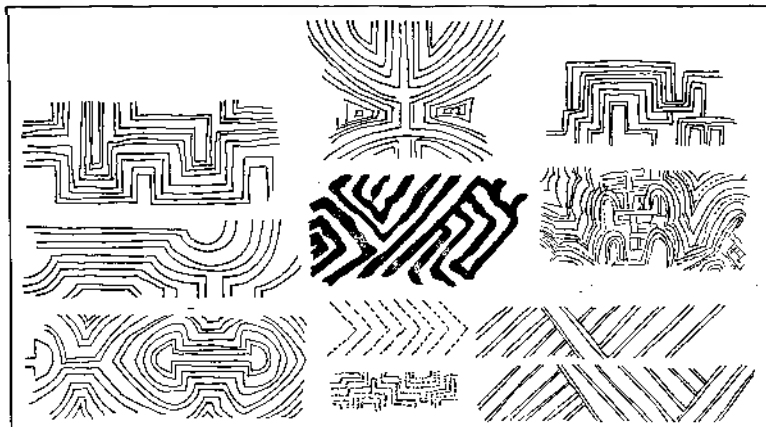
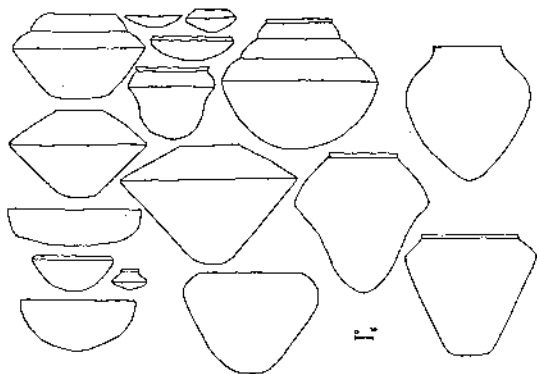


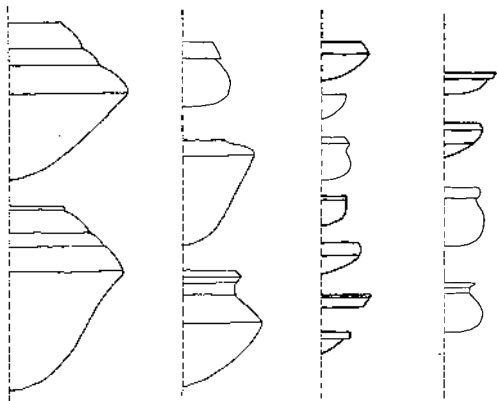
FIG 21: - Sécia do Paraná - Padrões decorativos do Beito Paranapanema  
(Ref.: Omyz, 1984)



ZTG 22: - Sítio do Paranã - Fossas do Médio Paraguanã

(Ref.: Chryz e outros, 1968; Chryz, 1978; Pelleschini, 1988; 1975; Nigro, 1970)





11

FIG 23: - Bacia do Paraná - Formas do Rio Paranapanema  
 (Ref.: Chmyz e outro, 1968; Chmyz, 1978; Palestrini, 1969, 1975; Nigro, 1970)

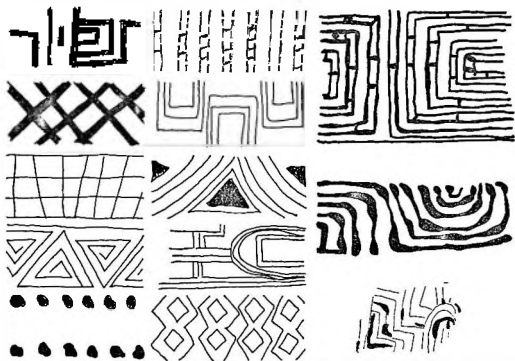


FIG 24: - Bacia do Paran  - Padr es decorativos do Médio Paranapanema

(Ref.: Chmyz e outros, 1968; Chmyz, 1978; Pallestrini, 1969, 1975; Nigro, 1970)

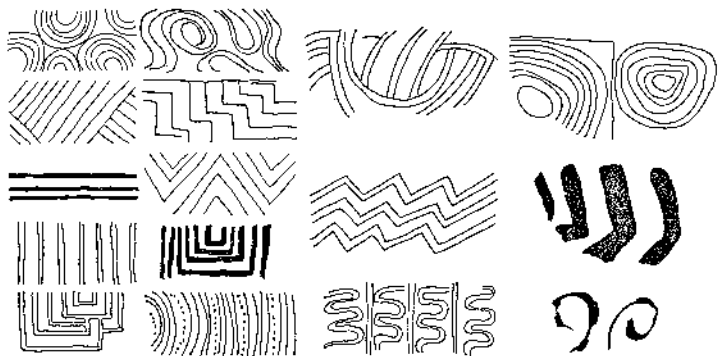
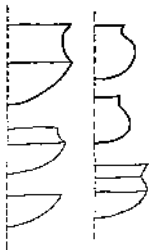
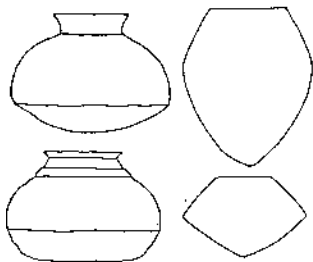


FIG 25: - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do PÉDIO PARANOPARANÁ  
 (Ref.: Chmyz e outros, 1966; Chmyz, 1979; Pallestrini, 1969, 1975)

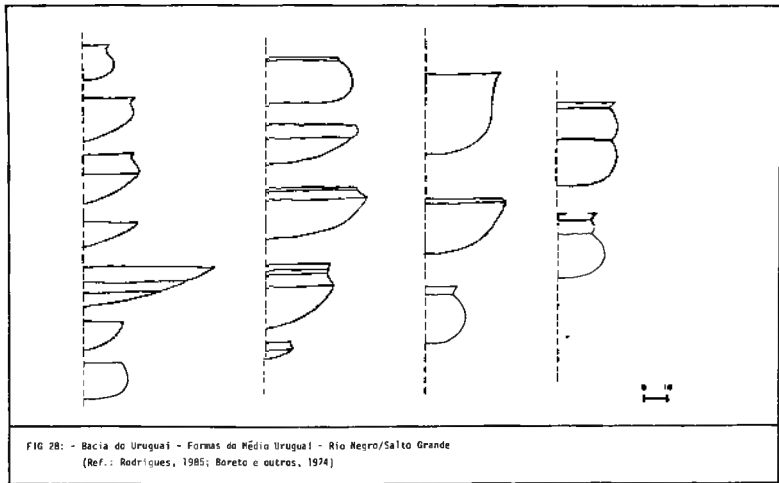


0 10

FIG 26: - Baía do Paranã - Formas do Alto Paranapanema  
(Ref.: Maranca, 1968/69; Pallestrini, 1969, 1975, 1976)



FIG 27: - Bacia do Paraná - Padrões decorativos do Alto Paranapanema  
(Ref.: Maranca, 1968/69; Pallestrini, 1969, 1975, 1976)



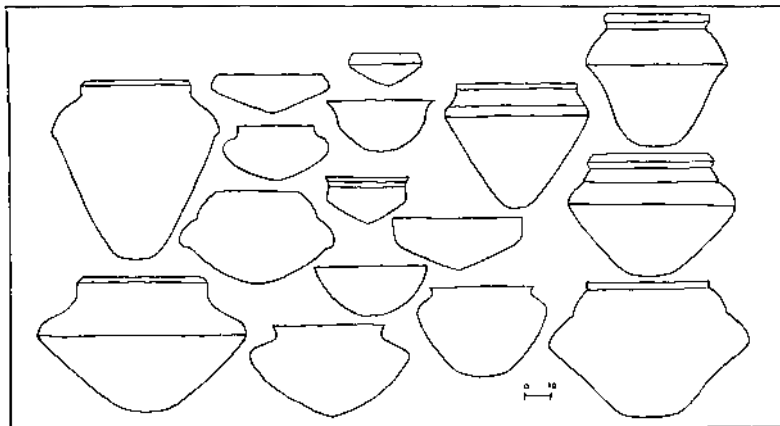
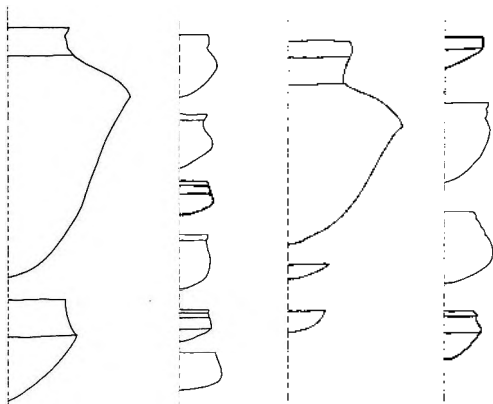


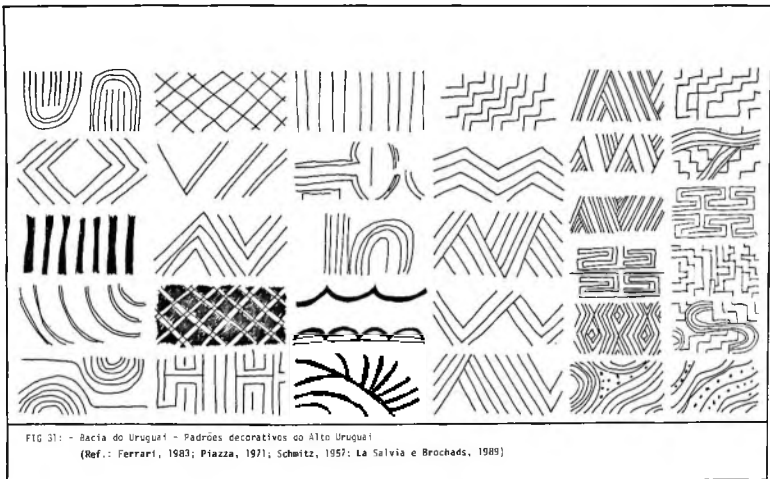
FIG 29: - Bacia do Uruguai - Formas do Alto Uruguai -  
[Ref.: Ferrari, 1963; Kahr, 1966; Niller, 1967]



I<sup>o</sup>

FIG 30: - Bacia do Uruguai - Formas do Alto Uruguai  
(Ref.: Ferrari, 1983; Rohr, 1966; Miller, 1967)





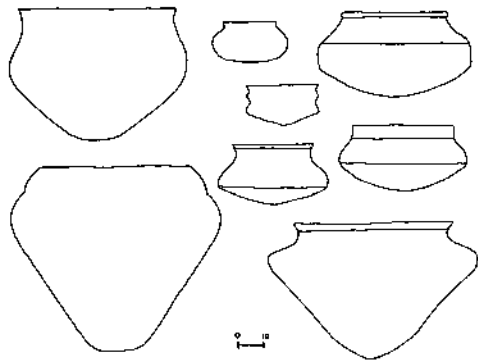


FIG 32: - Litoral - Formas do Litoral do Rio Grande do Sul/Uruguai  
(Ref.: Serrano, 1972; Schmitz, 1958)

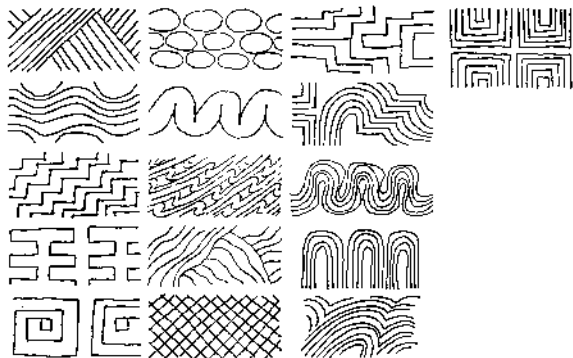


FIG 33: - Litoral - Padrões decorativos do Litoral do Rio Grande do Sul/Uruguai  
(Ref.: Serrano, 1972; Schmitz, 1958)

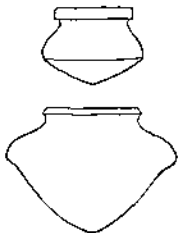
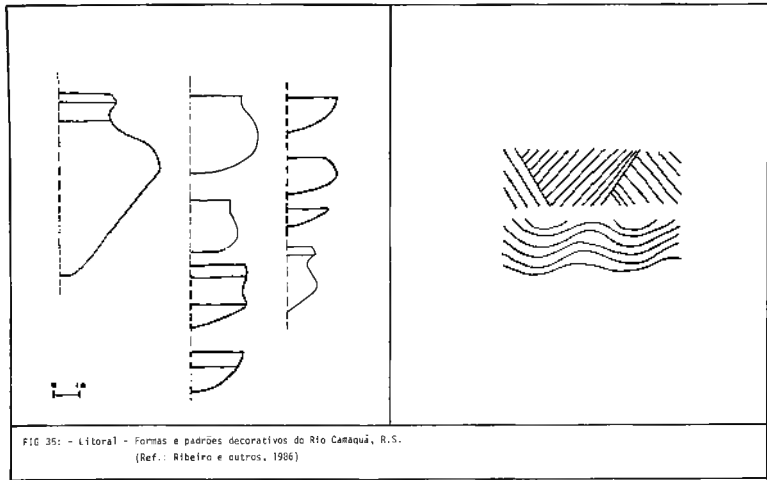


FIG. 38: - Literal - Formas do Rio Canaqui, R.S.  
(Ref.: Ribeiro e outros, 1985)



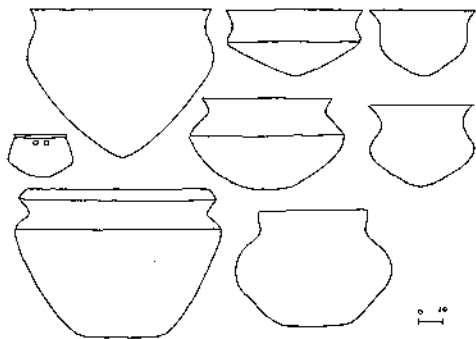


FIG 3b: - Rio Jacaré - Formas do Vale do Rio Pardo

(Ref.: Ribeiro e outros, 1975; Klumb, 1966; Kheira, 1976, 1978, 1981, 1982;

Schnitz e outros, 1970; S' Ivoira e outros, 1975)

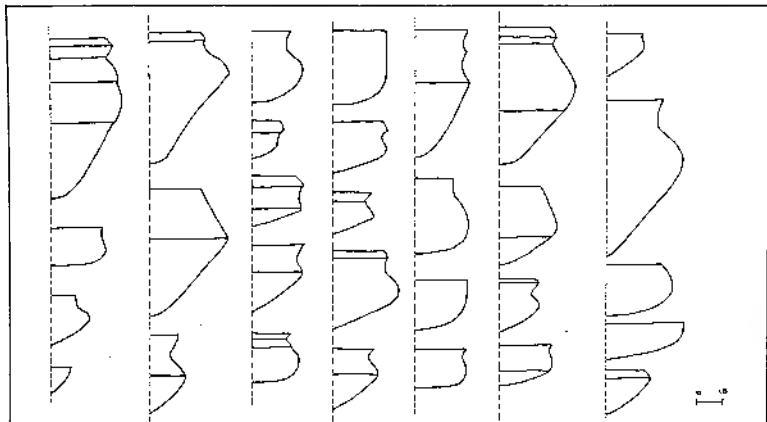


FIG 37: - Rio Jacuí - Formas do Vale do Rio Pardo.

(Ref.: Ribeiro e outros, 1979; Klant, 1986; Ribeiro, 1976, 1978, 1981, 1983;

Schmitz e outros 1970; Silveira, outros 1978)

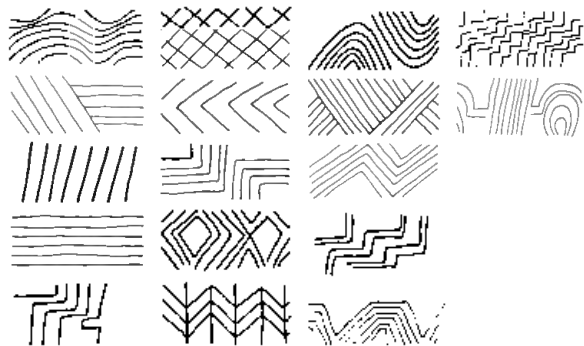


FIG 38a - Rio Jacuí - Padrões decorativos do Vale do Rio Pardo.  
(Ref.: Ribeiro, 1981, 1976; Schmitz e outros 1970; Klant, 1986)



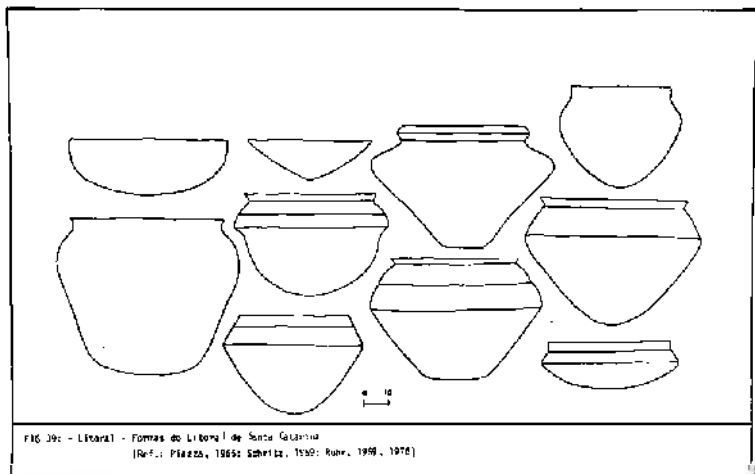


FIG. 39: - Liboral - Formas do Liboral I de Santa Galandru  
[Ref.: Piazos, 1966; Schettz, 1969; Ruw, 1969, 1972]

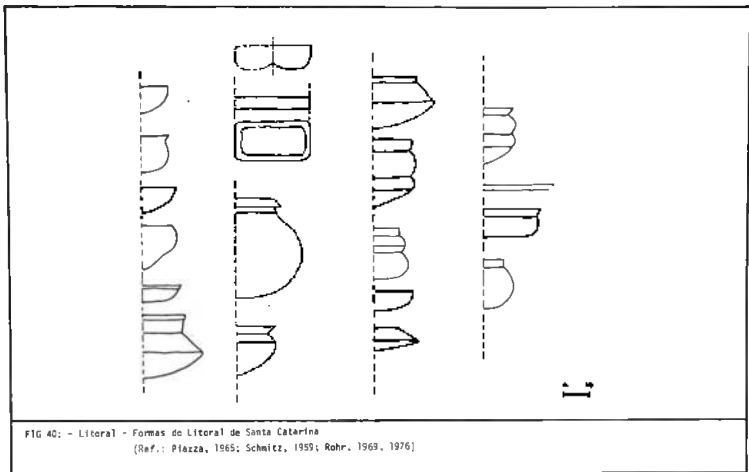


FIG 40: - Litoral - Formas do Litoral de Santa Catarina  
(Ref.: Piazza, 1965; Schmitz, 1959; Rohr, 1969, 1976)

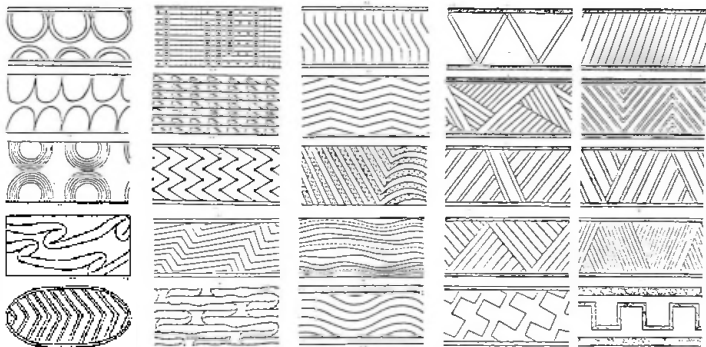


FIG 4) - Litoral - Padrões decorativos de Santa Catarina  
 (Ref.: Piazza, 1965; Schwitz, 1969)

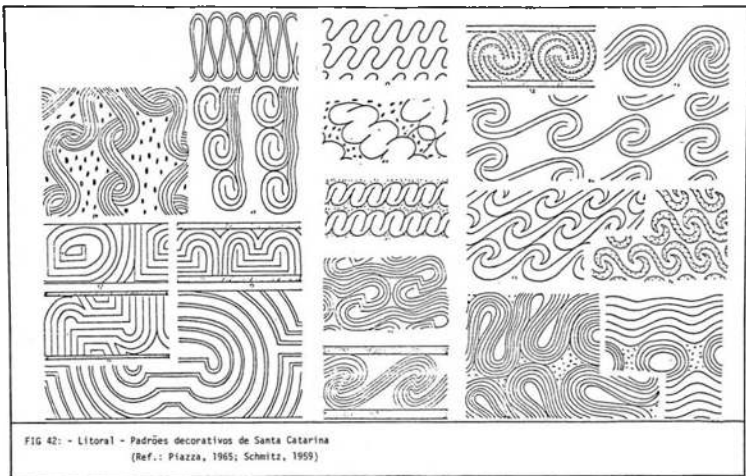


FIG 42: - Litoral - Padrões decorativos de Santa Catarina  
(Ref.: Piazza, 1965; Schmitz, 1959)

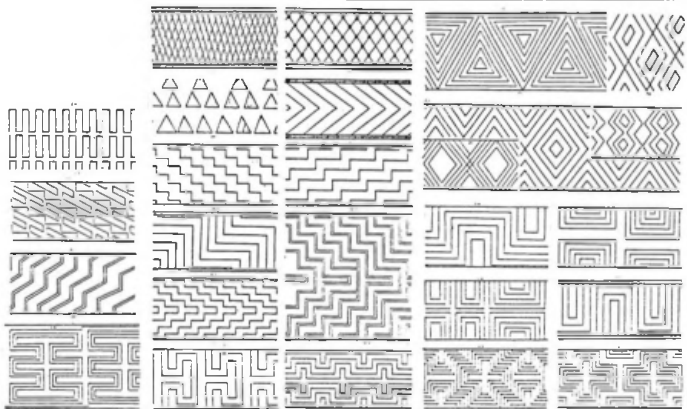


FIG 43: - Litoral - Padrões decorativos de Santa Catarina  
 (Ref.: Piazza, 1965; Schmitz, 1959)

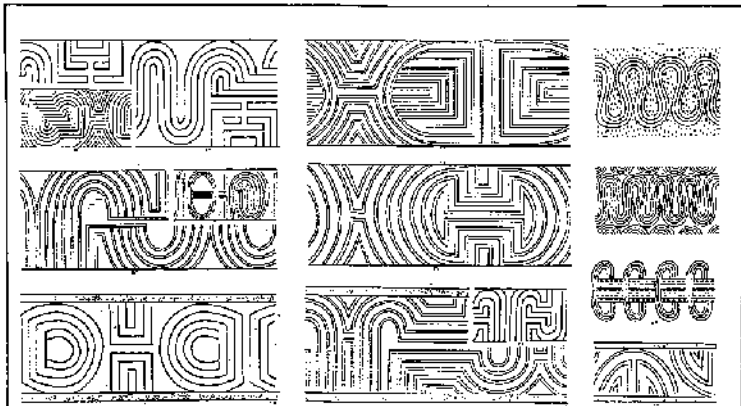


FIG 44: - Litoral - Padrões decorativos de Santa Catarina  
 (Ref.: Piazze, 1965; Schwitz, 1959)

## CAPÍTULO VI - A SUBTRADIÇÃO TUPINAMBÁ

### ÁREA DE DISTRIBUIÇÃO

Embora as informações etno-históricas sobre os Tupinambá sejam mais numerosas do que para qualquer outro grupo, a sua área de distribuição não pode ser tão bem delimitada como a dos Guarani.

A maior área de concentração estaria no litoral ou pelo menos é para este trecho que possuímos as principais descrições.

Métraux (1948: 95), falando sobre os Tupinambá:

*"This name is applied here to all indians speaking a Tupi-guarani dialect, who in the 16th century were masters of Brazilian shore from mouth of the Amazon River to Cananéia, in the south of the State of São Paulo. Though linguistically and culturally closely related, these Indians were divided into a great many tribes that wages merciless war against one another..."*

Este autor ainda apresenta as diversas denominações tribais e as suas áreas de ocorrência. Assim temos a seguinte posição para o século XVI: Tupinambá, na costa entre o rio Paranaíba e o Pará, sendo que no final do século XVI, 12.000 viviam na ilha do Maranhão, em 27 aldeias. Eram também numerosos entre os rios Pindaré, Mearim e Itapicuru. Os Potiguaras estendiam-se até a Paraíba, sendo que os Caete situavam-se deste local até o Rio São Francisco. Os Tupinambá na costa atlântica, do rio São Francisco até o Camum, de onde se localizavam os Tupinikin até o rio Criacaré ou até o sul do Espírito Santo. Os Temiminó ocuparam o sul do Espírito Santo e o baixo curso do rio Paraíba, estando em constante guerra com os Tupinambá do Rio de Janeiro. Tupinambá e Tamoio eram os senhores do cabo de

São Tomé até Angra dos Reis, sendo desconhecidos os seus limites para o interior, mas é provável que tenham tido aldeias no alto rio Paraíba. Os Tupinikin eram os principais inimigos dos Tupinambá do Rio de Janeiro, estavam na costa de Angra dos Reis até Cananéia, tinham aldeias na serra de Paranapiacaba e na vasta região entre a moderna cidade de São Paulo e o rio Tietê.

Para o interior, os seus limites são imprecisos, pois as informações dos cronistas são referentes apenas à faixa litorânea e as pesquisas arqueológicas ainda não permitem traçar os limites desta ocupação. Estas indicam até o momento a presença no sul de Goiás, fase Iporá (Fensterseifer e Schmitz, 1975) e sul do Pará (Simões e outros, 1973).

Embora quase todo litoral tenha sido ocupado existem notícias de alguns enclaves e áreas de despovoamento.

A faixa litorânea era povoada e compartilhada por estes grupos de filiação tupi-guarani que a dividiam com outras nações e a desocupavam em alguns pontos em virtude de novas pressões, como parece ter ocorrido quando Gabriel Soares de Sousa comenta sobre a da capitania de Ilheus, em 1587.

*"Parece razão que não passemos avante sem declarar que gentio é este a quem chamam aimorés, que tanto dano têm feito a esta capitania dos Ilheus, segundo fica dito, cuja costa era povoada dos Tupiniquins, os quais a despovoaram com medo destes brutos e se foram viver ao sertão; dos quais tupiniquins não há já tem muito pouca gente" (1971: 78).*

A notícia de território compartilhado é encontrada de forma mais específica em determinadas regiões, como, por exemplo, na região do São Francisco, onde uma passagem da descrição de Gabriel Soares ilustra bem os conflitos existentes.

*"A este rio chama o gentio o Pará, o qual é mui nomeado entre tôdas as nações, das quais foi sempre muito povoado, e tiveram uns com outras sôbre os sítios grandes guerras, por ser a terra muito fértil pelas suas ribeiras, e por acharem nele grandes pescarias.*



*Ao longo deste rio vivem agora alguns caetés, de uma banda, e da outra vivem Tupinambás; mais acima vivem os tapuiaias de diferentes castas" (1971: 63/64).*

Outra região, o litoral central de São Paulo, constituída por Santos e São Vicente, foi comentada por Frei Gaspar Madre de Deus, em suas memórias sobre a capitania de São Vicente, feitas em 1797.

*"Este território e toda a costa circunvizinha, assim para o norte, como para o sul pertencia a várias aldeias situadas no campo, sobre as serras: as ilhas de São Viencete e Santo Amaro defendiam os Índios, pela única conveniência de neles pescarem e mariscarem. Eis aqui a razão porque Martin Afonso não viu aldeia alguma, depois que passou a enseada dos Maramomís" (1975:44).*

Continuando mais adiante:

*"Nos arquivos e Sesmarias, onde a cada passo se encontram aldeias situadas noutras partes, não acho o menor vestígio de alguma na mencionada porção da costa: as primeiras de que estavam adiante do rio Itanhaem, e nenhuma acho para o norte, antes de chegar à Enseada dos Maramomís" (op. cit.: 52).*

Fernandes (1963: 33) faz algumas observações sobre a variedade ambiental na extensão da ocupação. Segundo ele:

*"As zonas geográficas por onde se distribulam os Tupinambás, de norte a sul e do litoral para o interior, envolvem sérias diferenças. É sabido que elas dizem respeito tanto à temperatura e às variações climáticas, como à qualidade e quantidade de espécimes vegetais, às possibilidades de culturas agrícolas, à abundância e variedade de caça e pescado, e à*

*própria adaptação humana. Nenhuma das zonas povoadas pelos Tupinambá poderia constituir, porém, um habitat inadequado ou hostil.*

Na realidade todas elas apresentam as condições necessárias ao cultivo dos principais alimentos que compõem a dieta básica destes grupos, pois estas migrações não poderiam implicar mudanças que neutralizassem a eficiência do equipamento adaptativo tribal, pondo em perigo a sobrevivência do grupo.

Mesmo tendo, em algumas ocasiões, se estendido fora do seu habitat ideal, esta permanência deve ter sido temporária, pois não puderam ser observadas modificações regionais no sistema tecnológico, que permaneceu o mesmo até o contato com o homem branco.

## PADRÃO DE ESTABELECIMENTO

No caso dos Tupinambá o padrão de estabelecimento e a organização social receberam atenção de todos os cronistas do século XVI e do começo do XVII. Estas descrições são detalhadas para aqueles aspectos que mais impressionaram em um primeiro contacto e variam de acordo com o tipo de contacto realizado pelo cronista ou relator, que pode ser de simples observador do que existe na paisagem, como participante por parte daqueles que conviveram com estes grupos.

Os dados fornecidos foram objeto de estudo posteriores por Florestan Fernandes (1948, 1954, 1968), que, embora não tenha desenvolvido especificamente uma análise de padrão de estabelecimento, percebeu e fez observações importantes sobre a distribuição espacial destes grupos e a sua relação com as variantes: ambientais, económicas e de parentesco no contexto das tribos.

Em relação ao padrão de estabelecimento Tupinambá, em um trabalho anterior (Scatamacchia e Moscoso, no prelo) fizemos algumas reflexões sobre o potencial e o alcance da análise deste tipo de abordagem através das fontes etno-históricas e arqueológicas.

A maneira como estas populações estavam distribuídas na paisagem foi descrita de maneira precisa, tanto em relação à busca do local, sua posição topográfica, como sobre a constituição das aldeias e formato e estrutura das casas.

A primeira descrição é de Pero Vaz de Caminha, de 1500, quando da descoberta do Brasil e referente, portanto, aos grupos habitantes da costa da Bahia:

*"Foram-se lá todos, e andaram entre eles. E, segundo eles diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que houvera nove ou dez casas, as quais eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitania. Eram de madeira, e de ilharças de tábuas, e cobertas de palha, de razoada altura; todas duma só peça, sem nenhum repartimento, tinham dentro muitos esteios: e de esteio a esteio, uma rede atada pelos cabos, alta, em que dormiam. Debaixo, para se aquecerem faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma num cabo, e outra no outro. Diziam que em cada casa recolhiam trinta ou quarenta pessoas" (1985: 90).*

Existem outras informações que fornecem descrições generalizadas sobre a forma como estes indígenas que habitavam a costa moravam. Essa generalização é decorrente da homogeneidade cultural existente entre os diversos grupos de filios lingüísticos tupi-guarani e que foi observada pelos cronistas. Segundo Pero Magalhães Gandavo, que testemunhou estas ocupações em 1557:

*"As povoações destes índios são aldeas: cada huma dellas tem sete, oito casas, as quaes sam mui compridas feitas à maneira de cordoarias ou terracenas fabricadas somente de madeira e cobertas com palha ou com hervas do mato semelhantes: estão todas cheias de gente. De huma parte e doutra a cada hum per si tem a sua instância, e sua rede armada, em que dormem e assi estão huns juntos dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica hum caminho aberto per onde se servem como dormitório, ou coxia de galé" (1964: 55).*

O sentido tribal das relações sociais, assim como o tipo de aldeia, também foi captado por José de Anchieta em sua experiência na comunidade de Piratininga, da maneira seguinte:

*"Moram em casas feitas de madeira e barro, cobertas de palhas ou com cortiças de árvores; não são sujeitos a nenhum rei ou capitão, só têm em conta os que alguma façanha fizeram, digna do homem valente, e por isso comumente recalcitran, porque não há quem os obrigue a obedecer (...) Cada aldeia contem somente seis ou sete casas, nas quais se não se interpusessem o parentesco ou aliança, não poderiam viver juntos e uns e outros se devorariam" (1933:(1555): 45)<sup>1</sup>.*

Praticamente as mesmas informações se repetem no relato de Hans Staden, onde menciona a importância da localização das aldeias em relação ao habitat de exploração:

*"Edificam suas habitações de preferência em lugares em cuja proximidade têm água e lenha; assim como caça e peixe. Se uma região exaure, transferem seu lugar de moradia para outro. Quando querem construir suas choças, reúne um chefe um grupo de cerca de quarenta homens e mulheres, quantos pode conseguir, sendo usualmente seus amigos e parentes, que edificam uma cabana, de mais ou menos quatorze pés de largura, a qual, conforme o número de pessoas que abriga, chega a ter cento e cinquenta pés de comprimento. Tais cabanas têm mais ou menos duas braças de alto, arredondadas em cima como a abóboda duma adega e cobertas espessamente com folhas de palmeiras, a fim de que não chova dentro. Não têm divisões no interior. Ninguém*

<sup>1</sup> Fica uma dúvida sobre se a referência a construção com "barro" tenha sido resultante do contacto com os colonizadores portugueses ou não, visto que, tanto no alto Uruguai como no Paraná, foram encontrados fragmentos de taipa no contexto arqueológico.

*têm um quarto separado; cada ocupante, porém, marido e mulher, cabe, de um lado, um espaço de doze pés ao comprido. O espaço correspondente do outro lado é tomado por outro ocupante. Assim ficam repletas as cabanas. Cada ocupante tem seu fogo próprio. O chefe de cabana recebe seu lugar no centro. Cada cabana é provida em geral de três pequenas portas, uma em cada extremidade, e uma no meio. Elas são baixas que os índios precisam curvar-se para entrar e sair.*

*Poucas aldeias contam mais do que sete cabanas. Entre estas deixam eles um pátio livre, em que matam seus prisioneiros" (1974 (1554) : 155).*

Também em Jean de Léry encontramos dados coincidentes para o mesmo período:

*"Como as casas dos selvagens são em geral compridas, abauladas no teto e cobertas de ramos cujas pontas tocam o solo, abri com as mãos um buraco para ver a coisa à verdade".*

*"Cosistem os imóveis deste povo em choças e terras excelentes muito mais amplas do que as necessárias à sua subsistência. Em algumas aldeias moram, na mesma casa, de quinhentas a seiscentas pessoas e não raro mais<sup>2</sup>; em verdade cada família, composta de marido, mulher e filhos, ocupa lugar especial, embora as casas, que têm em geral mais de sessenta passos de comprimento, não possuam tabiques de separação que impeçam verem-se uns aos outros. A propósito cabe dizer (coisa estranha neste povo que os brasileiros não demoram em geral mais de cinco a seis meses no mesmo lugar<sup>3</sup>. Carregam grossos pedaços de madeira e grandes palmas de pindoba para a construção e cobertura de suas casas e mudam as aldeias sem lhes mudarem os nomes o que às*

2 Sobre o número de habitantes por maloca, Finrestan Fernandes opina que os limites demográficos tribais devem ter estado compreendidos entre 50 até 200 (1963: 64-9).

3 Provavelmente existe um equívoco na informação, quando ele menciona a permanência no mesmo lugar de cinco a seis meses, deve significar cinco anos, número que coincide com as outras informações.

*vezes os encontramos a um quarto de légua ou mesmo meia légua de distância do lugar em que antes habitavam. (...) E se lhes perguntarmos porque mudam tão frequentemente, respondem apenas que passam melhor trocando de ares e que se fizessem o contrário de seus avós morreriam depressa" (1980: 212-29).*

Outros dados referentes à interação com o meio ambiente também foram percebidos e são encontrados na descrição de Gabriel Soares de Sousa de 1587:

*"Quando este principal assenta a sua aldeia, busca sempre um sítio alto e desafobado dos ventos, para que lhe lave as casas, e que tenha água muito perto, e que a terra tenha disposição para de redor da aldeia fazerem suas roças e granjeiras; e como escolhe o sítio a contentamento dos mais antigos, faz o principal sua casa muito comprida, coberta de palma, a que os índios chamam de pindoba e as outras da aldeia se fazem também muito compridas e armadas, de maneira que lhes fica no meio um terreiro quadrado, onde fazem bailes e os seus ajuntamentos; e em cada aldeia há uma cabeça que há de ser índio antigo aparentado, para que os outros que vivem nestas casas terem respeito; e não vivem mais nestas aldeias, que enquanto lhes não apodrece a palma das casas, que lhes dura três, quatro anos" (1971: 303).*

Informação semelhante ocorre na crônica de Fernão Cardim, com dados que correspondem mais ao final do século XVI:

*"Usão estes índios de uma ocas ou cascas de madeira cobertas de folha, e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos, e têm duas a três portas muito pequenas e baixas: mostram sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e há casas que tem cinquenta, sessenta ou setenta lanços de 25 ou 30 palmos de comprido e*

*outros de largo. Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinário parentes: e em cada lança destes pouxa um casal com seus filhos e família, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas casas é ver um labirinto porque cada lança tem seu fogo e sua rede armada, e alfaias, de modo que entrando nella se vê tudo quanto tem, e casa ha que tem duzentas e mais pessoas (1978: 106)\*.*

As informações contidas nestas citações referem-se basicamente ao formato das casas e, indiretamente, ao tipo de relação existente entre os membros do grupo. Puderam observar que as grandes casas comunais abrigavam um grande número de pessoas com um "principal". Trata-se de uma família extensa com um ascendente comum, com o qual os indivíduos tinham algum tipo de relacionamento de parentesco, o que foi melhor descrito por outro cronista como veremos adiante.

As características básicas das casas e os princípios para a escolha de localização das aldeias parecem ter permanecido constantes até o começo do século XVII, mesmo depois de longo período de contacto com os portugueses e franceses. É o que se pode constatar examinando as informações de Claude D'Abbeville e Yves D'Evreux sobre os Tupinambá localizados no Maranhão. Embora a configuração dessa área seja atípica, pois parece que se tratava de uma área de refúgio, as informações são muito detalhadas e produzidas a partir de um convívio cotidiano com os indígenas. A descrição das aldeias coincide com aquelas encontradas nas crônicas do século XVI e referentes às regiões mais meridionais. Segundo Claude D'Abbeville:

*"Suas aldeias, que chaama Oca ou Taba, não passam de quatro cabanas feitas de paus grossos ou estucas e cobertas de cima a baixo com folhas de palmeiras a que denominam Pindó, encontrável em grande abundância nos matos. Essas folhas, bem dispostas, resistem maravilhosamente à chuva.*

*As casas têm de vinte e seis a trinta pés de largura e de duzentos e quinhentos pés de comprimento, segundo o número de pessoas que nelas habitam. São construídas em folha de claustro, ou melhor em quadrado como a Place Royale, de Paris, de modo que há sempre entre elas uma praça grande e bonita. As quatro casas assim dispostas, com a praça no centro, formam uma aldeia; entre maiores e menores existem vinte e sete em toda a ilha do Maranhão" (1975(1614): 139).*

O mesmo autor comenta, mais adiante, sobre a curta duração da ocupação:

*"Após cinco a seis anos, pois não costumam ficar mais tempo no mesmo lugar, destroem e queimam a aldeia. E vão edificar ou is adiante, a uma distância de meia légua pouco mais ou dando-lhe entretanto, o mesmo nome da precedente.*

*Assim fazem, segundo afirmam, pela única razão rem feito o mesmo seus antepassados. Por outro lado, alegam qe andioca e a batata com que se alimentam se comprazem ei as novas e produzem mais"(op. cit.: 222).*

D'Abbeville descreve as aldeias com uma forma de *plaza* central alusiva aos planos de cidades européias (como a referência a Place Royale de Paris). As gravuras que aparecem na crônica de Staden (que foram desenhadas na Europa posteriormente), representam quatro malocas dispostas regularmente em relação a um espaço quadrado no meio delas. As plantas, levantadas a partir de escavações amplas em alguns sítios arqueológico, não apresentam essa rigidez na distribuição. Fica a questão a ser pesquisada se a rigidez formal, descrita por alguns cronistas, representava a estrutura original ou já refletiam as influências européias.

Claude D'Abbeville menciona a presença de uma casa diferenciada dentro das aldeias, que teria uma função política, como se pode inferir pelas descrições fornecidas:



*"Limita-se o poder do chefe à orientação dos demais por meio de conselhos, principalmente nas reuniões que fazem todas as noites na casa grande do centro da aldeia. Depois de aceso um grande fogo, utilizado à guisa de candeia e para fumar, armam suas redes de algodão e, deitados cada qual com seu cachimbo na mão principiam a discursar, comentando o que se passou durante o dia e lembrando o que lhes sabe fazer no dia seguinte a favor da paz ou da guerra" (ibid.: 255).*

Esta casa também foi mencionada por D'Evreux:

*"O que mais me admirou foi ve-los narrar tudo quanto se ha passado desde tempos immemoriaes, somente por tradição, porque tem por costume os velhos contar diante dos moços quem foram seos avós e antepassados, e o que se passou no tempo d'elles: fazem isto na "casa grande", algumas vezes nas suas residências particulares" (1874(1614): 122).*

Yves D'Evreux fornece alguns detalhes a respeito da interação social dentro da aldeia e entre elas:

*"Cada habitação tem o seu principal: Estes quatro principais estão sob as ordens do maioral da aldeia, o qual conjuntamente com outros de várias aldeias obedecem ao principal da província" (1874(1614): 149).*

As informações de Claude D'Abbeville e Yves D'Evreux forneceram detalhes a respeito da interação social dentro da aldeia e interaldeias, sugestivo de uma evolução política que pode ter sido provocada por um reordenamento instigado pelos colonizadores desta região. Assim, por exemplo, a hierarquia política descrita por esses dois cronistas é atípica da organização política tribal e não aparece mencionada entre os cronistas quinhentistas.

Formalmente, entretanto, aquelas aldeias que se localizavam na proximidade de territórios inimigos possuíam um sistema de fortificação, que as diferenciava das demais, conforme afirma Gabriel Soares de Souza:

*"Se estas aldeias estão em fronteira de seus contrários, e em lugares de guerra, faz este gentio de roda da aldeia uma cerca de pau a pique muito forte, com suas portas e siteiras, e afustado da cerca vinte e trinta palmos fazem de redor dela uma rede de madeira, com suas entradas de fora para entre ela e a cerca; para que, se lhe os contrários entrarem dentro, lhe saírem; e ao recolher se embarcem de maneira que possam flechar e desbaratar, como acontece muitas vezes" (1971: 303).*

Gandavo também menciona a presença de cerca defensiva, e, nos relatos de Hans Staden, podemos encontrar detalhes sobre este sistema defensivo, conforme a citação seguinte:

*"Gostam de rodear suas choças com uma fortificação, a saber: levantam em volta delas uma estacada de troncos de palmeira rachados, Esta cerca, de mais ou menos uma braça e meia de altura, fazem-na tão cerrada, que nenhuma flecha pode atravessá-la. Porém, aí tem pequenos buracos pelos quais atiram. Em torno desta estacada erigem ainda uma outra cerca, uma paliçada de paus grossos e compridos, não os colocando, entretanto, junto um do outro, mas a uma distância pela qual não pode passar um homem" (1974: 155).*

Pelas informações, essas aldeias cercadas então relacionadas a determinados pontos estratégicos, não possuindo, entretanto, nenhum outro tipo de diferenciação funcional em relação as outras.

Estas descrições fornecidas pelos cronistas referem-se basicamente à costa, sendo as informações sobre a ocupação dos vales interioranos resultantes das pesquisas arqueológicas.

## OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Com relação a área de ocupação Tupinambá não possuímos vastas regiões contíguas pesquisadas como para a área Guarani. Com exceção de certas regiões do Rio de Janeiro e algumas porções do Espírito Santo e da Bahia, que estiveram ligadas ao PRONAPA, e atualmente o vale do Ribeira, onde estamos desenvolvendo um projeto de caráter regional, as outras informações sobre a ocupação tupinambá são mais de caráter pontual, com referência tanto a achados como a sítios.

No limite sul desta área, que corresponde ao vale do Ribeira, Krone (1914) já tinha mencionado no começo do século achados casuais de material cerâmico pertencente a estes grupos, assim como urnas com enterramento. É quase certo que a própria cidade de Iguape esteja situada sobre uma antiga aldeia indígena, pois em várias ruas do perímetro urbano foram identificados vestígios cerâmicos, tendo a SABESP, há uns cinco atrás, executando trabalhos de saneamento, encontrado uma urna no largo da matriz.

O projeto que estamos executando nesta área está ainda em fase de desenvolvimento, mas apresentaremos aqui algumas informações prévias sobre a localização dos sítios.

A área até agora pesquisada situa-se ao longo do baixo curso do rio Ribeira, que podemos,  *grosso modo*, situar entre a cidade de Registro e Iguape, onde os sítios localizam-se em pequenas elevações na margem do Ribeira e junto aos seus principais afluentes da margem direita, Jacupiranga, Pariqueragu e Momuma, os da margem esquerda não tendo ainda sido objeto de estudos<sup>4</sup>. Quando não estão situados em terrenos altos, na parte mais baixa do curso, situam-se próximo às poucas formações cristalinas do baixo vale. Como ainda não foram efetuadas escavações intensas nesta área, em apenas um sítio pudemos detectar as marcas das

---

<sup>4</sup> Foi prospectado apenas um sítio na margem esquerda, na localidade denominada Jipovira.

antigas habitações, em forma elíptica, com aproximadamente 9m no seu diâmetro maior<sup>5</sup>. No sítio Toca do Bugio, onde o terreno estava já todo revolvido, foi possível detectar o local onde estavam as urnas.

Ao longo do mar Pequeno, entre Iguape e Icapara, em uma faixa de 12 km em linha reta, pudemos evidenciar três sítios, sendo que para esta região mais à beira mar os sítios são mais próximos do que subindo o Ribeira<sup>6</sup>. Resumindo, os sítios evidenciados até agora são sítios-habitações, com uma exceção, a ser confirmada, em um local onde os fragmentos parecem corresponder somente a urnas. Apresentam grande quantidade de cerâmica e nos dois sítios próximos ao mar Pequeno, que foram escavados, foram evidenciados material de contacto, como contas de vidro e pedaços de ferro.

Ainda no litoral sul paulista, a presença destes grupos foi registrada pelo encontro de uma peça em Peruibe (Pereira Jr., 1968) e pela localização de um sítio sobre dunas no município de Praia Grande (Myasaki, 1977).

No litoral norte de São Paulo, o sítio de Itaquá (Uchôa e outros, 1984) representa o único sítio sistematicamente pesquisado desta tradição, nesta região. Coincide com a descrição de outros sítios mais para o interior, pois está localizado sobre uma pequena elevação cristalina na planície costeira próxima ao curso d'água conhecido como rio da Lagoa. É constituído por um único componente, tendo sido encontrado material europeu associado, como contas de vidro e placas de metal. Pôde ser evidenciada uma peça cerâmica que indica um processo de aculturação<sup>7</sup>.

Na zona urbana da capital paulista temos a menção da existência de várias aldeias no século XVI (Machado de Oliveira, 1848; Drummond, 1973), assim como

5 Sítio Mineração, no qual estamos trabalhando atualmente, sendo, portanto, precários os resultados.

6 Para esta região, que se encontra mais ameaçada pela exploração imobiliária, está sendo desenvolvido um Projeto de Salvamento que engloba o cadastramento e prospeções de todos os tipos de sítios e um programa educativo junto à comunidade, que será transmitido pelo museu regional que foi reestruturado para atender a esse fim.

7 Foi obtida uma datação pelo C<sub>14</sub> de A.D. 1290, que dentro de um contexto mais amplo seria aceitável, pois na baía de Guaratiba, um pouco mais ao norte, foram estabelecidas as datas de A.D. 960 ± 100 para a fase Guaratiba, e A.D. 1380 ± 100, para a fase Sernambitiba, mas a presença de cerâmica aculturada invalida a possibilidade de o material ter sido depositado depois, o que coloca a data em questão.

evidências desta cerâmica em alguns bairros paulistanos, como Morumbi e Brás (Pereira Jr, 1964, 1967). Estes dados, embora identifiquem a presença destes indígenas nestes locais, não permitem inferir sobre o tipo de sítio.

O rio Tietê, que deve ter servido como importante via de comunicação, visto que, saindo das proximidades da serra do Mar, atravessa todo o estado de São Paulo para ir desaguar no rio Paraná, possui poucas informações ao longo do seu curso.

No alto Tietê, temos a presença destes grupos registrada na bacia do rio Capivari, no sítio Tapajós, em Monte Mor (Myasai e Aykai, 1974), assim como através de outros achados (Pereira e Pazinato, 1982; Pazinato, 1983, 1984). Outras evidências foram registradas na fazenda Guarapiranga, onde foi delimitada uma área de 100 x 100 m (Pallestrini, 1975), e esta mesma arqueóloga informa sobre outro sítio no curso médio do rio, em Matão, na fazenda Bom Retiro (Pallestrini, 1975).

Na bacia do Piracicaba, Silva (1967) dá notícia da presença desta cerâmica em São Carlos, Piracicaba, Itirapina e Rio Claro.

Como nestas localidades foram efetuadas escavações parciais e coletas de superfície, a morfologia destes sítios não é conhecida.

No baixo Tietê as informações são provenientes do projeto de salvamento elaborado em decorrência dos trabalhos da barragem de Ilha Solteira, que englobou a região do baixo vale do rio Tietê e de São José dos Dourados, onde foram prospectados 7 sítios lito-cerâmicos, que ocupavam as vertentes de colinas suaves, não muito distantes dos grandes rios (Maranca, 1974, 1978).

Existe para esta região uma datação bastante antiga, 232 AC, mas cujo sentido não pode ser devidamente discutido devido à escassez de informações sobre o material arqueológico manipulado e ausência de outras pesquisas nas proximidades.

No vale do Mogi-Guaçu, as evidências são abundantes, sendo de Godoy (1946) as primeiras informações sobre os sítios localizados perto da Cachoeira das Emas, município de Piraçununga.

O sítio Cachoeira de Cima (Franco de Godoy), situado neste vale, forneceu uma datação de C<sub>14</sub> de 1550 BP., o que o colocaria em torno de 400 da nossa era,

colocando esta ocupação na posição mais antiga para o estado de São Paulo (Pallestrini, 1981/82, 1983).

Caldarelli (1983) indica a presença de quatro sítios localizados no médio Mogi-Guaçu, localizados também em vertentes de colinas suaves, sendo que foi obtida para o sítio Bom Retiro a data de 924 anos BP.

No vale do rio Pardo foram identificadas, juntamente com as evidências Tupi, outras ligadas a tradição ceramista de filiação Jê, cujos vestígios seriam mais numerosos (Caldarelli e Neves, 1981).

A presença de outras tradições ceramistas ainda está pouco documentada no estado de São Paulo, existindo algumas referências para o vale do Paraíba, nas proximidades de Aparecida do Norte (Maranca, 1969) e para o extremo norte paulista (Pereira Jr., 1957). A coexistência destas tradições, com a Tupinambá, foi constatada, no extremo norte, em sítios da região de Tupã mencionados por Miller (1972)<sup>8</sup>.

Em relação ao alto curso do Paraíba, as referências são escassas e mencionam achados casuais em São José dos Campos (Tibirica, 1935, 1939) e nas proximidades de Aparecida do Norte, onde foram registrados uma grande quantidade de material, entre eles 20 urnas (Cesar, 1979)<sup>9</sup>.

As datações obtidas para esta região são poucas e não permitem referências quanto ao possível deslocamento dos grupos portadores destas tradições.

O importante a salientar é a intensa presença da decoração pintada nos sítios localizados dentro da área considerada como de ocupação Tupinambá.

<sup>8</sup> A filiação destas outras tradições não está bem definida. A cerâmica do extremo norte foi identificada por Dias Jr. (1976) como ligada à tradição Una, em função de sua semelhança com a fase Piumbi, que ocorre no sul de Minas Gerais. Por outro lado, Miller (1978) identifica a cerâmica dos sítios mencionados como pertencentes à tradição Casa de Pedra, semelhante àquela encontrada entre os índios caingang paulistas.

<sup>9</sup> Sobre a presença de grupos Tupi nesta região a fonte de informação é o relato de Knivet, que indica para esta área a presença dos tambois refugiados do litoral depois das campanhas militares que culminaram com a expulsão definitiva dos franceses do Rio de Janeiro. Examinando o mapa elaborado por Pereira dos Reis (1975: 74), a partir das fontes textuais do século XIV, as posições ocupadas por grupos tupi no final desse século limitavam-se às cabeceiras do rio Paraíba, onde estariam os tambois e, ainda no alto curso, os Maramomia (antigos habitantes de São Sebastião), que foram contactados por Knivet, em 1597, quando da rota que fez vindo do litoral de Ubatuba e atravessando o Paraíba em direção à serra da Mantiqueira.

Para a região vizinha de Parati, Mendonça de Sousa (1977) menciona a presença de apenas um sítio com cerâmica Tupinambá, estando a maioria dos sítios cerâmicos nesta região filiados à tradição Neobrasileira.

A baía de Guanabara tem uma situação particular em relação à localização de sítios, pois Léry, no "Colóquio de entrada e chegada do Brasil, entre a gente do país chamada Tupinambá e Tupiniquim", enumera as aldeias existentes ao redor da baía e na ilha do Governador. Arqueologicamente os sítios evidenciados nesta região não puderam ser precisamente identificados com os que menciona o cronista.

Beltrão (1978), que pesquisou nesta região, aponta certas dificuldades, em decorrência da precariedade do mapa de Léry, que, apresentando a ilha do Governador com uma forma completamente diferente da realidade, torna difícil a identificação dos sítios. Mas, provavelmente, alguns deles são os mesmos a que o cronista se refere.

Ligado ainda à lista de Léry, Ferraz (1977) aponta para a proximidade do rio Iriri a presença de um cemitério, que foi totalmente destruído.

Na planície costeira fluminense, uma das áreas melhor pesquisada, em relação aos Tupinambá puderam ser observados três tipos de ocupação: aldeamento, aldeias e os acampamentos, nos interessando aqui os dois últimos.

Alguns sítios, que haviam sido genericamente designados como sambaquis, foram revistos e caracterizados como "acampamentos tupi para coleta de moluscos" (Beltrão e Faria, 1970/71; Beltrão e Kneip, 1967; Beltrão e Laraia, 1969; Beltrão, 1978).

Esta foi a primeira tentativa de identificar funcionalmente este tipo de sítio com os tupi, mesmo já tendo os cronistas mencionado a utilização de moluscos, por estes grupos, na sua dieta.

Estes acampamentos estão localizados próximos ao mar e junto aos rios, em pequenas elevações que não atingem 1 m de altura, possuindo forma circular de aproximadamente 40 m de diâmetro e um refugio de 50 cm. Foram ocupados sazonalmente e abandonados quando se deu o esgotamento das fontes de subsistência (Beltrão e Faria, 1970/71). Foram localizados na planície de Guaratiba, em terrenos altos cercados de mangue. Estas evidências juntamente com

outras que denotam serem sítios de habitação, constituem a fase Jequié. As aldeias são circulares, com 500 m de diâmetro, e apresentam pequenas fossas culinárias espalhadas pela aldeia e preenchidas com moluscos, estando localizadas em terrenos altos.

Nesta região foi estabelecida por Dias (1969) a fase Guaratiba, cujo grupo portador ocupou os antigos sítios da tradição Itaipu de maneira muito semelhante ao que Beltrão denominou "acampamento para coleta de moluscos". Comenta o aproveitamento, por este grupo, do material pertencente à fase Itaipu, evidenciado pela reutilização de artefatos de quartzo lascado, típico desta fase. (Dias, 1976/77).

Também na planície de Guaratiba, foi estabelecida a fase rio Portinho, que ocupa a camada superior do sítio arqueológico Poço das Pedras, que possui uma ocupação anterior exclusivamente lítica, com uma datação relativa de 400 D.C a 700 D.C. (Beltrão, 1970/71; 1978)<sup>10</sup>.

Este mesmo tipo de estrutura parece ser uma constante na região de Guaratiba, pois parece corresponder a uma das estruturas do sítio denominado Sambaqui do Zé Espinho, que Kneip (1986: 79) identifica da seguinte maneira:

*"Classificado morfologicamente como coroa arenosa, coberto pela floresta do cordão arenoso, o sambaqui Zé Espinho encontra-se em área de manguezal, circundado por terras baixas e pantanosas conhecidas como apicum. As pesquisas permitiram constatar que o sambaqui é formado, na realidade, por cinco unidades arqueológicas distintas denominadas de acordo com a ordem cronológica do achado em sambaqui 'A' - 'B' - 'C' - 'D' - 'E'".*

O material do acampamento tipo A, enquadra-se nas características gerais descritas para os sítios da fase Guaratiba e Jequié, tendo sido detectadas estruturas de combustão, estruturas alimentares e funerárias. As três datações obtidas para

<sup>10</sup> As datações relativas foram elaboradas a partir de trabalhos desenvolvidos por Bigarella (1954), com base na abordagem geomorfológica (Beltrão, 1969, 1978; Beltrão e Faria, 1970, 1971).



esta ocupação,  $1180 \pm 170$  anos B.P.,  $1510 \pm 160$  B.P. e  $1650 \pm 170$  B.P., estão de acordo com as outras ocorrências destes grupos na região.

Cronologicamente o período seguinte corresponde à fase Praia Grande, na ilha do Governador, onde foram evidenciadas as grandes aldeias de formato circular que atingem até 600 m de diâmetro, situadas na orla marítima, próxima aos grandes rios. Estão presentes as grandes fogueiras e os enterramentos em urnas. A datação relativa é em torno de 700 a 1000 D.C. (Beltrão, 1978).

A fase Governador, com cronologia relativa entre 1300 e 1500, corresponde aos primeiros contactos com o colonizador. Os sítios estão localizados em pequenas elevações e atingem 500 m de diâmetro, onde foram encontradas grandes fossas culinárias, preenchidas com carapaças de moluscos, materiais indígenas e coloniais. Em um dos sítios esta fase estava sobre uma ocupação mais antiga, ligada à fase Jequié.

A fase Jequié, com uma datação relativa entre 1000 e 1300 D.C., foi identificada com a fase Guaratiba, com datação de  $C_{14}$  de  $970 \pm 100$  ou 980 D.C.

Em Araruama foi escavado um sítio com dois componentes, uma aldeia pré-histórica e outra mais recente, de tradição neobrasileira. O sítio denominado Três Vendas foi escavado de maneira extensiva, e a recuperação da planta da aldeia mostra a sua forma oval, composta por 7 casas (Kneip, 1978, 1980).

Ainda para esta faixa costeira foram estabelecidas mais duas fases, a Sernambitiba (Dias, 1969) e Itabapoana (Dias, 1970).

A fase Sernambitiba situa-se por 100 km de extensão, ao longo da costa carioca até as proximidades de Cabo Frio, apresentando sítios planos e próximos do litoral. Tem uma datação absoluta de A.D.  $1380 \pm 100$ , o que a coloca na mesma posição cronológica da fase Governador.

A fase Itabapoana situa-se na faixa costeira norte, entre os cursos inferiores dos rios Itabapoana e Macaé. Os sítios localizam-se em pequenas elevações e são, provavelmente, acampamentos.

Beltrão (1986: 14) pode resumir a ocupação da região por estes grupos da seguinte forma:

*"À época da chegada dos Tupi-Guarani em território novo, as aldeias deviam ser menores (200 m de diâmetro, no máximo, (Belirão, 1978) porque correspondiam a um período não só de adaptação às condições locais, como de instabilidade, desde que era preciso assegurar a posse de novos territórios.*

*Quando alcançavam um período de estabilidade, as aldeias chegavam a atingir 600 m de diâmetro. Neste período, quando não havia grandes preocupações defensivas, os locais escolhidos para a localização das aldeias eram aprazíveis, de base arenosa, junto aos riachos e próximos aos grandes rios, e, quando no litoral, junto à orla marítima.*

*No período imediatamente anterior à chegada dos portugueses no estado do Rio de Janeiro, a localização das aldeias demonstrava uma preocupação defensiva (estavam situadas em posição altamente estratégica junto à orla marítima ou nos morros em forma de meia laranja com visão de 360° da linha do horizonte)".*

No curso médio do rio Paraíba, foram estabelecidas as fases Itaocara (Dias, 1969, 1973, 1980) e a Ipuca (Dias, 1973, 1980). A primeira localiza-se ao longo do rio Paraíba, em encostas de pequenas elevações, parecendo que a ocupação se estende para o sul do curso do rio (Dias, 1980). A fase Ipuca possui sítios pequenos em torno de 100 m<sup>2</sup> e refugio de 40 cm.

Dias Jr. (1980) supõe a existência de contactos entre as fases Ipuca e Mucuri, de tradição Una. Estes contactos interétnicos, entre os tupi e as tradições locais, são mencionados em vários sítios. Além desta possível relação com a tradição Una, ocorre também nos sítios da fase Itaípu.

Ao longo da costa, já no Espírito Santo, foi estabelecida a fase Cricaré, presente em toda a faixa litorânea, tendo sido localizada no vale do Itapemirim, no vale do rio Doce, do São Mateus e do Itaúnas, já no litoral norte daquele estado. Os sítios estão situados próximos aos rios, em pequenas elevações, com área entre 200 x 500 m e 100 x 200 m, com formato oval. (Perota, 1971, 1972, 1974)

A fase Tucum, com dois sítios, foi estabelecida na bacia de Vitória e estão localizados próximos de mangues, em terrenos arenosos, com área de 500 x 200 m e 300 x 300 m, com espessura de refugo de 35 a 45 cm (Perota, 1974).

Estas duas ocupações estão diferenciadas tanto pelo tipo de habitat, frequência de tipos cerâmicos e distância temporal de A.D. 895  $\pm$  80 para a fase Cricaré e A.D. 1390  $\pm$  70, para a Tucum.

A presença desta tradição em Minas Gerais foi detectada na bacia do Rio Grande e seu afluente Sapucaí, no sul do estado, sendo que os sítios aí localizados vieram a constituir a fase Belvedere (Dias e outros, 1975), onde foi evidenciada a ocorrência de enterramento secundário em urna. A distribuição destes sítios obedeceu à mesma disposição da fase Sapucaí, só que em menor número, em uma extensão de mais de 200 km rio abaixo, até a área de Furnas.

Os autores fazem alguns comentários sobre o padrão de estabelecimento desta fase, que achamos interessante reproduzir.

*"A pequena quantidade de sítios da fase Belvedere, na extensa área de sua localização, onde sítios de Tradição Sapucaí predominam, leva-nos a supor que os tupiguarani não se fixaram longamente, ou que seu número fosse reduzido, idéia reforçada pela inexistência de estratigrafia em seus sítios, pressupondo o padrão de comunidades de sedentários semi-permanentes. Os elementos ambientais se assemelham entre os sítios das diferentes tradições (eles ocupam a mesma área geográfica e, em linhas gerais, os mesmos fatores topográficos) assim como as dimensões médias dos mesmos, as práticas funerárias<sup>(6)</sup> e, até certo ponto, o material lítico<sup>(7)</sup> parecendo indicar que os grupos estavam integrados razoavelmente entre si, sem perder, no entanto, a individualidade tradicional" (op. cit.: 16)<sup>11</sup>.*

<sup>11</sup> Reproduzimos aqui as notas (6) e (7) contidas na citação.

(6) "Faltam, nos enterramentos em urnas da Tradição Sapucaí, a tampa de cerâmica encontrada nos sítios Belvedere. Ela é, normalmente, substituída por uma grande pedra. Ocorrem acompanhamentos nos dois casos. O grande tamanho das urnas Sapucaí poderia nos levar a supor que praticassem enterramentos primários, mas o estado e o número de ossos encontrados nos enterramentos que pudemos examinar, indicam uma semelhança com o tupiguarani, ou seja, enterramentos secundários.

Outras evidências aparecem mencionadas sempre em termos de achados de cerâmica desta tradição na região do médio São Francisco e no alto curso do rio das Velhas, na região de Lagoa Santa e Belo Horizonte (Beltrão, 1978; Dias, 1976, 1977; Cesar, 1970). Isto sem contar a menção de fragmentos cerâmicos nos níveis superiores das cavernas de Sumidouro e Confins (Walter, 1958; Mattos, 1961).

Com o PROPEVALE (Programa de Pesquisa no Vale do rio São Francisco) foi possível detectar a presença tupi no norte e nordeste do território mineiro, onde foi identificada a fase Cochá e uma subfase, Catuni (Carvalho e Cheuiche, 1975; Pepe, 1953; Dias, 1976, 1977, 1978). Tendo sido detectada nesta região a ocorrência desta cerâmica dentro de cavernas.

Levando-se em conta a grande extensão da área pesquisada, foi pequeno o número de sítios evidenciados, cujo significado foi questionado pelos autores como resultante da ação predatória do homem, erosão ou, realmente, o fato da área não ser propícia à intensa ocupação destes grupos de agricultores, em virtude do caráter semi-árido de grande parte da região, com secas periódicas.

Prous e outros (1984) também acusam a presença desta cerâmica em abrigos de Montalvânia (Escrivida, Dragão, Labirinto de Zeus) e de Januária (Bicho e Índio). Foram observadas a presença de tigelas, potes carenados e, provavelmente, urnas, sendo constante as bordas cambudas. Mas, ao que parece, a ocupação de grupo tupi, nesta área ainda não está muito clara.

No território baiano, seguindo a bacia do rio São Francisco, foram identificados vestígios que determinaram as fases Itapicuru e Coribe (Calderon, 1969).

A fase Itapicuru apresenta uma extensão maior de ocupação, tendo sido detectada no planalto central da Bahia, na região da Chapada Diamantina, no litoral e no Recôncavo (Calderon, 1967, 1969, 1971, 1974).

---

(7) O material lílico que acompanha a fase Belvedere, sendo muito reduzido, não serve adequadamente como traço de análise. Falta-lhe, sobretudo, se o compararmos com o lílico da tradição Sapucaí, os artefatos lascados de calcidônia. Há pequena semelhança quanto as peças de quartzo.\*

Na Chapada Diamantina, os sítios são numerosos e encontram-se em locais apropriados para a agricultura, tendo sido localizados, na porção sul, sítios entre 60 a 200 m de diâmetro, sendo que na parte central eles são relativamente pequenos, constituídos por uma única mancha de terra preta, de aproximadamente 50 x 40 m e com refugo de 40 cm. Sítios pertencentes a outra tradição, a Aratu, também ocorrem nesta região e, pelas datações, devem ter sido contemporâneas, mesmo que aí não tenham sido evidenciados vestígios deste contacto. Estas evidências aparecem no litoral, onde a cerâmica Tupinambá encontra-se em ocupações acima da tradição Aratu, mostrando, em alguns casos, vestígios de aculturação.

Para a fase Itapicuru existe uma datação absoluta de  $C_{14}$  que forneceu a idade de A.D. 1270  $\pm$  130, na Chapada Diamantina, e outra, de A.D. 1645  $\pm$  65, cuja localização não está evidenciada na publicação (Simões, 1972).

Os sítios da tradição Aratu são mais numerosos que os da Tupinambá, cuja situação pode ser decorrente da chegada tardia desta última tradição, cuja difusão foi interrompida pela chegada dos europeus. Esta situação confirma a descrição de Gabriel Soares de Sousa, noticiando que os primeiros povoadores foram os Tapuias, sendo recente a chegada dos Tupinambá, cuja migração ainda estava presente na memória e pode ser transmitida a este cronista.

Arqueologicamente, Calderon (1969) identificou a existência de duas correntes desta tradição, procedentes do interior e anterior às migrações históricas pela costa. A mais antiga deve pertencer à fase Cabrobó e a outra deve ter-se bifurcado, provavelmente nas proximidades da cabeceira do rio São Francisco, dando origem à fase Coribe e Itapicuru.

No estado de Alagoas, na fronteira com a Bahia, as notícias são limitadas e são sobre o encontro de igaçabas, fragmentos cerâmicos de origem Tupi, em sambaquis e nas chamadas chãs de cacos (Duarte, 1969), existindo a descrição de um cemitério atribuído aos Tupi (Cabral, 1895).

Os sítios da fase Cabrobó foram evidenciados em ilhas e, no rio São Francisco, em sua margem pernambucana, desde Boa Vista até Itacoruba (Calderon, 1967).

Neste estado, as evidências foram encontradas tanto no litoral, na zona da mata, como também no sertão.

No litoral, os sítios pesquisados são tardios e mostram o contacto com o europeu, constituindo o material indígena proveniente destes sítios a fase Itapacurá (Albuquerque, 1971, 1972).

Na zona da mata, o sítio arqueológico Quipapá segue a posição observada na maioria, em termos de localização topográfica, isto é, em local de pequena inclinação, com fragmentos cerâmicos concentrados em uma mancha de 31m x 20 m (Albuquerque e Alves, 1983).

A fase Cacimba estabelecida por Larouche (1975, 1977), a partir do sítio chá do Caboclo, no município pernambucano de Bom Jardim, possui uma data de A.D. 1490  $\pm$  135.

O sítio Xilili, no vale do Pajeú, município de Sertânia, representa a evidência da penetração destes grupos no sertão. Neste local foram evidenciados os vestígios de uma aldeia e, nas proximidades, um enterramento secundário, feito em vasilha rasa. Os autores chamam a atenção para a grande quantidade de material lítico presente, fato que não ocorre nos sítios do litoral (Lima e Rocha, 1984).

Ainda com relação à ocupação da zona árida, temos a localização do sítio Aldeia da Queimada Nova, que constitui um dos primeiros dados sobre a adaptação destes grupos neste tipo de ambiente (Maranca, 1976, 1977; Villhena, 1976; Meggers e Maranca, 1980).

O sítio está localizado no ápice de uma colina suave, com um diâmetro de 170 m. O plano da aldeia pôde ser resgatado, mostrando 11 manchas que deveriam ter sido as antigas cabanas, e 4 que deveriam constituir núcleos de atividades esporádicas, estando dispostas em um círculo irregular. Uma datação de C<sub>14</sub> coloca o sítio no A.D. 260 (Maranca, 1976).

Neste sítio, as distribuições espaciais dos tipos de cerâmica ofereceram a base para várias inferências sobre a organização da aldeia, principalmente em relação às regras de residências (Meggers e Maranca, 1980).

Os vestígios arqueológicos dos grupos Tupi mencionados nas fontes textuais não foram localizados ainda nas costas da Paraíba e, em relação ao litoral a próxima referência à presença de cerâmica desta tradição situa-se no Rio Grande do Norte.

Neste estado, foram efetuadas pesquisas na região da foz do rio Curimataú-Cunhaú, dentro do enfoque adotado pelo PRONAPA. O material coletado deu origem à fase Curimataú, que foi relacionada pelo autor à outras fases com predominância de cerâmica pintada (Nasser, 1967, 1971). Os sítios, em número de 18, possuem áreas que vão de 80 até 9.000 m<sup>2</sup> e com espessura de refugo em torno de 15 cm, enterramentos secundários em vasilhas rasas, afastados da habitação. Foi avaliada uma data relativa em torno de 1200, devido ao seu provável relacionamento com a fase Itapicuru da Bahia. A presença de cerâmica desta fase foi evidenciada nos níveis superiores de um sítio da fase Papeba, de tradição regional e com uma posição cronológica anterior.

A fase Potegi, identificada por Laroche e Laroche (1982), parece estar correlacionada com a Curimataú. O estabelecimento desta fase teve como base o sítio arqueológico de Mangueiros, localizado na bacia hidrográfica do rio Potegi, no município de Macaíba, onde foram localizadas 5 manchas de terra preta com 20 m de diâmetro. A cerâmica da fase Potegi situava-se sobre a cerâmica de tradição Papeba, que o autor correlaciona com a tradição Pedra do Caboclo, e teria se instalado no sítio depois de 600 anos B. P., ou seja, em torno de A.D. 1350.

Saindo da chamada faixa costeira, a presença destes grupos no centro do território brasileiro, em Goiás e Mato Grosso, está começando a ser delineada, e somente com o decorrer das pesquisas que estão sendo desenvolvidas nessas regiões é que teremos uma posição sobre a sua integração com os grupos que ocuparam a região mais a leste ou se representam um outro conjunto, ainda tendo como núcleo comum a mesma origem amazônica.

Dentro do desenvolvimento cultural observado no estado de Goiás, estes grupos constituem a ocupação de agricultores mais recente e o terceiro grupo ceramista na região. Este material evidenciado deu origem à fase Iporá (Fensterseifer e Schmitz, 1975; Schmitz, 1976, 1977). Os sítios foram localizados no alto Araguaia e Paranaíba. Ocupam sempre áreas intermediárias entre a mata e o

cerrado, onde o grupo pode, desta maneira, desenvolver a agricultura de coivara, nas áreas de vegetação mais densa, e aproveitar uma série de alimentos oferecidos pelo cerrado. Estes sítios estão sempre próximos aos da tradição Uru, vinculada ao ambiente do cerrado.

Também aí os contactos entre grupos e a convivência próxima foram evidenciados. Nos abrigos sob rocha da bacia do Paranaíba, a cerâmica de filiação Tupi ocorre nos níveis superiores sobre o material pertencente à fase Jataí, e as evidências da coexistência de diferentes tradições em um mesmo sítio são bastante peculiares, como pode ser atestado por alguns casos<sup>12</sup>.

As duas aldeias da fase Iporá correspondem à área do rio Araguaia e são A.D. 1330  $\pm$  55 e A.D. 1440  $\pm$  75.

Como a posição cronológica não está clara, não se pode dizer ainda se a fase localizada faz parte de uma outra ramificação dos Tupi amazônicos ou se corresponde a um momento da migração destes grupos em direção ao litoral.

Os autores comentam sobre a possibilidade da existência de dois grupos com alguns traços diferentes. Aquele que está presente na região do Paranaíba possui o mesmo padrão da tradição desenvolvida mais ao sul, sendo que ao longo da serra de Caiapó parece ter existido outro grupo, mais aculturado pelo contacto com horticultores de outras tradições. Estes últimos utilizam mais acentuadamente os grandes recipientes de preparação da mandioca do que aqueles do Paranaíba (Fensterseifer e Schmitz, 1976).

Parece interessante esta observação, que pode indicar a presença de uma divisão, talvez de uma fronteira, como parece ter existido no litoral, também na região central.

A evidência em outras áreas do estado pode ser apontada em algumas ocorrências dentro do Projeto Anhanguera, onde, pelo menos na Fazenda

<sup>12</sup> No sítio GO-1U-38, há 13 manchas com cerâmica bem definidas, sendo que das 3 que foram prospectadas, uma apresenta material atribuído à tradição tupiguarani (a maior com 72 x 50 m), outra com material da tradição Uru, e a última Tupiguarani-Uru aculturada.

Um outro sítio, o GO-1U-05, contém 5 manchas, sendo 4 da tradição uru e uma tupiguarani. As manchas não estão em disposição regular e aquela que tem o material tupiguarani está a 150 m (Fensterseifer e Schmitz, 1975, 1976).



Bonsucesso, o material cerâmico apresenta características identificáveis com esta tradição (Andreatta, 1977).

No sul do Pará, a cerâmica do rio Itacaiáúnas (Figueiredo, 1965) e aquela classificada dentro da fase Carapanã, por Simões (1973), apresentam traços semelhantes àquelas encontradas nas manifestações que estamos considerando como subtradição Tupinambá, na faixa costeira. Também as fases Tauari, Tauá e Tucuruí, localizadas no baixo rio Tocantins, apresentam atributos semelhantes (Simões e Araújo-Costa, 1977).

Nestas manifestações aparecem mesclados traços da faixa costeira com os da tradição amazônica, principalmente da Incisa ponteadada. Trata-se, portanto, da possível identificação de uma área limítrofe entre as duas áreas culturais, em que os traços culturais aparecem mesclados.

Examinando o quadro conseguido sobre o tipo de ocupação Tupinambá, podemos verificar que na verdade a organização e configuração das aldeias, que temos como referência destes grupos, são provenientes das informações dos cronistas do século XVI.

O padrão de estabelecimento geral dos grupos portadores da subtradição Tupinambá, que pôde ser inferido a partir dos resultados das pesquisas arqueológicas realizadas até agora, podem ser resumidos da seguinte forma: sítios situados dentro do habitat que corresponde ao de regiões com clima chuvoso todo ano, isto é, sem estação seca. Estão localizados em suaves elevações na proximidade do mar, de pequenos riachos ou dos grandes rios dos vales costeiros. As aldeias possuem dimensões que variam entre 50 a 250 m de diâmetro, com um estrato arqueológico cuja espessura de um modo geral se situa entre 30 a 40 cm, sendo bastante comuns aqueles entre 15 e 30 cm. As aldeias apresentam-se sem diferenciação formal interna que pudesse indicar uma diversificação funcional dentro da área habitacional<sup>13</sup>. Os vestígios encontrados são manchas escuras

13 Apenas no sítio Aldeia da Queimada Nova (Moranço, 1976) foi indicada a existência de quatro manchas de menor dimensão, que poderiam estar associadas a atividades diferentes.

provenientes dos resíduos orgânicos que constituíam as casas, em média de 4 a 8 por sítio<sup>14</sup>.

Trata-se de um quadro esquemático e muito generalizante, que não permite adiantar muito no caminho para o estabelecimento de traços precisos que possam servir de diagnóstico na caracterização desta subtradição.

Não podemos, com os dados arqueológicos disponíveis, compor o panorama possível da distribuição e articulação destes grupos, em termos mais precisos, dentro do que teoricamente consideramos como sua área de ocupação.

Esta situação é consequência tanto dos resultados conseguidos pelo tipo de pesquisa desenvolvida, como pelos grandes vazios, sobre os quais não se tem nenhum dado arqueológico.

Entretanto, para algumas áreas onde as pesquisas foram realizadas mais intensamente, o quadro começa a ser esboçado de maneira diferente, como por exemplo, a Baixada Fluminense. Nesta região, pesquisas sistemáticas puderam evidenciar diferentes tipos de vestígios deixados nos locais em que atividades diferentes foram executadas. O resgate de sítios-habitados, com enterramento nas imediações, claramente articulado a um outro tipo de estabelecimento, considerado como acampamento para coleta de moluscos, permite a possibilidade de reconstituição das atividades desenvolvidas durante o ano, por estes grupos para atender às suas necessidades de adaptação a este ambiente.

Talvez outras ocorrências que indicam a presença de cerâmica tupinambá, ou mesmo guarani, sobre sambaquis ou sobre outros vestígios com conchas possam

---

14 Essas manchas possuem um tamanho menor que aquele descrito pelos cronistas, e, onde puderam ser nitidamente observadas, não apresentam um padrão muito rígido de distribuição, mas que se aproxima de um plano circular ou elíptico.

Essas diferenças nas informações sobre a dimensão das casas podem levar a um questionamento sobre o porquê da mudança através do tempo. Essa mudança foi produto de uma alteração na organização interna das aldeias? Podemos pensar em uma mudança da organização dos núcleos familiares, que, ao que parece, antes habitavam casas de pequenas dimensões, para as grandes malocas, que tanto impressionaram os primeiros europeus. Uma alteração da configuração de família nuclear extensiva ou linhagem.

Este é apenas um exemplo da necessidade de correlacionar os dados fornecidos pelos cronistas e os evidenciados no registro arqueológico. Essa correlação pode ser importante não somente para constatar certas mudanças, no caso das informações distantes no tempo, como para confirmar ou complementar certas informações, no caso da coincidência das áreas descritas.

ter este mesmo significado, isto é, um local onde, em determinada época, se praticava a pesca e a coleta de moluscos.

Mas, agora, podemos tentar sistematizar e especificar alguns dados que dispomos sobre o padrão de estabelecimento destes grupos.

Dentro do panorama agora delineado, vestígios sobre a presença desta tradição são indicados de diferentes formas:

- sítios abertos
- sítios-habitações,
- sítios-habitações com presença de manchas escuras, indicando o antigo número de cabanas,
- sítios-habitações com enterramento,
- presença de urnas,
- acampamentos
- acampamentos para coleta de moluscos
- sítios cobertos.

Além destas denominações outras apareceram na descrição dos sítios indicando áreas de atividades, tais como:

- estruturas de combustão,
- estruturas alimentares,
- estruturas funerárias,
- fossas culinárias.

Evidentemente, parece difícil a manipulação destes termos sem uma precisão do seu significado, assim como a determinação dos sítios, onde os critérios, na maioria das vezes, não estão explícitos.

Parece pouco adequado tentar comentar a ocupação destes grupos em sítios com um ou mais componentes e sua significação espacial, em virtude da escassez de dados e do número de sítios pesquisados em relação à área que, teoricamente,

consideramos teriam ocupado. Mas, do ponto de vista da localização topográfica e adaptação, podemos, dentro de uma abordagem genérica, apontar a presença nos seguintes ambientes:

- áreas colinares de regiões florestadas,
- sobre terraços e vertentes próximos a grandes e pequenos rios,
- sobre sambaquis,
- sobre dunas,
- em terrenos abrigados perto de praias litorâneas,
- sob abrigos e cavernas,
- em áreas colinares no semi-árido,
- no cerrado.

Um grande vazio que merece ser comentado é o que corresponde a todo o litoral norte do Brasil, área chave, que permitiria uma melhor compreensão da migração destes grupos de filiação Tupi que saíram da região amazônica, mesmo com relação à tradição ceramista de que são portadores e a daqueles que aí permaneceram. Vale a pena chamar a atenção para o litoral do Maranhão, com relação ao qual existem as informações detalhadas sobre a organização das aldeias, fornecidas por D'Abbeville e D'Evreux, para o começo do século XVII. Embora tardias, estas informações fornecem dados preciosos, que podem servir de inspiração para a arqueologia destes grupos.

Como mencionamos anteriormente, quando examinamos o quadro guarani, a partir deste primeiro esboço de distribuição geral precisamos buscar a articulação destas ocupações, buscando uma melhor caracterização deste sistema tribal, possibilitando integrá-lo dentro do processo formativo americano mais amplo.

No caso Tupinambá, esta busca deverá necessariamente estar apoiada nas informações etno-históricas, que podem fornecer os dados para auxiliar a montagem de um modelo hipotético-dedutivo para ser testado arqueologicamente em uma área piloto. É dessa forma que pode ser enquadrado o projeto de pesquisa que estamos desenvolvendo no vale do Ribeira.

	DATA	MÉTODO	LOCALIZAÇÃO	OBSERVAÇÕES
Julse (Simons, 1967)	± A.D. 1360 ± A.D. 1589	Termoluminescência	Vale do Ribeira. Litoral sul de São Paulo	existe uma datação de 40 A.C., que não deve ser aceita
S. Itaquê (Uchoa et alii, 1984)	± A.D. 1290	C14	Ubatuba, litoral Norte de S. Paulo	Os autores colocam a data em dúvida
S. Tapajó (Mizuki e Aykai, 1974)	± A.D. 1172	Termoluminescência	R. Capivari/ Bacia do Tietê	
S. Cachuira de Cima (Museo de Cachoira) (Pallestrini, 1981/82)	± A.D. 400	C14	Rio Mogi-Guaçu	
S. Dom Raimundo (Calderon III, 1988)	± A.D. 1020	Termoluminescência	Rio Mogi-Guaçu	
SP TA-1 Pereira Barreto (Maranca, 1974, 1978)	± A.D. 668	Termoluminescência	Baixo Tietê	
SP TA-2 Pereira Barreto (Maranca, 1974, 1978)	± A.D. 972	Termoluminescência	Baixo Tietê	
SP TA-3 Maranca, 1974, 1978)	± A.D. 578	Termoluminescência	Baixo Tietê	
SP TA-5 Pereira Barreto (Maranca, 1974, 1978)	± A.D. 930	Termoluminescência	Baixo Tietê	
SP PO-1 Pereira Barreto (Maranca, 1974, 1978)	± A.D. 232	Termoluminescência	Baixo Tietê	Se esta for confirmada será a mais antiga para a tradição
Fase Guaratiba (Dias, 1969)	A.D. 980 ± 100 A.D. 1150 ± 100	C14	Guaratiba	
Fase Semambitiba (Dias, 1969)	A.D. 1380 ± 100	C14	Litoral Fluminense	
Sambaqui Zf Espinho (Kroepf, 1986)	A.D. 300 ± 170 A.D. 440 ± 160 A.D. 870 ± 170	C14	Litoral Fluminense	Acampamento A
Fase Encard (Perota, 1971, 72, 74)	A.D. 895 ± 80	C14	Litoral do Espírito Santo	
Fase Tucum (Perota, 1974)	A.D. 1390 ± 70	C14	Baía de Vitória	
Fase Itapicuru (Calderon, 1969)	A.D. 1270 ± 130	C14	Chapada Diamantina	
Fase Cacimba (Laroche, 1977)	A.D. 1590 ± 135	C14	Dom Jardim Pernambuco	Sítio Chi do Caboclo
Fase Potegi (Laroche, 1982)	A.D. 1554 ± 62	C14	Fluminense Rio Grande do Norte	
Fase Iporá (Schmitz, 1976)	A.D. 1390 ± 35 A.D. 1440 ± 75	C14	Rio Araguaia Goiás	
S. Aldia da Quelmaida Nova (Maranca, 1976)	A.D. 260 ± 110	C14	S. Raimundo Nonato Piauí	

QUADRO 4 - Datações absolutas da Subtradição Tupinambá.

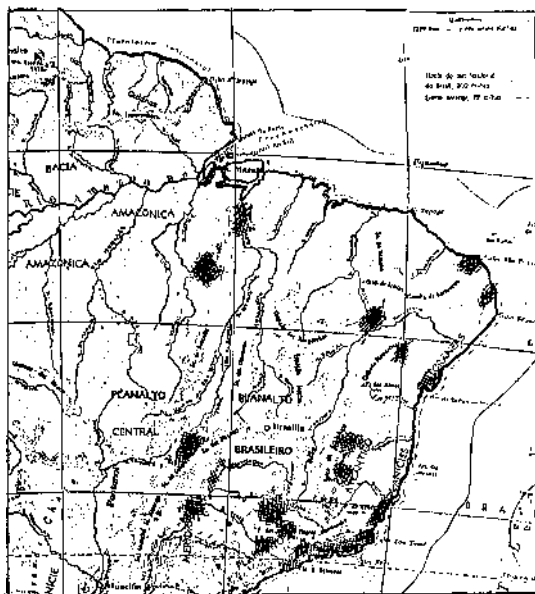


FIG. 45 - MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DA SUBTRADIÇÃO TUPINAMBÁ.

## A CERÂMICA TUPINAMBÁ

A cerâmica Tupinambá foi descrita e comentada por quase todos os cronistas que entraram em contacto com estes grupos. Chamaram a atenção o tamanho das vasilhas e a riqueza da decoração, principalmente dos desenhos. Estes cronistas deixaram não apenas descrições como também desenhos das espécies cerâmicas observadas.

É possível, através da análise das ilustrações contidas nesta documentação textual do século XVI, resgatar as formas dessa cerâmica e, o que parece mais importante, no seu contexto de utilização, o que faz deste dado uma evidência direta.

Brochado (1979) analisou este material descrito nas crônicas procurando a ligação entre cerâmica e dieta alimentar deste grupo, visto que além da evidência visual, várias descrições sobre a preparação da mandioca são feitas, assim como as vasilhas usadas para a execução de cada etapa. Nesta análise o autor parte do princípio que:

*"The morphology of the vessel used by one particular group can be correlated with the kinds of foods prepared by them in these vessels, with the corolary that this group diet could have been reconstructed by means of the morfology of their vessels, even in the absence of any direct information" (op.cit.: 1).*

Desta forma, conhecendo como os Tupinambá históricos usaram os seus diferentes tipos de vasos, poderemos usar este conhecimento para fazer inferências por analogia com outros grupos e assim reconstituir a sua dieta.

Desse estudo Brochado pode identificar sete espécies de vasos:

- 1 - *Strongly crenated, biconical, jars presenting distinctive cambered or everted rims;*
- 2 - *Wide-bodied elliptical or ovoid jars, narrow-mouthed and some times flat-bottomed;*
- 3 - *Flat-bottomed basins with a characteristic cambered rim which forms a strong crenation near the opening;*
- 4 - *Small and medium sized, shallow or deep, hemispherical or slighted constricted bowls;*
- 5 - *Large basin-like bowl with inward slanting or interiorly thickened rim;*
- 6 - *Spherical pots with extroverted rims and slightly thickened rim;*
- 7 - *Large flat wide-rimmed dishes or plates and bucket-like vessel in the form of an inverted truncated cone" (op. cit: 38).*

Analisando o conjunto apresentado por Brochado (1984, fig. 16), notamos a grande representatividade de peças baixas e largas, como tigelas e pratos.

O que podemos apontar como característica peculiar desta cerâmica é a existência de vasilhas com abertura de boca quadrangular, elíptica ou oval. Estes exemplares, que constam na documentação textual, foram identificados no contexto arqueológico, com ocorrências evidenciadas de São Paulo para o norte.

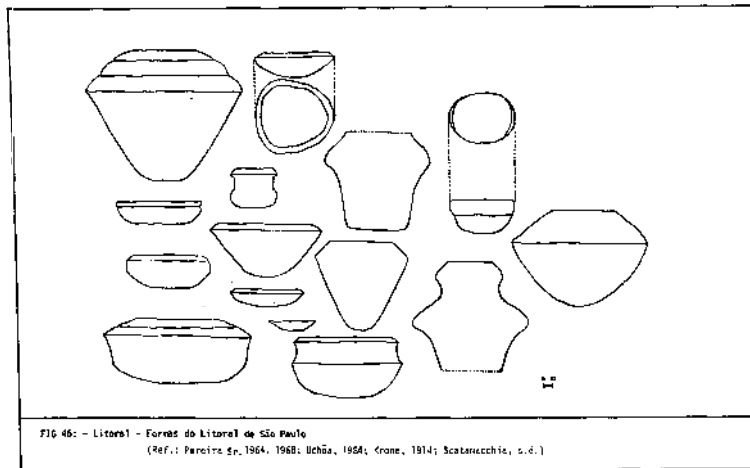
Como no caso da cerâmica Guarani, também na Tupinambá, aparecem as decorações corrugadas, unglada escovada e outras técnicas plásticas menos representativas, cujo significado fica difícil comentar agora, pela ausência de trabalhos sistemáticos neste sentido. Não podemos no momento verificar a relação que existe entre a forma e a decoração, isto é, se existe alguma forma que esteja ligada de maneira exclusiva a certos tipos de decoração.

Aqui também a idéia foi de apresentar o contorno dos tipos de vasilhas encontrados, dada a dificuldade de resgatar do contexto bibliográfico as dimensões precisas, pois muitas das ilustrações aparecem sem escala gráfica e algumas foram desenhadas a partir de fotografias. Mas penso que, mesmo com esta imprecisão, o objetivo foi, realizado, que é o de apresentar o conjunto das formas dentro da sua



distribuição espacial. O contexto temporal também não foi considerado pela falta de informações na maioria dos casos.

Os padrões de desenho foram anexados sempre que possível, pois, embora a decoração pintada seja comentada, na maioria dos trabalhos os desenhos não aparecem.



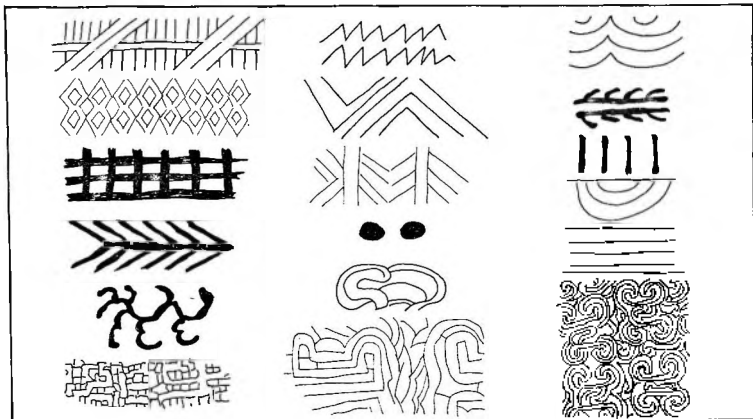
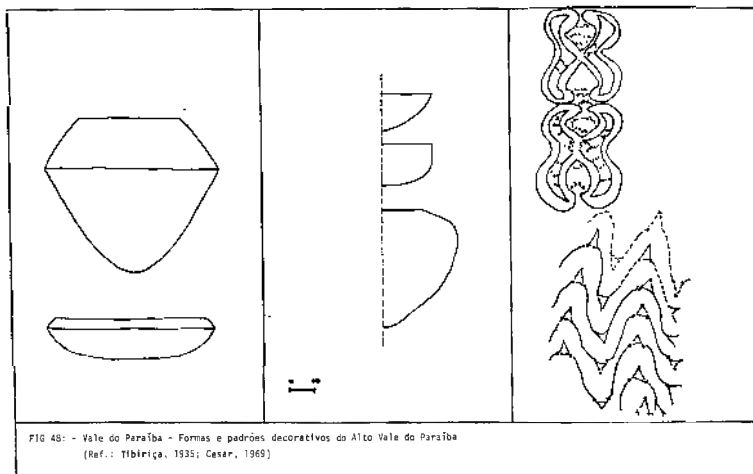


FIG 47: - Litoral - Padrões decorativos do litoral de São Paulo

(Ref.: Pereira P., 1964, 1965; Uchôa, 1984; Scatamacchia, s.d.)



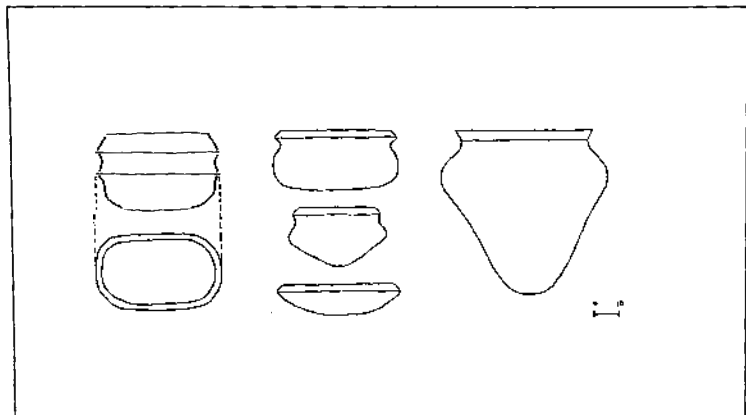
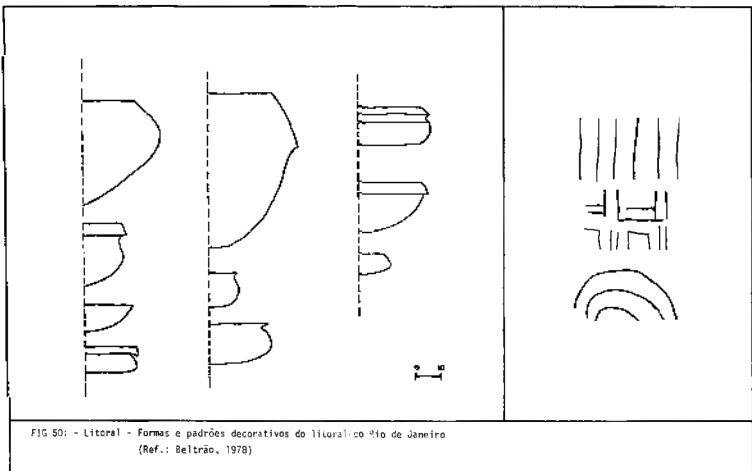
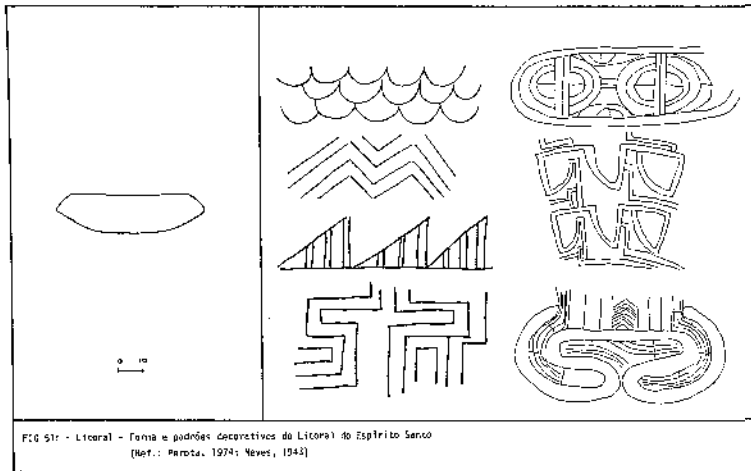


FIG 49: - Litoral - Formas do Litoral do Rio de Janeiro  
(Ref.: Dias, 1967; Souza, 1977; Beltrão, 1978, 1996)





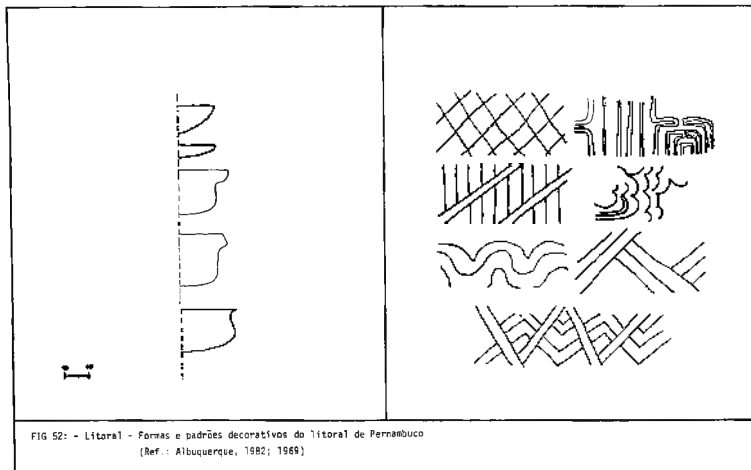


FIG 52: - Litoral - Formas e padrões decorativos do litoral de Pernambuco  
(Ref.: Albuquerque, 1982; 1969)



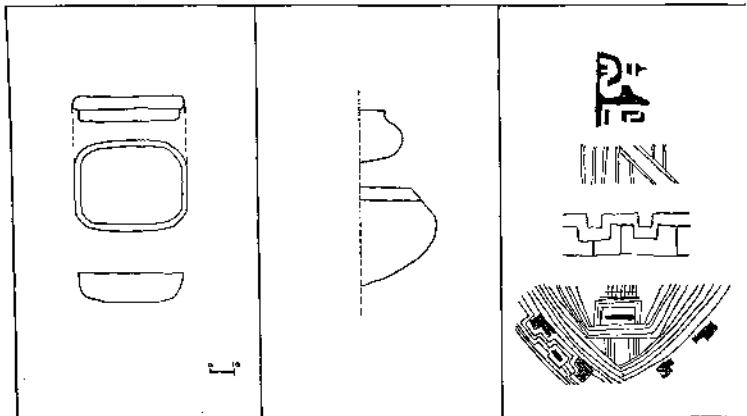
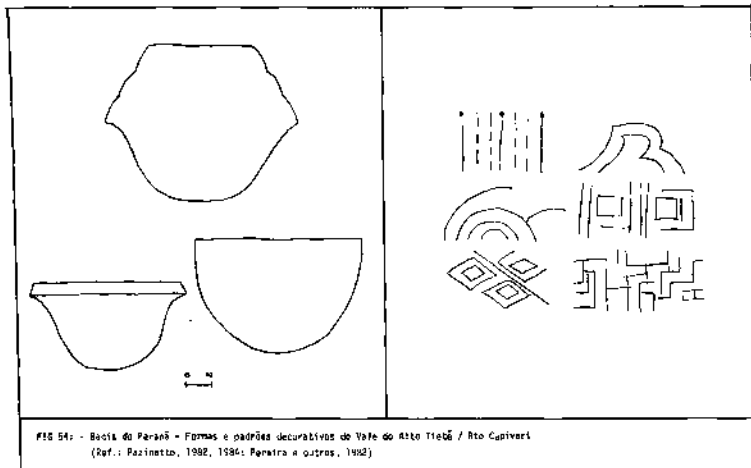
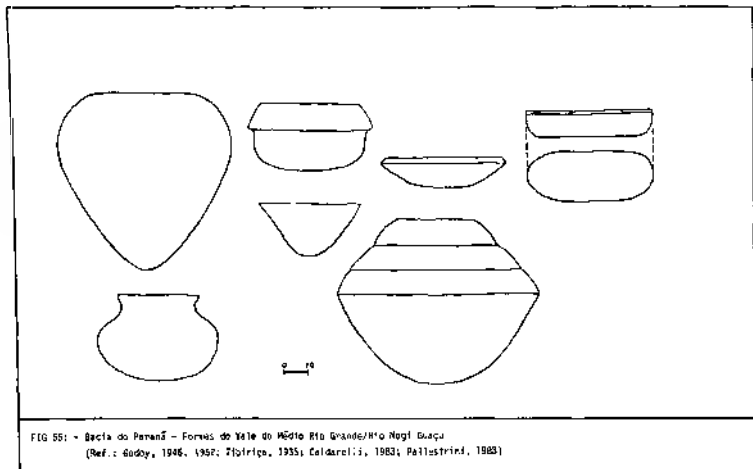
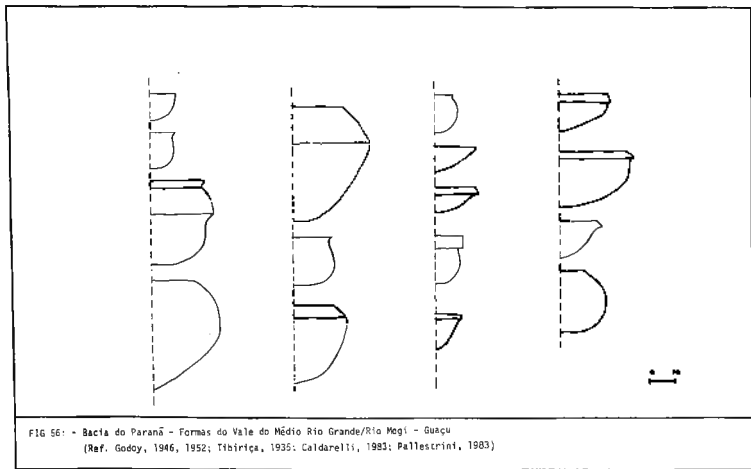
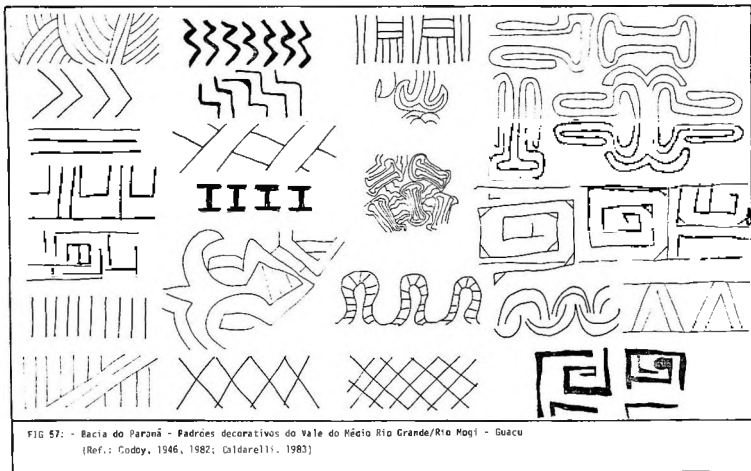


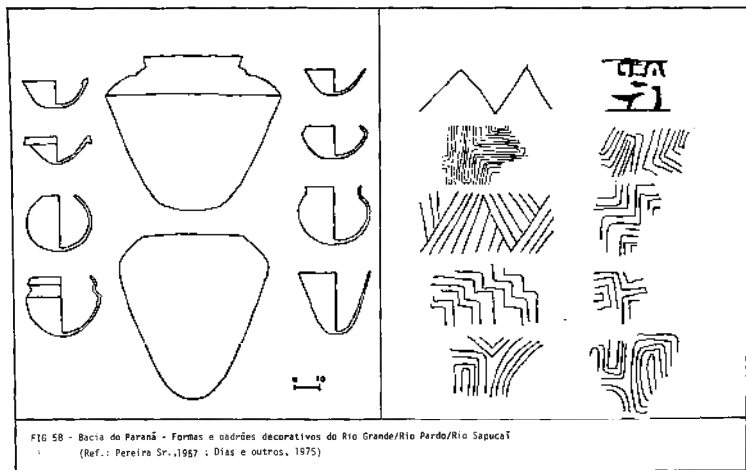
FIG 53: - Ifrazal - Formas e padrões decorativos do Ifrazal do Ato Grande do Norte  
 (Ref.: Nasser, 1967, 1971; Lanche, 1982)

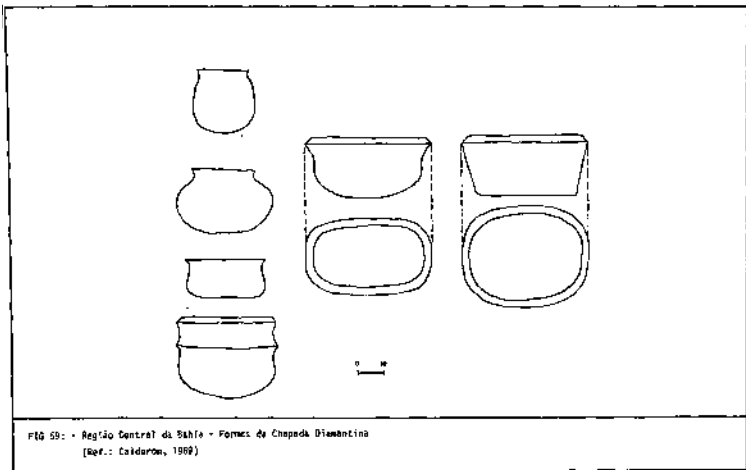












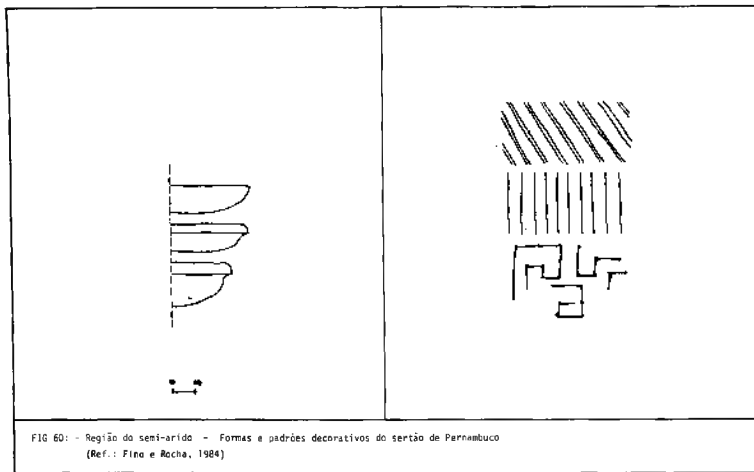


FIG 60: - Região do semi-árido - Formas e padrões decorativos do sertão de Pernambuco  
(Ref.: Fino e Rocha, 1984)



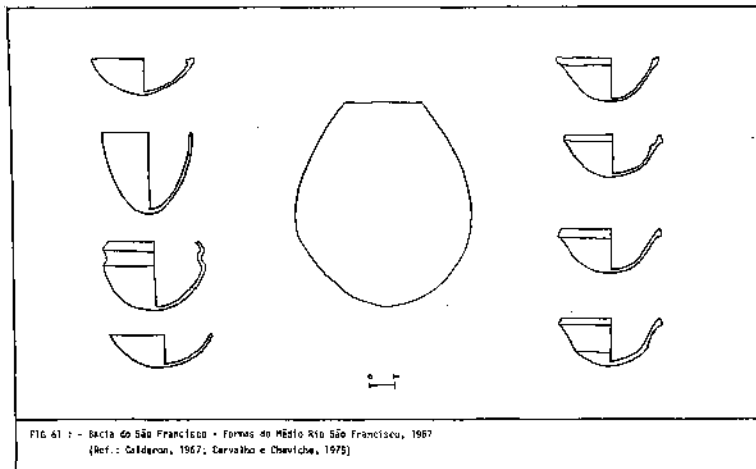


FIG. 61 : - Baía do São Francisco • Formas do Médio Rio São Francisco, 1967  
(Ref.: Calderon, 1967; Carvalho e Cheviche, 1975)

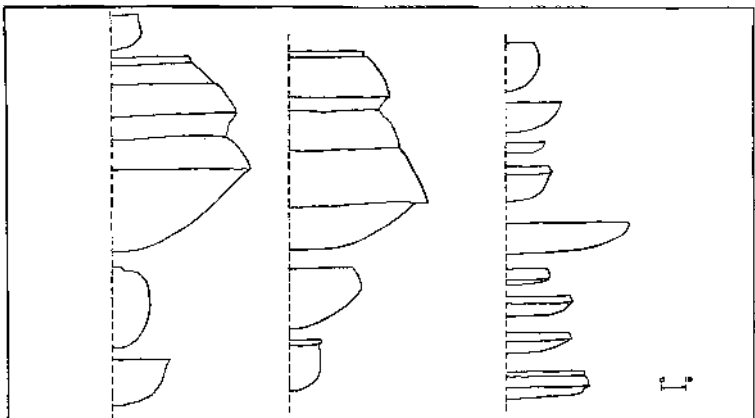


Fig. 62

FIG 62: - Baía do Tocantins - Formas do Alto Araguáia  
(Ref.: Schmitz e Barbosa, 1985)

## CAPÍTULO VII - ANÁLISE DO PADRÃO DE ESTABELECIMENTO: AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA

Pretendemos, aqui, fazer algumas reflexões sobre o potencial da análise do padrão de estabelecimento, avaliando as disponibilidades para os grupos portadores da Tradição Policrômica do leste americano e pensando nas perspectivas para os estudos futuros.

Estamos utilizando o conceito de padrão de estabelecimento conforme foi primeiramente conceituado por Willey<sup>1</sup>, isto é a maneira como o homem se dispõe na paisagem em que ele vive, que engloba a distribuição e o tipo de construção utilizado, e que reflete o nível tecnológico do grupo, aspectos da organização e de sua interação com o meio ambiente.

Em situação normal, todo grupo humano tem um padrão de estabelecimento, mostra uma certa regularidade nos seus movimentos e na sua instalação, sendo que, de um modo geral, o tipo de estabelecimento adotado por um grupo é sempre, de alguma forma, registrado arqueologicamente. Pois o homem, em maior ou menor proporção, altera o local em que ele se instala, construindo proteção ou estruturas de apoio e concentrando suas atividades ao seu redor. Mesmo que tenha sido construído de material perecível, como é o caso dos grupos em questão, os registros das alterações permanecem.

---

<sup>1</sup> "As the way in which man disposed himself over the landscape on which he lived. It refers to dwellings, to their arrangement, and to the nature and disposition of other buildings pertaining to community life. These settlements reflect the natural environment, the level of technology on which the builders operate, and various institutions of social interaction and control which the culture maintained. Because settlement patterns are, to a large extent, directly shaped by widely held cultural needs, they offer a strategic starting point for the functional interpretation of archaeological cultures" (153: 5).

Para poder especular sobre a organização contida por atrás de uma configuração espacial, os arqueólogos necessitam das informações etnográficas<sup>2</sup>. Existe uma tendência atual de buscar uma possível correlação entre as estruturas e a organização das atividades que elas suportam, principalmente no que se refere à forma das habitações e o seu relacionamento espacial.

No caso de habitações temporárias, os povos utilizam os mais variáveis materiais, utilizando, de modo geral, aquele que é mais abundante na região e que atende às exigências necessárias.

As variações dependem do número de pessoas envolvidas na atividade e da localidade que está sendo explorada, ou ainda, como Orme (1981: 91) colocou bem:

*"The diversity reflects differences in the properties of local building material to a certain extent. It is also a response to local culture requirements, in that settled peoples find it more worthwhile to invest in solid and permanent structures than those who move frequently, and those who live in large communal groups need a bigger enclosed space than those who lead more solitary lives".*

Quando existe a necessidade de construções que devam atender a mudanças sazonais, são construídos tipos de abrigos diferentes, para atender à ocupação durante as diferentes épocas do ano. Estas ocupações devem ter tamanho diferenciado, assim como marcas, variedade e quantidade de material<sup>3</sup>.

As culturas, dependendo da sua complexidade, possuem estabelecimentos diferenciados para atender às várias funções ou apresentam dentro de uma mesma ocupação, zonas diversificadas, relacionadas a diferentes atividades.

No caso dos Guarani estas variações podem corresponder aos acampamentos, aos "paradeiros" e aos cemitérios citados no texto.

2 Também os etnógrafos têm reconhecido a possibilidade de identificar, através do trabalho de campo arqueológico, hábitos de estabelecimentos antigos, mesmo quando não existe outra documentação.

3 Em relação a grupos caçadores e coletores e aos pastores estas necessidades estão melhor estudadas do que em relação aos grupos agricultores.

No caso Tupinambá, temos a existência de uma estrutura mais específica: um acampamento para coleta de mariscos. Fica aqui uma interrogação: a ocupação guarani, encontrada sobre alguns sambaquis, não poderia ter atendido também a esta função?

Quanto à ocupação de abrigos e cavernas, os dados não nos permitem inferir se se trata de uma ocupação alternativa complementar, dentro de um sistema mais amplo, ou de um tipo de estabelecimento ligado a um momento de refúgio do grupo.

Dependendo das características ambientais e das técnicas de escavações, as marcas são melhor evidenciadas ou mais detalhadamente compreendidas, como podemos verificar examinando os dados contidos na bibliografia.

Para a área guarani alguns princípios puderam ser observados, o que pode ser atestado nos trabalhos desenvolvidos em relação a ocupação no Rio Grande do Sul, realizado por Schmitz e Brochado (1981), sobre o desenvolvimento do padrão das aldeias. Mais específico, o trabalho de Schmitz para o alto Jacuí com a preocupação de identificar a verdadeira articulação dos sítios entre si, dentro de uma região, e o seu significado de ocupação, pensando no ciclo de atividades do grupo.

Na região do Guará, Chmytz pode identificar diferentes tipos de ocupação e conceituou algumas destas diversidades, o que pode ser verificado nos seus trabalhos ligados a Itaipu.

Em relação à área Tupinambá, Beltrão procurou estabelecer uma relação cronológica entre o tamanho das aldeias e sua localização topográfica. Esta autora propõe a utilização de um modelo matemático para compreender a estratégia de ocupação territorial destes grupos, extraído com base em três elementos: a aldeia, os acampamentos e o peabiru.

Como a maioria dos resultados é proveniente de notícias prévias ou dados preliminares de escavações parciais que tiveram como objetivo uma primeira identificação cultural, os dados obtidos, tanto para a área Guarani como para a Tupinambá, são ainda imprecisos para uma análise mais específica, que fuja à

repetição dos quadros já conhecidos e retirados na sua maioria das informações etnográficas do século XVI.

A nossa preocupação foi identificar as informações referentes à distribuição espacial das aldeias, a sua relação com o meio ambiente e sua duração temporal.

O aspecto espacial permite duas abordagens básicas: uma ampla visão ecológica, que enfatiza a relação dos sítios entre si e o meio ambiente em que estão inseridos, em termos de macroestabelecimento, e outra que estuda a natureza e distribuição das estruturas, relacionando-as com fatores sociais e culturais, na busca de uma análise em termos de microestabelecimento, tentando visualizar a configuração interna da aldeia (Chang, 1967).

O quadro conseguido até agora possibilita uma visão em termos de macroestabelecimento, com uma indicação sobre os principais ambientes ocupados, embora os mecanismos de adaptação não possam ainda ser caracterizados em termos de sistematização do ciclo anual de atividades do grupo.

Os dados provenientes das escavações não permitem uma análise da distribuição das diferentes atividades e articulações que foram desenvolvidas dentro da aldeia, assim como aquelas desenvolvidas em território de domínio tribal.

O mais importante é ter em mente que esta diversidade de ocupação não é resultante de uma estrutura de classe, nem de diferentes estratégias econômicas, nem de mudança cultural, mas fazem parte de um todo. Elas provavelmente tiveram uso simultâneo por um grupo que segue um determinado padrão de subsistência, cujo ciclo anual corresponde a estas diferentes atividades que devem ser consideradas dentro de um sistema.

Deixamos de lado, neste momento, as questões sobre o padrão de subsistência, embora ele esteja estreitamente ligado ao tipo de estabelecimento, em termos de caracterizar o que comiam e o que plantavam, pois estaríamos repetindo o que já sistematizamos anteriormente (Scatamacchia, 1981), repetindo as informações obtidas nas crônicas. Do ponto de vista arqueológico, pouco se tem feito sobre o assunto, embora devam ser citados alguns trabalhos, como o de Brochado (1977), sobre a ALIMENTAÇÃO NA FLORESTA TROPICAL, onde analisa a relação das espécies utilizadas com o processo de preparação e os

artefatos envolvidos, procurando inferir de forma indireta a dieta do grupo; e o de Jacobus (1985) que tem analisado alguns restos faunísticos provenientes de vários sítios arqueológicos, entre eles, um guarani.

Mas pouco se tem feito, de maneira sistemática, em relação à economia deste grupo, como, por exemplo, uma listagem dos vestígios encontrados, levantamento dos recursos disponíveis tanto vegetais como faunísticos. Um quadro destes implicaria na busca da determinação do território anual de exploração<sup>4</sup>, na tentativa de modelos de ciclo anual e dos tipos de estrutura de ocupação para atender a estas necessidades. O que implicaria a articulação dos outros tipos de sítios, com o sítio-habitação.

Isto requer um estudo regional, pois somente neste caso estes estabelecimentos poderiam ser procurados e conceituados.

Esta busca deve partir da premissa que existem produtos básicos na dieta dos grupos. Embora possa consumir uma ampla variedade de alimentos, usualmente poucos formam os principais elementos da dieta, aqueles alimentos básicos, sendo os outros, alimentos casuais.

Considerando que o objetivo primário da exploração de recursos é a aquisição de um suprimento adequado de alimentos o ano todo, certas preferências devem obedecer à necessidade de satisfazer essa exigência, isto é, devem recair sobre alimentos que estejam disponíveis o ano todo ou se complementam sazonalmente. Poucos povos se restringem a um único alimento básico, mas procuram o equilíbrio através da complementação sazonal, em alguns casos, e na migração temporária, em outros.

No caso dos grupos agricultores, esta procura deve ser em direção à complementação de proteína animal, que pode ser conseguida com recursos marinhos ou através da caça. Portanto, estruturas ligadas a estas atividades é que devem ser buscadas dentro de território anual do grupo.

---

<sup>4</sup> Território anual é a área total explorada por um grupo através do ano e pode conter um ou mais territórios de sítio, sendo este definido como a área no redor do sítio que é explorada habitualmente pelos seus habitantes (Vita - Finzi e Higgs, 1970)

Em termos de duração os estabelecimentos podem ser genericamente classificados como temporários, semipermanentes e permanentes. Estamos considerando como semipermanentes os estabelecimentos dos portadores da tradição policrônica, tanto da subtradição Guaraní como da Tupinambá, dentro do conceito de Orme (1981: 106):

*"In the present context, semi-permanent is used for those settlements which are occupied for several years at a stretch but not for as long as a generation, and where most adult inhabitants will have lived elsewhere previously, and will expect to move again before they die".*

Este tipo de estabelecimento tem sido normalmente associado à prática da agricultura de roça, reconhecida na literatura arqueológica e etnográfica. Entretanto, este tipo de movimentação pode ser variado, implicando um movimento rotatório para o descanso das terras em torno da região ou uma movimentação contínua, em busca de terras novas, implicando uma constante colonização.

No caso dos grupos em questão: a curta permanência dessas aldeias, atestada tanto nas fontes textuais como arqueológicas, é atribuída à necessidade na busca de novas terras para o cultivo e, em tempos mais tardios, à busca da "Terra sem mal". Parece entretanto que se trata de uma mesma procura, se considerarmos a tradução de "yvy marey" como a terra virgem, sem edificação<sup>5</sup>. A forma ideológica da "Terra sem mal" não pode ser totalmente desvinculada dos limites estruturais da tecnologia da agricultura de roça.

Portanto, de grande importância para a definição do padrão seria a verificação da variação e da distribuição dentro de uma região, ponto que deveria ser melhor observado, já que as culturas têm sido definidas pela uniformidade do seu padrão de estabelecimento. A verificação do tamanho das unidades e da maneira como estão distribuídas no território só pode ser feita dentro de um

<sup>5</sup> Existe uma tendência a rever o significado do termo "terra sem mal" (Melá, 1981; Martínez, 1985), pois, no "Tesoro..." de Montoya (1640), a expressão yvy marané y aparece traduzida como "suelo intacto, que no he sido edificado" e Káa marané y como "monte donde no han sacado palos, ni se ha traqueado".



enfoque de região, onde o sítio deixa de ser o objeto de estudo para se integrar em um contexto mais amplo.

Além do aspecto de subsistência outras estruturas podem atender a atividades específicas, de ordem social ou religiosa. Não possuímos dados arqueológicos que permitam esclarecer ou confirmar algumas colocações feitas neste sentido na documentação etnográfica.

Analisando a configuração dessas aldeias, verificamos a ausência aparente de diferenciação formal que pudesse indicar algum setor que tivesse uma função especializada. Eram compostas por casas de grandes dimensões, as malocas, onde habitavam um principal e sua linhagem. Somente nas informações textuais mais tardias aparece a menção "casa grande", que teria uma função política. A notícia da presença de uma casa que teve uma função diversa das outras, nos leva a questionar se seu aparecimento na aldeia não estaria ligado a um incremento na organização política. A notícia de Anchieta ([1554]:1933), de que antes das batalhas os pagés mandavam fazer uma cabana para algum tipo de rito, pode indicar o início da relação de um indivíduo especializado com um local particular para atividades cerimoniais.

Temos no contexto arqueológico a informação sobre a aldeia da Queimada Nova, onde a autora acusa a presença de quatro manchas que teriam um caráter diferencial. Por enquanto, tratam-se de dados isolados, mas que podem fornecer subsídios para estudos futuros.

Flannery (1972) tem argumentado sobre a influência de fatores sociais na arquitetura doméstica. Associa casas redondas com famílias nucleares e casas retangulares com famílias extensivas. Este autor ainda sugere que grupos que vivem em casas redondas tendem a ser nômades e os que vivem em casas retangulares, sedentários. Entretanto, Orme (1981) faz algumas observações sobre esta situação, que geralmente pode ocorrer, mas, em alguns casos, o determinante pode ser outro, não podendo esta correlação ser considerada como algo comprovado.

Em relação ao formato das casas, não devemos esquecer a precariedade de algumas informações contidas nas evidências arqueológicas e que podem levar a reconstruções enganosas, como aquelas baseadas nos buracos de estacas. A

identificação em termos destes buracos pode ser enganosa e esta evidência não nos permite que a distinção entre vários tipos de estrutura ou, mesmo quando diferentes tipos são reconhecidos, a sua utilização pode levar a interpretação errônea.

Em alguns casos documentados etnograficamente, existe uma diferenciação da população durante certos períodos e atividades, alertando para o perigo de estimar a população tendo como base o número e o tamanho das habitações, sem ter reconstituído as possibilidades do ciclo anual.

O que podemos observar com a apresentação do quadro geral da tradição policrômica é que os dados disponíveis nos permitem apenas um primeiro conhecimento sobre a ocupação dos seus portadores dentro de uma visão de macroestabelecimento, isto é, da relação geral dos sítios com o meio ambiente, mas que, em relação aos outros aspectos, são vagos e imprecisos.

A análise de padrão de estabelecimento permite observar de outra maneira os dados arqueológicos, mudando a ênfase da pesquisa, do objeto, do sítio em si, para uma abordagem regional mais ampla, com a preocupação de relacionar os sítios entre si, possibilitando caracterizar culturas e áreas culturais. Olhando sob este aspecto é que podemos perceber uma perspectiva para o desenvolvimento da arqueologia destes grupos. Com a proposta de utilização deste tipo de abordagem, em que as categorias estruturais que foram evidenciadas até agora e que aparecem na literatura sem uma conceituação precisa, possam ser explicitadas e integradas dentro do conhecimento sobre o sistema tribal destes grupos.

## A FORMA DAS CASAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS.

A forma das casas pode servir como ponto de partida para algumas considerações, por ser um aspecto da adaptação que pode ser observado etnograficamente e arqueologicamente, e sobre a qual possuímos as informações mais concretas referente ao padrão de estabelecimento dos grupos portadores da subtradição Guarani e Tupinambá que se instalaram no leste da América do Sul.

A intenção não é, aqui, esgotar o assunto e fazer grandes reflexões sobre o aspecto arquitetônico e a noção de espaço que leva à construção de determinado tipo de abrigo. Pretendemos fazer um pequeno balanço sobre o tipo de configuração que possuímos e o que isto pode significar em termos de conhecimento da organização social do grupo.

No exame das informações obtidas na análise bibliográfica que efetuamos, algumas ressalvas devem ser feitas. Primeiro, é quanto à impossibilidade de se utilizar de maneira absoluta as medidas encontradas sobre a dimensão destas casas, pois os critérios para sua delimitação são variados. Em alguns casos, o perímetro foi dado a partir da diferenciação da cor do solo e, em outros, pela concentração de fragmentos e outras evidências materiais, o que pode dar uma alteração nas medidas, alterando também a sua forma.

No contexto arqueológico, encontramos referências a grupos portadores desta tradição indicando a presença de casas ou cabanas com forma redonda, elíptica e ovalada, e no contexto etnográfico do século XVI, de casas retangulares.

Alguns estudos buscam a relação desta escolha com outros aspectos da vida de um grupo.

O estudo de Robbins (1966)<sup>6</sup> faz a correlação entre a forma da casa e a permanência relativa do padrão de estabelecimento, notando uma mudança do plano redondo para o retangular. Estas correlações entretanto, não são explicações e podem ser comprovadas em apenas alguns casos, devendo ser encaradas com certo cuidado.

Na literatura sobre o assunto, de um modo geral as casas retangulares são associadas a um padrão de estabelecimento sedentário, mas os temporários não podem ser correlacionados só com casas redondas e existem alguns grupos sedentários que utilizam as duas formas. Penso que algumas outras variáveis devem ser examinadas, antes de uma afirmação categórica no sentido de uma ligação direta.

---

<sup>6</sup> Citado em Hunter-Anderson (1977).

Alguns autores sugerem que é necessário maior esforço na construção de casas retangulares que nas redondas. Aliás a questão de investimento de esforço está ligada não apenas à diferença na forma das casas, mas também a outras facilidades e utilidades em geral, que por sua vez estão relacionadas ao contingente populacional do grupo.

Flannery (1972) descreve dois tipos de estabelecimentos, um composto de casas ou cabanas circulares pequenas, e outro, a aldeia, com casas maiores retangulares, muitas vezes com pátios ou praças. Estes dois tipos estão associados com estabelecimentos permanentes ou semipermanentes, indicando que a mobilidade não é o único ou um fator tão importante na determinação da forma das casas.

Ainda com relação a estas duas formas, um outro dado pode ser colocado e se refere à presença de estruturas e outras facilidades que estariam distribuídas de maneira diferente. No primeiro caso, das casas redondas, estas estariam localizadas fora das cabanas, enquanto, nas casas retangulares, estariam localizadas no seu interior.

A interação entre fatores pertencentes a diferentes domínios, na determinação da variação da forma da casa, é uma matéria que deve ser examinada com cuidado para evitar a associação mecânica de um só fator, que pode não corresponder às mesmas necessidades de adaptação em regiões diferentes.

Hunter-Anderson (1977), alertando para o perigo da observação mecânica, que pode levar um arqueólogo, ao examinar um plano de casa redondo ou retangular, descrever o sistema adaptativo como sendo nômade ou sedentário, correndo um grande risco de fazer essa afirmação sem levar em conta outros valores, indica alguns pontos que devem ser levados em conta na pesquisa.

*"This investigation might lead to discoveries of underlying causes for archaeologically and ethnographically observed variability. For instance, given a round floor plan, independent evidence for low values on our variables could be sought in other classes of archaeological remains at the site. More specifically, independent evidence could be sought for the*

*model of a central acting figure around whose limited number of activities the house was built. The archaeologist could then offer propositions about the specific conditions under which a cultural system is expected to house only one or a few living units, a limited number of sequentially performed activities, low volumes of facilities, and so on, using clues provided at the site and elsewhere. These propositions could be tested wherever possible" (op. cit.: 314).*

Tentando localizar no mapa as informações resgatadas referentes às habitações, pudemos verificar que os dados fornecidos pelos cronistas e os evidenciados pelos arqueólogos pertencem a regiões geográficas diferentes e distância cronológica de pelo menos 500 anos entre eles. Mesmo assim, algumas inferências podem ser feitas com certa segurança em relação ao tipo de construção e ao tempo de duração das cabanas. Nos sítios arqueológicos, as marcas que registram o antigo local das casas, são manchas de terra mais escura, provavelmente resultado da deteriorização do material orgânico de que eram construídas. A espessura dos refugos não indica uma permanência muito prolongada, podendo o tempo de ocupação coincidir com as informações dos cronistas, e a aldeia durar enquanto durassem as palmas de que eram construídas as cabanas.

Futuras pesquisas poderiam explicar a diferença das casas em um período de tempo, ou em termos espaciais, como consequência de uma mudança de organização social, com a alteração de casas com famílias nucleares para casas com famílias extensivas.

A utilização de hipóteses de trabalho com base na informação etno-histórica para orientar pesquisas arqueológicas, em áreas onde o teste destas formulações é possível, pode fornecer resultados que assegurem o controle sobre este tipo de documento.

A escavação sistemática, em sítios históricos, permitiriam precisar a reavaliação de certas estruturas com aquelas relatadas no contexto textual, permitindo o estabelecimento de um quadro de referência seguro para outras interpretações.

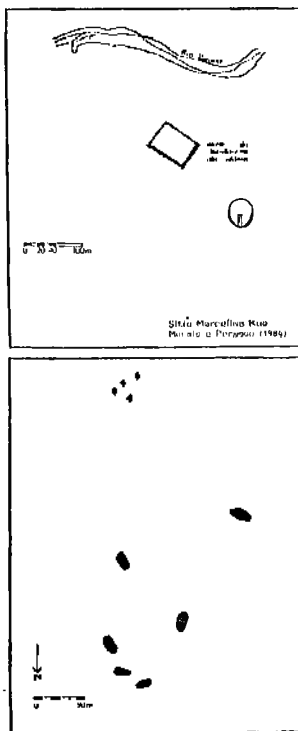


Fig. 63 - Planta de aldeia Guarani no Alto Paraná  
em território paraguaio

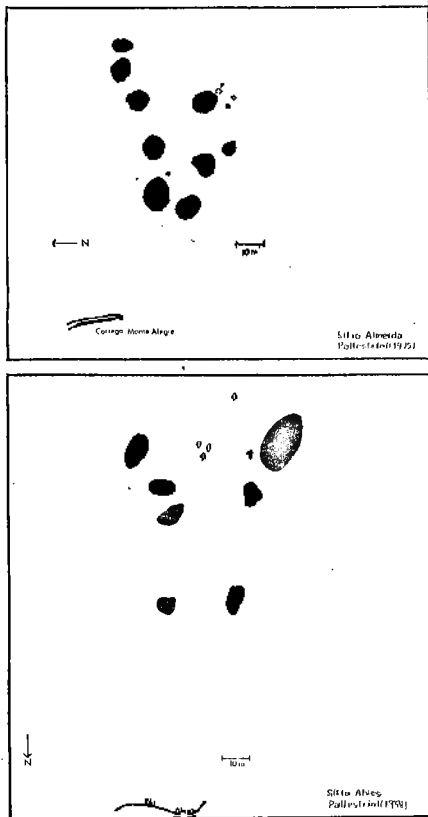


Fig. 64 - Plantas de aldeias Guarani no Médio  
Paranapanema

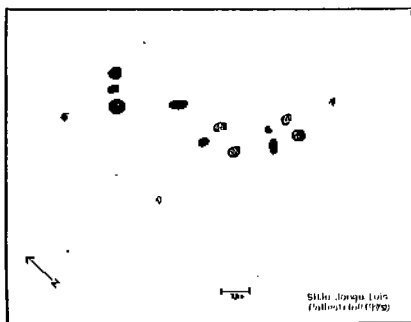
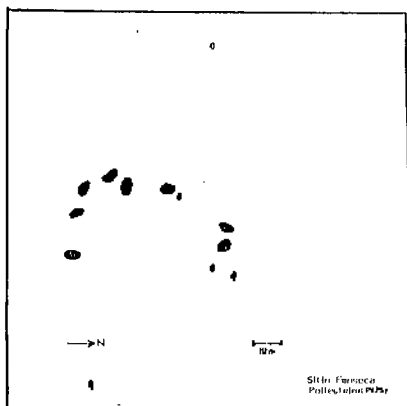


Fig. 65 - Plantas de aldeias Guaraní no Alto  
Paranapanema



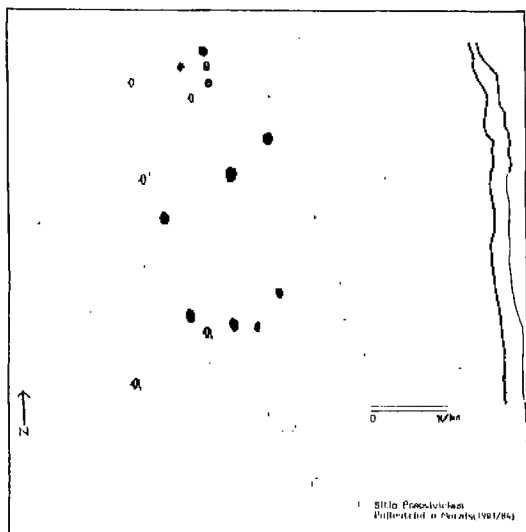


Fig. 66 - Planta de aldeia Guarani no Alto  
Parapanema

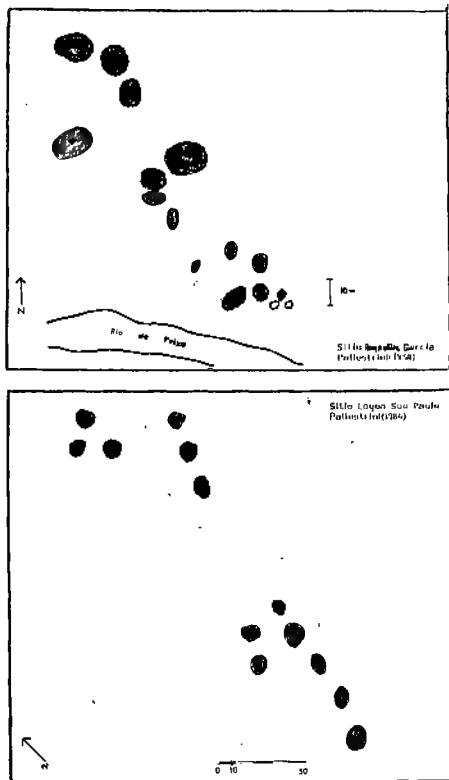


Fig. 67 - Plantas de aldeias da região situada entre o rio Paranapanema e o Tietê

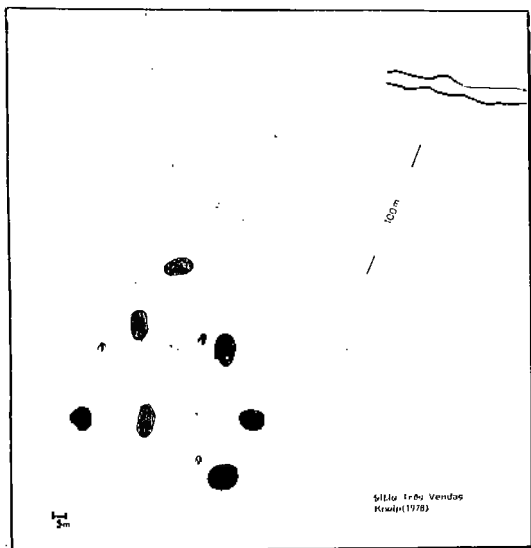


Fig. 68 - Planta de aldeia Tupinambá no litoral do  
Rio de Janeiro

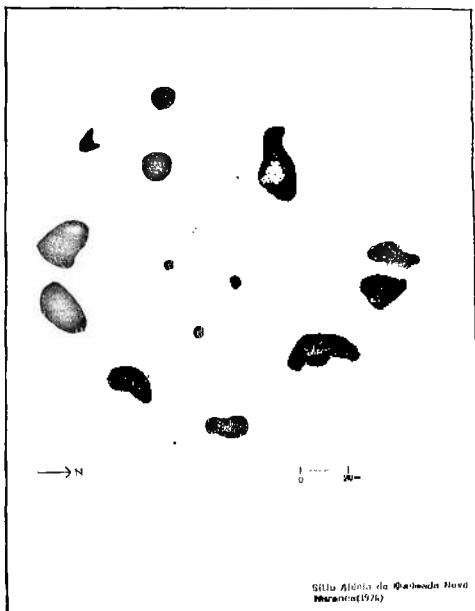


Fig. 69 - Planta de aldeia Tupinambá no Interior do  
Pinuí

A apresentação, a seguir, das plantas das aldeias que puderam ser resgatadas tem como objetivo, ao colocá-las juntas, lançar algumas questões e visualizar os dados que temos disponíveis sobre a organização espacial destes grupos. Esta análise pode fornecer elementos para o início de novas propostas que busquem indicativos que possam ser correlacionados com estes existentes e de hipóteses para a procura de estruturas diferenciadas.

## UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DA DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS PADRÕES DECORATIVOS

Por último, pensando na grande quantidade de fragmentos cerâmicos nos sítios tanto da subtradição Guarani como da Tupinambá, chegamos à conclusão de que esta fonte documental deve ser explorada ao máximo. Uma das propostas é a de que ela pode servir de contribuição na identificação de grupos tribais, no estudo da distribuição espacial.

Estamos ciente de que forma e decoração é que servem de indicadores precisos da tradição<sup>7</sup>. Mas estamos mencionando os padrões decorativos como uma forma de sistematizar a grande quantidade de fragmentos disponíveis que poderiam servir de indicador.

Embora esta cerâmica tenha sido exaltada em várias publicações quanto a sua pintura, e exuberância, e riqueza de desenhos, estes, até agora, não foram objeto de estudo sistemático.

Os arranjos decorativos são resultados de associações particulares, que seguem determinadas normas preestabelecidas pelo grupo. Necessitamos, para iniciar a classificação destes desenhos, verificar a existência de uma constância nestes arranjos, de um padrão. O reconhecimento da existência de um padrão significa que um desenho não é único, mas que pode se repetir inúmeras vezes

<sup>7</sup> Estamos preparando um catálogo de formas e padrões decorativos com base nas formas completas de coleções museológicas de museus do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai (Scatammachis, Caggiamo e Jacobus, no prelo).

porque tem um guia ou modelo a seguir, que permitira que os elementos ocupem a mesma posição relativa em qualquer situação em que ele seja retomado.

Tentamos, em uma primeira experiência, montar um quadro que pudesse servir de referência para uma classificação inicial destes padrões. A finalidade dessa classificação é permitir uma visualização destas decorações em termos de significado temporal e espacial.

A partir da análise de vários exemplos procedentes de toda a área desta tradição, pudemos observar que eles são compostos por conjuntos de elementos abstratos, geométricos, que puderam ser isolados. Foram analisados materiais pertencentes às duas subtradições, Guaraní e Tupinambá, colocadas juntos no quadro, sendo a constância na utilização de uma ou outra categoria que poderá determinar a existência de padrões exclusivos, assim como a associação de vários padrões e a frequência destas combinações.

Analisando estes desenhos tomando como base a característica particular dos elementos envolvidos, pudemos dividir os padrões em três grupos básicos de acordo com a sua composição:



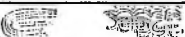






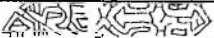






- I- Composição de linhas retas,
- I- Composição de linhas curvas,
- I- Composição de linhas retas e curvas.

Dentro de cada um destes grupos gerais, pudemos separar outras categorias, de acordo com o princípio de associação, que pode comportar variações.

Pode acontecer que apareçam desenhos um pouco diferentes daqueles que constam no quadro, mas ele poderá quase com certeza ser classificado dentro do princípio básico de associação. Um desdobramento destas variações poderá ser elaborado para atender especificidades regionais, onde pequenos detalhes podem ser importantes para a identificação da movimentação e permanência do grupo.

11. Composição de linhas Pulsantes	
2. Associação de linhas onduladas verticais	
3. Associação de semi-círculos	
4. Associação de círculos e semi-círculos com 13 linhas onduladas	
5. Associação de linhas curvas elípticas	
6. Associação de semi-elipses	
7. Associação de linhas curvas enganchadas	
8. Associação de linhas onduladas com espirais	
9. Associação de figuras curvas trocadas	
12. Associação livre de linhas curvas	

Quadro 6-Grupo II-referência para classificação dos padrões com composição de linhas curvas

111. Composição de linhas retas e curvas	
1. Associação de linhas verticais e curvas	
2. Associação de linhas horizontais e curvas	
	 
3. Associação de linhas oblíquas e curvas	
4. Associação de linhas verticais, horizontais e curvas	
	 
5. Associação de linhas horizontais e oblíquas com curvas	
6. Associação livre de linhas retas e curvas	
	 
	 
	 

Quadro 7 - Grupo III - referência para classificação dos padrões com composição de linhas retas e curvas



composição de  
linhas retas

1. Associação de  
linhas obli-  
quas

2. Associação de  
linhas obli-  
quas

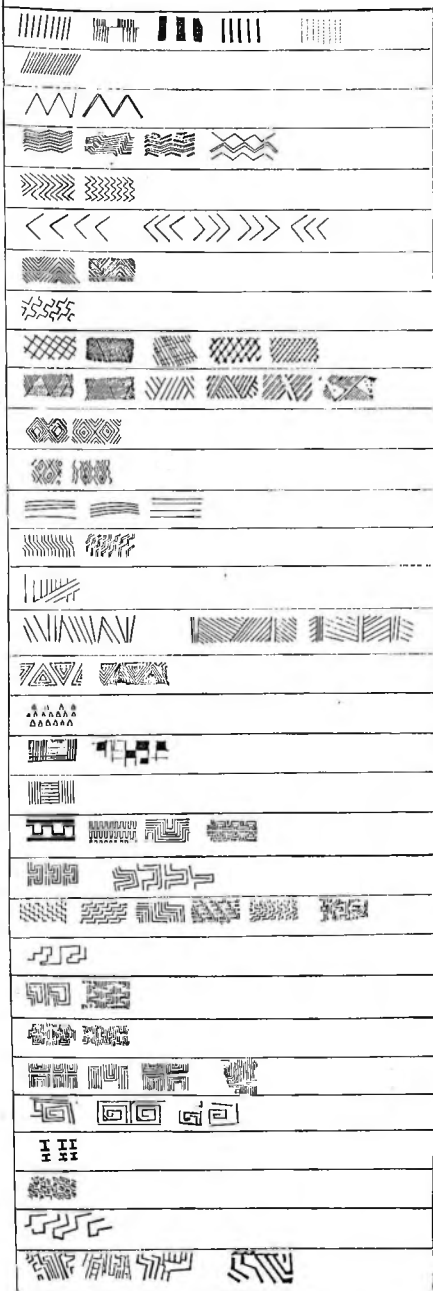
3. Associação de  
linhas hori-  
zontais

4. Associação de  
linhas verti-  
cais e obli-  
quas

5. Associação de  
linhas hori-  
zontais e  
obli-  
quas

6. Associação de  
linhas hori-  
zontais e  
verticais

7. Associação de  
linhas hori-  
zontais, ver-  
ticais e obli-  
quas



Quadro 5-Grupo 1- referência para classificação dos padrões com composição de linhas retas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial do estudo desta tradição, a partir das fontes arqueológicas e etno-históricas, pode ser melhor percebido dentro de um quadro global das informações disponíveis nos dois contextos. Somente com esta visão de conjunto é que certas avaliações podem ser feitas, assim como revisões de certas abordagens.

Devemos reconhecer as dificuldades existentes em um trabalho que busca construir um modelo de ocupação tribal de grupos que não deixaram estruturas permanentes, para os quais a maioria dos dados é no momento proveniente de coletas de superfície e pequenos cortes de escavação.

Encarando as fontes arqueológicas como testemunhos de atividades variadas e de relações humanas, temos que procurar identificar as manifestações espaciais deixadas como marca destas ações. Estas acontecem de forma heterogênea em todo espaço de ocupação e, para o seu resgate, é necessário a evidencição destas diferentes áreas. A realização de um teste executado em um espaço de 1m x 1m, vai resultar em uma informação que pode identificar o tipo de cultura que habitou o sítio, o número de ocupações e a espessura de cada uma, mas nada sobre a distribuição e articulação das atividades da aldeia.

Este tipo de abordagem, adequado para um primeiro momento de reconhecimento de uma região, não pode ser tomado como o resultado de uma pesquisa acabada, e os dados serem considerados como conclusivos e representativos de uma cultura ou de uma região. O produto desta abordagem se constitui em relatos descritivos e classificatórios, longe de alcançar o objetivo final da arqueologia como disciplina. Lógico que as descrições e as classificações são necessárias e importantes, mas são meios para se alcançar um objetivo, não um fim nelas mesmas.

Todos nós sabemos das dificuldades que envolvem uma escavação extensiva, em termos de tempo e dinheiro, mas se ela for executada sob uma forma planejada,

em um sítio escolhido dentro de uma região previamente prospectada, poderá servir de modelo para outras interpretações. Isto é possível se se busca padrões e regras gerais que norteiem o comportamento e as ações dentro de um grupo.

Somando-se às dificuldades do trabalho arqueológico, é bom lembrar que estamos nos referindo a uma ocupação cujo extrato arqueológico não ultrapassa 40 cm, e grande parte dos sítios sofreram algum tipo de interferência antrópica.

O que pudemos sentir com esta análise é que existe um limite, no momento, para avançar em certos aspectos no nível de interpretação, em função dos dados disponíveis, sendo possível uma análise de padrão de estabelecimento, em termos de macroestabelecimento, e estudos sobre a cerâmica.

A grande quantidade de fragmentos cerâmicos presente nos sítios nos leva à necessidade de tirar o maior proveito desta fonte de informação, tentando caracterizar precisamente os seus atributos, a sua distribuição temporal e espacial das formas e padrões decorativos. Esta categoria de artefato é que permitirá, a curto prazo, a possibilidade de servir como base para correlações mais amplas dentro da América do Sul.

Pela área ocupada e pelo tempo de duração, esta tradição merece estar presente de forma particular, e não generalizada, dentro da cultura de floresta tropical, nos quadros de desenvolvimento das culturas pré-coloniais americanas. Este fato, entretanto, só será possível através da identificação e caracterização de padrões que possam integrá-la ao processo americano e como característica do formativo do leste americano, que ainda não foi devidamente formulado.

O objetivo deste trabalho foi servir de contribuição para este amplo processo e, mesmo que ainda não tenha sido efetiva, que tenha sido provocativa para a elaboração de futuros trabalhos.

## BIBLIOGRAFIA

**ADAMS, R. N.**

1962 - "Ethnohistoric research methods: some Latin American Features". *ETHNOHISTORY*, 9(2), pag.179-205.

**ALBUQUERQUE, Marcos**

1969 - "O sítio arqueológico PE 13.Ln. Um sítio de contacto inter-étnico: nota prévia". *ANAIIS DO III SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA AREA DO PRATA*, Pesquisas, Antropologia nº. 20. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 79-88.

-----

1971 - "O sítio arqueológico PE 16-cb (um sítio de contacto inter-étnico) Setor de Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco.

-----

1982 - "Subsídios ao estudo arqueológico dos primeiros contactos entre os portugueses e os indígenas da Tradição tupiguarani do nordeste do Brasil". *Revista CLIO*, nº. 5, Recife, pg. 105-116.

**AMBROSETTI, Juan B.**

1895 - *Los Cementerios prehistoricos del Alto Para-na (Misiones)*. *BOLETIN DEL INSTITUTO GEOGRÁFICO ARGENTINO*, Tomo XVI. Buenos Aires, pag. 227.

**ANCHIETA, Joseph**

1933 - *CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTÓRICOS E SERMÕES (1554-1594)*. *Civilizações Brasileiras*, Rio de Janeiro.

**ANDREATTA, M. D.**

1976 - "Projeto Arqueológico Anhanguera. Estado de Goiás. Missão 1976". *REVISTA DO MUSEU PAULISTA*, NS, Vol. XXIV, São Paulo, pag. 111-129.

**APARICIO, Francisco do**

1925 - "Los Aborígenes de Tucuman". *REVISTA UNIVERSITÁRIA*, nº. 4. Paraná, pag. 3-16.

**APARICIO, Francisco do**

1932 - "Los aborígenes de Entre Ríos". *XXV CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS*, Tomo I, La Plata, pag. 77-80.

---

1936 - "El Paraná y sus tributarios". HISTÓRIA DE LA NACIÓN ARGENTINA, vol. I. Ed. por la junta de História y Numismática Asunciona, Imprenta de la Universidad, Buenos Aires, pag. 474-506.

**ASCHER, Robert**

1970 - "Analogy in Archaeology". IN: FAGAN, Brian (ed.) INTRODUCTORY READING IN ARCHAEOLOGY, Little Brown and Company, Boston, pag. 347-355.

**BADANO, Victor**

1940 - PIEZAS ENTERAS DE ALFARERIA DEL LITORAL. Memórias del Museo de Entre Rios nº. 14, Paraná.

**BAERREIS, O.**

1961 - "The Ethnohistoric Approach and Archaeology" ETHNOHISTORY vol 8(1) : 49-77.

**BAEZA, Jorge e BOSCH, Ademar**

1977 - "Aporte del centro de estudios arqueológicos. A la prehistoria del Uruguay". V ENCUENTRO DE ARQUEOLOGIA DEL LITORAL, Fray Bentos (Uruguay). Ministerio de Educacion y Cultura, Intendencia Municipal de Río Negro, pag. 205-208.

**BALDUS, Herbert**

1951/52 - "Tonscherbenfunde in Noroparana". ARCHIV FÜR VOLKERKUNDE. VI/VII, Wien, pag. 1-19.

**BECK, Ana Maria e outros**

1970 - "Síntese da arqueologia do litoral norte de Santa Catarina". ANAIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA, tomo III, nº. 3, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, pag. 23-27.

**BELAIEFF, Gral J.**

1941 - "Los Indios del Chaco Paraguayo y Su Tierra". REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY. Tomo V, nº 3 Asuncion, pg 1-48.

**BELTRÃO, Maria da Conceição M. C.**

1978 - PRÉ-HISTÓRIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro.

---

1986 - "A cerâmica pré-histórica brasileira: os tupis-gua-ranis e a estratégia de ocupação do território". IN: 30º. CONGRESSO BRASILEIRO DE CERÂMICA. Arte Cerâmica, Rio de Janeiro, pag. 14-20.

**BELTRÃO, M. da C. M. C. e KNEIP, R. M.**

1967 - "Arqueologia e Geomorfologia: tentativa de uma abordagem interdisciplinar". BOLETIM CARIOCA DE GEOGRAFIA, ano XVIII. Rio de Janeiro, pag. 1-16.

---

1969 - "Escavações estratigráficas no Estado da Guanabara". IN: ANAIS DO III SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA. Pesquisas, Antropologia nº. 20, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 101-112.

**BELTRÃO, M. da C. M. C. e LARAIA, R. de Barros**

1969 - "O método arqueológico e a interpretação etno-gráfica". REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, Vol. XVII, Rio de Janeiro, pag. 203-217.

**BELTRÃO, M. da C. M. C. e FARIA, Edina G.**

1970/71 - "Acampamentos tupi-guarani para coleta de mo-luscos". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XIX, São Paulo, pag. 97-135.

**BERTONI, Moisés**

1914 - PRE-HISTÓRIA Y PROTOHISTÓRIA DE LOS PAISES GUARANIES. Ed. Juan E. O'Leary, Asuncion, 1914.

---

1922 - LA CIVILIZACIÓN GUARANI. Imp. e Ed. Ex. Sylvis, Puerto Bertoni, Paraguay.

**BERTONI, Guillermo T.**

1941 - "Análises protocronológica de la lengua Guarani-Tupi". 1ª. parte. REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY. Tomo V, nº. 2, Asuncion, pag. 61-102.

**BIGARELLA, J. S.**

1950/51 - "Contribuição ao estudo dos sambaquis no estado do Paraná. Regiões adjacentes à Baía de Guaratubá. ARQUIVOS DE BIOLOGIA E TÉCNOLOGIA, 5/6. Curitiba, pag. 293-313.

**BINFORD, Lewis**

1968 - "Methodological considerations of the archaeological use of ethnographic data". In LEE and Devore (ed). *MAN THE HUNTER*. Aldone, Chicago, 268-273.

-----

1967 - "Willow smoke and dogs'tails: Hunter-Gatherer settlement systems and archaeological site formation". *AMERICAN ANTIQUITY* 32, 1 - 2.

**BISCHOFF, T.**

1928 - "Sobre os sambaquis no Estado do Rio Grande do Sul". *REVISTA DO MUSEU E ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL*, nº. 21, pag. 11-42.

**BLASI, Oldemar**

1961 - "Algumas notas sobre a jazida arqueológica de 3 Morrinhos. Querência do Norte - Rio Paraná". *BOLETIM PARANAENSE DE GEOGRAFIA* nº. 2/3. Curitiba, pag. 40-78.

-----

1967 - "O sítio arqueológico do Estirão Comprido-Rio Ivaí - Paraná - Estudos Complementares". *ARQUIVOS DO MUSEU PARANAENSE*, s/nº., arqueologia nº. 3, Paraná, pag. 1-59.

**BLASI, Oldemar e CHIMYZ, Igor**

1963 - "Jazida arqueológica de J. Lopes". *BOLETIM PARANAENSE DE GEOGRAFIA*, nº. 8 e 9, Curitiba, pag. 63-102.

**BOAS, Franz**

1955 - *PRIMITIVE ART*. Dover Publ., New York.

**BOLETIM DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA**, Série Especial nº. 1, Rio de Janeiro, 1975.

**BORETO, René; BERNAL, Rosendo; SCHMITZ, P. I. e BECKER, Italo B.**

1974 - "Un nuevo sítio tupiguarani en el bajo Uruguay". *III CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA. IV Encuentro de Arqueologia del Litoral*, Montevideo.

**BORELLI, S. I., ALTAMIRANO, Mores e MAZZUCHELLI, Graciella**

1968 - "Arqueologia del Chaco (Argentina)". *SUPLEMENTO ANTROPOLÓGICO DE LA REVISTA DEL ATENEO PARAGUAYO*, vol. 3, nº. 1 e 2. Asunción, pag. 15-44.

**BROCHADO, José Proenza**

1969 - "Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Ijuí". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS II. Publicações Avulsas nº. 10, Museu Paraense Emilio -Goeldi, Belem, pag.11-27.

---

1969 - "Pesquisas arqueológicas dos vales do Ijuí e Jacuí". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS III. Publicações Avulsas nº. 13. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 31-62.

---

1971 - "Extensão das pesquisas arqueológicas nos Vales do Jacuí e Ibicuí". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS - IV. Publ. Av. nº. 15, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 11-31.

---

1973 - "Migraciones que difundieron la tradición Alfarera tupiguarani". RELACIONES, tomo VII, n.s., Sociedad Argentina de Antropologia. Buenos Aires, pag.7-39.

---

1973 - Desenvolvimento de la tradição cerâmica tupiguarani. GABINETE DE ARQUEOLOGIA, publ. nº.3, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

**BROCHADO, José Proenza**

1974 - "Contatos entre Europeus e Indígenas: Um Estudo de Acluturação através das Mudanças na Cultura Material". REVISTA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS, ano 11, nº 2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, pg. 11-27.

---

1977 - ALIMENTAÇÃO NA FLORESTA TROPICAL. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

---

1980 - "A Tradição cerâmica tupiguarani na América do Sul". CLIO, num III, UFP, 47-60.

---

1979 - "What did the Tupinambá cook in their vessels?" (manuscrito)



---

1984 - AN ECOLOGICAL MODEL OF THE SPREAD OF POTTERY AND AGRICULTURE INTO EASTERN SOUTH AMERICA. Tese de doutoramento. University of Illinois at Urbana-Champaign.

---

1989 - "A expansão dos tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica". DÉDALO, Universidade de São Paulo, nº. 27, 65 - 82.

**CABEZA DE VACA, ALVAR NUNEZ**

1946 - COMENTÁRIOS. Biblioteca de Autores Españoles. Historiadores primitivos de Indias. Madrid. 549-599.

**CABRAL, J. Francisco Dias**

1875 - "Relatório dos trabalhos no ano de 1874". REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO E GEOGRÁFICO ALAGOANO. Vol. 1, nº. 6, Maceió, pag. 153-160.

**CAGGIANO, Maria Amanda**

1983/84 - "Ocupacion prehispánica en el ne Argentino". ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL, vol. VIII/IX. Universidad Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, pag. 308-321.

**CAGGIANO, Maria Amanda**

1984 - PREHISTÓRIA DEL NE ARGENTINO SU VINCULACIONES CON LA REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY Y SUR DE BRASIL. Pesquisas, Antropologia nº. 38, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo.

**CAGGIANO, Maria Amanda, CIGLIANO, Eduardo Dr. e RAFFINO, R.A.**

1971 - "Consideraciones sobre la arqueología de Salto Grande" (Provincia de Entre Rios). ANALES DE ARQUEOLOGIA Y ETNOLOGIA XXVI, Mendoza, pag. 52-68.

**CALDARELLI, Solange B.**

1983 - "Aldeias tupiguarani no vale do rio Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo". Revista de Pré-História, vol. 5, Inst. de Pré-História da USP, São Paulo, pag. 37-124

**CALDARELLI, Solange B. & NEVES, Walter A.**

1981 - "Programa de Pesquisas Arqueológicas no vale do Rio Pardo". REVISTA DE PRÉ-HISTÓRIA. Inst. de Pré-História da USP, vol.3, nº.3, São Paulo, pg.13-49.

**CALDERON, Valentim**

1967 - "Notícia preliminar sobre as sequências arqueológicas do Médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS I, Publ. Avulsas nº. 6, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 107-116.

---

1969 - "Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudeste do Estado da Bahia". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS II. Publ. Avulsas nº. 10, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 135-145.

---

1971 - "Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS IV. Publ., Avulsas nº. 15. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 163-174.

**CALDERON, Valentim**

1974 - "Contribuição para o conhecimento da arqueologia do reconcavo e do sul do Estado da Bahia". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS V. Publ. Avulsas nº. 26, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 141-154.

---

1979 - "Influencias ecológicas nas características da arqueologia tropical". IN: FREYRE, G. (coord). TROPICO 8, vol. II, Editora Universitaria, Recife, pag. 563-570.

**CARANDINI, Andrea**

1984 - ARQUEOLOGIA Y CULTURA MATERIAL. Ed. Mitre, Barcelona.

**CARDIN, Fernão**

1978 - TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL. Brasiliana, vol. 168. 3ª. ed. Editora Nacional, São Paulo.

**CASTRO, Silvio**

1985 - A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA. Série Visões do Paraíso, vol. 4, LPM. ed, Porto Alegre.

**CERUTI, Carlos y CROWDER, Roberto**

1973 - "La presencia de cerámica en los cordones de conchiles litorales de la provincia de Buenos Aires (Argentina): un sitio nuevo". PRIMER CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA, segundo Encuentro de Arqueologia del interior, Rio Negro (Uruguay), pag. 55-103.

**CESAR, José Vicente**

1966 - "Enterros em urnas dos tupi-guarani". REVISTA DE ANTROPOLOGIA, vol. 14, Universidade de São Paulo, São Paulo, pag. 53-72.

-----

1969 - "Arqueologia de Aparecida (São Paulo, Brasil)". XXXVIII Congresso Internacional de Americanistas, Stuttgart, pag. 457-466.

**CESAR, José Vicente**

1970 - "Estudos comparativos da cerâmica indígena de Minas Gerais. RESUMOS da XXII Reunião Anual da SBPC, São Paulo, pag. 169.

**CHANG, K. C.**

1967 - RETHINKING ARCHAEOLOGY, Random House, New York.

**CHARLTON, Thomas**

1981 - "Archaeology, Ethnohistory and Ethnology: Interpretive interfaces". In SCIFFER, M. B. (ed). ADVANCES IN ARCHAEOLOGICAL METHOD AND THEORY. Academic Press, vol 04: 129-176.

**CHMYZ, Igor**

1967 - "Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Rio Paranapanema". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS I. Publ. Av. nº. 6, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 59-78.

-----

1968 - "Novas perspectivas de arqueologia guarani no estado do Paraná". Anais do II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA, Pesquisas, Antropologia nº. 18, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 171-189.

-----

1968 - "Subsídios para o estudo arqueológico do vale do Rio Iguacu". REVISTA DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS, nº. 1, Curitiba, pag. 31-52.

-----

1969 - "Dados parciais sobre a arqueologia do vale do Rio Ivaí". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS II. Publ. Avulsas nº. 10, Belem, pag. 95-110.

---

1969 - "Pesquisas arqueológicas no alto e médio Rio Iguaçú", PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS III, Publ. Avulsas nº. 13, Belem, pag. 103-132.

**CHMYZ, Igor**

1969 - "Notas sobre o sítio arqueológico do salto da Bulha (PR KA-I) Rio Ivaí". REVISTA DE HISTÓRIA nº. 3, Curitiba, pag. 7-33.

---

1971 - "Pesquisas arqueológicas no médio e baixo Rio Iguaçú". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS IV. Publ. Avulsas nº. 15, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 103-132.

---

1971 - "Contactos interétnicos verificados em sítios arqueológicos no estado do Paraná, Brasil". REVISTA DO INSTITUTO DE BIOLOGIA E PESQUISAS TECNOLÓGICAS, nº. 16, Curitiba, pag. 11-14.

---

1974 - "Dados arqueológicos do baixo Rio Paranapanema e do alto Rio Paraná". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS V, Publ. Avulsas nº. 28, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 67-100.

---

1976 - "A ocupação do litoral dos estados do Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas". ESTUDOS BRASILEIROS, nº. 1, Curitiba, pag. 7-43.

---

1976 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Primeiro Relatório. Convênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

---

1977 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Segundo Relatório. Convênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

---

1977 - PESQUISAS PALEOETNOGRÁFICAS EFETUADAS NO VALE DO RIO PARANAPANEMA, PARANÁ-SÃO PAULO. Boletim de Psicologia e Antropologia nº. 5, Universidade do Paraná, Curitiba.

**CHMYZ, Igor**

1978 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Terceiro Relatório. Con-vênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

-----

1979 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Quarto Relatório. Con-vênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

-----

1980 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Quinto Relatório. Con-vênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

-----

1981 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Sexto Relatório. Con-vênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

-----

1981 - RELATÓRIO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NA AREA DA USINA HIDROELÉTRICA DE SALTO SANTIAGO (1979-80). Eletropaulo, Florianópolis/SC. Curitiba, PR.

-----

1983 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ITAIPU. Sétimo Relatório. Con-vênio Itaipu-IPHAN, Curitiba.

-----

1984 - PROJETO ARQUEOLÓGICO ROSANA-TAQUARUÇU. Convênio da Fundação da UFPR-CESP, São Paulo.

**CHMYZ, Igor e PIAZZA, W.**

1967 - "A bacia do Uruguai e seu povoamento pré-histórico". DÉDALO, nº. 6. Museu de Artes e Arqueologia, Universidade de São Paulo, pag. 33-48.

**CHMYZ, Igor e outros**

1968 - "Notas sobre a arqueologia do vale do Rio Itararé". REVISTA DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS (CEPA), nº. 1, Curitiba, pag. 7-23.

**CHMYZ, Igor (org.)**

1976 - "Terminologia Arqueológica Brasileira para a cerâmica". CADERNOS DE ARQUEOLOGIA, vol. 1, nº. 1. Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, pag.119-148.

**SCHMITZ, P. I. e BROCHADO, J. P.**

1981 - "Arqueologia de Rio Brande do Sul, Brasil". PESQUISAS, Antropologia nº. 32, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 161-183.

**CHMYZ, I. G.; CHMYZ, S. C. Jones e SGANZERLA, E. M.**

1986 - "O projeto arqueológico Passaúna, Paraná. Nota Pré-via". ARQUEOLOGIA nº. 5. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, pag. 34-41.

**CHMYZ, Igor e CHMYZ, J. C. Gomes**

1986 - "Datações radiométricas em áreas de salvamento ar-queológico no Estado do Paraná". ARQUEOLOGIA V.5, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, pag. 69-77.

-----

1986 - "Datações radiométricas em áreas de salvamento arqueológico no Estado do Paraná". ARQUEOLOGIA, vol. 5, Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal de Paraná, Curitiba, pag. 69-77.

**CHMYZ, Igor, CHMYZ, S. C. G. & SCANZELA, E. M.**

1986 - "O Projeto Arqueológico Passaúna, Paraná. Nota Prévia". ARQUEOLOGIA, vol. 5. Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, pag. 35-41.

**CICCLIANO, Eduardo M.**

1968 - "Investigaciones Arqueológicas en el Rio Uruguay medio y costa NE de la Provincia de Buenos Aires". ANAIS V SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA AREA DO PRATA, Pesquisas, Antropologia nº. 18, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo.

**CIGLIANO, Eduardo M, RAFFINO, Rodolfo e CAGGIANO, M. Amanda**

1971 - "Resultados de las investigaciones arqueológicas en la zona de Salto Grande". REVISTA DEL MUSEO DE LA PLATA. Tomo VII, Antropologia 43, La Plata, pag. 79-107.

**CICLIANO, Eduardo M., SCHMITZ, Pedro I. e CAGGIANO, M. Amanda**

1971 - "Sitios ceramicos prehistóricos en la costa septen-trional de la provincia de Buenos Aires y de Salto Grande, Entre Rios". ANALES DE LA SOCIEDAD CIENTIFICA ARGENTINA, Tomo CXCII, La Plata, pag. 130-191.

**CLARKE, David**

1968 - ANALYTICAL ARCHAEOLOGY. Methuen & Co., London.

**CLASTRES, Helene**

1978 - **TERRA SEM MAL**. Editora Brasiliense São Paulo.

**CLASTRES, Pierre**

1978 - **A SOCIEDADE CONTRA O ESTADO**. Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro.

**D'ABBEVILLE, Claude**

1975 - **HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRÕES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO E TERRAS CIRCUNVIZINHAS**. Coleção Reconquista do Brasil, vol.19, EDUSP/ED. Itatiaia, Belo Horizonte.

**D'EVREUX, Ivo**

1874 - **VIAGENS AO NORTE DO BRASIL**. Feita nos anos de 1613 a 1614, Maranhão.

**DE MASI, Marco Antonio N. e SCHMITZ, Pedro I.**

1985 - "Implantação dos sítios no relevo e aproveitamento dos recursos naturais pela tradição tupiguarani em Itapiranga, SC". **BOLETIM DO MARSUL**, nº. 3, Itapuaara, RS, pg. 9-20.

-----

1987 - "Análise dos artefatos líticos de fases da tradição tupiguarani do Rio Grande do Sul". **DOCUMENTOS 01**. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 50-97.

**DEETZ, James**

1967 - **INVITATION TO ARCHAEOLOGY**. The Natural History Press, New York.

**DIAS JUNIOR, Ondemar**

1967 - "Notas prévias sobre pesquisas arqueológicas nos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro". **PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS I**, Publ. Avulsas nº. 6, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 89-101.

-----

1969 - "Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro". **PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS II**, Publ., Avulsas nº. 10, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 119-129.

---

1969 - "Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS III. Publ. Avulsas nº. 13, Belem, pag. 143-156.

---

1976/77 - "Evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro". ANUÁRIO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, n.s. 3/4. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, pag. 110-130.

---

1981 - "Pesquisas arqueológicas no Sudeste Brasileiro". INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, série especial nº. 2, Rio de Janeiro, pag. 3-22.

**DIAS Jr., O.; CARVALHO, E. e CHEUCHE, L.**

1976 - "Pesquisas arqueológicas em Minas Gerais: o PROPEVALE (Programa de Pesquisas no Vale do São Francisco)". IN: ACTAS DU XLII CÔNGRES INTERNATIONAL DES AMERICANISTES, Paris, pag. 13-34.

**DIAZ, Alberto A.**

s/d - PERSPECTIVA PARA EL ESTUDIO DE LA CERAMICA DEL RIO URUGUAY MEDIO. (mimeografado).

**DIAZ, Antonio A. e FORNARO, M.**

1977 - "Intento de sistematizacion de las modalidades alfareras del litoral Uruguayo". V ENCUENTRO DE ARQUEOLOGIA DEL LITORAL. Fray Bentos (Uruguay). Ministério de Educacion y Cultura. Intendencia Municipal de Rio Negro, pag. 167-174.

**DIAZ, Antonio Alberto**

1977 - "Arqueologia de Salto Grande: sequencia cultural resultante de las investigaciones realizadas en isla de Arriba y Del Medio (Uruguay)". V ENCUENTRO DE ARQUEOLOGIA DEL LITORAL. Fray Bentos. Ministerio de Educacion y Cultura. Intendencia Municipal de Rio Negro, pag. 153-157.

---

1985 - "Alfareria indígena en Salto Grande". CENTRO DE ESTUDIOS ARQUEOLÓGICOS. Publ. nº. 3, Montevideo, pag. 14-19.



**DIAZ, Antonio e ROUCO, Cristina**

1977 - "La cerámica de Salto Grande". V ENCUENTRO DE AR-QUEOLOGIA DEL LITORAL. Fray Bentos. Ministerio de Educacion y Cultura, Intendencia Municipal de Río Negro, pag. 165-174.

**DIAZ DE GUZMAN, Ruy**

1986 - LA ARGENTINA. Crónicas de América 23, Edición de Enrique de Gandía, Madrid.

**DIAZ ROIG, Giovanna**

1981 - "Paraguay hace 10.000 años". Suplemento ABC Revista, Asunción.

**DUARTE, Abelardo**

1968 - "Tribos, Aldeias e Missões de Índios nas Alagoas. Considerações sobre o contingente indígena e sistematização dos seus grupos históricos e sobreviventes". Revista do INSTITUTO HISTÓRICO DE ALAGOAS, Vol. XXVIII, Maceió, pag. 83-153.

**DRUMOND, Carlos**

1950 - "Notas sobre a cerâmica Brasileira". BOLETIM DA F.F.C.L. DA USP, 107, São Paulo, pag. 1-8.

**EBLE, A. e SCATAMACCHIA, M. C. Mineiro**

1974 - "Sítio cerâmico tupi-guarani no vale do Itajaí. ANAIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA, tomo VII, nº. 7, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, pag. 67-79.

**EBLE, A. e SCHMITZ, Sergio**

1972 - "O sítio cerâmico sobre dunas (SC-LL-70). ANAIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA, ano V, nº. 5, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, pag. 29-56.

**EDELWEISS, Frederico**

1969 - ESTUDOS TUPIS E TUPI-GUARANIS, Livraria Brasileira ed., Rio de Janeiro.

**EWERS, S. R.**

1961 - "Symposium in the concept of ethnohistory"  
ETHNOHISTORY vol 7(3) 262-270.

**FENSTERSEIFER, Ellen e SCHMITZ, P. I.**

1975 - "Fase Iporá: uma fase tupiguarani no sudeste de Goiás". ANUÁRIO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, Ano II, nº. 2, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, pag. 21-70.

**FENTON, N. N.**

1962 - "Ethnohistory and its problems". ETHNOHISTORY vol.9 nº 1-23.

---

1966 - "Field Work, museum studies and ethnohistorical re-search".  
ETHNOHISTORY 13-71-85

**FERNANDES, Florestan**

1963 - ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TUPINAMBÁ. Difusão Européia do Livro, São Paulo.

---

1970 - A FUNÇÃO SOCIAL DA GUERRA NA SOCIEDADE TUPINAMBÁ.  
Livreria Pioneira ed./Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

**FERNANDES, Florestan**

1975 - A INVESTIGAÇÃO ETNOLÓGICA NO BRASIL E OUTROS ENSAIOS.  
Ed. Vozes, Petrópolis.

---

1976 - "Antecedentes indígenas: organização social das tri-bos Tupi". IN:  
HOLLANDA, S. Buarque (Org.). HISTÓRIA GERAL DA  
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Tomo I, V. I. Difel, São Paulo, pag. 72-  
86.

**FERRARI, Jussara L.**

1983 - O POVOAMENTO TUPIGUARANI NO BAIXO IJUI, RS, BRASIL.  
Antropologia nº. 35, Pesquisas. Instituto Anchieta de Pesquisas, São  
Leopoldo.

**FERRAZ, Sheila M.**

1977 - "Análise Paleopatológica de um cemitério indígena". NHEENGATU, Ano I,  
nº. 2, pag. 7-38.

**FIGUEIRA, S. S.**

1957 - "Relaciones etnográfico-arqueológicas entre Argentina e Uruguai".  
JORNADAS INTERNACIONALES DE ARQUEOLOGIA Y  
ETNOGRAFIA. Buenos Aires, pag. 69-82.

**FIGUEIREDO, Napoleão.**

1965 - "A cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas". BOLETIM DO MUSEU  
PARAENSE EMILIO GOELDI, n.s., Antropologia nº. 27, Belem, pag. 1-  
24.

**FLANNERY, K. V.**

- 1972 - "The origins of the village as a settlement type in mesoamerica and the near East: a comparative study". IN: Ucko, P. S.; Trincham, L. and Dimbleby, G. W. (ed.). **MAN, SETTLEMENTS AND URBANISM**. Ducknorth, London, pag. 23-54.

**FREEMAN, L. G.**

- 1968 - "A theoretical framework for interpreting archaeological materials". In LEE and Devore (ed). **MAN THE HUNTER**. Aldone, Chicago, 287-289.

**FORD, James A.**

- 1954 - "The type concept revised". **AMERICAN ANTHROPOLOGIST**, vol. 56, pag. 42-54.

**FORD, James A.**

- 1957 - Método quantitativo para determinar la cronologia arqueológica. **DIVULGACIONES ETNOLÓGICAS**, vol.6. Universidad del Atlantico, Bonanquilla, pag.9-44.

**G. A. L. Y.**

- 1982 - "Informe preliminar del area del futuro lago de Palmar. Zona entre los A. La Violina y A. La Enramada". **VII CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA**. Colonia de Sacramento, pag. 50-52.

**GÁNDARA, Manuel**

- 1987 - "Hacia una teoría de la observación en Arqueologia". **BOLETIN DE ANTROPOLOGIA AMERICANA**, No. 15, pag. 5-13.

**GANDAVO, Pero de Magalhães**

- 1964 - **HISTÓRIA DA PROVINCIA SANTA CRUZ. TRATADO DA TERRA DO BRASIL**. Editora Obelisco, São Paulo.

- 
- 1980 - **TRATADO DA TERRA DO BRASIL. HISTÓRIA DA PROVINCIA SANTA CRUZ**. Coleção Reconquista do Brasil, ns, nº.12, Ed. Itatiaia/EDUSP, São Paulo.

**GIESSO, Martín**

- 1985 - "Registro arqueológico de ocupación de cuevas y aleros por grupos tupiguarani en el alto Paraná, Misiones, Argentina". Resumos. **VIII CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGÍA ARGENTINA**, pag. 24.

**GIESSO, Martin e RIZZO, Antonia**

- 1985 - "Puerto Victoria: un sitio de tradición tupiguaraní en el Alto Paraná, Misiones, Republica Argentina", YMAGUARE. Revista del Museo Municipal de Eldorado, año 1, nº. 1, pag. 5-28.

- 
- 1985 - "Primer informe sobre excavaciones arqueológicas en Puerto Piray I: componente lítico y componente cerámico". RESUMOS VIII CONGRESO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA ARGENTINA, Cordoba, pag. 25.

**GODOY, Manuel Pereira de**

- 1946 - "Análises químicas das tintas usadas na cerâmica pelos extintos indígenas da Cachoeira das Emas, Rio Mogi-Guassú". REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE PORTO ALEGRE, pag. 2-8.

- 
- 1946 - "LOS EXTINGUIDOS PAINGUÁ DE LA CASCADA DE EMAS". Universidad Nacional de Córdoba. Instituto Dr. Pablo Carrera, Publ. 14, Córdoba.

- 
- 1963 - "ANTIQUE FOREST AND PRIMITIVE AND CIVILIZED MAN AT PIRASSUNUNGA COUNTRY, São Paulo, Brasil". ANAIS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIENCIAS, Vol. 35, Rio de Janeiro, pag. 83-101.

**GOULD, R. A. (col)**

- 1978 - EXPLORATIONS IN ETHNOARCHAEOLOGY. University of New Mexico Press, Albuquerque, New Mexico.

**GOULD, R. A.**

- 1980 - LIVING ARCHAEOLOGY. Cambridge University Press., London, New York.

**HILL, James (ed)**

- 1977 - THE INDIVIDUAL IN PREHISTORY. Studies of variability in style in prehistory technologies. Academic Press, New York.

**HOWARD, G. D.**

- 1947 - PREHISTORIC CERAMIC STYLES OF LOWLAND. SOUTH AMERICA, THEIR DISTRIBUTION AND HISTORY. Yale University Press, London.

**HUNTER-ANDERSON, Rosalind L.**

1977 - "A theoretical approach to the study of house form". IN: Binford, L. R. (ed.) **FOR THEORY BUILDING IN ARCHAEOLOGY**, Academic Press, New York, pag. 287-315.

**IHERING, Hermann von**

1908 - "A Antropologia do Estado de São Paulo". **REVISTA DO MUSEU PAULISTA**, Vol. 7, São Paulo, pag. 203-257.

**IRONDO, Martin H. e CERUTI, C.**

1981 - "Las unidades geomorfológicas fluviales del extremo noroeste de Entre Ríos y su relación con los asentamientos humanos prehispánicos". **REVISTA ASOC. NAT. LITORAL**, nº. 12, pag. 72-84.

**JACOBUS, A. Luiz**

1985 - "Comparação dos vestígios faunísticos de alguns sítios arqueológicos (RS e GO)". **BOLETIM DO MARSUL**, nº. 3, Taquara, pag. 61-76.

**JIMENEZ NUÑEZ, Alfredo**

1972 - "El Método EtnoHistórico y su contribución a la Antropología Americana". **REVISTA ESPANOLA DE ANTROPOLOGIA AMERICANA**. Vol. 7/1:163/195.

**KLAMT, Sergio Celio**

1986 - "Levantamentos arqueológicos na Região de Vila Melos, General Câmara, RS, Brasil". **REVISTA DO CEPA**, vol. 13, nº. 15, Santa Cruz do Sul, pag. 1-30.

**KNEIP, Lina Maria**

1983 - "A aldeia pré-histórica de Três Vendas, uma tentativa de reconstituição". **REVISTA DE ARQUEOLOGIA**, Vol. 1, nº. 1, CNPq, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 46-52.

**KNEIP, L. Maria e outros**

1986 - "Pesquisas arqueológicas no sambaqui Zé Espinho - Guaratiba, Rio de Janeiro: contribuição à visão interdisciplinar". **REVISTA DO MUSEU PAULISTA**, NS, Vol. XXXI, Universidade de São Paulo, pag. 78-105.

**KNEIP, Lina M. e outros**

1978 - "Projeto Sítio arqueológico de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro". IN: **COLETÂNEA DE ESTUDOS EM HOMENAGEM A ANNETE LAMING-EMPERAIRE**, Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, Vol. 2, São Paulo, pag. 153-162.

**KNEIP, Lina M. e outros**

1980 - "A aldeia pré-histórica de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXVII, São Paulo, pag. 283-320.

**KNIVET, ANTONIO**

1875 - "Narração da viagem que nos anos de 1591 e seguintes fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar de sul em companhia de Thomaz Candish." REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO, Tomo XLI, p.1.

**KRONE, Ricardo**

1914 - "Informações Etnográficas do vale do rio Ribeira de Iguape". EXPLORAÇÃO DO RIO RIBEIRA DO IGUAPE. Comissão Geográfica Geológica, São Paulo, pag. 23-34.

**KUNZLI, Ruth**

1987 - "Arqueologia Regional: primeiros resultados das pesquisas realizadas na área de Presidente Prudente, SP". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, Vol. XXXII, Universidade de São Paulo, pag. 223-236.

**LAFON, Ciro René**

1971 - "Introducción a la arqueologia del nordeste argen-tino". RELACIONES. Tomo V, n.s., nº. 2, Buenos Aires, pag. 119-152.

**LAMING, Annete e EMPERAIRE, José**

1959 - A JAZIDA JOSÉ VIEIRA: UM SÍTIO GUARANI E PRÉ-CERÂMICO DO INTERIOR DO PARANÁ. Publicação do Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná, Curitiba.

**LAROCHE, A. F. G.**

1975 - "CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÉ-HISTÓRIA PERNAMBUCANA". Secretaria de Educação e Cultura. Governo do Estado de Pernambuco, Recife.

**LAROCHE, A. F. G.; SOARES E SILVA, A. e RAPAIRE, S. L.**

1977 - ARQUEOLOGIA PERNAMBUCANA - C14. Secretaria de Educação e Cultura. Governo do Estado de Pernambuco.

**LAROCHE, Armand F. G. e LAROCHE, Adema S e S.**

1982 - O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE MANGUEIROS, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

**LATHRAP, Donld**

1970 - THE UPPER AMAZON. Thames and Hudson, London.

**LATHRAP, Donald**

1972 - "Of Populations Moviments in the Tropical Lowlands of South America"  
XXXIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS,  
Lima.

**LEITE, Serafim**

1954 - CARTAS DOS PRIMEIROS JESUITAS DO BRASIL. vol I, Comissão  
do IV Centenário da cidade de São Paulo.

**LEITE, Sérgio**

1975 - O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ARROIO DO CONDE. Gabinete de  
Arqueologia nº. 4, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto  
Alegre.

**IEROI-GOURHAN, A.**

1983 - O GESTO E A PALAVRA: Memórias e ritmos. Vol. 2, Edições 70,  
Lisboa.

**LÉRY, Jean de**

1980 - VIAGEM À TERRA DO BRASIL. Col. Reconquista do Brasil, n.série,  
vol.10, Ed. Itatiaia/EDUSP, São Paulo.

**LIMA, Marcos G. e ROCHA, J. S.**

1984 - "Um sítio arqueológico tupiguarani da subtradição pintada no sertão  
pernambucano". CLIO, nº. 6, Universidade Federal de Pernambuco,  
Recife, pag.39-46.

**LOPES DE SOUSA, Pero**

1964 - DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO. Ed. Obelisco, São Paulo.

**LOTHROP, Samuel K.**

1932 - "Indians of the Paraná Delta, Argentina". ANNALS OF THE NEW YORK  
ACADEMY OF SCIENCES. vol. XXXIII, New York, pag. 77-232.

**LOWIE, Robert H.**

1948 - "The tropical forests: An introduction". In Steward, J. (ed). HANDBOOK  
OF SOUTH AMERICAN INDIANS, vol 3, Washington, 1-56.

**LUMBRERAS, Luis G.**

1981 - LA ARQUEOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL. Ed. Peisa, Lima, Peru.

**MADRE DE DEUS, Frei Gaspar de**

1975 - MEMÓRIAS PARA A HISTÓRIA DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE. Itatiaia/EDUSP, Belo Horizonte, São Paulo.

**MARANCA, Silvia**

1968 - "Nota prévia sobre o sítio José Fernandes (SP-JP12)". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, Vol. 18, São Paulo, pag. 105-118.

-----

1969 - "Dados preliminares sobre a arqueologia do Estado de São Paulo". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS III. publ. avulsa nº. 13, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 133-139.

-----

1974 - "Relatórios das atividades do quarto e quinto ano do PRONAPA no Estado de São Paulo". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS V, publ. avulsas nº. 26, Museu Paraneso Emilio Goeldi, Belem, pag. 117-126.

-----

1976 - O ESTUDO DO SÍTIO ALDEIA DA QUEIMADA NOVA, ESTADO DO PIAUÍ. Coleção Museu Paulista, série Arqueologia, Vol. 3, São Paulo.

-----

1978 - "Salvamento em sítios arqueológicos do Estado de São Paulo, Projeto Ilha Solteira". COLETÂNEA DE ESTUDOS EM HOMENAGEM A ANNETTE LAMING-EMPERAIRE. Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, Vol. 2, São Paulo, pag. 179-197.

**MAROIS, Roger e SCATAMACCHIA, M. Cristina Mineiro**

1987 - "Estudo comparativo de termos franceses, ingleses, espanhóis e portugueses relacionados com as técnicas decorativas da cerâmica pré-histórica". DÉDALO, nº. 26, Universidade de São Paulo, São Paulo, pag. 53-85.

**MARTINEZ, Noemí D.**

1985 - "La migration Mbya (Guarani)". DÉDALO, nº. 24, Muscu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, pag. 147-169.

**MATTOS, Anibal**

1961 - O HOMEM DAS CAVERNAS DE MINAS GERAIS. Editora Itatiaia, Belo Horizonte.

**MATSON, Frederick (ed)**

1965 - CERAMICS AND MAN. Aldine Publishing Company. Chicago.



**MAUSS, Marcel**

1974 - SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA. Vol. 2, Ed. E.P.U.-EDUSP, São Paulo.

**MAYNTZHUSEN, Federico C.**

1985 - "Sobre asentamientos y cementerios precolombinos de los Guaranies en el Alto Paraná". YMAGUAPE. Revista del Museo Municipal de Eldorado, vol.I, nº. 1, pag. 29-39.

**MEGGERS, Betty & EVANS, Clifford**

1958 - "Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas". ARQUIVOS DO MUSEU NACIONAL, vol.46, Rio de Janeiro, 9-32.

---

1970 - COMO INTERPRETAR A LINGUAGEM DA CERÂMICA. Manual para arqueólogos. Smithsonian Institution, Washington.

---

1972 - "A reconstituição da Pré-História da Amazônia. Algumas considerações teóricas". IN: O MUSEU GOELDI NO ANO DO SESQUICENTENÁRIO, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pg. 51-69.

---

1985 - A UTILIZAÇÃO DE SEQUÊNCIAS CERÂMICAS SERIADAS PARA INFERIR COMPORTAMENTO SOCIAL. Instituto de Arqueologia Brasileira. Boletim Série Ensaio nº. 3, Rio de Janeiro.

**MEGGERS, Betty e MARANCA, Silvia**

1980 - "Uma reconstituição experimental de organização social, baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição tupiguarani". PESQUISAS, Antropologia nº. 31, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 227-247.

**MELIÁ, Bartolomeu**

1981 - "El modo de ser guarani en la primeira documentacion jesuitica (1549-1639)". REVISTA DE ANTROPOLOGIA, vol.24, 1981, São Paulo, pag. 1-24.

**MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo**

1977 - "Pré-história de Parati". NHEENGATU, Ano I, nº. 2, pag. 47-90.

**MENGHIN, Osvaldo**

1956 - "El poblamiento prehistórico de misiones". ANALES DE ARQUEOLOGIA Y ETNOLOGIA, tomo XII. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, pag. 19-40.

-----

1957 - "Observaciones sobre la arqueología de Argentina y Paraguay". JORNADAS INTERNACIONALES DE ARQUEOLOGIA Y ETNOGRAFIA, Buenos Aires, pag. 54-68.

**MENTZ RIBEIRO, P. A.**

1983 - "Sítios arqueológicos numa microregião de área ala-gadiça na depressão central do Rio Grande do Sul, Brasil". REVISTA DO CEPA, vol. 10, nº. 12. Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.

-----

1981 - "O tupiguarani no vale do Rio Pardo e a redução jesuítica de Jesus Maria". REVISTA DO CEPA.

**MÉTRAUX, Alfred**

1979 - A RELIGIÃO DOS TUPINAMBÁ. Editora Nacional/EDUSP, São Paulo.

**MIGLIAZZA, Ernest C.**

1982 - "Linguistic PreHistory and the refuge model in Amazonia". In: BIOLOGICAL DIVERSIFICATION IN THE TROPICS. Ed. Ghilleen T. Prome. Columbia University Press, New York.

**MILLER, Eurico**

1967 - "Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS - I. Publ. Av. nº. 6, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 15-26.

-----

1969 - "Pesquisas arqueológicas efetuadas no oeste do Rio Grande do Sul (Campanha-Missões)". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS III. Publicações Avulsas nº. 13. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 13-30.

-----

1969 - "Pesquisas arqueológicas efetuadas no noroeste do Rio Grande do Sul (alto Uruguai)". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS II. Publicações Avulsas nº. 10. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 33-46.

-----  
 1971 - "Pesquisas arqueológicas efetuadas no planalto meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas)". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS IV, Publicações Avulsas nº. 15. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 37-60.

**MILLER, Tom O.**

1972 - "Arqueologia da Região Central do Estado de São Paulo". DÉDALO, Ano 8, nº. 16. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, pag. 13-118.

**MIRANDA, S. I. B., ALTAMIRANTO, Marcos Y ZORRILLA, E.**

1967 - "Nota sobre restos arqueológicos del Chaco (Prov. Argentina)". SUPLEMENTO ANTROPOLÓGICO DE LA REVISTA DEL ATENEO PARAGUAYO, Vol.2, nº.2, Asuncion, pag. 416-419.

**MIRANDA, S. I. B., ALTAMIRANTO, Marcos Y MAZZUCHELLI, Graciela**

1968 - "Arqueologia del Chaco (Argentina)". SUPLEMENTO ANTROPOLÓGICO DE LA REVISTA DEL ATENEO PARAGUAYO, vol. 3, nº. 1,2. Asuncion, pg. 15-44.

**MORAIS, José Luiz de**

1978 - "Inserção geomorfológica de sítios arqueológicos do Alto Paranapanema, SP". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXV, São Paulo, pag. 69-85.

-----  
 1979 - "A pré-história do município de Piraju, SP". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXVI, São Paulo, pag. 219-234.

-----  
 1980 - "Pesquisas arqueológicas e datações radiocarbônicas". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXVI, São Paulo, pag. 121-132

-----  
 1981 - "Projeto Paranapanema: avaliação e perspectivas". REVISTA DE ANTROPOLOGIA, vol. 24, São Paulo, pg. 141-147.

-----  
 1989 - "Aerofotoarqueologia: um estudo de caso no projeto Paranapanema". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXX, Universidade de São Paulo, pag. 99-110.

**MORAIS, José Luiz de e PERASSO, José Antonio**

1984 - TECNO-TIPOLOGIA DE ESTRUTURAS DE LASCAMIENTO DEL SÍTIO MARCELINA-KUE (Itapúa-Paraguay). Ensayos de Arqueología Paraguaya I, Arte Nuevo Ed., Asuncion.

MYAZAKI, Nobue

1977 - "Brastubos 1976. Um sítio arqueológico em dunas, município de Praia Grande, Estado de São Paulo". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXIV, São Paulo, pag. 131-158.

MYAZAKI, Nobue e AYTAL, Desidério

1974 - A ALDEIA PRÉ-HISTÓRICA DE MONTE MÓR. Publ. avulsa da Pontificia Universidade Católica de Campinas.

NASSER, Nássaro A. de S.

1967 - "Notas preliminares sobre a arqueologia da foz do sistema Curimataú-Cunhaú". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS I. Publ. Avulsas nº. 6, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 121-126.

-----

1971 - "Considerações preliminares sobre a arqueologia da bacia do Rio Curimataú". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS IV. Publ. Avulsas nº. 15, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 179-186.

-----

1974 - "Nova contribuição à arqueologia do Rio Grande do Norte". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS V, Publ. Avulsas nº. 28, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 115-163.

NAUE, Guilherme; SCHMITZ, P. I. e BECKER, Itala B.

1968 - "Sítios arqueológicos no município do Rio Grande". ANAIS DO II SIMPÓSIO DA ÁREA DO PRATA. Pesquisas, São Leopoldo, pag. 141-152.

-----

1971 - "Novas perspectivas sobre a arqueologia do Rio Grande, RS". O HOMEM ANTIGO DA AMÉRICA. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, São Paulo, pag. 91-121.

NEVES, A.

1943 - "Cerâmio de Sapucaia". REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO. Vol. 15, Vitória, pag. 43-50.

NIGRO, Luis Henrique Fonseca

1970 - O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CONCEIÇÃO, ITABAGI, PARANÁ.  
Arquivos do Museu Paranaense. Arqueologia nº. 5, Curitiba.

**NIMUENDAJU, Curt V.**

1987 - AS LENDAS DA CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO DO MUNDO. Hucitec, Ed.  
Universidade de São Paulo, São Paulo.

**ORELLANA, Sandra C.**

1973 - "Ethnohistorical and Archaeological Bondaries of the Tzutujil Maya"  
ETHNOHISTORY 20/2. 125:142.

**ORME, Bryony**

1973 - "Archaeology and Ethnography". In Renfrew, C. (ed). THE  
EXPLANATION OF CULTURE CHANGE: MODELS IN  
PREHISTORY. Duckworth, 481-492.

-----

1974 - "Twentieth-century prehistorians and the idea of ethnographic parallels".  
MAN, vol 9, nº. 2, 199-212.

**OUTES, Félix F.**

1918 - "Nuevos restos de la cultura guarani en la cuenca del Paraná inferior.  
ANALES DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA ARGENTINA, tomo  
LXXXV, Buenos Aires, pg. 153.

**OUTES, Felix**

1899 - ESTUDIOS ETNOGRÁFICOS. Buenos Aires.

**OVALLE, Boretto; ROMERO, Bernal; SCHMITZ, Pedro I. y BECKER, Itala B.**

1973 - "Arqueología del Departamiento de Rio Negro (R. O. del Uruguay).  
Esquema tentativo de una sequencia cronológica para sítios del Rio  
Uruguai y Rio Negro". Primer Congreso Nacional de Arqueología,  
Segundo Encuentro de Arqueología del Interior, ANTECEDENTES Y  
ANALES DE LOS CONGRESOS. pag. 147-172.

**PALAVECINO, Enrique**

1977 - Areas y capas culturales en el territorio Argentino. Notas del Museo nº. 18.  
Museo de História Natural de San Rafael, Argentina.

**PALLESTRINI, Luciana**

1968/69 - "O sítio arqueológico Jango Luís". REVISTA DO MUSEU  
PAULISTA, vol. XVIII, São Paulo, pag. 26-56.

1969 - "O SÍTIO ARQUEOLÓGICO FONSECA". Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

**PALLESTRINI, Luciana**

1972 - "Sítio Arqueológico Alves". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXI, São Paulo, pag. 49-93.

-----

1973 - INTERPRETAÇÃO DAS ESTRUTURAS ARQUEOLÓGICAS EM SÍTIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Coleção Museu Paulista, Série Arqueologia, Vol. 1.

-----

1974 - "Sítio Arqueológico da Lagoa São Paulo: Presidente Epitácio-SP". REVISTA DE PRÉ-HISTÓRIA, Vol. VI, Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.

-----

1976 - "Camargo 76. Município de Piraju, Estado de São Paulo". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXIV, São Paulo, pag. 83-113.

-----

1978 - "O espaço habitacional em Pré-História Brasileira". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXV, São Paulo, pag. 15-30.

-----

1981/82 - "Cerâmica há 1.500 anos. Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, N.S., Vol. XXVIII, São Paulo, pag.115-129.

-----

1983 - "A cerâmica Pré-Histórica do Estado de São Paulo". CERÂMICA 29, pag. 71-74.

-----

1983 - "Superfícies amplas em arqueologia pré-histórica no Brasil". REVISTA DE ARQUEOLOGIA, CNPq, vol.1, No.1, pa.7-18.

-----

1988 - "Projeto Paranapanema: Sítio Arqueológico Nunes - Estado de São Paulo". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, Nova Série, Vol. XXXIII, Universidade de São Paulo, São Paulo, 129-142.

**PALLESTRINI, L.; CHIARA, F. e MORAIS, J. L.**

1981/82 - "Evidenciação de novas estruturas arqueológicas no sítio pré-histórico Camargo, Piraju, SP". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXVIII, Universidade de São Paulo, pag. 131-148.

**PALLESTRINI, Luciana e MORAIS, José Luiz de**

1983/84 - "Prassévichus - Aldeia pré-histórica no município de Itaberá-SP". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXIX, Universidade de São Paulo, pag. 151-167.

**PALLESTRINI, Luciana e PERASSO, J. A.**

1986 - "Projeto Leroi-Gourhan: Arqueologia das Ilhas do Paso Pax-Pucu". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, NS, Vol. XXIX, Universidade de São Paulo, São Paulo, pag. 107-123.

**PAZINATTO, Renata Parada**

1983 - Uma segunda igaçaba de Capivari. PUBLICAÇÕES DO MUSEU MUNICIPAL DE PAULÍNEA, nº. 23.

-----

1984 - Análise das cores e desenhos lineares na cerâmica pré-histórica de Monte Mor. PUBLICAÇÕES DO MUSEU MUNICIPAL DE PAULÍNEA, nº. 27.

**PEPE, Bras W. e DIAS Jr., Ondemar F.**

1973 - "Cerâmica arqueológica do norte e nordeste mineiro: a fase Coxa". SUPLEMENTO CIÊNCIA E CULTURA, Vol. 25, nº. 6, pag. 383.

**PEREIRA Jr., José Anthero**

1954 - "Algumas questões arqueológicas e etnográficas". SÃO PAULO EM QUATRO SÉCULOS. Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, pag. 323-332.

-----

1957 - "Contribuição para o estudo da arqueologia do extremo norte paulista". REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO, Vol. LIV, São Paulo, pag. 313-356.

-----

1964 - CERÂMICA INDÍGENA DO MORUMBI (primeiras informações). Apontamentos Arqueológicos nº. 6, São Paulo.

**PEREIRA Jr., José Anthero**

1964 - NOTÍCIA SOBRE UM ACHADO ARQUEOLÓGICO OCORRIDO EM ITAPEVA (faxina, Estado de São Paulo). Apontamentos Arqueológicos nº. 7, São Paulo.

-----

1965 - CERÂMICA ARQUEOLÓGICA INDÍGENA DE PERUIBE. PRIMEIRAS INFORMAÇÕES. Apontamentos Arqueológicos nº. 8, São Paulo.

**PEREIRA DOS REIS, Paulo**

1979 - O INDÍGENA DO VALE DO PARÁIBA. Coleção Paulística vol. XVI, Governo do Estado de São Paulo, São Paulo.

**PEREIRA, Maria Augusta; PAZINATTO, Renata P. e outros**

1982 - "Uma Igaçaba de Capivari". PUBLICAÇÕES DO MUSEU MUNICIPAL DE PAULÍNEA. Nº. 21, Paulínea, pg. 1-14.

**PEROTA, Celso**

1971 - "Dados parciais sobre a arqueologia Norte Espírito- -Santense". IN: PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS IV, Publ. Avulsas nº. 15, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 149-157.

-----

1974 - "Dados preliminares sobre a arqueologia da Região Central do Espírito Santo". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS V, Publ. Avulsas nº. 26, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 123-138.

**PIAZZA, W.**

1965 - "O sítio arqueológico do Rio Tavares". DÉDALO, vol. I, nº. 2, Museu de Arte e Arqueologia, Universidade de São Paulo, pag. 53-79.

-----

1966 - "Os sítios arqueológicos do litoral catarinense". ESTUDOS HISTÓRICOS, nº. I, Universidade de Marília, Marília, pag. 269-279.

**PIAZZA, W.**

1969 - "Notícia arqueológica do vale do Uruguai". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS II. Publ. Avulsas nº. 10, Museu Paraense Emilio Goeldi, Belem, pag. 55-67.



---

1971 - "Dados complementares à arqueologia do vale do Uru-guai". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS IV, Publ. Av. nº. 15, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 71-82.

---

1974 - "Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas". PROGRAMA NACIONAL DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS V. Publ. Avulsas nº. 26. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 53-65.

**PIAZZA, W. e EBLE, A.**

1977 - "Considerações preliminares sobre a arqueologia do sul catarinense". UNIVERSITAS nº. 17, Universidade Federal da Bahia, Salvador, pag. 51-60.

**PIGAFETTA, Antonio**

1985 - A PRIMEIRA VIAGEM AO REDOR DO MUNDO. O diário da expedição de Fernão de Magalhães. Série Conquistadores, vol. 1, LPM ed., Porto Alegre.

**PINTO, Anibal B.**

1975 - ABORIGINES E INDIGENAS DEL URUGUAY. Ediciones de la Banda Occidental, Montevideo.

**PRIDE, Andrew**

1926 - "Un descubrimiento arqueológico en el Chaco Para-guay". REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY, tomo II, nº. 2, Asuncion, pag. 28-30.

**PROUS, André e PIAZZA, Walter**

1977 - DOCUMENTS POUR LA PRÉHISTOIRE DU BRÉSIL MERIDIONAL. L'ETAT DE SANTA CATARINA. Cahiers d'archeologie d'Amérique du Sud, Paris.

**PROUS, A.; JUNQUEIRA, P. e MALTA, Ione**

1984 - "Arqueologia do Alto Médio São Francisco. Região de Januária e Montalvândia". REVISTA DE ARQUEOLOGIA, Vol. 2, nº. 1, CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 59-72.

**PRONAPA - ARQUEOLOGIA BRASILEIRA EM 1968.** Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas arqueológicas. Publicações Avulsas Nº. 12, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem.

**RENFREW, C.; ROWLANDS, M. S.; SEGRAZES, B. A. (ed).**

1982 - **THEORY AND EXPLANATION IN ARCHAEOLOGY.** The Southompson Conference. Academic Press.

**REX GONZÁLEZ, Alberto e PÉREZ, José A.**

1976 - **ARGENTINA INDIGENA.** Editorial Paidós, Buenos Aires.

**REX GONZALEZ, Alberto e PÉREZ, José A.**

1975 - "Discurso del doctor Alberto Rex Gonzalez en nombre de la Comision de asuntos científicos". IN: **ACTAS Y TRABAJOS del primer Congreso de Arqueologia Argentina,** Museo Historico Provincias "Dr. Julio More", Rosário de Santa Fé, Buenos Aires, pag. 23-29.

**RIBEIRO, Darcy**

1987 - "Arte India". IN: **SUMA ETNOLÓGICA BRASILEIRA,** No. 3, ed. Vozes, Petrópolis.

**RIBEIRO, P. A. Mentz**

1978 - "Cerâmica tupiguarani do vale do Rio Pardo". **REVISTA DO CEPA,** nº. 6, Santa Cruz do Sul, pag. 1-53.

-----

1989 - "O tupiguarani no vale do Rio Pardo e a redução Jesuítica de Jesus Maria". **REVISTA DO CEPA,** nº. 10, Santa Cruz do Sul.

**RIBEIRO, P. A. Mentz e outros**

1986 - "Levantamentos arqueológicos no Alto Vale dos Rios Camaquã e Irapuã, RS, Brasil". **REVISTA DO CEPA,** Vol. 13, nº. 15, Santa Cruz do Sul, pag. 41-70.

**RIBEIRO, P. A. Mentz; MARTINS, A. da Silva; RIBEIRO, C.T e SILVEIRA, I.**

1968 - "Os sítios arqueológicos do Vale do Rio Caf". **ANAIS DO II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA,** Pesquisas, Antropologia nº. 18, 153-159.

-----

1973 - "Primeiras datações pelo método do C14 para o Vale do Rio Caf, RS". **Ciência e Cultura,** vol. 23(6), São Paulo, 304.

-----

1974 - "Primeiras datações pelo método do C14 para o Vale do Rio Caf, RS". **REVISTA DO CEPA,** nº. 1, Santa Cruz do Sul, pag. 16-22.

**RIBEIRO, P. A. Mentz; MARTINS, A. da Silva; RIBEIRO, C.T e SILVEIRA, I.**

1982 - "A ocupação de locais cobertos pelo tupiguarani no vale do Rio Pardo, RS". **REVISTA DO CEPA**, nº. 11, Santa Cruz do Sul, pag. 7-31.

**RIZZO, Antonia**

1969 - Distribución de sítios arqueológicos en el departamento de Eldorado. Misiones, Republica Argentina". **PESQUISAS**. Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. **Antropologia** nº. 20, Instituto Anchietao de Pesquisas.

-----

1980 - "PreHistória de Misiones: aportes de Menghin a la misma y resultados obtenidos en investigaciones posteriores". **SAPIENS**, nº. 4, Chialcay, pag. 57-63.

**RODRIGUES, Ayrton D.**

1984/85 - "Relações internas na família linguística tupi-guarani". **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, vol. 27/28, São Paulo, pag. 33-53.

-----

1986 - **LINGUAS BRASILEIRAS**. Para o conhecimento das línguas indígenas. Edição Loyola, São Paulo.

**RODRIGUES, José Honório**

1979 - **HISTÓRIA DA HISTÓRIA DO BRASIL**. 1ª. parte. **Historiografia Colonial**. Companhia Editora Nacional, São Paulo.

**RODRIGUEZ, Jorge A. e RODRIGUEZ, A. A.**

1985 - **PROYECTO ANTROPOLÓGICO-ECOLÓGICO**. **SALTO GRANDE**. (primer informe). Publ. de la Universidad Nacional de Entre Rios en adhesión al VIII Congreso Nacional de Arqueologia Argentina realizada em Concordia.

**ROHR, J. A.**

1959 - "Pesquisas paleo-etnográficas na ilha de Santa Catarina, a jazida da Base Aérea de Florianópolis". **PESQUISAS** nº. 3, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 198-265.

-----

1961 - "Pesquisas paleoetnográficas na ilha de Santa Catarina e notícias prévias sobre sambaquis na ilha de São Francisco do Sul". **PESQUISAS**, **Antropologia** nº. 12, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 1-18.

---

1966 - "Pesquisa arqueológica em Santa Catarina: exploração sistemática do sítio da praia da Tapera". PESQUISAS, Antropologia nº. 15, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 3-20.

---

1966 - "Os sítios arqueológicos no município de Itapiranga às margens do rio Uruguai, fronteira com a Argentina". PESQUISAS nº. 15, São Leopoldo, pag. 21-60.

---

1968 - "Achados arqueológicos em Itapiranga". ANAIS DO II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA. Pesquisas, Antropologia nº. 18, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 47-48.

**ROHR, J. A.**

1968 - "Levantamento de sítios arqueológicos em Jaguaruna". ANAIS DO II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA, Pesquisas, Antropologia nº. 18, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo.

---

1969 - "OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO SUL CATARINENSE DE JAGUARUNA". Pesquisas nº. 22, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo

**ROUSE, Irving**

1960 - "The classification of artifacts in archaeology". AMERICAN ANTIQUITY, vol. 25, nº. 3, pag. 313-323.

---

1965 - "Caribbean ceramics: a study in method and in theory". IN: MATSON (ed) CERAMICS AND MAN. Aldine Publishing Company, Chicago, pag. 88-103.

---

1968 - "Prehistory, typology, and the study of society". IN: CHANG (ed). SETTLEMENT ARCHAEOLOGY, Nacional Press Book, Palo Alto, pag. 10-30.

**RUIZ DE MONTOYA, Antonio**

1985 - CONQUISTA ESPIRITUAL. Martins Livreiro Editor, Porto Alegre.

**SAHLINS, M. D.**

1970 - SOCIEDADES TRIBAIS, ed Zahar. Rio de Janeiro.

**SALMON, Merrilee H.**

1974 - "Deductive" versus "Inductive Archeology" *AMERICAN ANTIQUITY* vol 41 (3) 376-380

---

1982 - *PHILOSOPHY AND ARCHEOLOGY*. Academic Press. New York.

**SALVADOR, Frei Vicente do**

1982 - *HISTÓRIA DO BRASIL 1500-1629*. Coleção Reconquista do Brasil, n.s., vol. 49. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, EDUSP, Universidade de São Paulo.

**SANCHEZ Y SOTO, Carmem & SANCHEZ Y SOTO, Nicolas**

1978 - "Regimen Laboral de los guaranies precolombianos". IN: CABANELLAS, G. (ed.) *EL TRABAJO EN LA AMERICA PRECOLOMBIANA*, Editorial Helcosta SRL. Buenos Aires, pag. 279-304.

**SANOJA, M.O.**

1983 - 7 temas de debate en arqueologia social. *CUADERNOS DE ANTROPOLOGIA* nº. 2. Departamento de Antropologia. Universidad de Costa Rica.

**SCATAMACCHIA, M. C. Mineiro**

1981 - *TENTATIVA DE CARACTERIZAÇÃO DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI*. Tese de mestrado, FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo.

---

1985 - "A Ocupação tupi-guarani no Estado de São Paulo: fontes etno-históricas e arqueológicas". São Paulo, *DÉDALO*, Universidade de São Paulo, nº. 23, 197-221.

---

1988 - "Etnohistória y Arqueologia: Algunas consideraciones sobre la historia indígena". In: SILVA, Medina e TELLEZ (ed.) *ENCUENTRO DE ETNOHISTORIADORES*. série nuevo mundo: cinco siglo nº. 1, Santiago, 129-137.

---

1989 - "Arqueologia e Etno-História: os cronistas do século XVI". *ANAIS DA IV REUNÃO CIENTÍFICA DA SAB, São Paulo, DÉDALO*, Universidade de São Paulo, Publicações Avulsas No.1, 135 - 139

**SCATAMACCHIA, M. Cristina Mineiro; GAGGIANO, M. Amanda JACOBUS, André L.**

(no prelo) - "O aproveitamento científico de coleções museológicas: proposta para a classificação de vasilhas cerâmicas da tradição tupiguarani". Revista CLIO, Recife.

**SCATAMACCHIA, M.C. Mineiro & MOSCOSO, Francisco**

(no prelo) - "Análise do padrão de estabelecimento tupi-guarani: fontes etno-históricas e arqueológicas. REVISTA DE ANTROPOLOGIA.

**SCHMIDT, Max**

1934 - "Nuevos hallagos arqueológicos del Paraguay". REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY, Tomo III, nº. 5, Asuncion, pag. 133-138.

**SCHMIDEL, Ulrico**

1986 - RELATOS DE LA CONQUISTA DEL RIO DE LA PLATA Y PARAGUAY. Alianza Editorial, Madrid.

**SCHMITZ, Pedro Ignácio**

1957 - "Um paradeiro guarani no Alto Uruguai". PESQUISAS nº. 1, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 122-142.

-----

1958 - "Paradeiros Guaranis em Osório". PESQUISAS nº. 2, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 118-143.

-----

1959 - "A cerâmica guarani na ilha de Santa Catarina e a cerâmica da Base Aérea". PESQUISAS nº. 3, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 267-305.

-----

1968 - "Grandes complexos de cerâmica indígena no sul do Brasil". ANAIS DO II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA, Pesquisas, Antropologia nº. 18, São Leopoldo, pag. 127-138.

-----

1968 - "Uma industria lítica do tipo altoparanaense Itapiranga, SC". ANAIS DO II SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA, Pesquisas, Antropologia nº. 18, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 21-46.

---

1973 - "Cronologia de las culturas del sudeste de Rio Grande do Sul, Brasil". Primer Congreso Nacional de Arqueología, Segundo Encuentro de Arqueología del Interior, ANTECEDENTES Y ANALES DE LOS CONGRESOS, Rio Negro, pag. 105-117.

**SCHMITZ, Pedro Ignácio**

1976 - SÍTIOS DE PESCA LACUSTRE EM RIO GRANDE, RS, BRASIL. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

---

1976/77 - "Arqueologia de Goiás - sequencia cultural e datação de C14". ANUÁRIO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, nº. 3/4. Instituto de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, pag. 1-21.

---

1977 - "Os primitivos habitantes do Rio Grande do Sul". ANAIS DO II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS, Santa Rosa, pag. 50-60.

---

1979 - "O Guarani no Rio Grande do Sul: a colonização do mato e as frentes de expansão". ANAIS DO III SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS, Santa Rosa, pag. 55-73.

---

1980 - "La arqueología del noroeste argentino y del sul de Brasil en la visión del Dr. Osvaldo F. A. Menghin y de los arqueólogos posteriores". PESQUISAS, Antropologia nº. 32, Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo.

---

1985 - "O guarani no Rio Grande do Sul". BOLETIM DO MARSUL No.2, Taquara, RS, pag.5-42.

---

1985 - "Território de domínio em grupos tupiguaraní". Considerações sobre o Médio e Alto Jacuí, RS, BOLETIM DO MARSUL, vol. 3, Taquara, pag. 43-52.

**SCHMITZ, P. I. e outros**

1977 - ARQUEOLOGIA DE GOIÁS EM 1976. Universidade Católica de Goiás e Instituto Anchietao de Pesquisas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

**SCHMITZ, P. I. e outros**

1977 - "Arqueologia de Goiás em 1976 - Projeto Paranaíba". ESTUDOS GOIANENSES Nº. 5. Revista da Universidade Católica de Goiás, Goiânia, pag. 19-79.

**SCHMITZ, P. I. e BECKER, Itala B.**

1970 - "Aterros em áreas alagadiças no sudeste do Rio Grande do Sul e Nordeste do Uruguai". ANAIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA, ano III, nº. 3, Florianópolis, pag. 91-122.

**SCHMITZ, P. I.; RIBEIRO, P. A. D.; NAUE, J. e BECKER, I. B.**

1969 - "Prospecções arqueológicas no vale do Camaquã, RS". ESTUDOS DE PRÉ-HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo, pag. 507-524.

1970 - "Arqueologia do Vale do Rio Pardo". PESQUISAS, Antropologia nº. 23, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 1-54.

**SCHMITZ, P. I. e BROCHADO, J. P.**

1981 - "Datos para una secuencia cultural del Estado do Rio Grande do Sul (Brasil)". PESQUISAS, Antropologia nº. 32, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, pag. 130-160.

**SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, Altair & RIBEIRO, Maira B.**

1973/79/80 - TEMAS DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 5. Os culti-vadores do planalto e do litoral. Anuário de Divulgação Científica nº.9, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

**SCHMITZ, P.I.; BARBOSA, Altair & RIBEIRO, Maria B.**

1973/79/80 - TEMAS DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA 5. Os culti-vadores do planalto e do litoral. Anuário de Divulgação Científica nº.9, Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

**SCHWERIN, Karl H.**

1972 - "Arawak, Carib, Ge, Tupi. Cultural Adaptation and Culture History in the Tropical Forest, South America". IN: XXXIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, Lima, pag. 39-57.

**SERRANO, Antonlo**

1930 - LOS PRIMITIVOS HABITANTES DEL TERRITÓRIO ARGENTINO. Libreria y Editorial "La Facultad", Buenos Aires.



-----  
 1947 - LOS ABORÍGENES ARGENTINOS. Síntese etnográfica. Editorial Nona. Buenos Aires.

-----  
 1972 - LINEAS FUNDAMENTALES DE LA ARQUEOLOGIA DEL LITORAL. Instituto de Antropologia, XXXII, Universidade Nacional de Córdoba, Córdoba.

-----  
 1976 - MANUAL DE LA CERÂMICA INDÍGENA. Ed. Assandri, 3ª. ed., Córdoba.

**SILVA, Fernando Altenfelder**

1959 - "Contribuições para a arqueologia de Estirão Com-prido". ANAIS DA III REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA, Recife, pag. 113-118.

1963 - "Considerações sobre a Arqueologia Brasileira". REVISTA DO MUSEU PAULISTA, nº. 1, vol. XIV, São Paulo, pag. 431-438.

-----  
 1967 - "Culturas Pré-Históricas do Brasil". REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, nº. 2, São Paulo, pag. 17-30.

**SILVA, F. Altenfelder e BLASI, Oldemar**

1954 - "Escavações preliminares em Estirão Comprido". ANAIS DO XXXI CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, vol.2, São Paulo, pag. 829-845.

**SILVA, Fernando Altenfelder e MEGGERS, Betty**

1963 - "Cultural Development in Brasil" IN: Meggers, Betty & Evans, Clifford (ed.). **ABORIGINAL CULTURAL DEVELOPMENT IN LATIN AMERICA:** an interpretative review. Smithsonian. Miscellaneous Collections, Washington, vol.146(1) pag. 119-129.

**SILVA, Fernando Altenfelder e MEGGERS, Betty**

1977 - "Desenvolvimento cultural no Brasil". IN: SHADEN, EGON (ed). **HOMEM, CULTURA E SOCIEDADE NO BRASIL**, 2ª. ed. Editora Vozes, Petrópolis, pag. 11-25.

**SILVA, Luis Angel**

1973 - "Presentacion arqueologica del Departamento de Colonia (Uruguay)". Primer Congreso Nacional de Arqueologia, Segundo Encuentro de Arqueologia del Interior, ANTECEDENTES Y ANALES DE LOS CONGRESOS, Rio Negro, pag. 51-54.

**SILVEIRA, Itela e outros**

1978 - "Arqueologia do Planalto Meridional entre os vales dos rios Jacuf e Pardo, RS". Nota Prêvia. Publ. Av. nº. 1, Santa Cruz do Sul.

**SIMÕES, Mario F.**

1972 - INDICE DAS FASES ARQUEOLÓGICAS BRASILEIRAS. Publicações Avulsas nº. 18, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem.

**SIMÕES, M. F.; CORREA, Concelção M. G. e MACHADO, Ana Lucia**

1973 - "Achados arqueológicos no baixo rio Fresco". IN: O MUSEU GOELDI NO ANO DO SESQUICENTENÁRIO. Publ. Avulsas nº. 20, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 113-142.

**SIMÕES, Mario e ARAUJO-COSTA, F.**

1987 - "Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará)". REVISTA DE ARQUEOLOGIA, Vol. 4, nº. 1, CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 11-27.

**SIMONS, Bente B.**

1967 - "Brazilian pottery dated by thermoluminescence". IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, Stuttgart, pag. 61-72.

**SMITH, Bruce D.**

1977 - "Archaeological Inference and Inductive Confirmation". AMERICAN ANTHROPOLOGIST, 79. 598:617.

**SOARES DE SOUSA, Gabriel**

1971 - TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587. Brasiliense, vol. 117. Editora Nacional, São Paulo.

**STADEN, Hans**

1974 - DUAS VIAGENS AO BRASIL. Coleção Reconquista do Brasil, Vol. 17, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, EDUSP, São Paulo.

**STURTEVANT, Willian**

1968 - "Anthropology, History and Ethnohistory" in CLIFTON, S.A. (ed). INTRODUCTION TO CULTURAL ANTHROPOLOGY, 451-475.

**SUSNIK, Branislava**

-----  
1975 - DISPERSION TUPI-GUARANI PREHISTÓRICA. Museo Etnográfico "Andrés Barbero", Asuncion.

-----  
 1976 - GUIA DEL MUSEO. Etnografia Paraguaya. Museo Etnográfico "Andrés Barbero", Assuncion.

-----  
 1981 - "Las relaciones interétnicas en la época colonial (Paraguay)". SUPLEMENTO ANTROPOLÓGICO, vol. XVI, nº. 2, Assuncion, pag. 19-27.

-----  
 1982 - LOS ABORÍGENES DEL PARAGUAY. IV Cultura Material. Museo Etnográfico "Andrés Barbero", Assuncion.

-----  
 1983 - LOS ABORIGENES DEL PARAGUAY. V Ciclo Vital y estructura social. Museo Etnográfico "Andrés Barbero".

-----  
 1986 - ARTESANIA INDÍGENA. Ensayo Analítico. Asociación Indigenista del Paraguay, Assuncion.

**TERAN, Buenaventura R. D. e VOLPE, S.**

1977 - "Desarrollo cultural del Parana Medio e inferior (area del Sabalo). Naciones preliminares para un estudio de area". V Encuentro de Arqueologia del Litoral. Fray Bentos. Ministério de Educacion y Cultura. Intendencia Municipal de Río Negro, pag. 265-276.

**THEVET, Andre**

1970 - AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA. Coleção reconquista do Brasil, vol.45, EDUSP/Ed. Itatiaia, Belo Horizonte.

**TIBIRIÇA, Ruy**

1935 - "Arqueologia Brasileira". REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, Vol. XV, São Paulo, pag. 143-152.

-----  
 1935 - "Arqueologia Brasileira II". REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, Vol. XVI, São Paulo, pag. 137-150.

-----  
 1936 - "Arqueologia Brasileira". REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, Vol. XXX, São Paulo, pag. 131-142.

-----  
 1939 - "Cerâmica indígena Pré-Colombiana". REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, Vol. LVI, São Paulo, pag. 189.

**TIBURTIUS, G. e BIGARELLA**

1951 - "Nota prévia sobre a jazida paleoetnográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina). ARQUIVOS DE BIOLOGIA E TECNOLOGIA, vol. V e VI. Curitiba, pag. 315-346.

**TOGO, José y CERUTI, Carlos**

s/d - UN SÍTIO DE CONTACTO HISPANICO-INDIGENA (VILLA LANUS, MISIONES). (mimeografado).

**TORRES, Luis M.**

1921 - "Urnas funerarias en la cuenca del Rio Rosário". REVISTA DEL MUSEO DE LA PLATA. tomo XXV, Buenos Aires, pag. 1-14.

**TRIGGER, B.**

-----  
 1975 - "Brecht and Ethnohistory" ETHNOHISTORY 22(1) 51:56.

-----  
 1978 - "Ethnohistory and Archaeology" ONTARIO ARCHAEOLOGY nº 30 : 17-24.

-----  
 1980 - "Archaeology and the Image of the American Indian". AMERICAN ANTIQUITY vol. 45 : 662-676.

-----  
 1982 - "Ethnohistory Problems and Prospects". ETHNOHISTORY 29 (1) 1:19.

**UCKO, P. S.**

1969 - "Ethnography and Archaeological Interpretation of Funerary Remains." WORLD ARCHAEOLOGY I, 262-80.

**UCHIÔA, Dorath P.; SCATAMACCHIA, M. C. Minello; GARCIA, Caio Del Rio**

1984 - "O sítio cerâmico do Itaguá: um sítio de contacto no litoral do Estado de São Paulo, Brasil". REVISTA DE ARQUEOLOGIA, Vol. 2, nº. 2, CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belem, pag. 51-59.

**VAYDA, Andrew P.**

1961 - "Expansion and Warfare Among Swidden Agricultura-lists". *AMERICAN ANTHROPOLOGIST*, vol 23, nº. 2(1), 346-358.

**VELAZQUEZ, Rafael E.**

1981 - "Indigenas y espanoles en la formación social del pueblo paraguayo". *SUPLEMENTO ANTROPOLÓGICO*, vol. XVI, nº. 2, pag. 30-67.

**VERA, Robustiano**

1930 - "Arqueologia Guarani". *REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTIFICA DEL PARAGUAY*". tomo II, nº. 6, Asuncion, pag. 274-280.

**VESPÚCIO, Américo**

1984 - *NOVO MUNDO. Cartas de viagens e descobertas, Série Visão do Paraíso*, vol. 2, LPM ed., Porto Alegre.

**VITA-FINZI, C. e HIGGS, E. S.**

1970 - "Prehistoric economy in the Mont Carmel area of Palestina: site catchment analysis". IN: *PROCEEDINGS OF PREHISTORIC SOCIETY*, 36, pag. 1-37.

**VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo**

1986 - *ARAWETÉ. OS DEUSES CANIBAIS*. Jorge Zahar ed./Anpocs, Rio de Janeiro.

**WALTER, H. V.**

1958 - *ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DE LAGOA SANTA*. Sédegra Sociedade Ed. e Graf. Ltda, Rio de Janeiro.

**WATSON, P.; LEBLANC, S. A. e READMAN, C. L.**

1971 - *EXPLANATION IN ARCHAEOLOGY*. Columbia. University Press.

**WASHBURN, W. E.**

1961 - "Ethnohistory: History in the Round". *ETHNOHISTORY*, Vol. 8, nº. 1.

**WILLEY, Gordon e PHILLIPS, P.**

1958 - *METHOD AND THEORY IN AMERICAN ARCHAEOLOGY.*, University of Chicago Press, Chicago.

**WILLEY, G. & SABLOFF, S.**

1980 - *A HISTORY OF AMERICAN ARCHAEOLOGY*. Freeman and Company, San Francisco.

**WILLEY, Gordon**

1949 - "Ceramics" IN: HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS, vol.V, Smithsonian Institution, Washington, pag. 140-204.

**WILLEY, Gordon**

1953 - PREHISTORIC SETTLEMENT PATTERNS IN THE VIRU VALLEY, PERU, Bureau of American Ethnology 155, Washington, D.C.

-----  
 1976 - "Cerâmica", IN: SUMA ETNOLÓGICA BRASILEIRA, 2. Tecnologia Indígena, Ed. Vozes, Petrópolis, pag. 231-281.

**WOBST, M. H.**

1978 - "The Archaeo-Ethnology of Hunter-Gatheries or the Tyranny of the Ethnographic Record in Archaeology". AMERICAN ANTIQUITY 43, 303 - 309.

**WYLIE, Aline**

1985 - "The Reaction Against Analogy" in SCHIFFEER, M. B. (ed). ADVANCES IN ARCHAEOLOGICAL METHOD AND THEORY Academic Press. vol 8 - 63-111.

**YELLEN, John T.**

1977 - ARCHAEOLOGICAL APPROACHES TO THE PRESENT: models for reconstructing the past. Academic Press.